



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

KEVEN DE ALMEIDA ANTUNES

GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON (1988 [1962]), DE JORGE AMADO:
TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS PARA O INGLÊS – ENTRE A
REVELAÇÃO E O OCULTAMENTO

KEVEN DE ALMEIDA ANTUNES

GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON (1988 [1962]), DE JORGE AMADO:
TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS PARA O INGLÊS – ENTRE A
REVELAÇÃO E O OCULTAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros.

Coorientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck.

Feira de Santana - BA
2022

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A642g Antunes, Keven de Almeida
Gabriela, Clove and Cinnamon (1988[1962]), de Jorge Amado:
tradução dos marcadores culturais para o inglês – entre a revelação
e o ocultamento / Keven de Almeida Antunes. –,2022.
272p.: il.
Orientadora: Liliane Lemos Santana Barreiros
Coorientador: Gilmei Francisco Fleck
Dissertação(mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos, 2022.

1. Literatura brasileira – Estudo e crítica. 2. *Gabriela, cravo e
canela* 3. Amado, Jorge – Crítica e interpretação.4. *Gabriela, Clove
and Cinnamon* - Tradução I. Barreiros, Liliane Lemos Santana, orient.
Fleck, Gilmei Francisco, coorient. II. Universidade Estadual de Feira
de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-31.09

Tatiane Souza Santos - Bibliotecária CRB5/1634

TERMO DE APROVAÇÃO

KEVEN DE ALMEIDA ANTUNES

GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON (1988 [1962]), DE JORGE AMADO:
TRADUÇÃO DOS MARCADORES CULTURAIS PARA O INGLÊS – ENTRE A
REVELAÇÃO E O OCULTAMENTO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovado em 30 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Liliane Lemos Santana Barreiros
Orientadora (UEFS)



Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Co-Orientador (UNIOESTE)



Prof. Dr. Walter Carlos Costa
Avaliador Externo (UFC)



Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros
Avaliador Interno (UEFS)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, infantizo aqui minha gratidão à minha inquietude que me deu força de vontade de contribuir para a ciência. Sou grato a mim por cuidar tão bem de tudo o que eu me proponho a fazer.

O suporte da minha família, minha fortaleza, foi essencial. Agradeço a minha mãe, uma mulher guerreira, que sempre acreditou no meu potencial e me incentivava em todo momento. Aos meus irmãos, Ludimilla e Bruno, minhas inspirações de vida, que se importam com a minha jornada e me apoiam em qualquer decisão tomada. Sou eternamente grato por ter vocês comigo.

À minha orientadora, Liliane Barreiros, que me ensinou, com muita paciência e dedicação, muito do que sei sobre o universo científico da Linguística e confiou inteiramente no meu estudo, desde a graduação, abraçando minhas ideias e me fazendo acreditar no que eu era capaz. Sou muito grato por todas as suas orientações e ensinamentos que levarei por toda a vida. Registro aqui minha total admiração a ela. Ser orientado por você foi o pilar para a realização desta pesquisa.

Ao meu co-orientador, Francisco Fleck, que me ajudou com todo o seu rico conhecimento da área da Tradução, com sua calma e instrução, fazendo minha visão na pesquisa se abranger em vários pontos necessários para uma análise completa. Sou muito grato por sua contribuição para a minha pesquisa e todas as vezes em que recebi as suas recomendações sinceras. Ter o senhor na trajetória desta pesquisa é uma honra.

À ilha de Boipeba, que me acolheu durante grande parte da construção desta pesquisa e me permitiu realizar um estudo sob a paz e calma do mar, em um momento pandêmico difícil para o país e o mundo. Os queridos amigos, a brisa e a água salgada desse lugar fizeram parte da ambientação do momento de escrita das linhas aqui registradas.

Aos meus amigos e amores, que sempre se interessaram pelo desdobramento da pesquisa, me fazendo querer descobrir mais e mais da ciência do Léxico e da Tradução.

À Universidade Estadual de Feira de Santana e à agência governamental CAPES, que me permitiram realizar essa trajetória acadêmica.

RESUMO

Nesta dissertação realizamos um estudo lexical dos Marcadores Culturais presentes no *corpus* paralelo constituído pelo romance *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]), de Jorge Amado, com sua tradução para a língua inglesa, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]), realizada por James L. Taylor e William Grossman, a fim de verificar como ocorreu a passagem da cultura, lexicalmente marcada, do original à tradução. Para tanto, os marcadores culturais foram cotejados com o auxílio do software *Wordsmith Tools 7.0*, especialmente as ferramentas *Wordlist* e *Concord*. A pesquisa tem caráter interdisciplinar e apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos do léxico com Biderman (1998), Barbosa (2001) e Oliveira e Isquierdo (2008); das Modalidades de Tradução com Aubert (1991; 2006) e Widman e Zavaglia (2017); dos Marcadores Culturais com Aubert (2003; 2006); dos Domínios Culturais com Aubert (1998; 2006) e Martins e Camargo (2008); das estratégias tradutórias de estrangeirização e domesticação com Venuti (1992; 1995) e Berman (2007); da cultura linguística com as contribuições de Matoré (1953), Silva (2000), Silva (2012) e Santos (2013); da representação cultural por Chartier (1991), Gumbrecht (2003) e Barros (2005); da Linguística de *corpus* com Berber Sardinha (2000; 2004; 2009); e da Ficha Lexicográfica proposta por Nascimento e Barreiros (2018). A pesquisa desenvolvida fez um levantamento de 104 Marcadores Culturais apresentados e classificados a partir do domínio de cultura, modalidade de tradução e estratégia de domesticação ou estrangeirização, organizados em fichas lexicográficas. Os Marcadores Culturais apresentados evidenciaram, em primeiro plano, as características linguísticas regionais apresentadas no romance de Jorge Amado, tornando a escrita romanesca do autor via de exposição e preservação da cultura híbrida e mestiça que nos caracteriza como brasileiros/baianos. Já na análise da tradução, constatamos que a modalidade tradutória *adaptação* foi a mais usada no romance em sua versão à língua inglesa, principalmente em marcadores culturais que representam a cultura afro-brasileira. A partir disso, construímos um glossário bilíngue que contempla esse grupo lexical afrodescendente. Tal fato nos possibilita afirmar que *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]) caracteriza-se como uma tradução domesticada, revelando que a tradução pode ser, também, um ato de manutenção da colonialidade. Com base nas análises e resultados obtidos, almejamos que esta dissertação possa contribuir para futuras análises de traduções e pesquisas nas áreas de estudos lexicais, da cultura e do léxico afro-brasileiro, para evidenciar o potencial, seja colonizador ou descolonizar, dessa prática intercultural que representa o fazer tradutório.

PALAVRAS-CHAVE: *Gabriela, cravo e canela*; Marcadores Culturais; Léxico; Modalidades de Tradução; Estratégias de Tradução.

ABSTRACT

In this dissertation we conduct a lexical study of the Cultural Markers presents in the parallel corpus constituted by the novel *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]), by Jorge Amado, with its translation into English, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]), made by James L. Taylor and William Grossman, in order to verify how the passage of culture, lexically marked, from the original to the translation occurred. For that, the cultural markers were collated with the help of the *Wordsmith Tools 7.0* software, especially the *Wordlist* and *Concord* tools. The research has an interdisciplinary character and is based on the theoretical-methodological assumptions of lexicon studies with Biderman (1998), Barbosa (2001) and Oliveira and Isquierdo (2008); of Translation Modalities with Aubert (1991; 2006) and Widman and Zavaglia (2017); of Cultural Markers with Aubert (2003; 2006); Cultural Domains with Aubert (1998; 2006) and Martins and Camargo (2008); on the translation strategies of foreignization and domestication with Venuti (1992; 1995) and Berman (2007); linguistic culture with contributions from Matoré (1953), Silva (2000), Silva (2012) and Santos (2013); cultural representation by Chartier (1991), Gumbrecht (2003) and Barros (2005); Corpus Linguistics with Berber Sardinha (2000; 2004; 2009); and the Lexicographic Sheet proposed by Nascimento and Barreiros (2018). The research developed resulted in the cataloging of 104 Cultural Markers presented and classified based on the domain of culture, translation modality and domestication or foreignization strategy, organized in lexicographic sheets. The Cultural Markers presented highlighted, in the foreground, the regional linguistic characteristics presented in Jorge Amado's novel, making the author's novelistic writing a way of exposing and preserving the hybrid and mestizo culture that characterizes us as Brazilians/Baianos. In the analysis of the translation, we found that the translation modality *adaptation* was the most used in the novel in its English language version, especially in cultural markers that represent Afro-Brazilian culture. From this, we built a bilingual glossary that includes this Afro-descendant lexical group. This fact allows us to state that *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]) is characterized as a domesticated translation, revealing that translation can also be an act of maintaining coloniality. Based on the analyzes and results obtained, we hope that this dissertation can contribute to future analysis of translations and research in the areas of lexical studies, culture and the Afro-Brazilian lexicon, to highlight the potential, whether colonizing or decolonizing, of this intercultural practice that represents the translation process.

KEYWORDS: *Gabriela, clove and cinnamon*; Cultural Markers; Lexicon; Translation Modalities; Translation Strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa de <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988) e <i>Gabriela, cravo e canela</i> (1958)	32
Figura 2 -	Estrutura de glossário bilíngue	48
Figura 1 -	Nota da Edição de <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	76
Figura 2 -	Comparação <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (2006 e 1988)	77
Figura 5 -	Exemplo de chavicidade do <i>corpus</i> de referência com o Texto de Origem	79
Figura 6 -	Ocorrência do Marcador Cultural “aipim” no TT	82
Figura 7 -	Visualizando o contexto do Marcador Cultural no Concord	82
Figura 8 -	Ficha Lexicográfica utilizada para análise dos MC’s	84
Figura 9 -	Contagem de Marcador Cultural por Modalidade de Tradução	201
Figura 10 -	Contagem de Domesticação e Estrangeirização em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	202
Figura 11 -	Porcentagem de Marcadores Culturais por Domínio Cultural	206
Figura 12 -	Adaptação de imagem do personagem Coronel Ramiro Bastos para a TV	210
Figura 13 -	Cangaceiros do grupo de Lampião	212
Figura 14 -	O Marcador Cultural ‘Sagui’	220

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> , publicações entre 1962 e 2006	21
Quadro 2 -	Contexto da obra: Jorge Amado e a escrita detalhada da cultura em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	26
Quadro 3 -	A tradução do Marcador Cultural ‘Sarapatel’	41
Quadro 4 -	Contexto da obra <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006): Marcadores Culturais da culinária regional	43
Quadro 5 -	A tradução do Marcador Cultural ‘Acarajé’	44
Quadro 6 -	Os Domínios da cultura	49
Quadro 7 -	Modalidades de Tradução revistas por Aubert (2006)	51
Quadro 8 -	Domesticação e Estrangeirização em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006) e sua tradução <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	52
Quadro 9 -	A definição e tradução do Marcador Cultural ‘Sarapatel’	57
Quadro 10 -	Marcadores Culturais omitidos na tradução para o inglês da obra <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006), de Jorge Amado	71
Quadro 11 -	Possíveis 104 Marcadores Culturais em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	80
Quadro 12 -	Casos de Modalidade Híbrida de Tradução em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	201
Quadro 13 -	Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Social	207
Quadro 14 -	Domesticação de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Social sem perda etnológica	208
Quadro 15 -	A tradução dos Marcadores Culturais ‘Cacique’ e ‘Pajé’	210
Quadro 16 -	A tradução dos Marcadores Culturais ‘Cangaço’ e ‘Cangaceiros’	213
Quadro 17 -	Contexto da obra: Domínio da cultura ecológica traduzido	217
Quadro 18 -	Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Ecológica	218
Quadro 19 -	A tradução de MCs pertencentes à flora brasileira	220
Quadro 20 -	Transposição na tradução de MCs de árvores locais	221
Quadro 21 -	Contexto da obra: MC ‘Caatinga’	223
Quadro 22 -	Ocorrência do Marcador Cultural ‘Caatinga’ em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	223

Quadro 23 -	Tradução do Marcador Cultural ‘Caatinga’ em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	223
Quadro 24 -	Tradução de Marcadores Culturais por Empréstimo + adaptação	225
Quadro 25 -	Contexto da obra: Referências do Candomblé em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	226
Quadro 26 -	Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Ideológica	226
Quadro 27 -	O Marcador Cultural ‘Yemanjá’ em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	229
Quadro 28 -	Contexto de obra: Marcadores Culturais de divindades afroreligiosas na tradução para o inglês e espanhol	229
Quadro 29 -	A tradução domesticada de Marcadores Culturais de rituais do candomblé como vudu	230
Quadro 30 -	Contexto da obra: Gabriela cozinheira	233
Quadro 31 -	Pratos típicos baiano mencionados na obra <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006), de Jorge Amado, e suas relações históricas, culturais e religiosas e a estratégia de tradução empregada em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	235
Quadro 32 -	Pratos típicos baiano mencionados na obra <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006), de Jorge Amado e sua tradução para o inglês e espanhol	238
Quadro 33 -	Definição de ‘Abará’, ‘Acarajé’, ‘Caruru’ e ‘Vatapá’ no Dicionário Michaelis (2021)	239
Quadro 34 -	Duas ocorrências da tradução do Marcador Cultural ‘Acarajé’ em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	242
Quadro 35 -	A tradução do Marcador Cultural ‘Feijoada’ em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	246

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Marcadores Culturais e seus domínios culturais em <i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	203
Tabela 2 - Contagem de Marcadores Culturais por Domínio Cultural	206
Tabela 3 - Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Material do léxico da gastronomia	232
Tabela 4 - Ocorrência de Marcadores Culturais do léxico da gastronomia afro-brasileira	234

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MC	Marcador Cultural
MCs	Marcadores Culturais
S. f.	Substantivo feminino
S. m.	Substantivo masculino
TO	Texto de Origem
TT	Texto Traduzido
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	<i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> E SUA ÚNICA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA	21
2.1	JORGE AMADO E O LANÇAMENTO DE <i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> : DA MILITÂNCIA POLÍTICA ÀS CONTEXTUALIZAÇÕES CULTURAIS.	23
2.2	<i>GABRIELA, CRAVO E CANELA</i> NOS ESTADOS UNIDOS (1958): TRADUTORES E CONTEXTOS	29
3	REPRESENTAÇÃO CULTURAL NA TRADUÇÃO: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	36
3.1	O LÉXICO, A CULTURA E A TRADUÇÃO: CONCEITUAÇÃO BÁSICA	36
3.1.1	A cultura na língua: vias de materializar concepções individualizadas do mundo	39
3.1.2	Identidade e diferença na tradução: lexias traduzidas	43
3.1.3	Modelo de glossário para a tradução <i>Gabriela, Clove and Cinnamon</i> (1988)	45
3.2	CONCEITO: MARCADORES CULTURAIS E DOMÍNIOS CULTURAIS	48
3.3	MODALIDADES E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO: OPÇÕES POSSÍVEIS NO ATO TRADUTÓRIO	50
3.3.1	A domesticação e a estrangeirização: entre o prazer e a realidade	53
3.4	FILOLOGIA: A AUTORIA DO TRADUTOR NA EDIÇÃO DE TEXTOS	61
3.4.1	O mundo do texto e o mundo do leitor: fronteiras atravessadas pela tradução	63
3.4.2	A representação cultural em uma obra traduzida: diálogos entre mundos	66
3.4.2.1	O conceito de “representação” da cultura	68
3.4.2.2	Elementos tipográficos para representação cultural: notas de rodapé	70
3.5	FERRAMENTAS DE ANÁLISE DE TRADUÇÃO: A LINGUÍSTICA DE <i>CORPUS</i>	74
3.6	CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA: PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO	75

3.7	TRATAMENTO DOS TEXTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : A OPERACIONALIZAÇÃO DOS DADOS	77
3.7.1	Texto Original (TO) e Texto Traduzido (TT): o <i>corpus</i> em confronto	78
3.7.2	<i>Corpus</i> de referência: a base do processo de comparação	79
3.7.3	Análise de Marcadores Culturais traduzidos: Utilização do <i>software</i> e fichas lexicográficas	80
4	FICHAS LEXICOGRÁFICAS DOS MARCADORES CULTURAI	84
5	ANÁLISE DOS MARCADORES CULTURAI	200
5.1	O DOMÍNIO DA CULTURA SOCIAL: ANÁLISE DE TRADUÇÃO	207
5.2	O DOMÍNIO DA CULTURA ECOLÓGICA: ANÁLISE DE TRADUÇÃO	217
5.3	O DOMÍNIO DA CULTURA IDEOLÓGICA: ANÁLISE DE TRADUÇÃO	226
5.4	O DOMÍNIO DA CULTURA MATERIAL: ANÁLISE DE TRADUÇÃO EM INGLÊS E ESPANHOL	232
6	O GLOSSÁRIO DE <i>GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON</i>: UMA POSSÍVEL VIA À INTELIGIBILIDADE DOS MARCADORES CULTURAI DA GASTRONOMIA AFRO-BAIANA TRADUZIDOS	249
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	263
	REFERÊNCIAS	267

1 INTRODUÇÃO

A análise de um romance traduzido permite ao linguista realizar um estudo sobre os desafios do tradutor durante o seu processo de mediação entre as manifestações de cultura singulares presentes no texto de língua fonte e os meios e formas de inseri-los na narrativa do texto de língua alvo. Desse modo, a tradução de determinada obra a outro idioma – na sua forma de texto – permite-nos verificar como se estabeleceram nela os trânsitos culturais, já que o léxico é carregado de significados que incluem especificidades ideológicas, culturais, geográficas, históricas, entre outras.

O presente estudo volta-se a alguns dos desafios de tradução possíveis de serem identificados ao se analisar a obra de um dos romancistas mais traduzidos do mundo: o brasileiro/baiano Jorge Amado (Fundação Casa de Jorge Amado, s/d.). Nosso olhar volta-se, especificamente, aos procedimentos tradutórios do seu romance regional *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958])¹ à língua inglesa: *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962])², realizados por James L. Taylor e William Grossman.

Nesse romance, a partir da descrição regional detalhada, o autor baiano registrou alguns marcadores culturais (MCs), – lexias que representam aspectos socioculturais, políticos, econômicos e geográficos de uma região específica da Bahia – que garantem ao texto de Jorge Amado (1958) uma marca identitária, sócio-histórica e expressiva muito particularizada, não só no âmbito cultural e linguístico internacional, como no próprio meio nacional. Essa característica não é exclusividade do romance *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]), pois ela atravessa toda a produção literária do consagrado romancista. Isso nos possibilita, como pesquisadores da área da tradução e do léxico, estabelecer certos paralelos e comparações do trânsito cultural que se opera nas diversas obras traduzidas de escritos a vários idiomas.

O estudo proposto nesta pesquisa implica no processo das estratégias e ações tradutórias utilizadas pelos tradutores James L. Taylor e William Grossman. A atenção volta-se, em específico, ao trabalho realizado pelos tradutores ao incorporar esses marcadores culturais – e,

¹ O romance *Gabriela, cravo e canela* foi lançado em 1958 pela Martins Editora em São Paulo. Para análise desse estudo, adquirimos a 94ª edição do romance, publicada em 2006, pela Editora Record. Essa edição assegura para o leitor que foi feita uma confrontação da 1ª a 68ª edição, sob orientação do próprio autor, por Paloma Amado (filha de Jorge Amado) e Pedro Costa.

² *Gabriela, clove and cinnamon* é a primeira e única tradução para o inglês, lançada em 1962. Para análise desse estudo, adquirimos a edição de 1988, que contempla o mesmo corpo textual da versão de origem, por se adequar melhor aos procedimentos computadorizados da Linguística de *corpus*.

consequentemente, a sua carga cultural, ideológica e histórica – no texto traduzido de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]), publicado nos Estados Unidos.

Assim, entre as tantas traduções já realizadas da obra de Jorge Amado a outros idiomas, a eleita para nossa análise é, pois, aquela realizada à língua inglesa, pelos tradutores James L. Taylor e William Grossman, do romance *Grabriela, cravo e canela*, de 1958. Essa obra foi publicada, originalmente, pela Livraria Martins Editora. A versão do título à língua anglo-saxônica ficou *Gabriela, clove and cinnamon* (1962), tradução literal, e foi publicada pela editora Avon Books, em Nova York, quatro anos após o lançamento do original.

Essa primeira tradução do romance amadiano *Gabriela, cravo e canela* para o inglês, intitulada *Gabriela, clove and cinnamon*, é ainda a única realizada para esse idioma desde a sua publicação, em 1962. Durante os anos após a tradução feita por James L. Taylor e William Grossman, foram lançadas diversas edições e todas contemplavam a primeira tradução dos anos 1960. Neste estudo elegemos a edição de 1988 da tradução desse romance de Jorge Amado, publicado pela editora Avon Books, de Nova York, para compor o *corpus* de pesquisa. Assim, analisar nesse romance os marcadores culturais e sua tradução para o inglês possibilita-nos discutir questões sobre as teorias da tradução, os aspectos culturais presentes na literatura baiana junto à ciência do léxico, entre outros aspectos abordados ao longo deste estudo.

A edição do romance em língua portuguesa eleita para compor nosso *corpus* é de 2006, publicada pela Editora Record. Essa edição serviu de comparação com a tradução em língua inglesa, de 1988, pela Avon Books. A escolha específica pela edição em português (2006) da Editora Record deu-se pelo critério de fidelidade do original a partir do confronto de edições (1ª a 68ª) feita por Pedro Costa e pela própria filha do autor, Paloma Amado, assegurada em registro no final do livro. Desse modo, essa edição em português pode ser comparada com qualquer edição de tradução em língua inglesa.

A presente dissertação tem como marco inicial os estudos da tradução de *Gabriela, cravo e canela* para o inglês, realizados a partir de uma pesquisa de caráter monográfico³ de fim de curso de graduação. Esse estudo inicial analisou um recorte específico do léxico da culinária baiana presente no romance. Os resultados alcançados demonstraram uma forte tendência de omissão dos marcadores culturais referentes aos nomes dos pratos culinários peculiares da cultura baiana na tradução à língua inglesa, como ‘Abará’ e ‘Caruru’,

³ ANTUNES, Keven. Estudo dos marcadores culturais em *Gabriela, cravo e canela* na tradução para o inglês. 2019. 98f. Monografia (Graduação em Letras com Língua Inglesa). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2019.

diferentemente daquela à língua espanhola⁴, por exemplo, na qual não houve omissão. A partir dessa análise com os MCs da culinária baiana omitidos no inglês, constatamos um processo de revelação e ocultamento da identidade cultural do texto em seu processo tradutório. Tal aspecto, assim, abriu margem à motivação para aprofundarmos a discussão sobre esse fato na atual proposta junto a outras questões problemáticas de tradução, sobre as quais dissertamos aqui e que serão detalhadas ao longo do texto.

Essa dissertação tem como objetivo analisar os marcadores culturais de *Gabriela, cravo e canela* e sua tradução para o inglês, em nível de modalidade de tradução e estratégias de estrangeirização e domesticação. Desse modo, torna-se viável investigar quais as tendências de tradução dos Marcadores Culturais (doravante designados como MCs) em cada domínio cultural e qual a relação das omissões na tradução para o inglês com a representação da cultura baiana e afro-brasileira, a partir de um embasamento teórico com suporte nas teorias da tradução e cultura, dentre os quais destacamos, em especial os pressupostos de Aubert (1991; 1998; 2003; 2006) sobre Modalidades de Tradução e Marcadores e Domínios Culturais; as observações da dimensão do léxico por Biderman (1998); as duas estratégias de tradução, estrangeirização e domesticação, por Venuti (1992; 1995); e o estudo de Beber Sardinha (2000; 2004; 2009) com ferramentas computacionais na Linguística de *corpus*.

Assim, formulamos nossas principais questões de pesquisa que se voltam a indagações como: Qual o grau de domesticação e estrangeirização presente na obra traduzida? Quais os domínios culturais que foram mais traduzidos? Existiu uma tendência de tradução em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)? Quais os efeitos de recepção do texto traduzido na forma como o conhecemos na língua de chegada? Nesse trajeto de análise, procuramos entender o que é cultura e como a tradução influencia na compreensão da cultura do outro. Focamo-nos, também, em estudar os desafios do tradutor como editor do texto culturalmente marcado e suas possibilidades nesse processo.

O *corpus* desta pesquisa é paralelo, por melhor se adequar a uma análise de tradução, de acordo com Camargo (2007), composto pela obra na direção português-inglês: em português, *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]) e, em inglês, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]). A metodologia de tratamento dos dados é feita pela Linguística de *corpus*, por meio

⁴ AMADO, J. *Gabriela, clavo y canela: crónica de una ciudad del interior*. Tradução de Rosa Corgatelli e Cristina Barros. Nova Iorque: Vintage Español, 2008. Há um estudo feito dessa tradução espanhola pelo nosso grupo de pesquisa. SILVA, Dayane de Cássia. Estudo dos marcadores culturais do domínio da cultura material na tradução para o espanhol em *Gabriela, cravo e canela*. 2018. 101f. Monografia (Graduação em Letras com Língua Espanhola) - Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018. Disponível em: <<http://www.letrasespanhol.uefs.br/arquivos/File/dayanedecassia.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

do emprego das possibilidades disponíveis nos softwares: *WordSmith Tools 7.0*. O processo metodológico desta pesquisa fomenta um guia de manuseio de dados em *software* para estudos de literatura traduzida com marcadores culturais. O detalhamento do *corpus* pode ser conferido na seção 3.6 *Caracterização do corpus de pesquisa*.

Assim, o presente estudo questiona, em uma abordagem à tradução de léxico e cultura, a tradução de todos os MCs em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) e quais as possíveis soluções para problemas diagnosticados na análise desses dados. Essas reflexões possibilitam-nos a considerar o potencial da tradução em termos de projetos ideológicos, políticos, sociais nos quais estão implicados uma série de questões como a ética do tradutor, o mercado editorial da tradução, além das possibilidades que a ação tradutora tem para revelar o “Outro” para os leitores do Texto Traduzido (TT) ou, então, de apagar as marcas identitárias dos sujeitos representados no Texto de Origem (TO) num processo de homogeneização cultural que “facilita” a leitura ou a aceitação do texto traduzido como produto comercial. Desse modo, aqui nos guiamos em uma análise detalhada do processo de estrangeirização e domesticação, respectivamente, a revelação e o ocultamento, da identidade cultural no texto literário que, em fato, demonstrou variação a partir da tradução dos marcadores culturais analisados.

Dos resultados alcançados, com a análise dos 104 MCs contabilizados pelo *software* e com o embasamento teórico deste estudo, proporcionamos uma pesquisa quantitativa em relação ao inventário dos MCs registrados e qualitativa quanto à discussão sobre a forma que foram traduzidos esses MCs. A sistematização desses resultados encontra-se exposta na tessitura escritural argumentativa desta dissertação por meio de comentários, tabelas, comparativos e diálogos intertextuais com outros estudos e pesquisas já realizados nesse âmbito dos estudos sobre tradução.

Esta pesquisa, com apoio da agência governamental CAPES, está vinculada ao projeto “Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas: banco de dados e construção de um dicionário online multilíngue”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Feira de Santana, coordenado pelo Professor Dr. Patrício Nunes Barreiros, sendo este o primeiro estudo na direção Português-Inglês nesse contexto. O projeto tem como objetivo analisar os marcadores culturais traduzidos em diversas obras da literatura brasileira. A análise dos referidos MCs traduzidos em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) soma à construção de

um banco de dados bilíngue online⁵, que reúne outras traduções de MCs em obras literárias brasileiras analisadas no âmbito desse projeto.

As obras de Jorge Amado são analisadas no âmbito da pesquisa acadêmica científico por diversos pesquisadores. Sobre a tradução de seus romances para o inglês, podemos pontuar, aqui, que já se tem as análises e discussões de Correa⁶ (2003), com as obras *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tenda dos Milagres e Tereza Batista*, e Validório⁷ (2008), com *Mar Morto*, *O Sumiço da Santa*, *Tieta do Agreste*, além de muitos outros. O presente estudo soma à contribuição de uma análise aprofundada da tradução dos MCs de *Gabriela, cravo e canela* feita à língua inglesa, no nosso caso, realizada por James L. Taylor e William Grossman, em 1962. O foco central de nossas ações dá-se em relação ao nível lexical e cultural de tratamento dispensado aos MCs previamente selecionados do romance em questão, abordando conceitos que respondem a questões tradutórias de obras literárias.

Nesse sentido, esta dissertação está dividida em 7 seções. Na introdução, apresentamos os objetivos, as especificidades metodológicas, as principais fontes de referência, o conteúdo de cada uma de nossas seções, mostrando algumas das principais referências teóricas seguidas. Assim, na primeira seção, introduzimos nosso estudo, informando sobre as suas peculiaridades.

Na segunda seção, “*Gabriela, cravo e canela* e sua única tradução para o inglês”, analisamos alguns aspectos do romance de Jorge Amado no contexto do seu lançamento no Brasil, em 1958, até o momento em que ele foi traduzido, uma única vez para o inglês, e lançado em Nova York, nos Estados Unidos, em 1962. Nessa parte do texto apontamos quem a traduziu e como esse processo pode ser visto a partir das teorias que nos auxiliam à compreensão da ação tradutória. Nossos apontamentos, nesse sentido, estão baseados em Raillard (1990), Pedreira (2001) e Tooge (2009). Nessa seção, buscamos também entender como o contexto sociopolítico e mercadológico americano pode ter influenciado nas omissões culturais verificadas na tradução da obra.

Na terceira seção, “Representação cultural na tradução: caminhos teóricos e metodológicos”, trazemos nosso embasamento teórico que fomenta a análise do nosso objeto de estudo. Dentre as teorias estudadas, discutimos: o léxico, a cultura e a tradução, com base em Biderman (1998), Aubert (1998; 2006), Oliveira e Isquierdo (2008); os Marcadores Culturais e seus domínios culturais Aubert (1998; 2006) e Martins e Camargo (2008); as modalidades e

⁵ O protótipo do dicionário bilíngue de Marcadores Culturais está disponível em <https://dicionariodemarcadoresculturais.wordpress.com/>. Acesso em: 02 nov. 2021.

⁶ Estudo disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49081>>. Acesso em: 23 out. 2021.

⁷ Estudo disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103511?show=full>>. Acesso em: 23. out. 2021.

estratégias de tradução, com foco na proposta revisada por Aubert (1998; 2006) e Venuti (1992, 1995) e Berman (2007) com ênfase nos métodos de estrangeirização e domesticação; a cultura na língua com base em Matoré (1953), Silva (2000), Silva (2012), Santos (2013), com seu estudo da cultura afro-brasileira e Seabra (2015), que abarca aspectos sobre a língua e a cultura. Analisamos alguns dos MCs da culinária baiana já identificados para compor essa discussão. Também analisamos a ação dos tradutores como editor de textos, discutindo, filologicamente, o papel do tradutor com base em Chartier (1991), Barros (2005) e Gumbrecht ([2003]; 2007); a linguística de *corpus*, que é base metodológica da nossa análise, de acordo com Berber Sardinha (2000).

A partir da subseção 3.6 *Caracterização do corpus de pesquisa*, apresentamos nossa metodologia: caracterizamos o *corpus* de estudo e mostramos o tratamento do mesmo para funcionalidade em *software*, contextualizando os 104 MCs trabalhados em fichas lexicográficas.

Na quarta e quinta seção, respectivamente “Fichas Lexicográficas dos Marcadores Culturais traduzidos” e “Análise dos Marcadores Culturais traduzidos”, apresentamos os MCs em fichas lexicográficas e analisamos os MCs eleitos traduzidos, levantando uma discussão em relação aos resultados alcançados, com base nas modalidades de tradução, nos domínios de cultura, e nas estratégias de domesticação e estrangeirização.

Na sexta seção, “O glossário de *Gabriela, clove and cinnamon*: uma possível via à inteligibilidade dos marcadores culturais da gastronomia afro-baiana traduzidos”, com a análise dos MCs pertencentes ao domínio da cultura material, do léxico da gastronomia afro-brasileira, construímos um glossário bilíngue, com a finalidade de inventariar o léxico culturalmente marcado, utilizado por Jorge Amado em *Gabriela, cravo e canela* (1958) e na tradução correspondente dessas lexias à língua inglesa. Essa seção é destinada para tradutores, pesquisadores, professores de línguas e leitores da obra, com o intuito de auxiliar na tradução de lexias específicas.

Na sétima seção, temos nossas considerações finais e, por último, nossas referências.

Assim, a presente pesquisa tem como expectativa a análise dos 104 marcadores culturais e sua tradução para a língua inglesa, para tentar encontrar respostas a problemáticas que surgiram durante os casos apresentados, como, também, obter conhecimento do papel do tradutor diante dos desafios da tradução, desde os interesses da editora até as imposições socioculturais.

Desse modo, na próxima seção, começamos por uma contextualização de como *Gabriela, cravo e canela* (1958) foi traduzida para a língua inglesa, nos Estados Unidos.

2 GABRIELA, CRAVO E CANELA E SUA ÚNICA TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA

Gabriela, cravo e canela, lançada em 1958, teve apenas uma tradução para a língua inglesa, *Gabriela, clove and cinnamon*, realizada em 1962 por William L. Grossman e James L. Taylor, sob comando do editor Alfred A. Knopf, de Nova York, nos Estados Unidos. Essa mesma versão foi sendo relançada em várias edições durante os anos. A versão para o espanhol, diferentemente, teve várias traduções, como as dos tradutores Haydée Jofre Barroso (1959), Fernando Rodríguez, (1990), Dante Hermo (2002), Rosa Corgatelli e Cristina Barros (2008), mostrando-nos que a singularidade na tradução não é um padrão desse romance e ocorreu especificamente com a versão em língua inglesa.

No Quadro 1, é possível visualizar, em ordem cronológica, a listagem de todas as edições disponíveis da tradução para o inglês, realizadas por diferentes editores, em distintos países e cidades desde sua primeira publicação, em 1962, até a última, em 2006. Esse conjunto de obras da mesma tradução nos serviu, num primeiro momento, para verificar se é possível encontrar divergências entre elas. Algumas das edições mais antigas da tradução só foram possíveis de se adquirir em sebos online de revenda, em versão física.

Por se tratar de uma única tradução, a escolha da edição para o *corpus* desta pesquisa levou em conta a qualidade de imagem digitalizada para nos possibilitar um melhor manuseio⁸ do texto ao longo do processo de análise. Nesse caso, elegemos a edição de 1988, grifada no Quadro 1.

Quadro 1 - *Gabriela, clove and cinnamon*, publicações entre 1962 e 2006

<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Charles Mozley. Foto por Sascha Harnisch. Londres: Chatto and Windus, 1962. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Charles Mozley. Foto por Sascha Harnisch. Londres: Chatto and Windus, 1963. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por [James L. Taylor e William L. Grossman]. Nova Iorque: Avon Books, 1988. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Susan Neale. Londres: Souvenir Press, 1983. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Londres: Abacus, 1984. 425p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Ilustrações de Cathleen Toelke. Nova Iorque: Avon Books, 1988a. 506p.
<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> . Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Nova Iorque: Avon Books, 1988b. 425p.

⁸ A Linguística de *corpus*, uma das bases metodológicas desta pesquisa, necessita dos dados digitalizados em arquivo tipo *OCR para sua extração em campo virtual. Quanto melhor a qualidade da imagem impressa do documento, melhor será o possível manuseio do mesmo.

Gabriela, clove and cinnamon. Tradução por James L. Taylor e William L. Grossman. Capa de Chin-Yee Lai. Foto por Sinisha e George Diebold. Nova Iorque: Vintage International, 2006, 425p.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em Fundação Casa de Jorge Amado (2009, p. 328-329).

Na leitura comparada de todas essas edições listadas, constatamos que elas não apresentam alterações do texto, com equivalência de páginas (425 p.), exceto a versão de 1988b, lançada pela *Avon Books*, que possui 506 páginas. Ao compará-la com a versão mais recente, de 2006, com 425 páginas, constatamos que a diferença de páginas na edição de 1988a surge em consequência da formatação do texto, por ter menos ou mais proveito do espaço de página.

Assim, concluímos que todas as edições da tradução em língua inglesa poderiam ser eleitas para compor o *corpus* paralelo de análise dos MCs e confrontadas com a versão em língua portuguesa escolhida, *Gabriela, cravo e canela* (2006), pois, dentre todas as edições listadas no Quadro I, as diferenças são de capa e formatação de página, não se alterando a versão na tradução do corpo textual.

Outro aspecto observado é que nenhuma das edições em inglês possui glossário de auxílio para uma leitura mais precisa dos Marcadores Culturais voltados à realidade social e cultural baiana. Desse modo, esta pesquisa fomenta um acervo de dados para um possível glossário, com o resultado da nossa análise com os MCs classificados em fichas lexicográficas.

Nos Estados Unidos, Deane-Cox (2014, p. 1) afirma que “retranslation is very much a temporal phenomenon [...] marked as it is by a mercurial inconstancy with regard to frequency, behaviour and motivations”⁹, acrescentando fatores socioculturais que podem pontuar o motivo da não retradução da obra. Nesse sentido, o mercado insere-se em um papel crucial no futuro de uma tradução, junto ao marketing e a adesão do público leitor.

Para avaliarmos o processo que resultou na única tradução de *Gabriela, cravo e canela* (1958) para o inglês, como *Gabriela, clove and cinnamon* (1962), precisamos entender o contexto temporal em que ela foi lançada, no Brasil, em 1958, até ser traduzida, 4 anos mais tarde, em 1962. Esse período foi marcado mundialmente pela Guerra Fria e nele encontram-se algumas das motivações sociais, históricas, políticas e ideológicas que levaram à decisão da tradução e sua consequente publicação.

Desse modo, a partir de referências relacionadas à vida e à obra do autor Jorge Amado, abordamos essa questão a seguir, permitindo-nos compreender alguns aspectos de como é o processo tradutório de uma literatura regional que se tornou famosa internacionalmente.

⁹ Tradução nossa: “[...] a retradução é, principalmente, um fenômeno temporal [...], marcada por uma inconstância artística em relação à frequência, aos comportamentos e às motivações.” (DEANE-COX, 2014, p. 1).

2.1 JORGE AMADO E O LANÇAMENTO DE *GABRIELA, CRAVO E CANELA* EM 1958: DA MILITÂNCIA POLÍTICA ÀS CONTEXTUALIZAÇÕES CULTURAIS

Jorge Amado foi reconhecido pelo *Guinness Book*, em 1996, como um dos autores mais traduzidos do mundo. Ele ocupa a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras e registra um grande acervo de outras obras regionais que, também, descrevem aspectos culturais do Brasil por meio do emprego de uma linguagem na qual prima pelo uso de marcadores culturais.

De acordo com dados da Fundação Casa de Jorge Amado¹⁰, suas obras já conquistaram prêmios nacionais e internacionais de destaque como, por exemplo, o “Latinidade” (França, 1971) e o “Luis de Camões” (Brasil, Portugal, 1995). Ao fim da década de 1980, a vendagem de seus livros era estimada em trinta milhões de volumes ao redor do mundo, com as obras publicadas em 50 idiomas.

Assim, a escrita de Amado pode ser apreciada como uma referência mundial da literatura brasileira, se considerarmos os destaques da sua carreira para visibilidade internacional do Brasil. Por quase um século, o autor tem sido traduzido para países que não falam português, fazendo a literatura regional traduzida referenciar o Brasil para além das suas fronteiras.

Pouco antes do lançamento de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, o autor baiano vivia uma jornada militante a frente de causas sociopolíticas e já havia sido obrigado até a se exilar do seu país por suas lutas e posicionamentos. Enquanto foi deputado do PCB-SP (Partido Comunista Brasileiro), deixou como legado uma ementa (nº 3.218)¹¹ no §7, inciso do Artigo 141, da “Carta Magna” que trata dos direitos à vida, à liberdade, à segurança individual e à propriedade, na “Constituição Brasileira” de 1946. A ementa, em especial, defendia¹² a liberdade do culto religioso, motivado pelas suas experiências com a intolerância religiosa. Mais tarde, era possível ver esse tema refletido em uma de suas obras, *Tenda dos Milagres*,

¹⁰ As informações sobre a “Fundação Casa de Jorge Amado” estão disponíveis em: <http://www.jorgeamado.org.br>. Acesso em: 24 out. 2020.

¹¹ No artigo § 7º consta: É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública ou os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da Lei Civil. (Disponível no Diário Oficial da União - Seção 1 de 19/09/1946).

¹² No livro de memórias *Navegação de Cabotagem* (1992), da Editora Companhia das Letras, o autor narra o processo de recolhimento de assinaturas para a aprovação da emenda.

publicada em 1969, que trata, em sua diegese, exatamente da violenta intolerância contra a religiosidade afro-brasileira.

Em entrevista concedida à Alice Raillard (1990, p. 263), Jorge Amado contou que parou de militar no Partido Comunista sem se demitir ou ser excluído dele, no final de 1955. A partir do seu afastamento, escreveu *Gabriela, cravo e canela*, romance que seria publicado em 1958. Assim, próximo do lançamento, em meados dos anos de 1950, o autor deixou de ser ativista do Partido Comunista, marcando com essa obra o momento em que ele se dedicava mais à carreira da literatura do que à política. Nesse mesmo período de lançamento, o autor estava em uma década de revolução política-ideológica anglo-americana, vivenciando, na literatura, mais abertura às vozes sociais e mais espaços de representação às minorias de classes nos anos de 1960, por conta da desestabilização do capitalismo com a Revolução Cubana (CORREIA, 2003, s.p.). Esse fato histórico nos faz refletir a descritiva representação de minorias que se encontra presente na diegese da obra em questão.

Desse modo, mesmo com a desvinculação do cargo político, a escrita de Jorge Amado continuou a refletir temas de perspectiva social inclusiva, o que ocorre, também, na narrativa de *Gabriela, cravo e canela* (1958), mas de forma menos “politizada”, trazendo menos denúncias ao sistema capitalista (como fazia em seu período de militância, escrevendo *Capitães de areia*, em 1937, com uma diegese sobre a vida de jovens abandonados na cidade de Salvador) e mais humor e ironia, com a construção figurativa de personagens comuns da rotina da cidade de Ilhéus junto à protagonista Gabriela de 1958.

Se em *Capitães da Areia* (1937) era denunciada a violenta opressão em nome dos ideais do partido socialista, em *Gabriela, cravo e canela* (1958) tem-se uma narrativa mais “leve”, ambientando-se em uma Bahia divertida, de bordeis, casos de amor, sexo e comida cheirosa. Tooge (2009, p. 34) compartilha da mesma perspectiva de análise em seu estudo, salientando que

[...] se para Amado *Gabriela, Cravo e Canela* foi a continuação natural de seu projeto literário, para muitos foi uma nova etapa na vida do escritor. Amado deixava de escrever romances dedicados ao Partido, passando a escrever livremente e a louvar todo tipo de liberdade. Mesmo assim, a tônica da defesa das classes subalternas, a contestação e a denúncia nunca deixaram de existir em sua obra. Já a rispidez política seria substituída pelo humor e pela ironia. (TOOGE, 2009, p. 34).

Para o próprio Jorge Amado, essa divisão de idealismo em suas obras é uma “bobagem” teorizada, como relata em entrevista com Alice Raillard:

Construíram uma teoria [...] segundo a qual a minha obra se dividia em duas partes: uma anterior a “Gabriela” e outra posterior. É uma estupidez, uma bobagem total. [...] Diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada, [...] como se os elementos da vida, do folclore, não estivessem presentes em livros como “Jubiabá”, “Mar Morto”, a presença de Iemanjá, do candomblé etc., ou em “Capitães de Areia”. Tudo isso é uma tolice incomensurável. Mas perdura até hoje: as duas obras, a do início, revolucionária, denunciando a injustiça social, e a outra. Não, minha obra é uma unidade, do primeiro ao último momento. Só se pode dizer que existe, no início, uma profusão do discurso político, correspondendo ao que eu era então. (RAILLARD, 1990, p. 267).

Em *Gabriela, cravo e canela* (1958) podemos presenciar os ideais sociais inclusivos de Jorge Amado que, inclusive, foram citados pelo próprio em entrevista (RAILLARD, 1990) ao analisar a ambientação do romance que envolve mais personagens populares da sociedade de transformação daquela época, como coronéis e mulheres de cabaré. Entretanto, como visto nesse romance, as questões políticas aparecem de forma mais atenuada se compararmos aos romances anteriores, vide *Capitães da Areia* (1937).

Jorge Amado relata essa questão do seu discurso político ser atenuado na obra, em entrevista a Alice Raillard. Nessa ocasião o autor declarou:

Então publiquei “Gabriela” – eu decidira escrever uma história de amor, insistindo em que fosse uma história de amor, mas sem abandonar o contexto social, a questão da realidade brasileira. [...] Aí, vários responsáveis do PC [...] atacaram-me, violentamente [...] algum tempo mais tarde foi publicada uma edição cubana de “Gabriela”. Soube-o por acaso [...] Esta edição Cubana era prefaciada por um marxista, um crítico literário marxista, que ironizava certas críticas brasileiras de esquerda, comunistas, que consideravam “Gabriela” o fim de tudo: segundo ele, meu livro era [um livro] marxista, onde a sociedade era analisada com lucidez e rigor perfeitos etc. [...]. Assim, “Gabriela” aparece como uma etapa clara em minha obra. Acho que ela é clara, mas não no que se refere ao abandono do discurso político. O discurso político está ausente em “Terras do Sem Fim”, aparece pouco, muito pouco em “São Jorge de Ilhéus”; e se encontra somente no epílogo de “Seara Vermelha”. Depois desaparece completamente. (RAILLARD, 1990, p. 265).

O autor, ao explicar o tratamento do contexto da narrativa de *Gabriela, cravo e canela* (1958), explicita a relação de ações da diegese vinculadas ao contexto histórico de um real período social datado da Bahia, como a ascensão das fazendas de cacau, nos anos 1920, com coronéis vivenciando ostentação, bordeis e folias. Dessa forma, algumas das ações do romance tornam-se uma ilustração de um processo real de mudança social e econômica para a cidade baiana de Ilhéus, que é cronológico à história do romance.

A personagem principal, Gabriela, traz em sua configuração um tipo de revolução descolonizadora, que dá protagonismo à mulher latina para que essa tenha a sua sensualidade livre e naturalizada. O autor baiano descreve-a para Alice Raillard como uma personagem que é “quase um símbolo do povo na sua inocência, sua ignorância do comprometimento, fora de todas as regras, de todas as convenções inventadas pela sociedade.” (RAILLARD, 1990, p. 277). O fortalecimento do simbolismo da personagem protagonista pode ser visto nas diversas edições de capas da obra em que Gabriela aparece, individualmente, ilustrando-a.

Jorge Amado ainda relata, em entrevista para Raillard (1990, p. 277), que nessa obra “há [...] uma denúncia da sociedade feudal e os primeiros sintomas da evolução desta sociedade”. Um dos sintomas dessa “evolução social” descrita pelo autor se caracteriza em *Gabriela, cravo e canela* pelo seu lançamento em 1958, trazendo à diegese a religiosidade afro-brasileira que encarava a intolerância do conservadorismo do início do século XX e que foi apresentada na escrita através de pratos típicos da culinária na ficção, preparados por Gabriela, embora sem muito salientar os rituais oprimidos que são mais descritos e apresentados em romances anteriores, como *Capitães de areia* (1937). Também é possível constatar características da sociedade da época narradas a partir da visão popular de Jorge Amado (que serve como um guia de turismo de Ilhéus de tão detalhado e mapeado). No Quadro 2, visualizamos um recorte da narrativa, em grifo nosso, em que o autor descreve o ambiente social de forma detalhada, ao descrever do contexto real histórico e cronológico da Bahia de Ilhéus daquele período.

Quadro 2 - Contexto da obra: Jorge Amado e a escrita detalhada da cultura em *Gabriela, cravo e canela* (2006)
Gabriela, cravo e canela (2006)

Falavam da safra anunciando-se excepcional, a superar de longe todas as anteriores. **Com os preços do cacau em constante alta**, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo. **Os filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades**, novas residências para as famílias nas novas ruas recém-abertas, **móveis de luxo mandados vir do Rio**, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas, multiplicando-se, o comércio crescendo, **bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis**, o progresso enfim, a tão falada civilização. (AMADO, 2006, p. 7, grifo nosso).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Sobre o par romântico da protagonista, que é um árabe chamado Nacib, Amado considerou a sua inserção para destacar a “formação da nação brasileira que é a ausência de preconceito em relação a um homem que vem de fora, do estrangeiro que entra no Brasil.” (RAILLARD, 1990, p. 277). *Gabriela, cravo e canela* é uma obra que deu um “palco comercial” para o lado simples, popular e marginalizado de um povo latino-americano, para ser divulgado na literatura de uma época – em 1958 – que vivia o conservadorismo em luta contra

a modernidade do novo século. Correia (2003, n.p.) descreve a diegese social de *Gabriela, cravo e canela* (1958) pontuando que

[...] o romance original constrói, como narrativa profunda, a questão do progresso na região cacauceira, compreendida pelas cidades-pólos de Ilhéus e Itabuna, sob a liderança da primeira. A essa narrativa elementos norteadores são posicionados na obra, personagens compõem a construção do espaço ficcional amadiano.

Essa análise mostra-nos como a diegese de obra está impregnada da cultural híbrida que caracteriza a região geográfica que serve de espaço à ambientação do romance. O jornalista Sérgio Vilas Boas, no “Jornal de Poesia” (2001), também discutiu esse aspecto em relação à representatividade do lado popular nas obras amadianas, afirmando:

É fato que Jorge Amado colocou o povo como personagem para ganhá-lo como leitor, para levá-lo a se identificar com as figuras e ações representadas em seus romances. Ele próprio assumia isso, o que ajudou a transformar o escritor baiano em personagem de si mesmo e uma verdadeira instituição. (VILAS BOAS, 2001, on-line)¹³.

Apesar das obras de Jorge Amado aparentarem ter boa recepção no cenário internacional literário, de acordo com o grande número de traduções e sua visibilidade aqui constatada, podem ser recebidas pela própria crítica nacional com outro olhar, passando de representação regional para representações caricaturais ou até mesmo estereotipadas, em uma visão de brasileiro para brasileiro. Sérgio Vilas Boas trata dessa questão ao relatar a sua visão da recepção crítica de Amado em seu próprio território como, também, a nível estrangeiro:

A obra de Jorge Amado nunca excitou a academia. Mas a maioria dos poucos ensaios críticos foi implacável. Argumentou-se que personagens de Jorge - coronéis desumanos, negros viris, brancos arrivistas, proletários utópicos, especuladores, biscateiros, prostitutas beatíficas, cafetões manipuláveis, etc. - eram caricaturais, estereotipadas e psicologicamente vazias; que seus enredos eram melodramáticos, com soluções sobrenaturais (às vezes embebidas em sincretismo religioso) para conflitos sociais concretos; que o conteúdo era panfletário, machista e folclórico; que sua linguagem popularesca negava a literatura como arte; que imperava a pornografia gratuita, quase perversa; que o pano de fundo socialista era, na verdade, populista, pois acreditava que tudo o que vem do povo é necessariamente bom. Diante da inabalável empatia de várias gerações de leitores, multiplicados anualmente aos milhares, tais argumentos (luminosos nas décadas de 60 e 70) podiam soar invejosos e até levianos, e contrapunham-se a defesas veementes, como as feitas por Roger

¹³ Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/svboas1.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

Bastide, Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Pablo Neruda, Gabriel García Márquez, Celso Furtado, José Paulo Paes, Antonio Candido e outros. Muitas opiniões favoráveis a Jorge estiveram marcadas também pela amizade e admiração que sua figura sempre cultivou entre personalidades de diversas ideologias. Para os estrangeiros, principalmente, os romances de Jorge Amado são uma espécie de carteira de identidade do Brasil. (VILAS BOAS, 2001, on-line)¹⁴.

Além das críticas, ainda assim podemos considerar esse romance como uma “narrativa de sucesso internacional”, pelo fato de ter alcançado grande parte do mundo graças à tradução para 29 línguas e considerado *best-seller* nos Estados Unidos (TOOGE, 2009). Nas fronteiras do seu país de origem, esse romance foi relido em diversos formatos do cenário nacional, como no cinema e na televisão, em que foi adaptado para filme, em 1983, como “Gabriela”, por Bruno Barreto e como telenovela, na TV Tupi e na Rede Globo, para diferentes gerações, mostrando que tem ampla divulgação da sua narrativa, tornando-se o romance mais famoso do autor, de acordo com a Fundação Casa de Jorge Amado¹⁵.

Nesse contexto, nasce uma questão para ser respondida em virtude do objetivo de análise do presente estudo: como a obra foi traduzida para o inglês, para ser um sucesso, em um país, como o Estados Unidos, que tinha divergências de ideais político-sociais que Jorge Amado influenciava no romance? De um lado, o país da Guerra Fria, do outro, o escritor militante comunista. Desse modo, é preciso, também, saber quem planejou essa tradução e como decisões do tradutor podem impactar na cultura. Para Pedreira (2001, p. 45), “sem dúvida os valores pessoais do tradutor desempenham um papel importante no trabalho tradutório, que sofre interferência da sua visão emocional e intelectual.”

Assim, esta pesquisa direciona-se a registrar, na próxima seção, o processo de tradução da obra em 1962, desde o seu período de lançamento, para entender as estratégias de tradução com específicos marcadores culturais que representam aspectos de uma cultura afro-brasileira dominante da Bahia e ambientada na narrativa de Jorge Amado nessa obra.

¹⁴ Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/svboas1.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

¹⁵ FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.org.br>>. Acesso em: 24 out. 2020.

2.2 GABRIELA, CRAVO E CANELA (1958) NOS ESTADOS UNIDOS: TRADUTORES E CONTEXTOS

Alfred Knopf é o editor que gerenciou a tradução de algumas obras de Jorge Amado para o inglês e, de acordo com Pedreira (2001), foi, praticamente, responsável pela introdução das obras do autor baiano no comércio americano. Os estudos de Tooge (2009) relatam, a partir de uma entrevista, o laço do editor com o Brasil, respondendo o porquê o editor americano Alfred Knopf se responsabilizava por traduções tão complexas, a nível de traduzir marcadores culturais da Bahia descrita por Jorge Amado:

Mas nossa associação de real proximidade data do caso de amor de Alfred pelo Brasil, que tem todo o jeito de um apego indissolúvel [...]. Então, em 1961, Alfred visitou o Brasil, e como muitos outros americanos, incluindo eu mesma, se apaixonou por ele. [...] Ele se tornou uma Aliança para o Progresso de um só homem.¹²⁸ (DE ONÍS in KNOPF, Portrait of a Publisher p. 202-203 apud TOOGE, 2009, p. 89).

O marco inicial do editor Knopf com as traduções do autor foi com *Terras do sem fim* (1943), em inglês *The Violent Land*, em 1945, elevando Jorge Amado a categoria de autor de língua portuguesa mais lido nos Estados Unidos. Quase duas décadas depois, em 1962, Alfred Knopf reunia tradutores para lançar uma obra nos Estados Unidos que já era considerada *best-seller* no seu país de origem: *Gabriela, cravo e canela*, publicado em 1958 no Brasil. Segundo Tooge (2009, p. 92-93),

[...] Amado deixara o Partido Comunista 5 anos antes da publicação de Gabriela nos Estados Unidos, em 1962, e sua obra já era amplamente conhecida na Europa: o romance Gabriela, Cravo e Canela havia sido traduzido para 14 idiomas. Certamente, o público americano não era indiferente a esse sucesso internacional, e em 28 de outubro de 1962, Claude L. Hulet escreve no Los Angeles Times que o livro já “é um bestseller no Brasil e que está para ser publicado em mais de uma dúzia de países”.

Gabriela, cravo e canela chega aos Estados Unidos 5 anos depois do seu lançamento no Brasil, em 1962, na tradução *Gabriela, clove and cinnamon*, tendo “tempo mais que suficiente para a percepção do mercado americano do sucesso de vendagem no Brasil” (CORREIA, 2003, n.p.). Correia (2003) salienta que o período de lançamento da tradução de Gabriela, foi quando:

[...] havia o desejo estadunidense de conhecer os seus vizinhos latinos, plano esse de afirmação hegemônica. Se analisarmos bem esse período de introdução do romance no domínio anglo-americano, chegaríamos a conclusão de que foi uma fase de alta efervescência cultural de vozeamento da minoria. A descolonização de alguns países africanos provocou uma onda de um crescente ideal de libertação, fazendo-se sentir, principalmente, nos negros e mulheres (CORREIA, 2003, n.p.).

O tradutor responsável pela versão em inglês foi, em primeira mão, apenas o professor da Universidade de Stanford, James L. Taylor, que nasceu no Brasil e tinha vivido no país por trinta anos (PEDREIRA, 2001, p. 43). Com Taylor no comando dessa tradução, Knopf quebrava uma longa tradição: contratar somente tradutores dos Estados Unidos. As únicas traduções literárias de Taylor foram aquelas realizadas para Knopf: a tradução de *Gabriela, Cravo e Canela* (1962), de Jorge Amado, e *Grande Sertão: Veredas* (1963), de João Guimarães Rosa, sendo o último uma colaboração com um trabalho não finalizado da tradutora Harriet de Onís (TOOGE, 2009). *O Grande Sertão: Veredas* é uma obra que reúne diversos marcadores culturais e sua tradução foi estudada por nosso grupo de estudo com Nascimento¹⁶ (2018).

Entretanto, Knopf não se contentou com a tradução de Taylor em *Gabriela, cravo e canela*, chamando outro tradutor para se juntar a ele e tentar melhorar o que foi feito. Assim, “disappointed with the rendering by James Taylor, Knopf had called in William Grossman to create a more polished product¹⁷” (ROSTAGNO, 1997, p. 38). Desse modo, William Grossman, que foi um professor americano e tradutor de *Memória Póstumas de Brás Cubas* (1881) (*Epitaph of a Small Winner* (1952)), registrou-se, oficialmente, na parceria de tradução da obra *Gabriela, cravo e canela*. Os motivos para o acréscimo de outro tradutor não foram explicitados por Knopf, podendo estes surgirem do descontentamento da tradução de Taylor com os propósitos de alcance “agradável” da tradução com o país norte-americano.

Nesse mesmo ano do lançamento de *Gabriela, clove and cinnamon*, em 1962, de acordo com Tooge (2009), o jornal referência de Nova York, o *The New York Times*, já lançava um artigo¹⁸ comentando o sucesso dessa obra de Jorge Amado em território norte-americano. Entretanto, Correia (2003, n.p.) percebeu que essa tradução de sucesso teria “priorizado o erotismo da obra em detrimento das questões político-sociais do romance” e isso, também,

¹⁶ NASCIMENTO, Geovanio S. *O sertão traduzido: Estudo dos marcadores culturais do domínio ecológico em Os Sertões, de Euclides da Cunha*. 2018. 263 f. Dissertação (mestrado em estudos linguísticos) – Programa de pós-graduação em estudos linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2018. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/697>. Acesso em: 21 jan. 2022.

¹⁷ Tradução nossa: Decepcionado com a tradução de James Taylor, Knopf convocara William Grossman para criar um produto mais polido. (ROSTAGNO, 1997, p. 38).

¹⁸ Orville Prescott, *The New York Times*, de 12 de setembro de 1962.

pareceu ocorrer no artigo publicado pelo jornal, em que a personagem Gabriela foi mencionada como “beldades latinas”.

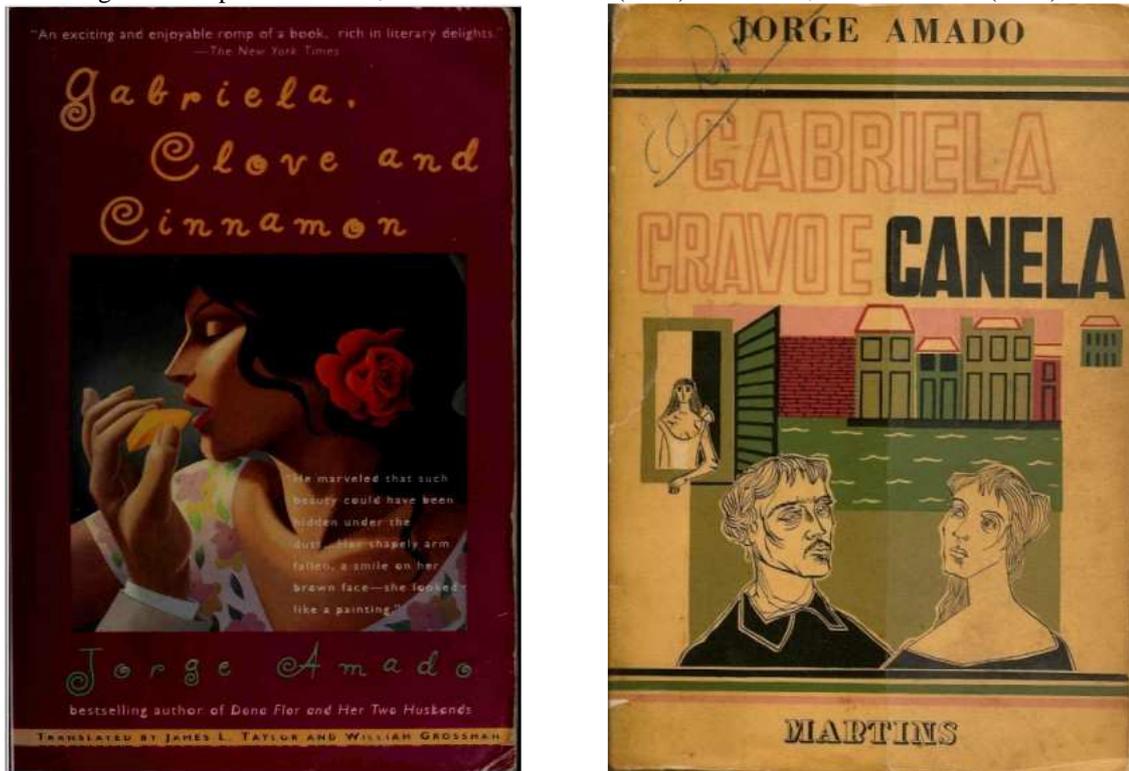
Para Tooge (2009, p. 95), a personagem Gabriela ser referenciada como “beldade latina” já mostrava um encaminhamento para os moldes de Hollywood. Desse modo, a influência político-social de Jorge Amado na escrita de *Gabriela, cravo e canela*, concebida em 1958, demonstrou ser domesticada na tradução para desviar-se de um foco político latino-americano. A tradução domesticada se caracteriza pelo apagamento de traços culturais estrangeiros.

Na obra, a protagonista Gabriela é atenuada no papel sociopolítico de foragida do árduo sertão para uma vida melhor em Ilhéus, e seu envolvimento romântico é o enredo da sua trajetória, que constrói a narrativa. Em inglês, os traços sociais que constroem Gabriela são atenuados à sua sedução como mulher, enquanto os marcadores culturais da Bahia afro-brasileira foram omitidos. Para Correia (2003, n.p.), entende-se que:

[...] a relação da tradução com o contexto político-sócio-econômico do leitor/tradutor leva aos apagamentos e aos deslocamentos temáticos que fazem parte de forças capazes de "matizar" a realidade que a obra estrangeira constrói, seria de certa forma uma desestrangeirização. Na década de 60, por exemplo, a idéia de qualquer imagem que lembrasse o comunismo deveria ser apagada ou modificada. Milton (1999) lembra o apagamento da cor de Red House de Squire Cass para casa amarela, na obra *Silas Marner*, de George Elliot. Como a cor, outras formas deveriam ser reduzidas, tais como nomes russos.

A partir do levantamento de Correia (2003, n.p.) sobre a domesticação em *Gabriela, clove and cinnamon* (1962), quando ele constatou que priorizaram o erotismo da obra na tradução para o inglês, podemos relacionar esse ponto com a capa do livro em sua tradução para venda nos Estados Unidos, comparado a primeira capa ilustrada da edição no Brasil, que foi intencionada pelo próprio Amado no lançamento:

Figura 1 - Capa de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) e *Gabriela, cravo e canela* (1958)



Fonte: *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) e *Gabriela, cravo e canela* (1958).

Na Figura 1, à esquerda, podemos visualizar, na edição da tradução em inglês, que circulou pelos Estados Unidos como *best-seller*, uma Gabriela protagonista sedutora, mordendo uma fruta com expressão relaxada, ilustrando a visão domesticada, constatada por Correia (2003), da obra brasileira em território norte-americano. Nesse aspecto, o próprio Jorge Amado, em entrevista com Raillard (1997), afirmou suas intenções sociopolíticas com suas obras. Com esse fato, podemos ver na Figura 1, à direita, a primeira edição brasileira ilustrada dessa obra no seu ano de lançamento, revisada pelo próprio autor, que também trouxe a figura da mulher Gabriela na capa¹⁹, entretanto, com menos sensualidade, diferentemente da versão domesticada, figura à esquerda, que circula nos Estados Unidos.

Pedreira (2001) também relaciona essa domesticação às restrições sociais, quando se levam em consideração o pudor e a moral puritana. Para a autora, é em razão disso que se recorrem a estratégias que priorizam os apagamentos, as inserções e as reduções. Assim, por consequência, alguns temas são excluídos das traduções para darem lugar a outros pertinentes àquele padrão social do público alvo, quando se consideram as concepções de mundo daquele espaço de valores sociais. Correia (2003, n.p.) ainda defende que essa atitude na tradução, de

¹⁹ Sugerimos, nesse tópico, ler nosso estudo precedente (ANTUNES, 2019).

domesticar uma leitura a fim de desviar o foco político-social divergente, tem outras implicações, pois,

[...] cria-se, nesses espaços, um leitor específico para o mercado, impossibilitado de interagir nas forças discursivas maiores, incapaz de transpor o limite da obra literária com a realidade, por isso mesmo, é-lhe vetado politicamente de entrar em contato com propostas vindas de outras partes do mundo, não sendo-lhe possível refletir sob a base de outras idéias.

Apesar da “retradução” de Grossman da tradução de Taylor, em 1960, essa não foi uma garantia que agradaria a todos. O crítico do *Los Angeles Times* falou a respeito da qualidade da tradução da obra, relatando fatos que entram em acordo com a presente discussão sobre a domesticação do enredo:

Compreensivelmente difícil é a tarefa de traduzir a qualidade poética da prosa de Jorge Amado. A inadequação de tom de várias traduções, a transposição de um número de expressões para um nível cultural mais alto ou mais baixo do que o usado pela personagem em questão, e algumas omissões do texto original, embora deploráveis, não são suficientes para arruinar o estilo caracteristicamente fluente e refrescantemente popular do autor para leitor falante do inglês (HULET, 1962 apud TOOGE, 2009, p. 94).

Entretanto, ainda com a pontuada domesticação dos assuntos sociopolíticos, que se inclinou para a erotização da obra, *Gabriela, cravo e canela* foi considerada um *best-seller* nos Estados Unidos:

A literatura de Jorge Amado rompeu, assim, a resistência do sistema literário americano da única forma possível durante a Guerra Fria: como um exemplo de “rejeição” à doutrina Russa. A visão é oposta àquela retratada no prefácio da edição cubana, mencionada por Jorge Amado. Em poucas semanas, *Gabriela* entrou para a lista de bestsellers do *The New York Times*, para lá permanecer por quase um ano. (TOOGE, 2009, p. 96).

Rostagno (1997) evidencia esse entusiasmo em torno da publicação de *Gabriela, cravo e canela* (1958) em inglês ao se lembrar de outros livros latino-americanos que não obtiveram o mesmo sucesso, como, também, falou a respeito das críticas positivas rendidas nos jornais *Chicago Sunday Tribune*, *San Francisco Chronicle*, *Springfield Republican* para confirmar o bom recebimento da obra pelos norte-americanos.

Para Rostagno (1997), as razões de sucesso de *Gabriela, cravo e canela* (1958) vinham do humor, da diegese romântica e que, apesar das implicações sociológicas citadas, o romance é lido como uma “versão tropical de Cinderela” (1997, p. 38). O que, de fato, é irônico, pois a

personagem Gabriela, construída por Jorge Amado, está longe de suportar um “sapatinho de cristal”, pois nem mesmo gostava de usar sapatos, mostrando que a comparação com a princesa idealizada pela Disney está mais próxima do ideal do país de Hollywood, confirmando também a domesticação da obra, a partir dessa interpretação da própria autora.

Assim, Rostagno (1997, p. 38-39) mostra-nos que tanto *Gabriela, cravo e canela* (1958) quanto *Dona flor e seus dois maridos* (1966) – que descreve a trajetória de uma protagonista em triângulo amoroso – foram romances amadianos que tiveram melhor recepção nos Estados Unidos, justamente por serem consideradas obras de menor “tom político”, tornando-as menos ameaçadoras e seguindo, assim, as “normas” do sistema literário americano ainda durante a Guerra Fria. Tais aspectos contribuem para nossa afirmação de que a tradução pode ser considerada, também, um meio de manutenção das características colonialistas, pois não estão isentas da ideologia do sistema receptor que, quando necessário, molda a sua diegese, bem como seu tom político, ideológico ou social, às vicissitudes que mais lhe são rentáveis e necessárias à manutenção do *status quo*.

Desse modo, Tooge (2009, p. 105) pontua que “menos política e mais sensualidade povoam assim a imagem do Brasil. O “engajamento socialista” é um exótico “tortuoso”, enquanto Gabriela é um exótico “amável e sentimental””. A tradução, nesse caso, em específico, age no sentido de apagar certos traços identitários, culturais e políticos inerentes ao original, em prol de uma exotização agradável ao âmbito da recepção que garante o bom fluxo de leitura e venda. Esse efeito contempla a descrição de domesticação de uma tradução.

Cabe aqui lembrar, segundo Corrêa (2003), que o próprio Jorge Amado disse que as melhores traduções das suas obras são aquelas que ele não consegue ler, pois assim ele não sofreria tanto em ver as transformações. O autor fala exatamente de traços culturalmente marcados que se perdem na passagem de uma língua para outra.

Nesse aspecto, questionamos a parcialidade dos agentes responsáveis pela tradução de obras, a posição dos autores frente a essas transformações em suas produções, a do(s) tradutor(es) em relação a essas escolhas sociopolíticas no processo da tradução, refletindo sobre as possíveis motivações que o(s) leva(m) às estratégias utilizadas. Nos estudos de Tooge (2009) sobre a tradução de Jorge Amado, ela caracteriza esse processo de domesticação de narrativa política de Amado como um processo “metonímico”. Para a autora,

[...] ao nos referirmos ao caráter metonímico com que a obra estava sendo apreendida, não nos limitamos, no entanto, às escolhas dos tradutores. Parcialidade surge também em função do esforço dos agentes de tradução encarregados de tornar a obra aceita dentro de uma comunidade extremamente

resistente às idéias de um escritor que havia se vinculado, por muito tempo, a ideologias que ela aprendera a rejeitar em função das políticas governamentais. Vale ressaltar, contudo, que tal fenômeno não aconteceu unicamente nos Estados Unidos. Devemos ainda lembrar que “metonímia” não quer dizer “inverdade” – pelo contrário, o exotismo realmente existe em abundância na obra amadiana. Foram os parâmetros de aceitação e adequação da obra traduzida e inserida em um novo sistema cultural, político e literário que definiram a parcialidade da apreensão. (TOOGE, 2009, p. 107).

Assim, considerando a tradução como um “poderoso instrumento para a construção de representações de culturas estrangeiras [...]” (PEDREIRA, 2001, p. 40), podemos ver que a influência da recepção de uma obra sobre uma cultura não fictícia pode atravessar as barreiras do mundo literário, pois,

[...] após o sucesso de Gabriela, a menção à Bahia como sítio turístico começava a surgir na mídia americana, como ficou exemplificado no *The New York Times* de 11 de abril de 1965, no qual se lia que Salvador, a primeira capital do Brasil, estava sendo “redescoberta” pelos turistas. As imagens do paraíso tropical e da mulata sensual eram palatáveis e de fácil assimilação, posto que já existentes e outrora bem aceitas. (TOOGE, 2009, p. 98-99).

Desse modo, podemos concluir que a obra amadiana, em língua inglesa – com tradução única –, foi um *best-seller*, apesar da domesticação da narrativa sociopolítica de Jorge Amado. Não saberemos o porquê, com plena certeza e precisão, de haver apenas essa versão de tradução no mercado literário, mas podemos compreender, de acordo com os estudos confrontados aqui, que é essa versão que fez sucesso nos Estados Unidos praticamente por ser uma versão “agradável”, por todos os apagamentos e desvios já explicitados. Talvez essa seja uma das razões para que essa única versão ainda se perpetue no mercado, pelo seu bom retorno de recepção mercadológica literária.

Entretanto, este estudo ainda se preza a analisar, a partir de cada marcador cultural traduzido na obra, os desafios de tradução enfrentados pelos tradutores, a fim de discutir possíveis soluções ou respostas às problemáticas da representação cultural na tradução. Para a fundamentação da análise, esse estudo se baseia em uma abordagem teórico-metodológica que será abordada na próxima seção.

3 REPRESENTAÇÃO CULTURAL NA TRADUÇÃO: CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa, foi feito um estudo bibliográfico acerca de assuntos que contemplam teorizar as possíveis respostas para nossas questões apresentadas na Introdução. Desse modo, nessa seção, serão apresentadas discussões que fomentam caminhos teóricos e metodológicos para a análise da tradução de *Gabriela, cravo e canela*, de 1958, para o inglês, unicamente, em 1962.

Abordamos discussões analíticas de aspectos da obra com embasamento de teoria sobre os temas: o léxico e a lexicografia bilíngue; a concepção de glossário; os domínios culturais; os marcadores culturais; as modalidades de tradução; estratégias de tradução; a cultura na tradução; a edição de textos e a crítica textual na tradução; e sobre a linguística de corpus. Na sequência tais tópicos são abordados a partir das perspectivas dos estudiosos especialistas nessas áreas.

3.1 O LÉXICO, A CULTURA E A TRADUÇÃO: CONCEITUAÇÃO BÁSICA

Cada nação possui características próprias que as definem. Ao assegurarmos que somos brasileiros, confirmando uma identidade nacional, estamos afirmando que fazemos parte de uma nação com todas as suas peculiaridades, mesmo nem todas sendo de fato a nossa realidade particular. Se afirmar brasileiro é acolher o samba, o futebol, o espírito praieiro, entre outras marcas que definem o Brasil para o mundo. Silva (2012, p. 79) exemplificou bem essa questão ao mencionar que

[...] a declaração de identidade “sou brasileiro”, ou seja, a identidade brasileira, carrega, contém em si mesma, o traço do outro, da diferença, - “não sou italiano”, “não sou chinês” etc. A mesmidade (ou a identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença).

O mundo, em sua expansividade de nações e línguas, possui algumas ferramentas que facilitam a difusão do conhecimento. Dentre essas possibilidades, temos a tradução, que consegue importar escritas de uma língua para outra, em uma versão que seja compreendida pelo receptor. Esse procedimento possui grande peso no mercado e se torna fundamental para diversos campos. Conforme conceitua Francis Aubert (1998, p. 99),

[...] a tradução, como qualquer outro ato de comunicação, de qualquer tipo ou natureza, é algo que ocorre entre indivíduos e entre grupos sociais. A tradução é, também, algo que tem lugar entre culturas, ideologias e visões de mundo distintas. A tradução é, ainda, algo que se passa de forma ininterrupta no mercado, envolvendo, em termos econômicos, uma mais-valia de vários U\$\$ bilhões ao ano, em escala mundial. A tradução é, a evidência, algo que se faz com textos e com discursos. E por fim, a tradução é algo que se expressa em orações, sintagmas e palavras. (AUBERT, 1998, p. 99).

O ato tradutório sempre envolve mais de uma língua e, por formação, cada língua tem o seu léxico, que consiste no registro da própria cognição e categorização do universo, a partir das experiências existenciais dos falantes, tornando-as singulares e diferentes umas das outras. Podemos considerar que o léxico é o dicionário orgânico e natural de uma língua, onde são agrupados e definidos todos os seus sentidos de objetos mentais. De acordo com Rey-Debove (1984, p. 46), os americanos empregam o uso de *dictionary* (dicionário) para se referir ao léxico:

Essa correspondência entre a existência de duas descrições e o funcionamento duma língua foi sublinhada pelo emprego que os norte-americanos fazem de *dictionary* e *grammar* para designar os dois componentes duma língua, para o quê nós dizemos léxico e gramática. O léxico duma língua seria o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjunção da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua.

A tradução precisa recorrer sempre a uma relação entre os léxicos para passar a mensagem pretendida. Nesta pesquisa, ilustramos essa relação no caso analisado: a tradução de uma obra regional do nordeste brasileiro para a língua inglesa, especificamente no aspecto cultural registrado em *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado. A protagonista dessa obra é descrita como uma envolvente cozinheira nata da culinária local, traço que influencia no constante aparecimento da cultura baiana no enredo.

Sabemos que nem sempre haverá uma tradução literal que contemple a cultura do outro, visto que as línguas, como a língua portuguesa e a inglesa, possuem léxicos construídos a partir de vivências distintas. Por exemplo, o registro da lexia ‘Acarajé’ na língua portuguesa é feito a partir da vivência afro-brasileira, que a língua inglesa não tem e, por consequência, não a registra em seu léxico. Segundo Biderman (1998), em seu estudo sobre a dimensão da palavra, o léxico tem a capacidade de registrar a língua usada em sociedade com toda a sua particularidade cultural, que diz respeito a valores, crenças e costumes.

Para essa autora, o léxico é “um conjunto de representações, isto é, de objetos mentais que se consubstanciam nas palavras que esse indivíduo domina e das quais ele se serve”

(BIDERMAN, 1998, p. 90-91). A unidade do léxico é a *lexia*, que se cristaliza em signos linguísticos como palavras.

Assim, consideramos as palavras como signos linguísticos que nomeiam e etiquetam o léxico de uma língua. De acordo com Biderman (1998, p. 88), “é a partir da *palavra* que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas”. Por exemplo: a palavra *arroz* etiqueta a *lexia* que representa um alimento típico do prato brasileiro. Para traduzir, não seria complicado, pois é um alimento comum, também, em diversas culturas pelo mundo, inclusive no oriente, como no *sushi* do Japão, mesmo se localizando tão distante. Já com palavras que etiquetam alguma *lexia* culturalmente específica, de algum aspecto único de uma região, não seria tão simples assim.

Na problematização do nosso estudo, pontuamos que houve apenas uma tradução do nosso *corpus* – o romance *Gabriela, cravo e canela*, de 1958 – para a língua inglesa. Com esse fato, consideramos que o distanciamento entre o léxico do português e do inglês pode proporcionar uma análise de tradução lexical de cultura, quando analisamos os desafios do tradutor mediante a única tradução vigente por décadas. Para Biderman (1998), traduzir *lexias* culturalmente marcadas,

[...] trata-se apenas de uma aproximação, visto como as expressões idiomáticas exprimem características típicas de uma dada cultura. Exemplos de expressões idiomáticas do português praticamente intraduzíveis são quebrar um galho, dar um jeitinho, ambas de sentido muito semelhante, exprimindo aspectos típicos de nossa cultura brasileira em que se procura contornar tudo aquilo que não é contornável. Creio que não é possível exprimir corretamente o significado dessas expressões nem em inglês, nem em francês. Talvez em nenhuma outra língua. (BIDERMAN, 1998, p. 99).

Sabemos que a língua não é homogênea e pode variar em diferentes níveis, tendo o nível lexical apresentado muitas variações, conseqüentes de fatores socioculturais, econômicos, geográficos etc. do falante, de tal modo que determinada região pode ser identificada a partir das suas *lexias* em uso (BIDERMAN, 1998). Assim, consideramos que o léxico “constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7). Em razão das diferenças culturais aparentes, o tradutor pode modificar as *lexias* no texto fonte, com risco de omitir aspectos específicos. Se isso acontece, a realidade de um povo é divulgada de forma distorcida apenas no ato de tentar traduzi-la.

A personagem principal do romance exhibe na *diegese* pratos regionais afrobrasileiros como *caruru*, *vatapá*, *acarajé* etc., que são *lexias* culturalmente marcadas da Bahia. A presença dessas *lexias*, que possuem significados próprios, obriga o tradutor a optar por uma estratégia

de tradução: como se traduzir “*abará*”, lexia que nomeia prato típico da Bahia, para um falante de inglês que não o conhece, sem perder o valor cultural representado?

A lexicografia bilíngue é uma área que possui relação com a tradução, permitindo a análise do léxico por meio de contraste entre línguas, como neste estudo. Nesse cenário, constata-se que

[...] a moderna lexicografia bilíngue tem apresentado diversas inovações que auxiliam o estabelecimento de associações e a descoberta de aspectos pragmáticos relacionados com o léxico, pois oferecem contextualizações e mais uma série de informações especialmente elaborados tendo em mente dificuldades do aprendiz de LE (WORSCH, 1999; BINON, VERLINDE e SELVA, 2003 apud XATARA; RIOS, 2009, p. 246).

Desse modo, a lexicografia bilíngue torna-se fundamental para o processo de análise de um léxico traduzido, como nesta pesquisa: lexias da língua portuguesa usadas na Bahia que foram traduzidas para o inglês, de forma contrastada. Todas essas são questões culturais que atravessam uma sociedade, materializam-se na linguagem e revelam a cultura peculiar por meio das lexias impressas em palavras. Nesse sentido, à continuação, detemo-nos a refletir sobre essa relação entre língua e cultura.

3.1.1 A cultura na língua: vias de materializar concepções individualizadas do mundo

A língua carrega traços que definem e caracterizam o seu povo falante. Em obras regionais, os autores conseguem registrar a língua em uso, a partir de lexias que fazem parte da cultura, como, por exemplo, a nomeação da culinária local vista anteriormente. Primeiramente, precisamos localizar e definir o termo *cultura* para entender melhor essa “relação cultural” com a língua. Sob a perspectiva do fundador da antropologia estruturalista, Lévi-Strauss (1963, apud SEABRA, 2015, p. 67), a cultura

[...] pode ser considerada um conjunto de sistemas simbólicos, dentre os quais estão situados a linguagem, as relações econômicas, a arte, a ciência e a religião. Para ele [Lévi-Strauss], todos esses sistemas visam a expressar certos aspectos da realidade física e social e, mais ainda, as relações que os dois tipos de realidade mantêm um com o outro e, também, as relações que os sistemas simbólicos mantêm entre si.

De acordo com Lévi-Strauss, vemos que a *cultura* é um conjunto que engloba aspectos de uma realidade física e social e, assim, automaticamente, engloba também as línguas, pois

elas são parte da sociedade. Nesse aspecto, vemos que a cultura tem relação intrínseca com a língua humana. Para Oliveira e Isquierdo (1998, p. 07), o léxico de uma língua é o “acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural”. As autoras afirmam que esse nível da língua

[...] é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade.

Desse modo, podemos afirmar que as lexias conseguem representar a identidade cultural de uma determinada nação falante. No caso específico para esta pesquisa, ao pensarmos na tradução de lexias do contexto baiano, indagamos sobre a possibilidade de o tradutor optar por modificá-las na língua alvo por julgar ser essa uma melhor adaptação do que não se tem na cultura do outro. Essa ação refletiria, diretamente, na percepção do leitor dessa língua de chegada, ao certo que modificar uma lexia cultural é, também, modificar a representação da cultura inserida nela. Como vimos no estudo de Oliveira e Isquierdo (1998), o léxico de uma língua carrega traços descritivos de uma sociedade.

Com o desenvolvimento da Antropologia Linguística, os estudos em Lexicologia também procuram retratar o léxico junto à cultura e à sociedade. Por esse viés, tentamos localizar a cultura na língua, a partir das definições de cultura em que o léxico mais desempenhe um papel evidenciado. Matoré (1953), na metade do século vinte, já refletia sobre essa questão, ao discorrer a respeito da nomeação do ser humano sobre as coisas, em que o indivíduo representa a realidade da sua sociedade através de signos linguísticos, assim constituindo uma relação do léxico como patrimônio cultural do falante, pois,

[...] considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de cristalizar conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multiseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época, *mots-témoins*. (MATORÉ, 1953, p. 16 apud SEABRA, 2015, p. 73).

Com base nesse estudo de Matoré (1953), que considera o léxico da língua como armazenador da cultura do seu povo falante, podemos, então, conceber a língua como fator cultural, assim como Aubert (2006) também considerou, visto que ela representa a vivência de uma cultura específica por várias gerações, categorizada em diversas lexias que se cristalizam em palavras. Podemos pensar que um preparo específico de vísceras, nomeado com a lexia *sarapatel*, mantém-se de geração em geração como parte da identidade daquele povo que o consome sob esse mesmo preparo.

O sarapatel não é consumido por todo o Brasil. Desse modo, alterar essa lexia em uma tradução, também altera, diretamente, parte de uma história local que não é fictícia. Como afirma Lenneberg (1975, p. 374 apud BIDERMAN, 1998, p. 91), “um léxico é como uma fotografia que congela o movimento.” Nesse caso, pensando de forma ética, as estratégias de tradução precisam dar conta de levar essas lexias para o outro (o estrangeiro, o de fora), de forma que não desrespeite aquela representação cultural. Em *Gabriela, clove and cinnamon* (2006), o sarapatel (prato cultural preparado com sangue e vísceras, como fígado etc.) foi adaptado para outro prato, a tripa ‘*tripe*’, prato cultural com sinonímia nos Estados Unidos, preparado, exclusivamente, por intestinos cortados do animal, configurando-se essa estratégia em uma domesticação dessa lexia para a cultura do outro.

Quadro 3 - A tradução do Marcador Cultural ‘Sarapatel’

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)
“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel , feijoada, moqueca de peixe. [...]” (AMADO, 2006, p. 54).	“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe , fish stew, and black beans with pork and sausage. [...]” (AMADO, 1988, p. 74).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No Quadro 3, podemos observar que o MC ‘Sarapatel’ é traduzido como *tripe* (tripa) em uma narrativa de agrupamento de comidas típicas servidas na sociedade baiana, especificamente em barracas de feira. Desse modo, a domesticação do MC omitiu o fato da iguaria sarapatel, preparado de forma diferente da tripa (*tripe*), existir no contexto social comum de Ilhéus da Bahia naquele período datado.

A antropologia é a ciência que estuda o ser humano como ser cultural e social, tornando-se um campo deleitoso para entender a cultura no nível lexical. Duranti (2000), segundo Seabra (2015, p. 67), justificou que os estudos da língua inserida no universo cultural se situam na antropologia, porque ela “examina a linguagem através do prisma dos interesses desta ciência, entre os quais estão: a transmissão e a reprodução da cultura, como também a sua relação com outras formas de organização social.” Desse modo, vemos que a linguagem – uma língua em si

– ultrapassa fronteiras de áreas de conhecimento e se consagra como parte inerente ao existir mesmo das pessoas e comunidades.

Assim, sabendo que o indivíduo transmite a sua cultura com a sua organização social, podemos considerar que os traços culturais do léxico da língua dele também exerceram essa conduta de aquisição, sendo transmitidos a partir das vivências da comunidade de fala. Biderman (1998) discute essa questão, pontuando “a geração do léxico”. Nesse processo espontâneo, as gerações de uma língua mantêm a cultura registrada e guardada em seu léxico – logo, cristalizado nas palavras. Esse fato remete-se, novamente, ao exemplo citado da omissão constatada na tradução domesticada do prato *sarapatel*. Uma geração lexical também seria omitida, junto com a vivência de uma cultura.

Biderman (1998) considera que esse processo de aquisição cultural da língua acontece na educação social do indivíduo, na qual o falante-aprendiz usa a língua como um produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Para a autora, a transmissão do repertório lexical de geração em geração, através da educação informal e formal, “exerce papel importante na categorização/conceptualização do universo, ao fornecer ao indivíduo um estoque de nomes já codificados nessa cultura.” (BIDERMAN, 1998, p. 103).

De acordo com Biderman (1998), a língua é como um estoque de aspectos culturais que formam a identidade de um povo e são conservados por diversas gerações linguísticas por meio das lexias. Os traços culturais na língua variam conforme a cultura, fazendo assim cada língua ser diferente, a partir do seu processo de aquisição do conhecimento do universo. Biderman (1998) defende esse ponto, salientando que existem diversos sistemas lexicais de inúmeras línguas naturais (vivas ou mortas), ou seja, cada língua possui a sua própria realidade de cognição porque “a conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não coincidentes.” (BIDERMAN, 1998, p. 92).

Em *Gabriela, cravo e canela* (2006), os aspectos socioculturais da Bahia são representados por lexias que estão em uso até hoje por alguma razão: ainda fazem parte da sociedade. São representações de histórias, gerações e diferenças inseridas no léxico que marcam o povo falante e os caracterizam. O *acarajé*, por exemplo, já é considerado patrimônio nacional, de acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o qual se refere ao prato como um “bem cultural de natureza imaterial”, assim representando a Bahia e sua identidade em um país de tamanho continental.

Nesse aspecto, na próxima seção, este estudo tenta compreender o que é a identidade no contexto da tradução e como ela se relaciona com os marcadores culturais.

3.1.2 Identidade e diferença na tradução: lexias traduzidas

Quando reconhecemos a cultura do outro, estamos delimitando características que fazem o indivíduo ser reconhecido como pertencente dessa determinada cultura. Essas características são marcadas pela diferença notada nas vivências cotidianas. Certamente não é coerente reconhecer uma cultura alheia apenas no contato de seus aspectos comuns em relação as próprias experiências diariamente vivenciadas, como, por exemplo, o fato de saber que a comunidade consome *comida*. Todo ser humano necessita consumir *comida*, essa é uma necessidade fisiológica. Assim, essa lexia não caracteriza, necessariamente, uma cultura específica, porque ela engloba a todas as comunidades humanas. Mas, se determinado povo revela que consome, especialmente *comida gelada e sem tempero*, marca-se nesse ponto a sua diferença: um traço específico da sua cultura. Em *Gabriela, cravo e canela* (2006), um dos traços específicos da cultura descrita é representado pela culinária regional, como o MC ‘Abará’ que representa um prato de origem africana, com influências do candomblé, que é uma religião da cultura afro-brasileira. No Quadro 4, é possível visualizar a culinária cultural na narrativa do romance.

Quadro 4 - Contexto da obra *Gabriela, cravo e canela* (2006): Marcadores Culturais da culinária regional

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)
“[...] uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... Acarajé, abará, doces, moquecas e frigideiras de camarão , isso só mesmo Maria de São Jorge... [...]” (AMADO, 2006, p. 52).
“[...] um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés , os abarás , os bolinhos de mandioca e puba , as frigideiras de siri mole , de camarão e bacalhau , os doces de aipim, de milho . Tinha sido idéia de João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 2006, p. 43).
“[...] outro, ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras . [...]” (AMADO, 2006, p. 153).
“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata o mistério de ouro do vatapá . A festa começava. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Os aspectos que são diferentes para nós na cotidianidade do outro expõem, automaticamente, uma identidade própria desse outro. Para Silva (2000, p. 81), “onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder.” Para o autor, essa afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, às operações de incluir e de excluir, pois:

[...] dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer

distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. (SILVA, 2000, p. 82).

A identidade sempre carrega o sentido pronominal de “nós” e o possessivo “nosso”. Silva (2012) afirma que o processo de classificação é central na vida social. Ao pensar nas lexias culturais de uma região, traduzidas para outra língua, devemos levar em consideração como esse processo de pertencimento e poder são mantidos, já que estes afirmam uma identidade. Venuti (1995) apontou duas estratégias de tradução que lidam com essas diferenças entre culturas. Uma delas é a *estrangeirização*. Nela, opta-se por não traduzir a lexia cultural, de forma a levar a diferença para a língua traduzida. A outra é a *domesticação*. Ao ser usada faz-se uma adaptação da lexia, causando mais comodismo para o receptor. Ao longo deste estudo essas diferentes estratégias de tradução serão mais amplamente discutidas.

Para ilustrar esses conceitos de estratégias de tradução, analisaremos um recorte do contexto do romance em que o marcador cultural ‘Acarajé’, registrado pela IPHAN como patrimônio nacional, foi traduzido para o inglês em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988):

Quadro 5 - A tradução do Marcador Cultural ‘Acarajé’

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)
“[...] Outro, ainda maior, de acarajés , abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras [...]” (AMADO, 2006, p. 153).	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil , and other tidbits [...]” (AMADO, 1988, p. 204).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De acordo com o recorte de contexto tradutório de *Gabriela, cravo e canela* (2006) no Quadro 5, podemos ver que o tradutor aplicou a estratégia de *domesticação*, sob modalidade de explicitação, traduzindo a lexia ‘Acarajé’ no romance em inglês para uma denominação composta pelos ingredientes da iguaria que são comuns na cultura norte-americana: *bean-paste balls flavored with onion and palm oil* (bolas de pasta de feijão temperada com cebola e óleo de palma). Com esse formato domesticado da lexia cultural, os tradutores põem em risco, na tradução, a representação da identidade cultural presente no original ao tentarem passar o segmento textual, carregado de significado cultural, em um formato explicativo/descritivo para que o estrangeiro entenda essa representação como algo de sua cultura.

Nesse caso de tradução do MC ‘acarajé’, o tradutor optou pela domesticação, ao apresentar a lexia por meio de sua descrição no texto traduzido, trazendo itens mais próximos da cultura de recepção. Desse modo, leitores do texto traduzido – alheios à cultura baiana/brasileira – não saberão a respeito de uma das iguarias afro-brasileiras que representa um Estado da nação e que esse se relaciona, religiosamente, com uma divindade, a Iansã.

Consequentemente, toda essa carga ideológica e cultural acaba desaparecendo do texto traduzido pelo emprego de uma estratégia tradutória eleita pelo tradutor. A domesticação de ‘acarajé’ apaga seus vínculos culturais e históricos, registrados oficialmente, e, também, todo o seu preparo especial – no contexto religioso –, omitindo-se, assim, na tradução todo esse contexto social e histórico registrado no significado original da lexia culturalmente marcada.

Ao levarmos em conta as estratégias de tradução abordadas por Venuti (1995), em um exemplo de ética tradutória na obra referida, buscando ao máximo manter os traços culturais carregados nas lexias, caso optassem por manter na tradução a lexia original do prato típico *acarajé*, apresentado pela personagem Gabriela, de forma a *estrangeirizar* o termo, ideologicamente, é mantido também uma representação da identidade e da diferença do povo baiano para os leitores estrangeiros, visto que esse prato caracteriza, fortemente, a Bahia em âmbito de patrimônio nacional, de acordo com o IPHAN.

A razão para domesticar uma tradução pode estar vinculada a diversas questões que, se não explicitadas pelo próprio tradutor, serão, sempre, cogitações possíveis de uma análise da tradução. Os efeitos da aplicação da técnica, contudo, são materializados no texto e podem ser dimensionados pelos estudiosos da tradução, como ocorre nesta pesquisa.

Silva (2012) defende que a identidade e a diferença precisam ser representadas no texto traduzido. Entretanto, manter uma lexia específica, culturalmente marcada, em um texto traduzido a uma língua de outra origem daquela do texto fonte requer a inserção, na tradução, de elementos paratextuais que conduzam o leitor ao conhecimento mínimo necessário à sua compreensão, como as notas de rodapé, os glossários, os prefácios e posfácios, por exemplo. No caso do MC Acarajé, a lexia não possui proximidade com o léxico inglês e sua estrangeirização sem o apoio de elementos explicativos de contexto poderia tornar a lexia ainda mais desconhecida para a cultura do outro. Nesse sentido, na sequência, apresentamos algumas discussões sobre essas possibilidades.

3.1.3 Modelo de glossário para a tradução *Gabriela, Clove and Cinnamon* (1988)

Ao analisar todas as edições lançadas da obra amadiana *Gabriela, cravo e canela* (1958) na tradução para a língua inglesa, verificamos a ausência de um glossário, ou qualquer outro meio paratextual, que possa auxiliar no significado dos marcadores culturais que possuem difícil tradução, como os pratos culinários referentes à cultura afro-brasileira. Não sendo um

padrão da obra, pois, na versão em espanhol, *Gabriela, clavo y canela* (2008)²⁰, as tradutoras apresentam um glossário, justificando a necessidade desse auxílio.

A lexicografia é a área que se dedica à produção de glossários, vocabulários, dicionários, entre outros inventários das unidades lexicais. De acordo com a definição de Barbosa (2001), o glossário difere do vocabulário, pois

[...] o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, nos discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de uma macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semânticosintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas. (BARBOSA, 2001, p. 36).

Ao analisar e inventariar todos os marcadores culturais presentes em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) na seção 4, este estudo fomenta um banco de dados que pode servir para a construção de um glossário bilíngue para a tradução desse romance de Jorge Amado ao inglês, auxiliando os leitores e tradutores da obra com o significado traduzido de lexias específicas. Baseado na análise de Barbosa (2001), para a concepção de glossário, a autora pontua que

[...] o chamado glossário que se encontra ao final de uma obra é, de certa maneira, um vocabulário, já que reúne os vários empregos, ou seja, as várias palavras-ocorrências de um mesmo vocábulo, conquanto sejam essas ocorrências levantadas de um único texto. Por conseguinte, se quisermos um exemplo de palavra ocorrência *stricto sensu*, temos de apresentá-la no contexto definido e exclusivo de uma única atualização. (BARBOSA, 2001, p. 35).

Biderman (1984, p. 139) também expressa seu conceito de glossário que contribui para esse propósito. Ela o define como “relação de palavras, em que se explica o significado das mesmas, para ajudar o leitor na compreensão do texto que lê”. Nesse contexto, para construir o glossário para a obra em estudo de Jorge Amado, tomamos como base a conceituação das autoras. A macroestrutura é constituída por entradas em formato de lista alfabética, na perspectiva semasiológica (A a Z). A microestrutura é composta pelo significado relacionado para cada uma, na direção português-ínglês. Segundo Barreiros (2017, p. 139), “[...] toda microestrutura é composta por duas partes: a enunciativa (a entrada lexical também conhecida

²⁰ AMADO, J. *Gabriela, clavo y canela: crónica de una ciudad del interior*. Tradução de Rosa Corgatelli e Cristina Barros. Nova Iorque: Vintage Español, 2008. Cf. estudo de Silva (2018).

como cabeça do verbete) e a informativa, que traz as informações (semânticas, fonológicas, sintáticas, etimológica, ortográfica etc.).”

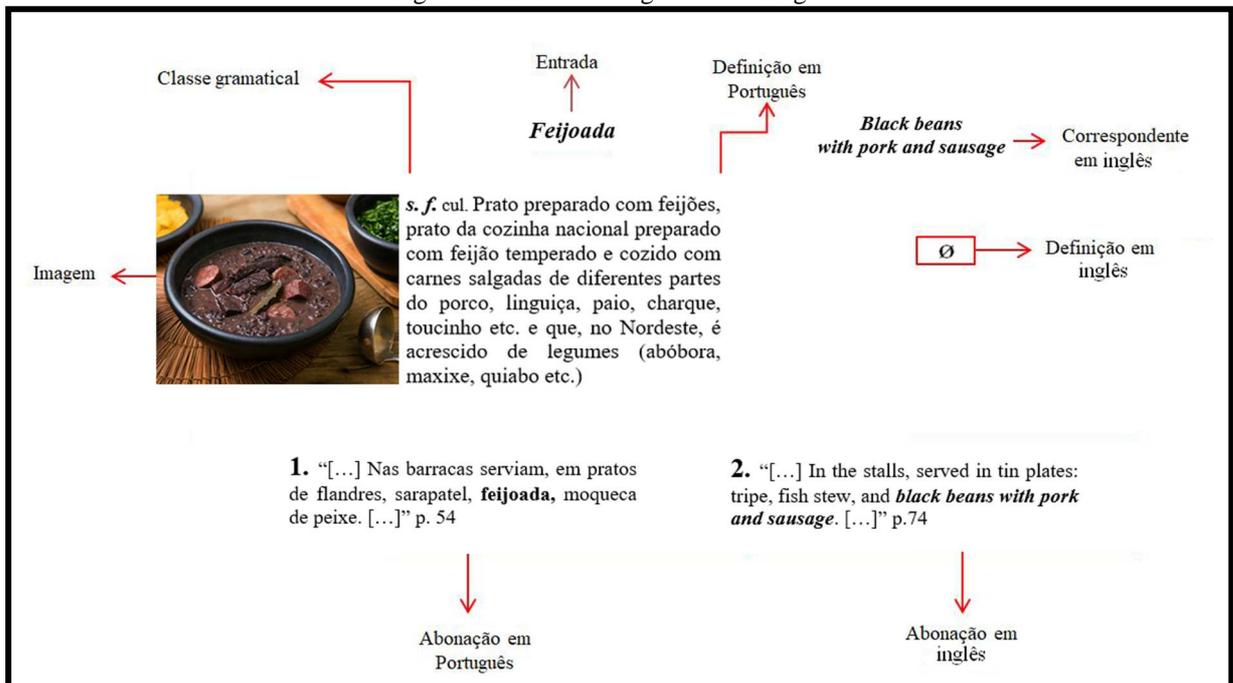
Para a estruturação do glossário, seguimos um modelo padrão, proposto por Vilela (1983, p. 78), usado em nosso grupo de pesquisa de Marcadores Culturais (UEFS) para o glossário da mesma obra em língua espanhola, por Silva (2021), em que a microestrutura é composta por: Entrada + informação (etimológica/ortográfica/fonética/gramatical) + definição (ou explicação) + exemplos (ou aplicação em contextos) que, aqui, serão usados os casos próprios da narrativa da obra em que as lexias tratadas apareceram. As entradas selecionadas para compor o glossário são aquelas pertencentes do léxico gastronômico afro-baiano que sofreram mais apagamento na tradução domesticada da obra.

O modelo vigente foi eleito por se adequar melhor à proposta de glossário bilíngue de obra literária, que consiste no contraste, lado a lado, da tradução e do significado da lexia em contexto da narrativa. Desse modo, o verbete apresenta a entrada lexical constituída pela lexia em língua portuguesa e sua respectiva tradução, de acordo com o *corpus*. Em cada entrada, incluímos a classificação gramatical em itálico, identificando as lexias simples e compostas em substantivos femininos (*S. f.*) e masculinos (*S. m.*), de acordo com os contextos em que estejam inseridas. Em seguida, no corpo do verbete, apresentamos a definição nas duas línguas referidas. Para a escolha da definição, levamos em conta o contexto político-social, abraçando aspectos culturais, históricos e religiosos.

Os exemplos de uso de cada lexia serão apresentados no contexto da narrativa da obra. Esses exemplos são chamados de abonações, que são uma forma de “atestação, por meio de documento, da ocorrência de uma palavra ou de uma acepção numa determinada data.” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 23). Assim, as abonações serão compostas pelo *corpus* desta pesquisa. Numerado em 1 a abonação do *corpus* em português e em 2 a abonação do *corpus* em inglês.

O modelo de estrutura é baseado no glossário bilíngue construído por Bento (2021), em nosso grupo de pesquisa de Marcadores Culturais (UEFS), por melhor se adequar a nossa proposta – desconsiderando apenas a imagem ilustrativa sugerida pela pesquisadora –, como mostramos na figura 2:

Figura 2 - Estrutura de glossário bilíngue



Fonte: Elaborado pelo pesquisador, adaptado de Bento (2021, p. 139).

O resultado dessa ação por nós realizada pode ser visualizado na seção 6 deste estudo e é destinado para todos os pesquisadores de tradução e leitores das obras de Jorge Amado em língua inglesa. Nossa escolha, claro, recai sobre aquelas lexias culturalmente marcadas, aspecto do qual tratamos na sequência deste texto.

3.2 CONCEITO: MARCADORES CULTURAIS E DOMÍNIOS CULTURAIS

Uma língua possui ampla estrutura lexical. Pelo exemplo de Biderman (1998, p. 97), vemos que estruturas lexicais de duas línguas naturais podem, ou não, ter tradução entre elas: o inglês e o português possuem equivalência no arquilexema (hiperônimo) *fruta*, *fruit*. Todavia, o chinês possui um arquilexema que não existe em ambas, o *guo*. Nesse aspecto, reconhecemos os desafios de traduzir lexias que não possuem essa equivalência lexical e sintático na outra língua, por serem culturalmente marcadas e representarem um universo linguístico específico.

As lexias culturalmente marcadas serão aqui consideradas Marcadores Culturais, os quais Aubert (2006, p. 24) conceitua como “traços que remetem a conjuntos de valores, de padrões comportamentais, linguísticos e extralinguísticos.” Já o teórico espanhol Franco Aixelá (1996, p. 56) nomeia os itens que possuem uma carga cultural de “itens de especificidade cultural” (CSIs), ou seja,

[...] cultural-specific items are usually expressed in a text by means of objects and of systems of classification and measurement whose use is restricted to

the source culture, or by means of the transcription of opinions and the description of habits equally alien to the receiving culture (AIXELÁ, 1996, p. 56)²¹.

Nesse estudo, consideramos a denominação de Aubert (2006) desses itens culturalmente marcados, como Marcadores Culturais. Nesse contexto, a proposta de Nida (1945) resultou em uma classificação de domínios para esses Marcadores Culturais. Mais tarde, essa foi revisada por Aubert (1981; 2006), chegando-se a seguinte classificação: (1) Domínio da Cultura Ecológica; (2) Domínio da Cultura Material; (3) Domínio da Cultura Social; (4) Domínio da Cultura Ideológica. Essa revisão tornou-se mais adequada para este estudo, pois o autor considera o ato tradutório de acordo com o conhecimento da cultura investigada, por um viés etimológico. Nesse aspecto, os resultados calculados por base de Domínio da Cultura podem refletir estatísticas sobre tendências específicas de tradução da cultura em *Gabriela, cravo e canela* (2006).

Apesar de Nida (1945) trazer exemplos que ilustram, claramente, elementos pertencentes aos domínios, para Martins e Camargo (2008), de acordo com Nascimento (2018), os autores consideram a revisão de Albert mais rigorosa. Os autores (2018, p. 121) rerepresentaram essa revisão em seus estudos de tradução. A esse contexto de pesquisa nos reportamos ao inserirmos, em nosso estudo, a organização de domínios culturais proposta por eles, podendo ser visualizada no Quadro 6.

Quadro 6 - Os Domínios da cultura

<p>Domínio da cultura ecológica</p> <p>“vocábulos designando seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocabulário não implique em que seja ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem.” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121).</p>	<p>Domínio da cultura material</p> <p>“vocábulos designando objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas.” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121).</p>
<p>Domínio da cultura social</p> <p>“vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sócias e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades linguísticas.” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121).</p>	<p>Domínio da cultura ideológica</p> <p>“vocábulos que designam crenças sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades.” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121).</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em Martins e Camargo (2008, p. 121).

Nascimento (2018), com base em Reichman e Zavaglia (2014), salienta a existência da discussão que diferencia “Marca” de “Marcador Cultural”, enquanto Aubert (2006) os

²¹ Tradução nossa: [...] os itens culturais específicos são geralmente expressos em um texto por meio de objetos e de sistemas de classificação e mensuração cujo uso é restrito à cultura de origem, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente alheios à cultura receptora. (AIXELÁ, 1996, p. 56)

consideram sinônimos. Para as autoras, as designações diferenciam-se ao entender que “as marcas culturais como relações abstratas que se estabelecem espaço-temporalmente entre esquemas culturais mais gerais e esquemas culturais mais específicos, como a relação entre a legislação brasileira sobre o ensino e os sistemas de ensino brasileiro” (REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014, p. 52), enquanto os marcadores culturais são concebidos como “objetos textuais que representam essas relações, como o gênero textual brasileiro histórico escolar ou a terminologia desse gênero.” (REICHMAN; ZAVAGLIA, 2014, p. 52).

Todas essas diferenciações são fatos a serem considerados no ato tradutório. Essa ação dispõe de diferentes modalidades e distintas estratégias para se chegar ao texto traduzido de forma satisfatória, ou não, segundo a consideração da crítica especializada. A esses aspectos da prática tradutória dedicamo-nos na sequência deste estudo.

3.3 MODALIDADES E ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO: OPÇÕES POSSÍVEIS NO ATO TRADUTÓRIO

A organicidade das Modalidades de Tradução mencionadas nesta pesquisa teve início com Vinay e Darbelnet (1958), que propuseram um apanhado de procedimentos técnicos de tradução, organizados em formato de escala, começando pelo grau zero de tradução até o procedimento que mais distanciava o texto original (TO) do texto traduzido (TT). Por conseguinte, esse modelo foi revisado por Aubert (1998; 2006), que objetivou, no seu trabalho de revisão, as soluções tradutórias para a língua pretendida.

A nova reformulação, resultante do empenho de Aubert (1998), categoriza as modalidades em: (1) Omissão; (2) Espelhamento e seus desdobramentos; (2.1) Empréstimo; (2.2) Decalque; (3) Literalidade e seus desdobramentos; (3.1) Transcrição; (3.2) Tradução palavra por palavra; (3.3) Transposição; (3.4) Explicação; (4) Equivalência e seus desdobramentos; (4.1) Implicação; (4.2) Modulação; (4.3) Adaptação; (5) Tradução Intersermiótica; e (6) Erro.

Nessa nova reformulação proposta por Aubert (2006), previu-se a possibilidade da ocorrência da Modalidade Híbrida: quando mais de uma modalidade de tradução é usada por lexia. No quadro 7, podemos visualizar, de acordo com a revisão de Aubert (2006), a descrição de cada ocorrência de modalidade, para ser consultada sob cada marcador cultural traduzido.

Quadro 7 - Modalidades de Tradução revistas por Aubert (2006)

Modalidades de Tradução Revistas por Aubert (2006)
1- OMISSÃO: Ocorre omissão sempre que um dado textual do texto fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no texto meta. [...]. (AUBERT, 2006, p. 64).
2- ESPELHAMENTO: Ocorre espelhamento quando um determinado segmento do texto original recorre no texto traduzido, sem alterações ou com pequenas alterações gráficas e/ou morfosintáticas. Reparte-se em: (AUBERT, 2006, p. 64).
2.1 <i>Empréstimo:</i> Trata-se de um seguimento textual do Texto Fonte reproduzida no Texto Meta com ou sem marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito etc.), [...]. (AUBERT, 2006, p. 64).
2.2 <i>Decalque:</i> Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte, mas que foi submetida certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Meta, [...]. (AUBERT, 2006, p. 64).
3- LITERALIDADE: A Literalidade manifesta-se como um conjunto de soluções tradutórias aparentemente desprovidas de “ruído”, ou seja, em que a passagem do texto original para o texto traduzido faz-se, no seguimento textual observado, de forma direta, valendo-se de soluções configuradoras de uma certa sinonímia interlinguística e intercultural no contexto dado. A Literalidade desdobra-se em: (AUBERT, 2006, p. 64).
3.1 <i>Transcrição:</i> Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (por exemplo, algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte (como frases e aforismos latinos — <i>alea jacta est</i>). [...]. (AUBERT, 2006, p. 64).
3.2 <i>Tradução palavra por palavra:</i> Ocorre sempre que, na comparação entre os segmentos textuais fonte e meta, se observam: (i) o mesmo número de palavras, (ii) na mesma ordem sintática, (iii) empregando as “mesmas” categorias gramaticais e (iv) contendo as opções lexicais que, no contexto específico, podem ser tidas por sendo sinônimos interlinguais, [...]. (AUBERT, 2006, p. 64-65).
3.3 <i>Transposição:</i> Ocorre transposição sempre que um ou mais dos critérios formais para a definição de tradução <i>palavra por palavra</i> deixa de ser satisfeito, ou seja, sempre que ocorrem rearranjos morfosintáticos. [...]. (AUBERT, 2006, p. 65).
3.4 <i>Explicitação:</i> A explicitação representa uma tentativa de assegurar a literalidade semântica, mediante o recurso a construções parafrásicas de diversos tipos, que podem assumir diversas formas: aposto explicativo, nota de rodapé ou de fim, glossário final, e outros recursos (mesmo um prefácio ou posfácio pode exercer o papel de ferramenta de explicação). [...]. (AUBERT, 2006, p. 65).
4- EQUIVALÊNCIA: As modalidades (ou procedimentos técnicos) de equivalência são aquelas em que a atuação, a interferência e a coautoria do tradutor tornam-se mais visíveis. Manifestam-se em diversas formas de deslocamento ou refração semântico-pragmática, e, no limite, levam o texto traduzido – ou segmentos desse – à reescrita interpretativo na óptica da cultura de recepção. São modalidades de equivalência: (AUBERT, 2006, p. 65).
4.1 <i>Implicação:</i> Formalmente, é o reverso da explicitação, em que informações explícitas contidas no texto fonte e identificáveis com determinado segmento textual tornam-se referências implícitas. [...]. (AUBERT, 2006, p. 66).
4.2 <i>Modulação:</i> [...] Registra-se como modulação a solução tradutória que resulta em uma alteração perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha fundamentalmente o mesmo efeito geral de sentido denotativo, no contexto em questão. Dito de outro modo, na modulação expressa-se a “cultura linguística”, o <i>modo de dizer</i> peculiar a determinado complexo língua-cultura, os idiomatismos de expressão, de significado, de conotação. [...]. (AUBERT, 2006, p. 66).
4.3 <i>Adaptação:</i> A principal característica da adaptação reside em ser uma intersecção de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Aqui não é propriamente o estilo, o modo de dizer, a idiomatidade, a “cultura linguística”, enfim, que marca a diferenciação. (AUBERT, 2006, p. 66).
5 - TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: [...] a tradução intersemiótica ocorre, usualmente, nas ilustrações ou vinhetas introduzidas no texto traduzido. Quando essas inexistem, resta, ainda a capa do livro que, de algum modo, propõe uma interpretação ou chave de leitura para a obra que se tem em mãos. [...]. (AUBERT, 2006, p. 67).

6- ERRO: Incluem-se na categoria *erro* tão somente os casos que ultrapassam os limites da adaptação, resultando em troca injustificada de sentidos, [...]. (AUBERT, 2006, p. 67).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, baseado em Aubert (2006).

De acordo com as definições das modalidades de tradução, expostas no Quadro 7, com os resultados da nossa pesquisa, analisamos essas modalidades paralelamente aos estudos de Venuti (1995) e, assim, consideramos uma tradução *estrangeirizada* se esta obter os maiores casos de tradução de marcadores culturais por meio das modalidades do Espelhamento (Empréstimo; Decalque) ou Literalidade (Transcrição; Tradução palavra por palavra; Transposição; Explicitação) por causa da tradução direta do segmento textual com sinonímia interlinguística e intercultural proposta nesses casos.

Consideramos a tradução *domesticada* se esta usar das modalidades da Omissão, Equivalência (Implicação; Modulação; Adaptação) e o Erro para traduzir os marcadores culturais, visto que esses casos demonstram uma tendência do apagamento de traços culturais no segmento textual.

Quadro 8 - Domesticação e Estrangeirização em *Gabriela, cravo e canela* (2006) e sua tradução *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)

Estratégia	Texto fonte	Texto traduzido	Modalidade
Domesticação	“[...] – Oh! – exclamava ante o aroma a exalar-se da galinha de cabidela , da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas. [...]” (AMADO, 2006, p. 133).	“[...] – Ah!” he exclaimed, as he inhaled the aroma from the chicken stew , the jerked beef, the rice, the beans, and the banana compote. (AMADO, 1988, p. 181).	Adaptação (+ transposição)
Estrangeirização	“[...] Nacib tinha pressa, queria acertar o jantar da empresa de ônibus, os tabuleiros de doces e salgados. Sorveu o licor de jenipapo , elogiou os trabalhos do presépio: [...]” (AMADO, 2006, p. 50).	“[...] Nacib was eager to get to the point of his visit. He sipped the genipap liqueur and praised the work on the tableau: [...]” (AMADO, 1988, p. 68).	Transposição

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na próxima subseção, conceituamos os termos *domesticação* e *estrangeirização* na perspectiva de realização de uma análise de tradução.

3.3.1 A domesticação e a estrangeirização: entre o prazer e a realidade

Venuti (1995), em seu estudo “The Translator’s Invisibility: A History of Translation”, cita algumas questões imprescindíveis que surgem para aquele tradutor que reconhece a cultura da língua de origem em suas traduções, que são “O que fazer?” “Por que e como eu traduzo?”²² (VENUTI, 1995, p. 19, tradução nossa). Nesse aspecto, o autor analisa que a tradução que mantém valores etnocêntricos da língua de origem no texto traduzido pode ser considerada como uma *cultural political practice*²³. O romance amadiano que compõe o *corpus* dessa pesquisa, *Gabriela, cravo e canela* (2006), se torna um grande desafio para o tradutor que segue essa “prática política cultural” tradutória, pois, de acordo com nossa análise, foram encontrados 104 registros de *lexias* culturalmente marcadas por traços sociais, ecológicos, materiais e ideológicas, durante toda a narrativa de Jorge Amado e cada caso possui a sua singularidade cultural.

Do contrário, quando a tradução altera os traços culturais da língua de origem, Venuti (1995) analisa como uma “violência” tradutória, medindo-a pelo grau de preservação da cultura de origem ou a sua substituição pela cultura de chegada. Para Venuti (1995, p. 18), a tradução violenta pode substituir traços etnocêntricos de origem, como valores crenças e representações, pela cultura de recepção, para compor uma leitura “inteligível” para o leitor da língua estrangeira. De acordo com ele,

This relationship points to the violence that resides in the very purpose and activity of translation: the reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs and representations that preexist it in the target language, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts. Translation is the forcible replacement of the linguistic and cultural difference of the foreign text with a text that will be intelligible to the target language reader.²⁴

Para Venuti (1995, p. 19), essa violência provocada na tradução é inevitável, como afirma:

²² What to do? Why and how do I translate? (VENUTI, 1995, p. 20).

²³ Tradução nossa: prática política cultural.

²⁴ Tradução nossa: Essa relação aponta para a violência que reside na própria finalidade e atividade da tradução: a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que o preexistem na língua de chegada, sempre configurada em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando produção, circulação e recepção de textos. Essa tradução é a substituição forçada da diferença linguística e cultural do texto estrangeiro por um texto que será inteligível para o leitor da língua-alvo. (VENUTI, 1995, p. 18).

The violence wreaked by translation is partly inevitable, inherent in the translation process, partly potential, emerging at any point in the production and reception of the translated text, varying with specific cultural and social formations at different historical moments (VENUTI, 1995, p. 19)²⁵.

A violência na tradução, a qual altera os valores etnocêntricos da língua de origem, de acordo com Venuti (1995), pode surgir em qualquer ponto de produção e recepção do texto traduzido, variando de acordo com as formações culturais e sociais em diferentes momentos históricos. O autor afirma que o tradutor literário *freelancer* – que traduz por si, sem precisar seguir influências editoriais – sempre exerce uma escolha sobre o grau e direção dessa violência, em qualquer tradução. Essa escolha, segundo ele, tem dado várias formulações no passado e no presente, mas que nenhuma foi tão decisiva como a do filósofo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher em 1813, que reconheceu que há apenas dois métodos de tradução: “Either the translator leaves the author in peace, as much as possible, and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him.”²⁶ (LEFEVERE, 1977, p. 74 apud VENUTI, 1995, p. 19-20). Como vemos, essas estratégias configuram diferentes esferas do ato da tradução, como o tradutor, o autor da obra, e o leitor da outra língua.

Nesse aspecto, seguindo a formulação de Schleiermacher, Venuti (1995) conceituou os dois métodos, respectivamente: a domesticação (*domesticating method*), que reduz os valores etnocêntricos de origem do texto para os valores da cultura receptora, aproximando o autor do leitor, fazendo o autor ser “de casa”. E a estrangeirização (*foreignizing method*), do contrário, que aproxima o leitor ao autor, a partir do registro da diferença linguística cultural, mandando o leitor estrangeiro para conhecer o exterior. De acordo com Venuti (1995, p. 20), a tradução nem sempre se adequará completamente ao texto estrangeiro, assim

Schleiermacher allowed the translator to choose between a domesticating method, an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home, and a foreignizing method, an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad²⁷.

²⁵ Tradução nossa: A violência provocada pela tradução é em parte inevitável, inerente ao processo tradutório, em parte potencial, surgindo em qualquer ponto da produção e recepção do texto traduzido, variando com as formações culturais e sociais específicas em diferentes momentos históricos. (VENUTI, 1995, p. 19)

²⁶ Tradução nossa: Ou o tradutor deixa o autor em paz, o quanto possível, e leva o leitor com ele; ou ele deixa o leitor em paz, o quanto possível, e leva o autor com ele. (LEFEVERE, 1977, p. 74 apud VENUTI, 1995, p. 19-20).

²⁷ Tradução nossa: Schleiermacher permitiu ao tradutor escolher entre um método de domesticação, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua-alvo, trazendo o autor de volta para casa, e um

Venuti (1995, p. 20) afirma que Schleiermacher deixou claro sua escolha pela estrangeirização, por a considerar uma forma ética de se traduzir. Para Venuti (1995, p. 20), a tradução estrangeirizante marca a diferença do texto estrangeiro,

The “foreign” in foreignizing translation is not a transparent representation of an essence that resides in the foreign text and is valuable in itself, but a strategic construction whose value is contingent on the current target-language situation. Foreignizing translation signifies the difference of the foreign text, yet only by disrupting the cultural codes that prevail in the target language²⁸.

Desse modo, o emprego de uma ou outra dessas estratégias implica em resultados bastante diferentes no texto traduzido e na sua recepção na cultura alvo. Venuti (1995, p. 1) considera que um texto traduzido é mais aceito pela maioria se parecer fluente como se fosse um original e não uma tradução, afirmando que

A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers, and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text—the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”²⁹.

Apesar da estrangeirização não seguir a fluência da “tradução aceitável”, a partir da inserção de elementos estrangeiros para o leitor receptor, Venuti (1995, p. 20) ainda sugere essa estratégia como uma escolha ética, considerando-a uma forma de resistência contra “ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations”. Nesse contexto, Widman e Zavaglia (2017, p. 100) consideram que “uma tradução mais fluente parece ser mais confortável para o leitor, ao passo que uma tradução mais estranha pode trazer-lhe certo incômodo.”

método de estrangeirização, uma pressão etnodesviante sobre esses valores para registrar a diferença linguística e cultural de o texto estrangeiro, mandando o leitor para o exterior. (VENUTI, 1995, p. 20)

²⁸ Tradução nossa: O “estrangeiro” na tradução estrangeirizante não é uma representação transparente de uma essência que reside no texto estrangeiro e é valiosa em si mesma, mas uma construção estratégica cujo valor depende da situação atual da língua-alvo. A tradução estrangeirizante significa a diferença do texto estrangeiro, mas apenas ao romper os códigos culturais que prevalecem na língua de chegada. (VENUTI, 1995, p. 20),

²⁹ Tradução nossa: Um texto traduzido, seja em prosa ou poesia, ficção ou não-ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando lido com fluência, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas o faz parecer transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade do escritor estrangeiro ou o significado intencional e essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”.

Uma tradução domesticada do romance *Gabriela, cravo e canela* (2006), visando a fluência do leitor estrangeiro, pode provocar o apagamento de traços que referenciam a cultura baiana datada, cujas peculiaridades são narradas na diegese, visto que é uma das obras de Jorge Amado em que ele trata de referências do candomblé afro-brasileiro, com iguarias, nomes de santos, lugares, objetos e denominações sociais. A personagem Gabriela veio do sertão da Bahia e traz consigo um vasto conhecimento da culinária baiana. Essa configuração da personagem está carregada de traços identitários, históricos, sociais e culturais e registrando em lexias. Entretanto, nem todos as lexias culturais de origem podem ser absorvidas pelo leitor estrangeiro, no qual depende do contexto de ocorrência. Nesse aspecto, Widman e Zavaglia (2017, p. 100) associam a domesticação e a estrangeirização aos princípios de Freud, respectivamente prazer e realidade:

A essas duas situações podemos associar, respectivamente, o “princípio do prazer” (FREUD, 1911), pelo qual se busca uma gratificação sem considerar as consequências, e o “princípio da realidade”, que se caracteriza pelo adiamento ou renúncia da gratificação em função da imposição da realidade, conceitos desenvolvidos por Freud (1911).

Para os casos de modalidades de tradução em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), pontuamos como relevante a análise dos MCs pela ótica dos dois conceitos pontuados por Venuti (1995), estrangeirização e domesticação, pois, de acordo com Maria Tymoczko (2000, p. 34) – que estuda a “tradução resistente” e algumas questões do contexto pós-colonial –, ao criticar Venuti pelo uso de uma “terminologia não unificada, que lhe permite especular e alterar a base de sua argumentação como lhe convém, sem se comprometer com as particularidades”, reconhece que a definição do autor é funcional pois “uma tradução resistente pode ser caracterizada tanto pela estratégia discursiva adotada como pela escolha do texto” (TYMOCZKO, 2000, p. 36). Nesse aspecto, é possível fazer um levantamento paralelo das tendências de domesticação e estrangeirização em cada modalidade de tradução revista por Aubert (2006) e aplicar em nossa análise de tradução dessa pesquisa, com *Gabriela, cravo e canela* (2006), na direção Português-Inglês, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

Ainda no âmbito dos estudos de tradução, leva-se em consideração a possibilidade de alguns Marcadores Culturais serem “intraduzíveis”, isto é, sem equivalentes perfeitos. Corrêa (2003) afirma ser impossível o leitor conseguir vivenciar a mesma experiência sensorial que os próprios conhecedores da realidade extralinguística de uma palavra. Já Ronái (1989, p. 4) observa que o tradutor nem tenta a tradução, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se

de recursos como o grifo, as aspas ou as notas de pé de página. Bhabha (2007) considera esse caso como “estrangeiridade das línguas”. Para ele,

[...] a ‘estrangeiridade’ da língua é o núcleo do intraduzível que vai além da transferência do conteúdo entre textos ou práticas culturais. A transferência do significado nunca pode ser total entre sistemas de significados dentro deles, pois a linguagem da tradução envolve seu conteúdo como um manto real de amplas dobras... ela significa uma linguagem mais exaltada do que a sua própria e, portanto, continua inadequada para seu conteúdo, dominante e estrangeiro. (BHABHA, 2007, p. 230).

Berman (2007) defende que a tradução literal é a estratégia mais adequada para se traduzir um texto literário, pois somente ela permitiria a manifestação da estrangeiridade da obra na tradução, assim julgando antiéticas as traduções etnocêntricas porque “opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (BERMAN, 2002, p.18). Nesse aspecto, a estrangeirização demonstra poder garantir a singularidade etnocêntrica de origem da obra no texto por meio da modalidade de tradução literal.

No caso da obra *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado, à língua inglesa, realizada por James L. Taylor e William L. Grossman, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), identificamos a larga ocorrência de lexias com especificidades culturais na escrita regional do autor no texto de origem, a partir de 104 registros de marcadores culturais. Assim, a partir dos questionamentos dos autores referentes as estratégias de tradução desses casos que envolve a tradução e a cultura, formulamos nossas questões de pesquisa: Qual o grau de domesticação e estrangeirização presente na obra traduzida? Quais os domínios culturais que foram mais traduzidos? Existiu uma tendência de tradução em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)? Quais os efeitos de recepção do texto na língua de chegada?

De acordo com essa relação de literatura e cultura, como acontece nas obras amadianas e aqui estudada, Berman (2007, p. 277) defende que, entre o etnocentrismo e o literalismo, há uma linha divisória que “pode estar o terrível da diferença, mas também sua maravilha; o estrangeiro apareceu sempre assim: demônio ou deusa”. No romance, o MC ‘Sarapatel’ é um caso de “demônio ou deusa” (BERMAN, 2002), podendo estranhar ou surpreender quem o recebe. A partir dele, discutiremos algumas questões acerca da sua domesticação.

Quadro 9 - A definição e tradução do Marcador Cultural ‘Sarapatel’

Sarapatel: “ <i>Cul</i> Iguaria preparada com sangue e miúdos de porco ou de carneiro, com bastante molho e bem condimentada.” (MICHAELIS, 2021).	
<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)

“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel , feijoada, moqueca de peixe. [...]”	“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe , fish stew, and black beans with pork and sausage. [...]”
---	---

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quando se leva o valor cultural de origem por meio da estrangeirização, o leitor receptor, talvez, não esteja familiarizado com um prato preparado com vísceras, ou com a própria forma de denominar o marcador cultural. Se a tradução, por esse lado, decidir domesticar o MC, ela apaga os traços culturais que aquele item representa da cultura na qual o texto fonte foi produzido.

Nesse aspecto, Berman (2007, p. 278) considera a estrangeirização e a domesticação como sendo, ambas, escolhas arriscadas na prática tradutória. Para o autor,

[...] a tradução se situa justamente nessa região obscura e perigosa, na qual a estranheza desmedida da obra estrangeira e sua língua corre o risco de se abater com toda a sua força sobre o texto do tradutor e sua língua, arruinando assim a sua empresa [...]. Mas se esse perigo não for enfrentado, corre-se o risco de cair imediatamente em outro perigo: o de matar a dimensão do estrangeiro. A tarefa do tradutor consiste em enfrentar esse duplo perigo e, de uma certa maneira, em traçar ele próprio, sem nenhuma consideração pelo leitor, a linha divisória.

Esse “duplo perigo”, ao qual o autor se refere, é, certamente uma constante na vida dos tradutores. Berman (2007), no entanto, não considera que a “decisão” entre um ou outro – ou mesmo um certo equilíbrio entre ambas – não depende, em última instância, somente do tradutor, pois outros âmbitos da tramitação de uma tradução têm poder sobre ela também, como, por exemplo, o editor, a editora, o mercado consumidor, a ideologia por detrás de determinada tradução, entre muitos outros fatores impactantes que podem determinar a natureza estrangeirizada ou domesticada de uma tradução.

No caso em estudo, vemos que a lexia “sarapatel” como marcador cultural foi, também, domesticada em processo de adaptação para *tripe* (tripa). Esse caso, em específico, merece uma observação no processo de identidade cultural preservada por meio desse prato. A “tripa”, com foi adaptado, apesar de existir em culturas falantes do inglês, é uma lexia da língua portuguesa para representar um prato diferente do sarapatel, no qual se consome apenas o intestino do animal, diferindo-se, ligeiramente, dele, que é preparado com todas as vísceras.

Widman e Zavaglia (2017) reconhecem que a domesticação, aparentemente mais “agradável” à recepção do leitor estrangeiro, pode acabar subjugando o texto fonte, ao se deixar de lado a estrangeiridade, e que, essa última, no movimento estrangeirizador, solidariza-se com o princípio da realidade, porém proporciona uma leitura menos “palatável” no contexto

imediatamente em que a “gratificação da recepção é adiada e não subordinada culturalmente às forças hegemônicas.” (WIDMAN; ZAVAGLIA, 2017, p. 100). Evidencia-se, assim, um dos traços mais relevantes em se tratando de traduções domesticadas, cujo intento maior é a sua comercialização: fácil aceitação do público leitor alvo.

Já para Martínez (2001, p. 3), a estrangeirização faz parte do processo da tradução de uma obra literária, em que ‘Sarapatel’ poderia ser levado com uma versão “exotizante”. Para ele,

[...] las obras literarias son un parámetro indicativo de la imagen que la cultura receptora tiene de la cultura a la que pertenece el texto original. Una equivalencia formal, una equivalencia orientada a los receptores meta, una versión exotizante... seguido en la traducción se adopta dependiendo de un entramado de circunstancias y propósitos que rodean al texto (la modalidad de la traducción, la finalidad de la traducción, las características del receptor meta, etc.), y es uno de los filtros mediante los que se genera la proyección de esa imagen.³⁰

Consideramos que, no caso de sarapatel e tripa – em que os pratos pouco se diferem no preparo, sendo quase similares, fez-se válida a domesticação usada pelo tradutor em contexto cultural, pois, apesar do preparo do consumo do intestino e das vísceras se categorizarem para pratos diferentes, a estrangeirização da lexia “sarapatel” pediria a reflexão aprofundada do leitor de um contexto cultural que, talvez, ele não conheça, gerando confusão e, até mesmo, interpretações totalmente avulsas, em uma tentativa do leitor de decifrar a lexia em sua leitura na língua de partida. São esses os casos em que o tradutor deve medir as consequências de suas escolhas, estado consciente dos efeitos de sua recepção.

No contexto estadunidense das traduções para a língua inglesa, considerando a forte omissão de MCs em *Gabriela, cravo e canela* (2006), faz-se importante recordar o que Venuti (1992, p. 5) aponta sobre o uso das estratégias tradutórias, pois

[...] fluent strategy performs a labor of acculturation which domesticates the foreign text, making it intelligible and even familiar to the target-language reader, providing him or her with the narcissistic experience of recognizing his or her own culture in a cultural other, enacting an imperialism that extends the dominion of transparency with other ideological discourses over a different culture. Moreover, since fluency leads to translations that are

³⁰ Tradução nossa: [...] “As obras literárias são um parâmetro indicativo da imagem que a cultura receptora tem da cultura a que pertence o texto original. Uma equivalência formal, uma equivalência orientada para os receptores alvo, uma versão exotizante... seguida na tradução é adotada dependendo de uma rede de circunstâncias e propósitos que cercam o texto (a modalidade da tradução, o propósito da tradução, as características do receptor alvo, etc.), e é um dos filtros através dos quais a projeção dessa imagem é gerada. (MARTÍNEZ, 2001, p. 3).

eminently readable and therefore consumable on the book market, it assists in their commodification and contributes to the cultural and economic hegemony of target-language publishers (VENUTI, 1992, p. 5)³¹.

Na percepção de Venuti (1992) sobre a domesticação, ele considera que ela pode ser uma vivência narcísista para o leitor-alvo, submetendo-se à cultura de chegada. Nesse sentido, o autor declara que a fluência concebida pela domesticação, como no caso de “Sarapatel” para (*tripe*), contribui para a hegemonia cultural dos receptores e editores que dirigem as traduções. Essa visão do autor dá-nos uma dimensão das implicações do uso das diferentes estratégias de tradução e os âmbitos envolvidos nela, desde a sua efetiva tradução até o ato receptivo efetuado pelo público-alvo leitor.

Frente a esse embasamento teórico acerca das estratégias de tradução, reconhecemos que o tradutor, no processo de traduzir uma obra literária como a de Jorge Amado, tem a possibilidade de se deparar com um caso que pode ser julgado como “intraduzível”, sendo este refletido na domesticação, como no caso do MC ‘Sarapatel’ – que se torna “intraduzível” pela sua incompatibilidade cultural com a língua inglesa.

Já Ronai (1989), tendo por base Mounin (1963), assegura a possibilidade da resolução dos casos vistos como “intraduzíveis”, alegando que “nem a semântica, nem a morfologia, nem a fonética, nem a estilística, peculiares a determinado idioma constituem obstáculos insuperáveis ao intérprete munido, além do conhecimento seguro das línguas, de cultura [...]” (RONAI, 1989, p. 31). Desse modo, se o tradutor tiver o conhecimento da língua e cultura do MC ‘Sarapatel’, ele conseguirá uma alternativa que lhe possibilite traduzi-lo a outra língua e cultura de uma forma mais próxima do significado do MC na realidade do contexto no qual o texto fonte foi produzido.

Nesse sentido, a função do tradutor torna-se ainda mais delicada, poderosa e decisiva em relação ao olhar à cultura do outro, uma vez que lexias culturalmente marcadas “fazem sentido em determinado complexo língua/cultura, mas fazem outro sentido (ou sentido algum) em outros complexos língua/cultura.” (ALBERT, 2006, p. 25). Afirma-se, assim, a complexidade da tarefa tradutória que, pelo exposto, localiza-se entre dimensões dicotômicas:

³¹ Tradução nossa: A estratégia da fluência realiza um trabalho de aculturação que domestica o texto estrangeiro, tornando-o inteligível e até familiar ao leitor da língua-alvo, proporcionando-lhe a experiência narcísica de reconhecer sua própria cultura em um outro cultural, representando um imperialismo que estende o seu domínio da transparência, com outros discursos ideológicos, sobre uma cultura diferente. Além disso, como a fluência leva a traduções eminentemente legíveis e, portanto, consumíveis no mercado de livros, ela auxilia em sua commodificação e contribui para a hegemonia cultural e econômica das editoras estabelecidas no contexto da língua-alvo. (VENUTI, 1992, p. 5)

dar visibilidade à cultura do outro, produzindo um texto com certas estranhezas para o leitor ou apagá-la, em detrimento de uma melhor e mais fácil aceitação e recepção por parte da comunidade leitora-alvo.

De acordo com Faleiros e Torres (2011, p. 199), “cada tradução parece ser uma concretização do esquema de acordo com prioridades bem determinadas. Cabe ao pesquisador identificá-las. A questão central será a natureza da equivalência.” Assim, entendemos a importância de analisar os MCs e, por resultado, discutir se existe realmente uma natureza da equivalência e refletirmos sobre os impactos que as diferentes estratégias tradutórias têm na recepção do texto pelos leitores da língua meta. Na próxima seção discutiremos até que ponto o tradutor tem autoria na edição dos textos traduzidos para aplicar essas técnicas tradutórias vistas.

3.4 FILOLOGIA: A AUTORIA DO TRADUTOR NA EDIÇÃO DE TEXTOS

Para traduzir o conteúdo de um texto para outra língua, os tradutores buscam estratégias de tradução que elegem melhores para cada situação específica e, assim, deixam marcas autorais em suas versões traduzidas. Nesse sentido, o trabalho do tradutor, na atualidade, tem sido considerado, também, como uma forma autoral, deixando de ser visto como um mero eco ou reflexo do texto fonte, pois na tradução

[...] que é reescrita de uma leitura, o segundo sujeito vai produzir um segundo fenotexto, por mais que se esforce (para ser totalmente fiel ao original) para se “apagar” enquanto sujeito re-escritor, pois carregará – fatal e inconscientemente – para o texto que produz as suas próprias características genotextuais. O TT manifestará, pois, necessariamente, marcas de dois Sujeitos. (RODRIGUES, 1999, p. 135).

Desse modo, compreende-se que a tradução não é um processo automático e as suas variantes dependem das diversas formas pelas quais os tradutores optarem por enunciar o texto em outro idioma. Ela é, também, como expressa Rodrigues (1999), um produto autoral, carregado de peculiaridades que vão além daquelas primeiras, impressas no texto pelo autor, pois – como re-escritor – o tradutor desvela-se no texto da mesma forma que o fez, antes, o autor.

Apesar da tecnologia contemporânea disponibilizar recursos que traduzem textos de forma remota e automática, como o aplicativo popular *Google Translate*³², esses serviços não conseguem dar conta de todos os casos, porque a língua viva apresenta constante variação, impossibilitando que seja sempre previsível pelas máquinas e códigos. Essa variação da língua é orgânica e natural, sendo estudada pelas sociolinguísticas. Mattos e Silva (1999), por exemplo, mapeou o caminho da Linguística Histórica Brasileira e pontuou os estudos relacionados à história da língua portuguesa no Brasil, mostrando a grandiosa quantidade de variações que nela existem.

Por outro lado, a Crítica Textual é um trabalho filológico interdisciplinar e envolve toda área que possui o texto como prioridade, sendo ele o objeto ou instrumento do estudo da área. Nesse aspecto, podemos considerar o tradutor como um filólogo, por, também, ter o texto como prioridade de sua atividade. Silva (2007, s/p.) exemplificou essa relação ao afirmar que “[...] o tradutor é um filólogo, cujo objetivo é preservar (divulgando) a cultura dos povos através dos textos produzidos em suas línguas, não há dúvidas sobre a interligação das duas ocupações (do filólogo ou editor crítico e do tradutor).”

Ainda por essa ótica, Silva (2017, on-line³³) conseguiu ilustrar a relação da filologia com a tradução, trazendo uma reflexão de Mounin (1975, p. 221), contribuindo para a presente análise, ao mencionar que

[...] a Filologia constitui uma pré-edição do texto a ser traduzido (no sentido de que ela traz para esse texto, em suas edições críticas, esclarecimentos quanto às informações não-explicitas por ele veiculadas), assim como uma pós-edição desse texto (no sentido de que ela acrescenta ao original ou traduzido, notas que complementam o acesso às suas significações).

O tradutor mostra o papel ativo de filólogo na tradução ao se responsabilizar pela manutenção de todos os elementos do texto na língua de chegada, como acréscimos de notas, escolha de elementos gráficos auxiliares etc. Quanto ao produto final da tradução, vale ressaltar, de acordo com Sacramento e Santos (2017, p. 150), que “não é possível, numa dimensão concreta e textual, aceitar que os textos possam ser reconstruídos conforme originais, mesmo porque somos sujeitos históricos e transformamos sempre aquilo com que interagimos.” Nesse aspecto, o reconhecimento e a demarcação da autoria do tradutor cancelam a idealização de uma tradução perfeita como produto final, considerando que cada versão traduzida é fruto da

³² Disponível em: <https://translate.google.com/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

³³ Disponível em: <http://www.filologia.org.br/snctet/anais/01.htm>. Acesso em 28 fev. 2021.

interação dos tradutores com o texto de forma não automatizada e pessoal. Sobre autoria de textos, Soares (2017, p. 64) avalia que,

[...] na crítica textual e na atividade editorial, a equiparação da intenção autoral à autoridade textual, a ênfase no texto e a concepção de autor como entidade unitária foram sendo substituídas pela percepção de um processo temporal que compreende etapas como as primeiras revisões do autor, as revisões editoriais, a realização das provas, a publicação, a reimpressão em vida e após a morte do autor. No decurso desse processo é que o significado literário se constrói, resultando das relações entre os elementos do próprio texto e entre este e o leitor e o editor, de acordo com convenções literárias e linguísticas.

Na tradução de alguns gêneros textuais, como literaturas regionais, o tradutor se depara com lexias que carregam um valor social estabelecido e, é nesse momento, que o tradutor precisa executar estratégias como editor de texto que contemplem o sentido de origem dessas lexias na língua do outro. As lexias são denominadas como marcadores culturais e desafiam os tradutores em transferi-las para o mundo do texto em língua estrangeira.

Os mundos existentes no texto e seus sentidos devem ser considerados, que para a língua de origem se estabelece o mundo do texto, estabelecido pelo autor, e para a língua alvo tem-se o mundo do leitor, estabelecido a partir da ação do tradutor. Na próxima seção discutimos sobre esses dois mundos.

3.4.1 O mundo do texto e o mundo do leitor: fronteiras atravessadas pela tradução

Existem diversos gêneros de texto que carregam marcadores culturais em seu conteúdo. Os jornais locais impressos, por exemplo, assumem uma circulação impressa da língua com aspectos culturais, já a escrita de um romance regional registra a vivência de personagens, em uma região determinada, incluindo em sua tessitura todo seu vocabulário, valendo-se da estratégia escritural da heteroglossia, para ambientar a diegese do relato.

Quando romances regionais são traduzidos, atravessam as fronteiras do país de origem e são lidos por outras culturas que precisam dialogar com as representações neles presentes. Nesta discussão, buscamos reconhecer e analisar como um texto pode representar uma cultura a partir de suas lexias e como o tradutor, sendo, também, o editor do texto, pode traduzi-las, levando em questão o mundo do texto e o mundo do leitor.

Ao longo de trabalhos pessoais e coletivos sobre os estudos críticos de textos, Chartier (1991) observou uma questão que subentende essa abordagem e promove uma reflexão histórica sobre o caráter social de um texto: nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos

XVI e XVIII, a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizando novos pensamentos e transformou as relações com o poder. Sobre essa questão histórica, Chartier (1991) considerou pontos que servem de exemplo para circulação de literaturas regionais famosas traduzidas na contemporaneidade, pois

[...] compreendê-la exige um duplo deslocamento em relação às abordagens iniciais. O primeiro situa o reconhecimento dos desvios socialmente mais enraizados nos usos contrastados de materiais partilhados. Mais do que se admitiu por muito tempo, é exatamente dos mesmos textos que se apropriam os leitores populares e os que não o são. Ou porque leitores de condição humilde chegassem a possuir livros que não lhes eram especificamente destinados [...] ou que os livreiros-editores inventivos e avisados pusessem ao alcance de uma ampla clientela textos que circulariam apenas no estreito mundo dos letrados (é o caso da fórmula editorial conhecida sob o termo genérico de *Bibliothèque bleue*, proposta aos leitores mais humildes desde o fim do século XVI pelos editores de Troyes). (CHARTIER, 1991, p. 181).

Nesse contexto, confirmamos que um texto tem o poder de se manifestar sobre um povo e, assim, o processo de tradução é responsável por manter a intenção da língua de partida no texto da língua de chegada. O apagamento dos traços identitários de um texto no processo de sua tradução a uma outra língua e cultura não deveriam, assim, ser visto como um ato normal, sem consequências ou de menor importância. Por detrás desse apagamento existe um projeto, uma ideologia, uma intencionalidade que, certamente, não é inerente ao projeto estético da produção original.

A partir dessa discussão do caráter social de um texto, Chartier (1991) observa, com termos de Raul Ricouer, hipóteses que abordam a existência do “mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Por essa visão, é possível reconhecer a construção do sentido de um texto a partir de dois lados – ou dois mundos. Chartier (1991) define os lados de mundos: texto e leitor, respectivamente, da seguinte maneira:

A primeira hipótese sustenta a operação de construção de sentido efetuada na leitura (ou na escuta) como um processo historicamente determinado cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, os lugares, as comunidades. A segunda considera que as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores (ou ouvintes). (CHARTIER, 1991, p. 178).

Seguindo a hipótese do “mundo do texto”, em um texto a ser traduzido, é preciso considerar a construção de sentidos que o texto de origem carrega em suas linhas. A forma de ler o texto sofre variações de acordo com o leitor, tempo e lugar em que ele está sendo lido,

como, também, carrega um modelo de leitura idealizado por quem o escreveu, a partir da intenção que o conduziu à escrita do texto. Essa dinamicidade dialógica entre texto e leitor acaba sendo potencializada em um texto traduzido, já que nele a interação sempre será entre mais entidades. Essas são, no mínimo, autor, tradutor, leitor. O trânsito entre as vivências de cada um deles e a cultura que os abriga para o estabelecimento de sentidos para o escrito/traduzido/lido é intensificada nesse diálogo intercultural.

Assim, o tradutor tem como papel fundamental a manutenção do amálgama que um texto traz em si para outra língua, contemplando todos os aspectos do mundo do texto em questão, os quais foram intencionados pelo escritor. Um texto escrito no Brasil, por exemplo, não possui o mesmo caráter representacional de um texto escrito nos Estados Unidos, e essas diferenças deveriam ser respeitadas na tradução, em nível intralinguístico e extralinguístico. McKenzie (2005) pontua que, à medida que qualquer obra é reproduzida, reeditada e relida ela assume novas formas e novos significados. Daí advém a potencialidade da escrita e da leitura nas diferentes culturas.

No “mundo do leitor”, diante de um texto traduzido, a atenção do tradutor é para além da manutenção do aspecto semântico do texto, analisando a compreensão da comunidade de leitores da língua de chegada à qual a versão traduzida se destina. Chartier (1994) pontua os contrastes que existem nas comunidades de leitores pelo mundo. Para ele,

[...] os que podem ler os textos, não os lêem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que lêem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas. Contrastes igualmente entre normas de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, usos do livro, modos de ler, procedimentos de interpretação. Contrastes, enfim, entre as expectativas e os interesses extremamente diversos que os diferentes grupos de leitores investem na prática de ler. De tais determinações, que regulam as práticas, dependem as maneiras pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito. (CHARTIER, 1994, p. 179).

Seguindo a reflexão, consideramos que cada leitor de uma determinada língua irá possuir práticas de leitura de acordo com suas vivências e ensinamentos, contrastando-se essa prática entre distintas comunidades de leitores. Isso ocorre porque cada país sustenta uma visão de vida em contexto determinado com sua cultura, construída historicamente. Por essa ótica singular de leitura, o leitor estrangeiro não vai estar habituado com marcadores culturais

empregados por Jorge Amado em seus romances, por exemplo. A manutenção desses MCs toma dois caminhos possíveis: a apresentação ou a omissão da cultura do outro.

Ao se traduzir um texto, com aspecto cultural como *Gabriela, cravo e canela* (2006), deve se atentar ao mundo do leitor que receberá a versão do texto na sua respectiva língua. Isso não significa que esse leitor não precise fazer movimentos em direção à cultura do outro, recebendo um produto “mastigado”, já inserido em seu próprio universo cultural pelo tradutor. Ler literatura traduzida deveria implicar, necessariamente, no pacto de leitura que requer estar apto ao estranhamento, pois, afinal, deveria saber-se, de antemão, que o texto está circunscrito a uma outra cultura. McKenzie (1986, p. 20) afirma que “*new readers make new texts, and their meanings are a function of their new form.*”³⁴ Assim, pontuamos, aqui, que é preciso analisar se os marcadores culturais traduzidos foram submetidos a modalidades tradutórias que apagaram o “mundo do texto” para se adequar ao “mundo do leitor”. Nesse sentido encaminhamos nossa reflexão à continuação, em que discutimos o diálogo entre esses mundos.

3.4.2 A representação cultural em uma obra traduzida: diálogos entre mundos

Para discutir a respeito da representação cultural em um livro traduzido, é necessário entender o que é definido como cultura por autores que a analisam em contextos textuais. Chartier (1990), em seus ensaios, demonstra a franca aceitação da definição de cultura a partir de como C. Geertz a compreende:

O conceito de cultura ao qual adiro [...] denota um padrão, transmitido historicamente, de significados corporizados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as atitudes perante a vida. (GEERTZ [1988] apud CHARTIER, 1990, p. 66-67).

Compreende-se que a cultura, por significar os conhecimentos e atitudes do homem perante a vida – acumulado ao longo da história –, de acordo com a visão Geertz [1988] pode ser encontrada e perpetuada em textos, porque as palavras têm o poder de caracterizar esses aspectos humanos. Nesse sentido,

[...] são práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma

³⁴ Tradução nossa: Novos leitores fazem novos textos e seus significados dados são uma função das suas novas formas. (MCKENZIE, 1986, p. 20).

dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem os estrangeiros. (BARROS, 2005, p. 131).

As práticas culturais citadas por Barros (2005) possuem descrição atenuada em obras regionais como as de Jorge Amado. Em *Gabriela, cravo e canela* (2006), o leitor é imerso no contexto da exploração do cacau do início do século XX, de forma que Jorge Amado explicita todo detalhe daquela sociedade vigente, por meio dos MCs que insere na tessitura da obra. Para Barros (2005, p. 133-134), o livro é

[...] um objeto cultural bem conhecido no nosso tipo de sociedade. Para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas. (BARROS, 2005, p. 133-134).

Dessa forma, o registro sobre comidas, crenças, políticas etc. que envolvem a construção da narrativa de um livro serão representações de práticas de uma cultura existente, pois

[...] as práticas culturais que aparecem na construção do livro são tanto de ordem autoral (modos de escrever, de pensar ou expor o que será escrito) como editorial (reunir o que foi escrito para constituí-lo em livro), ou ainda artesanal (a construção do livro na sua materialidade, dependendo de estarmos na era dos manuscritos ou da impressão). Da mesma forma, quando um autor se põe a escrever um livro, ele se conforma a determinadas representações do que deve ser um livro, a certas representações concernentes ao gênero literário no qual se inscreverá a sua obra, a representações concernentes aos temas por ela desenvolvidos. Esse autor também poderá se tornar criador de novas representações, que encontrarão no devido tempo uma ressonância maior ou menor no circuito leitor ou na sociedade mais ampla. (BARROS, 2005, p. 134).

Com base nessa afirmação de Barros (2005), consideramos que o autor se torna criador de representações, como Jorge Amado, com a inserção dos MCs registrados em suas obras e o tradutor, em seu processo de diálogo entre culturas, tende a apresentar para uma outra cultura o que foi representado pelo autor literário na língua de origem do texto com o qual ele se envolve e o qual translada à cultura de chegada. Nesse sentido, a “representação” torna-se um conceito importante no estudo tanto do texto original quanto no do traduzido. Por isso, a seguir, voltamos a alguns aspectos referentes a esse termo.

3.4.2.1 O conceito de “representação” da cultura

Chartier (1991) analisa o significado de “representação” e a proporção desse conceito, trazendo definições antigas da palavra, a partir do *Dicionário universal de Furetière* em sua edição de 1727, no qual se expressa:

As acepções correspondentes à palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. (CHARTIER, 1991, p. 184).

Para Chartier (1991, p. 184), na primeira acepção, a representação é “o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é”. Ao se tomar essa definição, consideramos que o trabalho do tradutor é substituir uma imagem de uma palavra na língua de chegada que “pinte” a representação de origem como ela seja.

A representação cultural em textos pode ser um desafio de edição para o tradutor, que precisa manusear lexias que carregam uma exposição de uma cultura e colocá-las em diálogo com outra língua, em um “mundo do texto” no qual elas não existem.

Ao analisarmos a representação como a “apresentação pública de uma coisa”, de acordo com a acepção apresentada por Chartier (1991), no *Dicionário universal de Furetière*, é possível interligar esse significado com a representação na tradução: se o tradutor for traduzir uma representação cultural, também irá apresentar a imagem dessa cultura publicamente em outro país, para outro contexto. Assim, a recepção da comunidade de leitor da língua de chegada pode tomar proporções políticas e morais a partir do trabalho do tradutor.

Ainda por esse contexto, Chartier (1991) também observa que essas imagens representadas podem ser totalmente materiais, substituindo o corpo ausente por um objeto que lhe seja semelhante ou não. De exemplo metafórico, ele traz um fato histórico, mencionando que

[...] tais os manequins de cera, de madeira ou couro que eram postos sobre a uma sepulcral monárquica durante os funerais dos soberanos franceses e ingleses ("Quando se vai ver os príncipes mortos, exibidos em seus leitos de morte, só se vê a representação, a efígie") ou, mais geralmente e outrora, o leito fúnebre vazio e recoberto por um lençol mortuário que "representa" o defunto ("Representação diz-se também na igreja de uma falsa urna de madeira, coberta por um véu de luto, em torno do qual se acendem círios,

quando se oficia uma cerimônia fúnebre"). Outras imagens funcionam num registro diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, é "a representação de algo de moral pelas imagens ou pelas propriedades das coisas naturais [...]. O leão é o símbolo do valor, a bolha o da inconstância, o pelicano o do amor materno". (CHARTIER, 1991, p. 184).

O exemplo de representação por Chartier (1991) se compara, diretamente, a forma de tradução da imagem da representação cultural em um texto. Para analisar em caso, trazemos, de novo, como exemplo a tradução do marcador cultural ‘Acarajé’: *bean-paste balls flavored with onion and palm oil* [Nossa tradução: bolas de pasta de feijão temperada com cebola e óleo de palma], presente na tradução de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), de Jorge Amado, traduzido por William L. Grossman e James L. Taylor.

Assim, fazendo um paralelo com o exemplo de Chartier (1994) sobre a representação dos mortos nos funerais dos soberanos franceses/ingleses com bonecos de cera, enquanto na igreja era com o leito vazio, recoberto de um lençol mortuário, indagamo-nos: representar o marcador cultural *acarajé*, registrado como patrimônio cultural, de origem africana, em explicitação da sua receita de preparo como tradução, consegue representar a imagem da iguaria para uma cultura que não a conhece? Os mortos em funerais na discussão de Chartier (1991), representados por diversas formas, ainda continuaram sendo mortos, afinal a morte é universal e comum, já os marcadores culturais possuem significados específicos que representam, ideologicamente, uma cultura específica.

A recepção da representação cultural traduzida tem dois lados: sempre irão existir comunidades de leitores que absorvam a representação cultural traduzida em uma obra, seja por similaridade de cultura, ou por conhecimento extralinguístico. Por outro lado, também sempre irão existir culturas distintas que, por exemplo, não conhecem a importância do acarajé da Bahia, incorporado às narrativas das obras de Jorge Amado, uma iguaria considerada patrimônio cultural e protagonista de uma história de resistência afro-brasileira, que é divulgada para mais de 30 países em romances do autor, considerado um dos mais traduzidos na literatura regional brasileira.

Chartier (1991, p. 184) pontua que “uma relação decifrável é, portanto, postulada entre o signo visível e o referente significado – o que não quer dizer, é claro, que é necessariamente decifrado tal qual deveria ser”. Desse modo, os marcadores culturais, mantidos em textos traduzidos sob vinculação de referências que auxiliem no seu significado, podem contribuir para a recepção compreensiva da cultura de origem. Na próxima seção, discutiremos sobre os elementos tipográficos que podem auxiliar na tarefa de referenciar a especificidade cultural na tradução.

3.4.2.2 Elementos tipográficos para representação cultural: notas de rodapé

Em contextos de tradução, existem *lexias* no texto de partida que carregam uma representação cultural que pode não existir na cultura do texto de chegada, como foi visto com o exemplo da *lexia acarajé*, que foi traduzida com a modalidade explicitação (desdobramento da receita de preparo para denominar a *lexia* em língua estrangeira), tratando-se de uma iguaria regional que não é encontrada fora do eixo Brasil-África. Vemos, pela estratégia aplicada, que os tradutores usam meios que tentam aproximar o sentido específico cultural da *lexia* no texto de chegada.

Assim, sabendo que o tradutor tem o papel de editor do texto traduzido³⁵, consideramos que as edições feitas para representar a cultura são interpretadas pelo leitor da língua estrangeira, de forma manipulada ou não. Chartier (1991) aponta para uma análise em que se exemplifica o mecanismo que manipula os signos que irão produzir uma ilusão e não a fazer com que se conheçam as coisas tais como são. Esse mecanismo é conhecido como “vitrina”. Para desvendar a sua lógica, o autor menciona:

[...] e, se os médicos não tivessem sotainas e galochas, e os doutores não usassem borla e capelo e túnicas muito amplas de quatro partes, nunca teriam enganado o mundo, que não pode resistir a essa vitrina tão autêntica. Se possuíssem a verdadeira justiça e se os médicos fossem senhores da verdadeira arte de curar, não teriam o que fazer da borla e do capelo; a majestade destas ciências seria bastante venerável por si própria. Como, porém, possuem apenas ciências imaginárias, precisam tomar esses instrumentos vãos que impressionam as imaginações com que lidam; e destarte, com efeito, atraem o respeito. (PASCAL, 1957, p. 70-71 apud CHARTIER, 1991, p. 185).

No contexto tradutório, a “vitrina” seria a adaptação do tradutor frente a um marcador cultural “intraduzível”. Entretanto, de acordo com o exemplo de Pascal a respeito dos médicos precisarem vestir borla e capelo para se caracterizarem como médicos, mesmo tendo a “ciência imaginária” adquirida, os marcadores culturais precisam de uma caracterização e contextualização para que haja o seu entendimento na outra cultura, mesmo sendo e representando o que são em suas próprias nomeações. A importância do significado desses marcadores pode ser vista na seguinte observação de Chartier (1991, p. 65):

³⁵ Conferir a seção 3.4 *Filologia: a autoria do tradutor na edição de textos* (p. 59).

A loucura, a medicina ou o Estado não são categorias pensáveis em termos universais e cujo conteúdo seria particularizado por cada época. Por detrás da permanência enganadora de um vocabulário que é o nosso, é necessário reconhecer, não objetos, mas objetivações que constroem de cada vez uma forma original. Como afirma de maneira elegante P. Veyne, cujo comentário aqui reproduzimos: “neste mundo, não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o bispo: as figuras são aquilo que delas fazem as configurações sucessivas, no tabuleiro”.

A partir das omissões dos MCs da culinária baiana presentes na tradução do romance *Gabriela, cravo e canela* (2006) à língua inglesa como *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), constatado por este estudo primordialmente, refletimos sobre o fato de que a escolha pela omissão na tradução pode, também, omitir a representação de uma cultura. No Quadro 10, abaixo exposto, elencamos esses MCs para embasar nossa discussão teórica, em razão de possíveis soluções que contrariem a omissão:

Quadro 10 - Marcadores Culturais omitidos na tradução para o inglês da obra *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado

Marcador cultural omitido	Ocorrência de omissão
Abará	3
Acarajé	1
Baraúna	1
Bolinho de puba	1
Bumba-meu-boi	4
Caapora	5
Caruru	1
Cuscuz	2
Cuscuzeiros	1
Doce de aipim	1
Efó	1
Farinha de mandioca	1
Frigideira	2
Grapiúna	2
Lata de mingau	1
Lata de mingau das baianas	1
Mestre de Angola	1
Moqueca	1
Reisado	4
Tabuleiro	3
Terreiro	1
Umbuzeiro	1
Vatapá	2
Viúva de carneiro	1

Xinxin	1
Conto	2
Acarajés apimentados	1

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base na tradução *Gabriela, clove and cinnamon* (AMADO, 1988).

Ao considerarmos o tradutor como filólogo, desempenhando o seu papel de editor do texto, atentamos à análise de Gumbrecht (2007), referente às edições textuais. Em seu estudo, o autor demonstra a possibilidade de introduzir comentários em uma edição de texto, o que pode auxiliar o tradutor a melhor explicitar o significado anexado de um marcador cultural, evitando a omissão. Para Gumbrecht (2007, p. 57), os comentários têm que se referir a todos os detalhes textuais que auxiliam à compreensão do texto, pois

[...] los comentarios generales proveen comentarios para grandes contextos (“superestructuras”). El comentario general no se limita a la presentación de un estado necesariamente transitorio de la investigación, ni es equivalente al género interpretativo de una “introducción” o un “epílogo”. Tan sucintamente como sea posible, el comentario general presenta los aspectos mayores que abren la comprensión de un texto dado. En este sentido, las “superestructuras” tienen que referir a todos los detalles textuales que son importantes desde determinado punto de vista.³⁶

Gumbrecht (2007) divide e diferencia o comentário da interpretação. Enquanto a interpretação é a identificação de significado de algo, o comentário é a proteção de um sentido, de um ponto de vista. Enquanto a ‘interpretação’ atravessa a superfície textual primária, em busca de significantes (chamando de *profundidad*), o ‘comentário’ apenas é um acréscimo de informação, sendo possível associá-lo e dissociá-lo (*contiguidad*). Nesse contexto, o comentário pode auxiliar na compreensão de textos em processo de tradução que apresentem os marcadores culturais “intraduzíveis”, por 1) não modificar o corpo textual de partida, sendo acrescentado *al margen del texto* e 2) por não ser um fim necessário e servir apenas de apoio.

As notas de rodapé, recurso tipográfico que consiste no acréscimo de notas nas margens do corpo do texto, assemelha-se, inteiramente, ao conceito de comentários proposto por Gumbrecht (2007). Malcolm Coulthard (1991, p. 6) justifica esta técnica, que considera necessária à tradução. Segundo ele,

³⁶ Tradução nossa: [...] comentários gerais fornecem comentários para grandes contextos (“superestruturas”). O comentário geral não se limita à apresentação de um estado necessariamente transitório da investigação, nem equivale ao gênero interpretativo de uma “introdução” ou de um “epílogo”. Da forma mais sucinta possível, o comentário geral apresenta os principais aspectos que abrem a compreensão de um determinado texto. Nesse sentido, as “superestruturas” devem se referir a todos os detalhes textuais que são importantes de um determinado ponto de vista. (GUMBRECHT, 2007, p. 57).

[...] geralmente, o novo leitor ideal tem menos informação de aspectos culturais e o tradutor tem que acrescentar esse tipo de informação, seja glosando expressões ou orações, seja através de notas explicativas, método usado em versões de textos literários modernizados. Às vezes, no entanto, o novo leitor ideal tem mais informação do que o original.

As notas de tradução podem preservar a representação cultural registrada por meio de marcadores culturais no texto de origem, como, também, situar o leitor da língua de recepção a respeito de peculiaridades no texto. Alguns marcadores culturais podem não fazer sentido de forma isolada, por não interagir, de nenhuma forma, com o universo da cultura em que está se apresentado. No caso da iguaria baiana ‘Acarajé’, que apesar de reconhecida pelo IPHAN como patrimônio cultural nacional do Brasil, não possui relação com o léxico do inglês e sua apresentação de forma isolada pode causar estranhamento para o leitor, que poderia não a identificar como pertencente do domínio da cultura material, do léxico gastronômico baiano.

Retornando ao conceito de Venuti (1995) sobre estratégias de tradução, o tradutor tem as vias de domesticar ou estrangeirizar um marcador cultural. Na estrangeirização, o aspecto cultural é mantido e levado ao estrangeiro, enquanto na domesticação é feita uma adaptação para a cultura da língua de partida. Nesse contexto, analisamos que, nem sempre, os marcadores culturais suprimem o significado da sua origem apenas na sua nomeação. De exemplo, novamente, temos os pratos culinários regionais, como o acarajé, que necessitam ser conhecidos como são, em sua complexidade, pelas suas trajetórias de resistência para que tenham significado cultural na língua de chegada, ou que essa cultura seja introduzida, gerada e cultivada na língua de chegada.

Desse modo, as notas de rodapé podem dar conta de assegurar a representação da cultura: de forma literal, com o significado descrito do MC em um espaço paratextual. Chartier (1991, p. 178) pontua que

[...] contra uma definição puramente semântica do texto, é preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável na sua literalidade investe-se de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o pro põem à leitura.

Gumbrecht (2007) pondera a respeito do detalhamento e extensão dos comentários em textos. Nesse contexto, igualamos o comentário às notas de rodapé. Um comentário não tem fim “necessário”, mas, ainda, é um espaço limitado. Para o autor, um comentário “rico” pode ser um comentário ruim, isto é, o excesso pode dispersar a informação contida. Desse modo, de

acordo com o autor, consideramos que as notas de rodapé em tradução exerçam seu papel fundamental de contextualização de significado de marcadores culturais, de forma simples e direta, assim como os comentários, trazendo, dessa forma, a representação cultural para o leitor da língua de partida.

Para analisar uma tradução em todos os seus aspectos, nos dispomos de ferramentas computacionais, a partir da Linguística de *corpus*. Na seção seguinte, abordaremos como realizamos uma pesquisa em tradução com essas ferramentas.

3.5 FERRAMENTAS DE ANÁLISE DE TRADUÇÃO: A LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

Para a realização de uma pesquisa em tradução, são necessários recursos que contemplem agilidade diante de um grande compilado de dados. Desse modo, a base de dados para o desenvolvimento desta pesquisa está organizada e estruturada por meio da Linguística de *Corpus*. Para o entendimento de *corpus*, o maior expoente da área de Linguística de Corpus do Brasil, Berber Sardinha (2000, p. 8-9), conceitua o termo da seguinte maneira:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultado vários e úteis para a descrição e análise.

O tratamento de um material linguístico por meio da Linguística de *Corpus* torna-se recomendado, justamente, pela eficiência desse sistema em trabalhar com grande quantidade de dados e de forma automática, empregando-se, assim, um caminho tecnológico para a análise da linguagem. No nosso caso, a compilação da obra em duas línguas torna-se uma base de dados densa. Desse modo, define-se a Linguística de *corpus* como “[...] um campo que se dedica à criação e análise de *corpora* (plural latim de *corpus*), conjuntos de textos e transcrições de fala armazenadas em arquivos de computador.” (BERBER SARDINHA, 2009, p. 7).

Almeida (2006, p. 156) salienta que “uma das diferenças entre a Linguística de Corpus e a Linguística é o formato do *corpus*, ou seja, os dados devem estar em formato eletrônico”.

A funcionalidade da Linguística de *Corpus* é uma boa aliada para estudos na área de tradução que, também, trabalha com manuseio de *Corpus*, utilizando dois tipos: *corpus* paralelo e *corpus* de referência. De acordo com Camargo (2007), o *corpus* paralelo é o tipo de *corpus* mais adequado para pesquisas em textos literários e tradução, devido a sua possibilidade de comparação do Texto Traduzido (TT) com o Texto Original (TO). Para Dayrell (2012, p. 93),

“[...] um dos principais objetivos do *corpus* paralelo é permitir a observação de padrões lexicais e sintáticos, analisar e avaliar comportamentos tradutórios nas línguas em contraste de maneira simultânea a partir de técnicas de alinhamento destes textos.”

Um *corpus* paralelo, para Nascimento (2018), pode ser bilíngue ou até mesmo multilíngue, a partir da existência de mais de uma tradução de um mesmo texto para várias línguas. No caso desta pesquisa, trabalhamos com um *corpus* paralelo bilíngue. Esse *corpus* é formado pelo livro *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]) e sua versão traduzida para a língua inglesa, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]).

Nesse cenário, define-se o *corpus* paralelo sendo o Texto Original (TO) acompanhado do Texto Traduzido (TT), dispostos para análise e comparação. E, para isso, tem-se o auxílio do *software* WordSmith Tools 7.0, criado em 1996, por Mike Scott.

O software é definido como

[...] um conjunto de programas integrados ('suite') destinado à análise linguística. Mais especificamente, esse software permite fazer análises baseadas na frequência e na co-ocorrência de palavras em corpora. Além disso, ele permite pré-processar os arquivos do corpus (retirar partes indesejadas de cada texto, organizar o conjunto de arquivos, inserir e remover etiquetas etc.), antes da análise propriamente dita. (BERBER SARDINHA, 2009, p. 8).

A utilização desse software agiliza a coleta de dados e possibilita-nos a sua reunião em tabelas, quadros ou fichas, para a confrontação e a análise pretendida. Assim, a seguir, descrevemos a constituição e o manuseio do *corpus* com o software referido.

3.6 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA: PROCEDIMENTOS DE SELEÇÃO

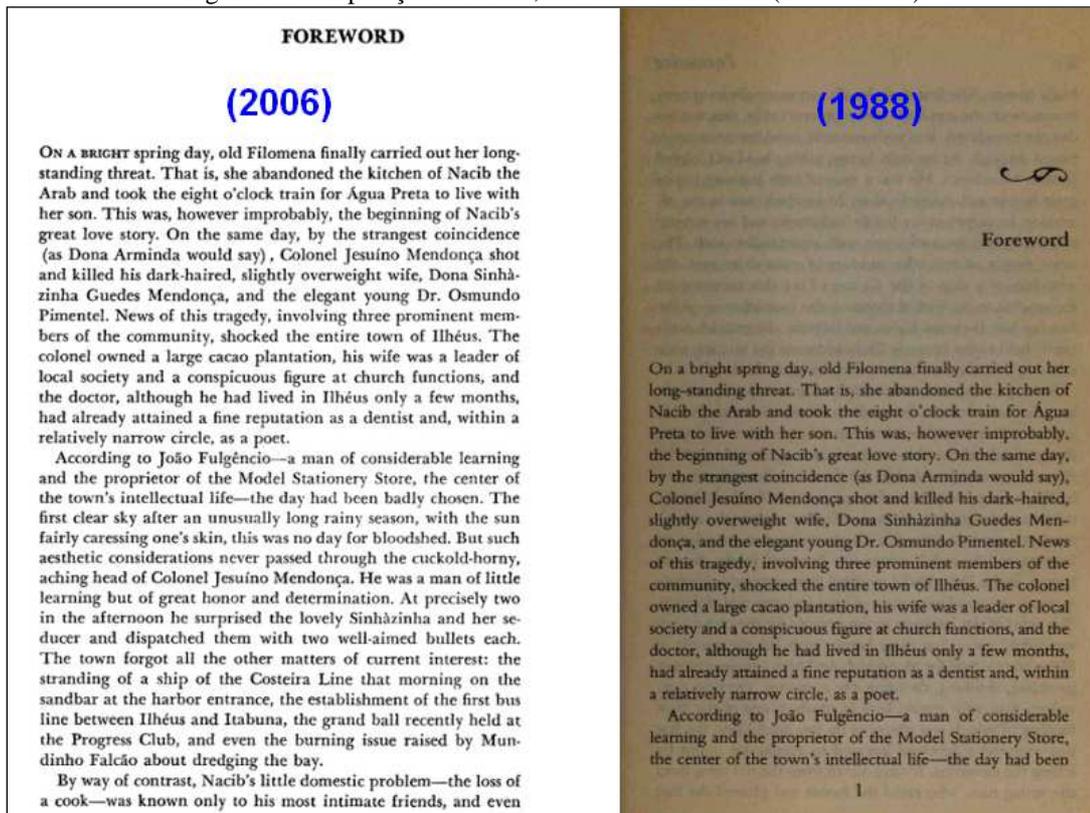
O *corpus* da pesquisa é constituído pela obra em língua portuguesa, *Gabriela, cravo e canela* (2006), e em língua inglesa, *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), visando serem obras alinhadas em seu conteúdo textual para possível confronto da tradução com apoio dos pressupostos da linguística contrastiva. Para este estudo, adotamos a 94ª edição do romance em língua portuguesa, publicado pela editora Record. Essa edição foi escolhida por ser uma contemplação da 1ª e da 68ª edição, a qual foi elaborada por Paloma Amado (filha de Jorge Amado) e Pedro Costa, sob orientação de Jorge Amado, como explicita a figura 3, da nota de edição da obra constituinte desse *corpus*:

Figura 3 - Nota da Edição de *Gabriela, cravo e canela* (2006)

Esta edição de
Gabriela, cravo e canela
 foi preparada para a Editora Record
 por Paloma e Pedro Costa,
 sob a orientação de Jorge Amado,
 pela confrontação dos textos da 1ª e da 68ª edições;
 a indicação das modificações e os dicionários de termos próprios
 estão arquivados na Fundação Casa de Jorge Amado;
 as ilustrações de Emiliano di Cavalcanti foram
 preparadas em CorelDrawn 3.0;
 a composição foi feita em PageMaker 4.0,
 em tipo Adobe Caslon— normal 10/11,5 e outros —
 a partir de texto reconhecido por OmniPage Pro,
 examinado em Word for Windows 2.0;
 entre 1º de março e 31 de maio de 1993.

Fonte: *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006, p. 364).

Em relação à obra traduzida à língua inglesa, adotamos a edição de 1988, publicada pela editora *Avon Books*, tendo seus direitos de tradução reservados a Alfred A. Knopf, de Nova York – Estados Unidos; traduzida em 1962 por James L. Taylor e William Grossman. A escolha dessa edição se deu por ter apresentado menos erros no processo de conversão para o formato eletrônico na etapa de tratamento do *corpus*, e como foi abordado na seção 2, todas as edições lançadas da tradução dessa obra de Jorge Amado à língua inglesa contemplam a mesma versão de tradução. Assim, o *corpus* paralelo com a obra em inglês pode ser confrontado em qualquer edição, por não haver divergências entre o conteúdo textual delas, como pode ser visto na figura 4, em que comparamos a edição mais recente, registrada na “Fundação Casa de Jorge Amado”, com outra de duas décadas anteriores:

Figura 4 - Comparação *Gabriela, clove and cinnamon* (2006 e 1988)

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Para tornar possível a leitura dos textos selecionados, que compõem os dados de análise de tradução, nas ferramentas computacionais exigidas pela Linguística de *corpus*, faz-se necessário alguns ajustes de formatos para compreensão virtual do material como dado operante. Na seção a seguir, abordaremos como se deve tratar os textos selecionados de uma análise de tradução para se operarem como *corpus* da pesquisa.

3.7 TRATAMENTO DOS TEXTOS PARA A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*: A OPERACIONALIZAÇÃO DOS DADOS

Para analisarmos o *corpus* da pesquisa, é necessário prepará-lo de modo a ser compatível com o programa de análise linguística. Desse modo, escaneia-se as duas obras para PDF, utilizando o OCR (*Optical Character Recognition*), a fim de transformá-las em formatos digitais. O formato OCR é capaz de interpretar os caracteres da imagem digitalizada das páginas do romance como caracteres virtuais e operáveis. Após essa etapa de adequação de formato OCR concluída, os arquivos são convertidos para o formato *Word*, em vista de serem processados pelo editor de textos digitais, *Microsoft Word*.

Nessa etapa, o *corpus* é tratado, tendo como critério a retirada de todas as numerações de páginas, notas de rodapé, gráficos, imagens, cabeçalhos, com a revisão e correção de possíveis erros ocasionados pela conversão do texto. Esse passo é bastante manual e requer tempo e cuidado para evitar que, nos passos seguintes, esses elementos – necessários de eliminação do arquivo – não causem distúrbios na coleta desejada.

Para averiguar erros de processamento, a versão de origem e a versão convertida digitalmente são comparadas em uma tela dividida. Ressalta-se que “o programa de conversão pode não reconhecer uma sequência de letras ou de palavras; ele também não une as palavras separadas no final das linhas; além disso, pode não reconhecer acentos, cedilhas, pontuações, paragrafação etc.” (NASCIMENTO, 2018, p. 61). Por esse motivo, o tratamento não é totalmente automatizado, sendo necessário a revisão do *corpus* após convertido.

Após estabelecer os arquivos de texto como tratados e convertidos para o formato legível e adequado da Linguística de *corpus*, abordaremos na próxima seção como configurá-los no *corpus* da pesquisa em tradução.

3.7.1 Texto Original (TO) e Texto Traduzido (TT): o *corpus* em confronto

Para realizar uma análise de tradução textual para outra língua, faz-se necessário alinhar os dois textos, o original e o traduzido. As ferramentas computacionais oferecem uma otimização nessa função. Desse modo, os textos nas duas línguas precisam estar em formato *.txt para tornarem legíveis na metodologia da Linguística de *corpus*, via *software*. O formato *.txt é um documento puramente em caracteres, sem elementos como imagens ou notas, que não são lidas pelo computador. Lembrando que os instrumentos de busca automática não se resumem à “facilitação” do trabalho que faríamos tradicionalmente com mais lentidão. É preciso perguntas cabíveis e respostas possíveis.

Assim, o pesquisador em tradução, diante de um *corpus* eletrônico anotado, precisa munir-se de dois saberes: o saber linguístico, que permite que ele faça perguntas ao *corpus*, e um mínimo saber técnico, que permite que ele construa as perguntas. Desse modo, ferramentas como busca automática, se aplicadas com uma razão calculada, podem automatizar o serviço que levaria muito mais tempo se feito manualmente. Na próxima seção, apresentaremos o *corpus* de referência, que é a base do processo de comparação dos dois textos que, ao ser aplicado, supre os meios que as ferramentas computacionais têm para responder às nossas questões de pesquisa.

3.7.2 Corpus de referência: a base do processo de comparação

O *corpus* de referência funciona como “termos de comparação para a análise”. A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do *corpus* de estudo” (BEBER SARDINHA, 2004, p. 97). Desse modo, é preciso um *corpus* de referência que contemple o uso da língua escrita, para comparar a frequência de uso das lexias, atendendo aos seus critérios, precisa ser, no mínimo, três vezes maior que o *corpus* de estudo.

O *corpus* de referência adotado está disponibilizado publicamente, pelo *Projeto de Pesquisa Padrões do Português Popular Escrito: o vocabulário do Jornal Diário Gaúcho – PorPopular*, coordenado pela professora Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto do Instituto de Letras da UFRGS, em colaboração com outras instituições (FACIN-PUC-RS, NILC-USP, UNISINOS, UERGS, UFSM).

Os Marcadores Culturais podem ser localizados a partir do confronto com o *corpus* de referência e o Texto de Origem. Na Linguística computacional, a partir do manuseio em software os MCs serão palavras-chaves, e a chavidade dessas lexias ajudam na análise dos possíveis MCs. Na figura 5, abaixo exposta, mostramos a funcionalidade dessa operação.

Figura 5 - Exemplo de chavidade do *corpus* de referência com o Texto de Origem

N	Key word	Freq	%	Texts	RC. Freq	%	BIC	Log_L	Log_R	P	Lemmas	Set
1	YOU	1.749	2,03	1	112	0,38	490,45	492,11	2,42	0,0000000000		
2	I	1.564	1,82	1	131	0,44	347,22	358,87	2,04	0,0000000000		
3	A	1.538	1,79	1	905	3,06	144,08	-155,74	-0,78	0,0000000000		
4	WE	1.215	1,41	1	36	0,12	477,93	489,58	3,54	0,0000000000		
5	IS	1.093	1,27	1	39	0,13	401,09	412,75	3,27	0,0000000000		
6	THIS	1.072	1,25	1	130	0,44	152,50	164,16	1,50	0,0000000000		
7	HAVE	1.037	1,20	1	106	0,36	164,09	195,75	1,75	0,0000000000		
8	IT	942	1,09	1	450	1,52	20,00	-31,66	-0,48	0,000000154		
9	WILL	813	0,94	1	12	0,04	376,04	387,70	4,54	0,0000000000		
10	HI	726	0,84	1	0		417,27	428,93	142,11	0,0000000000		
11	CAN	713	0,83	1	2		367,53	399,19	6,94	0,0000000000		
12	ARE	595	0,69	1	17	0,06	230,87	242,53	3,59	0,0000000000		
13	THANKS	488	0,57	1	0		276,66	288,32	141,54	0,0000000000		
14	PLEASE	455	0,53	1	2		236,90	248,56	6,29	0,0000000000		
15	NOT	384	0,45	1	233	0,79	32,58	-44,24	-0,82	0,0000000000		
16	BUT	383	0,44	1	212	0,72	-17,73	-29,39	-0,69	0,000000562		
17	REGARDS	360	0,42	1	0		201,03	212,69	141,10	0,0000000000		
18	YOUR	324	0,38	1	21	0,07	78,78	90,44	2,41	0,0000000000		
19	NEED	310	0,36	1	26	0,09	59,39	71,05	2,03	0,0000000000		
20	DO	295	0,34	1	23	0,08	60,23	71,89	2,14	0,0000000000		
21	SITE	269	0,31	1	0		147,27	158,93	140,68	0,0000000000		
22	ANY	267	0,31	1	11	0,04	83,47	95,13	3,06	0,0000000000		
23	ON	247	0,29	1	7	0,02	94,64	106,29	3,66	0,0000000000		

Fonte: Elaborado pelo pesquisador no software Wordsmith Tools 7.0.

A chavidade positiva é vista em preto, enquanto a chavidade negativa é vista em vermelho. A positiva, representa maior frequência no *corpus* primário, enquanto a negativa representa maior frequência no *corpus* de referência. A frequência menor no *corpus* de referência indica que aquelas lexias foram pouco usadas em textos comuns da língua portuguesa, elegendo-as para possíveis marcadores culturais. A lista de palavras-chaves com chavidade positiva em *Gabriela, cravo e canela* (2006) foram conferidas a partir de

dicionários brasileiros que contemplam o conceito de Marcadores Culturais. Assim, com os possíveis marcadores culturais eleitos, na próxima seção, mostramos como são catalogados para análise lexical e tradutória, a partir de fichas lexicográficas.

3.7.3 Análise de Marcadores Culturais traduzidos: Utilização do *software* e fichas lexicográficas

O software WordSmith Tools 7.0, destinado à análise de dados linguísticos criado pelo britânico Mike Scot, está disponibilizado pelo Projeto de Pesquisa “Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas: banco de dados e construção de um dicionário online multilíngue” e o “Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NeiHD)”, coordenado pelo Professor Doutor Patrício Nunes Barreiros.

Para a identificação de Marcadores Culturais, o software dispõe de algumas ferramentas. A WordList, que possibilita uma lista de vocábulos e suas frequências. O Concord, função responsável pela localização do contexto do Marcador Cultural no texto. O KeyWord, que possibilita verificar a chavidade dos Marcadores Culturais eleitos encontrados, a partir do *corpus* de referência.

No software, de acordo com o *corpus* de referência e a chavidade das palavras-chaves conferidas em 4.2.2, foram eleitos 104 possíveis Marcadores Culturais, em 11.544 entradas registradas no documento *.txt do Texto de Origem. No quadro 11, exposto na sequência, elencamos esses Marcadores culturais em ordem alfabética.

Quadro 11 - Possíveis 104 Marcadores Culturais em *Gabriela, cravo e canela* (2006)

Marcador Cultural	Marcador Cultural
Abará	Jabá
Acarajé	Jararaca
Aipim	Jiló
Aipim	Jogo de burro
Baraúna	Lata de mingau
Brenhas	Lata de mingau das baianas
Beiju	Licor de Abacaxi
Berimbau	Licor de Jenipapo
Bilhas de barro	Licor de Laranja
Bolo de aipim	Licor de Maracujá
Bolo de tapioca	Macumba
Bolinho de mandioca	Mãe d'água
Bolinho de puba	Maxixe embolado
Bumba-meu-boi	Mestre de Angola
Caapora	Mingau
Caatinga	Molambos
Cabra	Moqueca
Cacique	Moqueca de peixe

Cangaceiros	Moqueca de siri
Cangaço	Moringa
Candomblé	Mula de Padre
Capoeira	Ogun
Carnaval	Omolu
Carne do sol	Oxalá
Carne seca	Oxóssi
Carne de fumeiro	Pajé
Caruru	Pau-Brasil
Coco mexido	Pedaço Assado de Charque
Conto	Pinga
Copo de mingau	Pirão de Caranguejo
Cuscuz	Quibe
Cuscuz de puba	Quiabo
Cuscuz de milho	Rabo de arraia
Cuscuz de mandioca	Rabo-de-Galo
Cuscuzeiro	Reisado
Dendê	Sagui
Doce de aipim	Samba de Roda
Efó	Samba de umbigada
Farinha de mandioca	Sarapatel
Fanfarronada	Sarará
Festa de Santo Antonio	Surucucu
Festa de São João	Tabaréu
Feijão	Tabuleiro
Feijoada	Tarefa
Filhas de Santo	Terreiro
Frigideira	Tira-gosto
Galinha de cabidela	Umbuzeiro
Gatos pingados	Vatapá
Gárrulo	Viúva de carneiro
Gapiúna	Xangô
Inhame	Xinxin
Iaôs de Iansan	Yemanjá

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Com a ferramenta *Concord*, a partir da *WordList* criada pelo *software* com o Texto Traduzido, podemos localizar o contexto narrativo desses MCs no TO e TT, a fim de analisar as estratégias de tradução aplicadas (modalidades de tradução e domesticação/estrangeirização) e discutir as questões observadas na Introdução. Nas figuras 6 e 7 a seguir, podemos visualizar como é feita a localização de um marcador cultural (no exemplo da figura 6, *aipim*) no contexto do Texto Traduzido, uma vez já aplicado a etapa de *Concord*³⁷ no Texto de Origem:

³⁷ Função para localizar o contexto da lexia no *corpus*: localização do marcador cultural em uma sentença.

Figura 6 - Ocorrência do Marcador Cultural “aipim” no TT

N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp...ion	Lemmas	Set
4.283	AFFRONT	2		1	100,00	0,35	
4.284	AFLAME	2		1	100,00	0,35	
4.285	AGED	2		1	100,00	0,35	
4.286	AGENCY	2		1	100,00	0,35	
4.287	AGENT	2		1	100,00	0,35	
4.288	AGGRESSIVE	2		1	100,00	0,35	
4.289	AGONIZING	2		1	100,00	0,35	
4.290	AGRONOMISTS	2		1	100,00	0,35	
4.291	AGROUND	2		1	100,00		
4.292	ÁGUA	2		1	100,00	0,35	
4.293	AGUAS	2		1	100,00		
4.294	AIPIM	2		1	100,00		
4.295	AJ	2		1	100,00	0,35	
4.296	ALARM	2		1	100,00	0,35	
4.297	ALIEN	2		1	100,00	0,35	
4.298	ALIKE	2		1	100,00	0,35	

frequency alphabetical statistics filenames notes
10.553 entries Row 4.294 0% T S AIPIM

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Figura 7 - Visualizando o contexto do Marcador Cultural no Concord

N	Concordance	Set	Tag	Word #	Sent	Sent Para	Para H...	H... Sect	Sect	F	
				#	Pos	#	Pos	#	Pos		
1	they planted manioc, corn, sweet potatoes, and aipim. These scanty crops would provide their	...	M	135.2871...	1	12	20...	2	0	1...	CORPU
2	on the manioc and corn, the sweet potatoes and aipim. They would have no money with which to go	...	M	135.3971...	8	15	20...	2	0	1...	CORPU

concordance collocates plot patterns clusters timeline filenames source text notes
E entries Row 1 0% T S

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Esse processo está presente de forma completa na seção de análise de dados extraídos, baseado nas teorias de tradução e nas discussões previamente apresentadas: modalidades de tradução, estrangeirização e domesticação e edição textual, assim analisamos os aspectos culturais traduzidos na língua alvo e os meios empregados, na tradução, para essa finalidade.

Com os Marcadores Culturais alinhados ao *corpora*, o presente estudo pode contrastá-los diretamente para: a) analisar qual estratégia de tradução foi aplicada na versão à outra língua; b) possibilitar a visualização de como se comporta uma tradução de lexias portuguesas, culturalmente marcadas, para uma língua distante (inglês); c) permitir compreender como a cultura brasileira, em sua essência baiana, nos domínios culturais, está sendo traduzida para fora do Brasil, promovendo um diálogo intercultural; além de d) contribuir para o conhecimento da língua portuguesa em um contexto cultural e lexical.

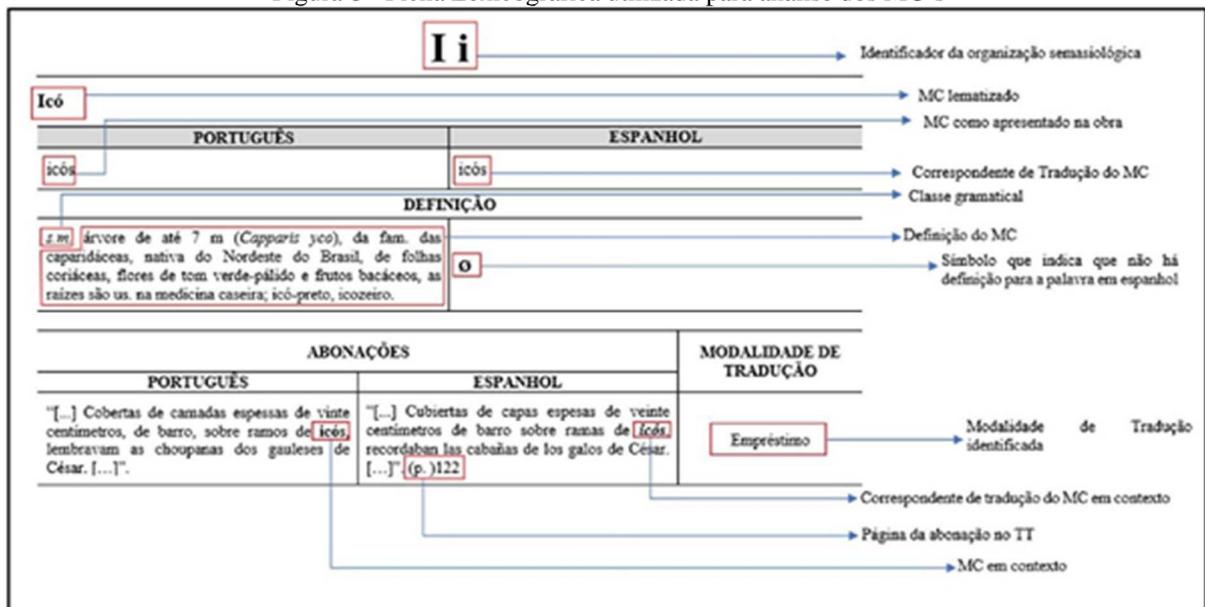
Na seção seguinte, são apresentadas as fichas lexicográficas dos marcadores culturais classificados.

4 FICHAS LEXICOGRÁFICAS DOS MARCADORES CULTURAIS

A seguir, apresentamos em ordem alfabética as fichas lexicográficas de 104 marcadores culturais presentes no romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela* (2006) e sua respectiva tradução para a língua inglesa em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

Para análise do Marcador Cultural e sua tradução na língua inglesa, é utilizada uma Ficha Lexicográfica adaptada a partir de Nascimento (2018):

Figura 8 - Ficha Lexicográfica utilizada para análise dos MC's



Fonte: Nascimento (2018, p. 112).

Na Figura 8, é possível visualizar a organização do MC para análise da sua tradução. Adaptamos o modelo proposto por Nascimento (2018) em nossa pesquisa e classificamos em “Domínio de cultura” e “Modalidade de tradução”, apontados por Aubert (2006), em “Estratégias de tradução” examinadas por Venuti (1992, 1995), dividindo-se em estrangeirização e domesticação.

Os marcadores culturais são destacados no recorte textual por meio de grifo nosso. As análises tradutórias aprofundadas podem ser vistas na seção seguinte.

A a		
Abará (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Abará	Ø	
Abarás	Ø	
Abarás de prata	great riches of bean paste, shrimp, and manioc <u>meal</u>	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Alimento provindo da África, incorporado na culinária brasileira no período colonial; semelhante ao acarajé, tendo a massa mais fina e cozida no vapor com folhas de bananeira; comida de oferenda para os orixás do candomblé; bolinho da culinária afro-brasileira feito com feijão fradinho sem casca e ralado em uma pedra, com cebola, azeite e sal, envolto em pequenas quantidades de folhas de bananeira. Tradicionalmente vendido nos tabuleiros das baianas na Bahia, sendo uma atividade comercial autônoma como fonte de renda de muitas famílias.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... Acarajé, abará , doces, moquecas e frigideiras de camarão, isso só mesmo Maria de São Jorge... [...]” (AMADO, 2006, p. 52).	“[...] One of them, showing her toothless gums in a grin, said she could cook a few plain dishes. The other could not even do that. Nacib made inquires here and there and descended the hill on the other side.” (AMADO, 1988, p. 71-72).	Omissão
“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás , os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 2006, p. 43).	“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio. (AMADO, 1988, p. 58-59).	Omissão

“[...] Outro, ainda maior, de acarajés, abarás , bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153).	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil, and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204).	Omissão
“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata o mistério de ouro do vatapá. A festa começava. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created <i>great riches of bean paste, shrimp, and manioc meal</i> . The festive rites were about to begin. [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Acarajé (s)		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Acarajé		Bean-paste ball
Acarajés		Bean-paste balls flavored with onion and palm oil.
Acarajés apimentados		Ø
Acarajés de cobre		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m</i> Culinária afro-brasileira; transmissor do <i>axé</i> dos orixás e da baiana que o preparou, feito com feijão fradinho sem casca e ralado na pedra com cebola e sal frito no azeite de dendê, após é cortado ao meio e recheado com vatapá, camarão seco e molho de pimenta. Tradicionalmente vendido pelas Baianas do Acarajé, sendo uma atividade comercial autônoma como fonte de renda de muitas famílias.</p>		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“[...] – Por que você não faz para vender no bar? – perguntara um dia, mastigando um acarajé da velha Filomena, preparado para o prazer exclusivo do árabe amante da boa mesa. [...]” (AMADO, 2006, p. 43).</p>	<p>“[...] One day, in Nacib’s house, he was munching a <i>bean-paste ball</i> made by Filomena. “Why don’t you sell some of this stuff in the bar?” he said. [...]” (AMADO, 1988, p. 59).</p>	Adaptação + transposição
<p>“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]” (AMADO, 2006, p. 43).</p>	<p>“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and <i>bean-paste balls flavored with onion and palm oil</i>. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59).”</p>	Adaptação + transposição

<p>“[...] Uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... Acarajé, abará, doces, moquecas e frigideiras de camarão, isso só mesmo Maria de São Jorge... [...]” (AMADO, 2006, p. 52).</p>	<p>“[...] One of them, showing her toothless gums in a grin, said she could cook a few plain dishes. The other could not even do that. Nacib made inquiries here and there and descended the hill on the other side. [...]” (AMADO, 1988, p. 71-72).</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] Outro, ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153).</p>	<p>“[...] another, larger still, with codfish balls, <i>bean-paste balls flavored with onion and palm oil</i>, and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204).</p>	<p>Adaptação + transposição</p>
<p>“[...] Seus acarajés, as fritadas envoltas em folhas de bananeira, os bolinhos de carne, picantes, eram cantados em prosa e verso [...]” (AMADO, 2006, p. 155).”</p>	<p>“[...] Her <i>bean-paste balls</i> were celebrated in prose and verse [...]” (AMADO, 1988, p. 206).”</p>	<p>Adaptação + transposição</p>
<p>“[...] Vinham para o aperitivo, o pôquer de dados, os acarajés apimentados, os bolinhos salgados de bacalhau a abrir o apetite. [...]” (AMADO, 2006, p. 155).”</p>	<p>“[...] to drink an apéritif or two, to roll poker dice, and, above all, to munch the exquisitely <i>seasoned appetizers</i>. [...]” (AMADO, 1988, p. 207).”</p>	<p>Omissão + transposição</p>
<p>“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata, o mistério de ouro do vatapá. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).”</p>	<p>“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created great riches of <i>bean paste</i>, shrimp, and manioc meal. The festive rites were about to begin. [...]” (AMADO, 1988, p. 483).”</p>	<p>Adaptação + transposição</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Aipim		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Aipim		Aipim
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m; indig.</i> Raiz originária da América do Sul; da família <i>euforbiácea</i>, e origem indígenas, o alimento é rico em carboidratos, sais minerais e vitaminas do complexo B; também conhecido como, macaxeira, mandioca, mandioquinha, mandioquinha doce, mandioca de mesa, catelinha, uaipi, mandioca mansa, maniva, maniveira, pão de pobre; raiz com a casca escura e polpa clara, alimento base para preparação de diversos alimentos doces e salgados, como, farinha, polvilho, tapioca, bolos e bebidas; cozinhado em água e sal; servido quente.</p>		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p>Gabriela acabava de pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite. Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim. Ela ficara parada na porta da cozinha, interrogativa. [...]" (AMADO, 2006, p. 128)."</p>		<p>"[...] Gabriela had just placed his breakfast on the white tablecloth: steaming pots of coffee and of milk, fried bananas, yams, <i>cassava</i>, and corn meal with coconut milk.[...]" (AMADO, 1988, p. 175)."</p>
		Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
<p>O negro Fagundes pensava que, se os falados barulhos não recomçassem, seria difícil, muito difícil, chegar a comprar um pedaço de terra, mesmo ruim. Com a mandioca e o milho, a batata doce e o aipim, não conseguiam viver. (AMADO, 2006, p. 327)."</p>		<p>Fagundes thought that unless there was a good deal more shooting for him to do, it would be difficult, very difficult, for them to buy even a small piece of land. They could barely live on the manioc and corn, the sweet potatoes and <i>aipim</i>. [...]" (AMADO, 1988, p. 454)."</p>
		Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Eológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Baraúna		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Baraúna		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Árvore com flores brancas e espinhosas própria da caatinga brasileira.		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
– Aqui só tem mesmo areia. E <i>baraúna</i> . – Tolo. Falo do meio do mar, nas profundas. Foi um moço que me contou, era estudante, vivia com os livros, sabia das coisas. Numa casa onde tive empregada, numa cidade. Contou cada coisa... – sorriu a lembrar. (AMADO, 2006, p. 198).”	"There's nothin' but sand under the water around here." "Silly. I'm talkin' about the open sea, way down deep. A young man told me. He was a student. He read hundreds of books and knew about everything. In a house where I worked, in a city. He told about the strangest things." She smiled as she remembered. (AMADO, 1988, p. 355).”	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Brenhas		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Brenhas	Forests	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> lugar inabitado	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Não fomos nós, os fazendeiros de cacau? Temos nossos compromissos, tomados numa hora difícil, não somos homens de duas palavras. Enquanto eu for vivo, meus votos são para meu compadre Ramiro Bastos e pra quem ele indicar. Nem quero saber o nome. Foi ele quem me deu mão forte quando a gente estava jogando a vida nessas brenhas ... (AMADO, 2006, p. 196).”	Wasn't it us, the planters? We made promises in exchange for help when we needed it. We're not the kind of men who go back on their word. As long as I live, my votes belong to my friend Ramiro Bastos and whoever he names. I don't care who they are. When I was fighting for my life in the forests back there and I needed help, I could always depend on him. Now he can depend on me." (AMADO, 1988, p. 56).”	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Beiju		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Beijus	Tapioca pudding	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> culinária brasileira; também conhecido como tapioca; feito com a fécula extraída da mandioca; assado em chapa quente.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] A verdade é que já sentia saudade dela, de sua limpeza, do café da manhã com cuscuz de milho, batata- doce, banana-da-terra frita, beijus ... [...]” (AMADO, 2006, p. 31).”	“[...]The truth was that he missed her already— her breakfasts of coffee, manioc meal, potato, fried banana, and <i>tapioca pudding</i> ; [...]” (AMADO, 1988, p. 41).”	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticção		

Berimbau (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Berimbau	the one-string instrument that usually accompanies capoeira	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.m Instrumento de origem africana utilizado em ritos do candonblé e da capoeira.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Nos domingos de tarde, nos fundos da casa, no limpo quintal, soava o berimbau . Vinham mulatos e negros, brincar o brinquedo. Sete Voltas tocava e cantava: – Camarada do campo de batalha. – Vamos embora pelo mundo afora. – Eh! camarada... – Entregava o instrumento a seu Nilo, entrava na roda da capoeira. O rabo-de-arraia, Terêncio voava. As pernas no ar, passava por cima do mulato Traíra. O moço Batista caía no chão, Sete Voltas pegava o lenço com a boca. No campo de batalha ficava sozinho, seu peito tatuado (AMADO, 2006, p. 52).”	“On Sunday afternoons, Negroes and mulattos gathered in the yard behind the house to watch or engage in capoeira, the curious fight contest of the region. Sete Voltas played <i>the one-string instrument that usually accompanies capoeira</i> and sang: "Comrade in battle, Together let's wander The wide world over. Comrade, ah, comrade!" He handed the instrument to Nilo and entered the capoeira ring. With cartwheels and sudden thrusts of the feet and elbows, all in rhythm, he outpointed his opponents and remained alone and victorious on the field of battle.” (AMADO, 1988, p. 484-485).	Adaptação + Explicitação

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ideológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Estrangeirização

Bilhas de barro		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bilhas de barro		Clay jugs
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Vaso com a base cilíndrica e o topo com a boca estreita; muito utilizado em casas, comércios, igrejas etc, como recipiente para servir água, leite, vinho etc		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Bilhas de barro , moringas, potes para água fresca, panelas, cuscuzeiros, e cavalos, bois, cachorros, galos, jagunços com suas repetições, homens montados, soldados de polícia e cenas de tocaia, de enterro e casamento, valendo um tostão, dois, um cruzado, obra das mãos toscas e sábias dos artesãos. Um negro quase tão alto quanto Nacib virava um copo de cachaça de um trago, cuspia grosso no chão: [...]” (AMADO, 2006, p. 51).	Household articles and statuettes sold for a tostao each, two for a crusado. Made by hands at once rough and skillful, they included water pitchers, <i>clay jugs</i> , pots, pans, horses, cows, dogs, roosters, oudaws with rifles, men on horseback, soldiers, policemen, and groups of figures representing ambushes, burials, and weddings. A Negro almost as tall as Nacib downed a glass of white rum in one gulp and spit big on the ground. [...]” (AMADO, 1988, p. 76).	Adaptação + Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Bolo de Aipim		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bolo de aipim		The confections of cassava
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária brasileira; feito com aipim ralado na pedra, ovos, leite, açúcar, manteiga, coco ralado e sal, após mistura-se todos os ingredientes; a massa é levada para cozinhar no forno por cerca de 40 minutos		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O negrinho Tuísca ajudava, preocupado em saber quem lhe pagaria a conta semanal de doces do dentista, em cuja casa, todas as tardes, deixava bolo de milho e de aipim , cuscuz de mandioca também.[...]” (AMADO, 2006, p. 96).	“[...] Tuísca also helped, but the boy's mind was elsewhere: he was worried about payment of the previous week's bill for <i>the confections of</i> corn, <i>cassava</i> , and manioc that he delivered to the dentist's house every afternoon. [...]” (AMADO, 1988, p. 129).	Adaptação + omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Bolo de Tapioca		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bolos de Tapioca		Tapioca cakes
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária brasileira; feito com a massa de tapioca, ovos, leite, açúcar e manteiga, após se mistura de todos os ingredientes; a massa é levada para cozinhar no forno por cerca de 45 minutos.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Negras vendiam mingau e cuscuz, milho cozido e bolos de tapioca . [...]” (AMADO, 2006, p. 17).	Negro women were selling porridge, corn on the cob, <i>tapioca cakes</i> , and steamed rice with coconut milk. (AMADO, 1988, p. 21).	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Bolinho de Mandioca		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bolinhos de Mandioca		Manioc balls
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. culinária brasileira; feito com mandioca cozida, farinha de trigo, ovos, manteiga, cebola, muçarela e sal, após a junção de todos os ingredientes; o bolinho é moldado em formato de bola e frito no óleo.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		INGLÊS
“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]” (AMADO, 2006, p. 43).		“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the aperitif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, <i>manioc balls</i> , cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by Joao Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59).
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Bolinho de puba		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bolinho de puba		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m.</i> Culinária brasileira; feito com açúcar, ovos, manteiga, farinha de puba, sal e canela, após a mistura de todos os ingredientes; a massa é enrolada em bolinhos redondinhos e fritos no óleo.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba , as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]” (AMADO, 2006, p. 43).	“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the aperitif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by Joao Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Bumba-meu-boi (s)		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Bumba-meu-boi (s)		Ox pageant
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Nos feriados nacionais – o 7 de Setembro, o 15 de Novembro, o 13 de Maio – , nas festas do fim e do começo de ano com reisado, presépio e bumba- meu- boi , por ocasião da vinda a Ilhéus de literatos da capital do estado, a população se regalava e mais uma vez se dividia ante a oratória do Doutor e a do Capitão. [...]” (AMADO, 2006, p. 22).	“[...] On every conceivable occasion — national holidays, Christmas and New Year festivities, visits of literary figures from the state capital — the Doctor and the Captain delivered speeches, and the controversy started anew. (AMADO, 1988, p. 29).	Omissão
“[...] As pastorinhas com as lanternas, Miquelina com o estandarte. Nilo, o ex-marinheiro, com um apito na boca, comandava o cantar e o dançar. Da praça Seabra, na mesma hora, vinham o boi, o vaqueiro, a caapora, o bumba-meu-boi . [...]” (AMADO, 2006, p. 306).	Shepherdesses with lanterns. Miquelina carrying the banner. Nilo, the ex-seaman, with a whistle between his lips, directing everything. From Seabra Plaza, at the same time, came a group doing the traditional <i>ox pageant</i> , with its three principal characters—the "ox," the cowherd, and the hillbilly. (AMADO, 1988, p. 425)	Adaptação
“[...] Seu Nilo apitava, as pastoras formavam, o bumba-meu-boi já ia adiante. Outra vez apitava, as pastoras dançavam, Miquelina volteava o estandarte na noite. [...]” (AMADO, 2006, p. 307).	“[...] The <i>ox pageant</i> had already started moving. Nilo blew his whistle and the shepherdesses took their positions. He blew it once more and they began to dance. Miquelina was waving the banner in the night air. (p 426).	Adaptação
“[...]Ainda agora, que podia fazer?, o fim do ano estava chegando. Com bumba-meu-boi , com terno de reis, pastorinhas, presépios, ah! disso gostava. Na roça saíra de pastorinha. [...]” (AMADO, 2006, p. 294).	“[...] And at this time, especially, what was she to do? The Christmas festivities were approaching: Nativity scenes, street pageants—she loved all that. In the backlands, she had been a shepherdess in one of the pageants. (AMADO, 1988, p. 406)	Omissão

<p>“[...] Era o Natal dos presépios, das visitas às casas de mesa posta, das ceias após a missa do galo, do início dos folguedos populares, dos reisados, dos temos de pastorinha, dos bumbas-meu-boi, do vaqueiro e da caapora. [...]” (AMADO, 2006, p. 48).</p>	<p>“[...] Christmas in Ilheus was very different from Christmas in the United States and certain European countries. There was no Santa Claus bringing presents for the children in a sleigh driven by reindeer. Instead, there were Nativity tableaux, visits to homes where a continual buffet was offered, suppers after midnight Mass, and traditional street dances and pageants. (AMADO, 1988, p. 65)</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] Nessa noite de Ano- novo e nas duas de Reis, mais de dez temos e bumbas-meu-boi saíram do Unhão, da Conquista, da ilha das Cobras, do Pontal, do outro lado do rio, para brincar nas ruas de Ilhéus. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).</p>	<p>“[...] On this New Year's eve and again at Epiphany, more than ten pageants would come from Unhao, from Conquista, from Cobras Island, and from Pontal across the river, to frolic in the streets of Ilheus.” (AMADO, 1988, p. 423)</p>	<p>Omissão</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

C c		
Caapora		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Caapora	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> Originário da mitologia tupi, é uma entidade do folclore brasileiro, que protege as florestas, matas, bosques, animais etc.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Era o Natal dos presépios, das visitas às casas de mesa posta, das ceias após a missa do galo, do início dos folguedos populares, dos reisados, dos temos de pastorinha, dos bumbas-meu-boi, do vaqueiro e da caapora . [...]” (AMADO, 2006, p. 48).	“[...] Christmas in Ilheus was very different from Christmas in the United States and certain European countries. There was no Santa Claus bringing presents for the children in a sleigh driven by reindeer. Instead, there were Nativity tableaus, visits to homes where a continual buffet was offered, suppers after midnight Mass, and traditional street dances and pageants. (AMADO, 1988, p. 65)	Omissão
“[...]Nilo, o ex-marineiro, com um apito na boca, comandava o cantar e o dançar. Da praça Seabra, na mesma hora, vinham o boi, o vaqueiro, a caapora , o bumba-meu-boi. [...]” (AMADO, 2006, p. 307)	“[...] Nilo, the ex-seaman, with a whistle between his lips, directing everything. From Seabra Plaza, at the same time, came a group doing the traditional ox pageant, with its three principal characters—the "ox," the cowherd, and the hillbilly . (AMADO, 1988, p. 425)	Erro
“[...] O boi descansava um minuto, a beber. A caapora também. – Voltavam a dançar, a cantar. Miquelina, no meio, levantava o estandarte, rebolando as ancas magras, seu Nilo apitando. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).	“[...] The ox stopped dancing a minute to drink. Then they all resumed their dancing and singing. Miquelina, in the center, held the banner and swung her thin hips. Nilo blew his whistle. (AMADO, 1988, p. 425)	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Caatinga		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Caatinga		Dry scrubland
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Caa=mata e tinga=branca, mata ou floresta branca; bioma exclusivamente brasileiro; é uma vegetação predominantemente do nordeste brasileiro, com o clima seminário.		Glossário do TM Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“A paisagem mudara, a inhospita <i>caatinga</i> cederia lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, a chuva caindo farta. Haviam pernoitado nas vizinhanças de um alambique, plantações de cana balançando ao vento” (AMADO, 2006, p. 76).	“ The inhospitable <i>dry scrubland</i> gave way to fertile valleys, green meadows, dense woods, brooks, and rivers. They spent a night near a small distillery, with fields of sugar cane waving in the wind. (AMADO, 1988, p. 106).	Adaptação + transposição
“Á poeira dos caminhos da <i>caatinga</i> a cobrira tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulara.” (AMADO, 2006, p. 77).	The dust of the roads in the <i>dry scrubland</i> had so completely covered her that it was impossible to distinguish her features. Her piece of comb could no longer penetrate her hair. She looked like a wild woman wandering through the country. (AMADO, 1988, p. 108).	Adaptação + transposição
“Nas noites da <i>caatinga</i> , povoadas de cobras e de medo, Clemente tomava da harmônica e os sons enchiam a solidão. O negro Fagundes contava histórias de valentias, coisas de cangaço, andara metido com jagunços, matara gente[...]” (AMADO, 2006, p. 79).	At night the <i>scrubland</i> was thick with snakes and fear. Clemente filled the solitude with the sound of his concertina. The Negro Fagundes told stories of his adventures with a band of outlaws, stories of violence, courage, and death. (AMADO, 1988, p. 110)	Adaptação
“A <i>caatinga</i> acabou, começaram terras férteis, as chuvas caíram. Ela continuava a deitar-se com ele, a gemer e a rir, a dormir recostada sobre seu peito nu.” (AMADO, 2006, p. 80).	They reached the end of the <i>scrub</i> , fertile lands appeared, and the rains fell. She continued to lie with him, to moan and to laugh, to sleep with her head on his bare chest. (AMADO, 1988, p. 112)	Adaptação

<p>“Tinham conseguido vencer os caminhos, a <i>caatinga</i>, a fome e as cobras, as moléstias endêmicas, o cansaço. (AMADO, 2006, p. 113).</p>	<p>“They had won out against the <i>dry scrub</i>, the endless roads, hunger, snakes, disease, and fatigue. (AMADO, 1988, p. 154)</p>	<p>Adaptação transposição +</p>
<p>“Olhou em torno, como a procurá-la: a selva cercando o rio, árvores e uni intrincado de cipós, gritos amedrontadores e pios agourentos de corujas, uma exuberância de verde fazendo-se negro, não era como a <i>caatinga</i> cinzenta e nua. Um remeiro estendeu o dedo mostrando um lugar na mata:[...]” (AMADO, 2006, p.120).</p>	<p>“He saw only jungle hemming in the river, the tangled trees and lianas, the exuberant verdure turning black, so different from the bare, gray <i>scrub</i> of the backlands. He heard the fearsome cries of animals and the ominous hooting of owls. An oarsman pointed his finger to a place in the woods. (AMADO, 1988, p. 163)</p>	<p>Adaptação</p>
<p>“O que é que ela tem? Como ia saber? Não adiantara dormir com ela, deitada em seu peito, nas noites do caminho, da <i>caatinga</i>, dos prados verdes depois. Não aprendera, nunca soubera.” (AMADO, 2006, p. 186).</p>	<p>“What has she got? He did not know the answer, even though they had slept together all those nights, her head on his chest, during the long journey through the backlands, across the <i>scrub</i>, and finally through the green meadows. He had never learned, he had never understood. (AMADO, 1988, p. 251)</p>	<p>Adaptação</p>
<p>DOMÍNIO CULTURAL</p>		
<p>Domínio da Cultura Ecológica</p>		
<p>ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO</p>		
<p>Domesticação</p>		

Cabra		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Cabra	Trigger man	
	One of his men	
	Ruffian	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Indivíduo corajoso; leal; homem.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Pensava nos tempos de antes, quando essas coisas eram fáceis de resolver. Quando alguém se fazia incômodo bastava chamar um cabra , prometer-lhe um dinheiro, dizer-lhe o nome do cujo. Hoje era diferente. Mas esse Mundinho Falcão se enganava. Ilhéus mudara muito nesses anos, é bem verdade.” (AMADO, 2006, p. 48).	“He thought of the old days when such things were easily settled. If someone stood in his way, all he had to do was send for a trigger man , promise him money, and mention the person's name. Now it was different. But this Mundinho Falcao was fooling himself. True, Ilheus had changed a lot over the years. (AMADO, 1988, p. 86)	Adaptação + transposição
“Mesmo assim quiseram matá-lo, escapou por um fio. O tiro pegou num cabra que o acompanhava. Os Bastos, agradecidos, fizeram-no subdelegado da então Tabocas, vilarejo nas proximidades das roças de Aristóteles.” (AMADO, 2006, p. 266).	Nevertheless, rhey tried to kill him. He escaped by a hair; the bullet struck one of his men . The Bastoses, in gratitude, made him the local magistrate of what was then called Tabocas, a village near Aristoteles's lands. (AMADO, 1988, p. 363)	Adaptação
“O cabra se escondeu no morro. Mas não vai escapar, tem mais de trinta homens dando caça. E se pegarem... – O que é que vai ter? Levam preso? – quis saber Gabriela.” (AMADO, 2006, p. 275).	“ He's hiding on the hill, but he won't escape. There are more than thirty men hunting him. And if they catch him— " "What will happen? Will they take him to jail?" (AMADO, 1988, p. 376).	Modulação

<p>“Dizia-se ter sido um cabra de nome Fagundes, que cumpria empreitada, com um tal Clemente, nas fazendas de Melk Tavares, derrubando mata. Mas, como provar? (AMADO, 2006, p. 299).</p>	<p>“The criminal was rumored to be a <i>ruffian</i> by the name of Fagundes who, together with a certain Clemente, worked by contract on Melk Tavares's lands. But there was no proof. (AMADO, 1988, p. 413)</p>	<p>Adaptação</p>
<p>“Havia um cabra, bom na pontaria, meu conhecido velho, determinado para o senhor. Mundinho ouvia muito sério. Amâncio pitou o cigarro: [...]” (AMADO, 2006, p. 338).</p>	<p>“He looked at the exporter with his good eye and smiled. "An expert <i>trigger man</i>, a fellow I've known for years, was assigned to get you." Mundinho listened very gravely. Amancio puffed on his cigarette. (AMADO, 1988, p. 471)</p>	<p>Adaptação + transposição</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticção		

Cacique		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cacique		Political-boss
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m</i> Chefe indígena da tribo.		
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Para uns foi o ano do caso da barra, para outros o da luta política entre Mundinho Falcão, exportador de cacau, e o coronel Ramiro Bastos, o velho <i>cacique</i> local.” (AMADO, 2006, p. 11).	“ To some, it was primarily the year of the controversy about the sandbar in the harbor. To others, it was the year of the political struggle between Mundinho Falcao, cacao exporter, and Colonel Ramiro Bastos, the old <i>political boss</i> . (AMADO, 1988, p. 12)	Adaptação + transposição
“Estava na primeira página, artigo longo, em tipo gordo. O título ocupava quatro colunas: O ESCANDALOSO ABANDONO DA barra. Descompostura em regra na intendência, em Alfredo Bastos, deputado estadual eleito pelo povo de Ilhéus para defender os sagrados interesses da região cacauceira, esquecido desses interesses, cuja eloquência franzina só se fazia ouvir para celebrar os atos do governo, parlamentar do muito bem e do apoiado!, no intendente, um compadre do coronel Ramiro, inútil mediocridade, servilismo exemplar ao <i>cacique</i> , ao mandachuva, culpando os políticos no poder pelo abandono da barra de Ilhéus. (AMADO, 2006, p. 133).	There it was, on the front page, a long article in heavy type. The headline stretched across four columns: SCANDALOUS Neglect of the Harbor. It was a hard-hitting censure of the local government, of the Mayor ("a useless mediocrity, utterly servile to his <i>political boss</i> , Colonel Ramiro"), and of Alfredo Bastos ("a state assemblyman elected by the people of Ilheus to defend the sacred interests of the cacao region, but who has completely forgotten those interests and who raises his puny voice only to cry 'aye' and 'hear! hear!' in support of the Governor and his program"). (AMADO, 1988, p. 183)	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cangaceiros		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cangaceiro		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m</i> Indivíduo que participava do cangaço; andava com o bando sempre armado protestando contra a situação precária do Brasil; por suas atitudes eram chamados de bandidos.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Mas enganavam-se ao pensar que amedrontariam os competentes engenheiros e técnicos mandados pelo governo para rasgar o canal da barra, devido aos esforços desse benemérito incentivador do progresso, Raimundo Mendes Falcão, e apesar da grita impatriótica dos cangaceiros apegados ao poder.” (AMADO, 2006, p. 261).	“But they were mistaken if they thought they could cow the able engineers and technicians who had been sent by the government to open a channel through the sandbar, thanks to the efforts of that worthy promoter of progress, Raimundo Falcao, efforts that were successful despite the unpatriotic opposition of the <i>gangsters</i> in power. (AMADO, 1988, p. 357)	Erro
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cangaço		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cangaço		Band of outlaws
		Bandits and killers
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m Grupo formado por indivíduos que protestavam contra a situação de desigualdade social do Brasil, popular da região nordeste.		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		INGLÊS
“O negro Fagundes contava histórias de valentias, coisas de <i>cangaço</i> , andara metido com jagunços, matara gente.” (AMADO, 2006, p. 79).		“The Negro Fagundes told stories of his adventures with a <i>band of outlaws</i> , stories of violence, courage, and death. (AMADO, 1988, p. 110)
“Eu vou ganhar, coronel, mesmo que esteja todo mundo contra, mesmo que Ilhéus vire outra vez coito de bandidos, terra de <i>cangaço</i> — elevava a voz trêmula, punha-se de pé...[...]” (AMADO, 2006, p. 277).		“I’m going to win it, Colonel, even if the whole world turns against me, even if Ilheus has to become again a land of <i>bandits and killers</i> .” He raised his tremulous voice as he stood up: “I’m going to win! (AMADO, 1988, p. 287)
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Candomblé		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Candomblé	Voodoo ground	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Religião; que pratica cultos ou ritos religiosos; originário da cultura africana trazido para o Brasil no período colonial. O culto aos Orixás é provindo da África Ocidental, cada Orixá faz referência a o mito de criação e “tarefa realizada”, por exemplo, Oxossí era o responsável pelas matas, Oxum era responsável pelas folhas, e Yemanjá/Iemanjá responsável pelas águas salgadas.	Glossário do TM:	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...]Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba, era sala da dança, era leito de núpcias, um barco sem rumo no morro do Unhão, velejando ao luar. Seu Nilo soltava cada noite a alegria. Trazia a dança nos pés, o canto na boca. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground , a nuptial bed, a rudderless boat sailing in the moonlight. Every night Nilo let loose his joy. He had music in his feet, songs in his mouth. (AMADO, 1988, p. 483)	Adaptação + erro

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ideológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Domesticação

Capoeira		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Capoeira		Ø
Roda de capoeira		Capoeira ring
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira que mistura arte marcial, esporte, cultura popular, dança e música.		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
A casa de Dora foi roda de capoeira quando ele surgiu com seu Nilo, o corpo a gingar, a navalha na cinta, sua prosápia, fascinação. Curvaram-se as pastoras, um rei mago chegava, um deus de terreiro, um cavaleiro de santos para seus cavados montar.	Sete Voltas was a thunderbolt, a flaming sword. All swagger, danger, and fascination. When he showed up with Nilo, his body swaying, a razor in his belt, the shepherdesses bowed before him. A magic king, a voodoo god, a holy horseman come to mount his steeds. (AMADO, 1988, p. 482)	Omissão
Na Bahia, em Sergipe, em Alagoas, nas rodas de capoeira , nos terreiros de santos, nos mercados e feiras, no escondido do cais, nos bares dos portos. Mesmo seu Nilo com respeito o tratava, quem podia com ele?	in Bahia, in Sergipe, in Alagoas, in the voodoo grounds, in the market places and fairs, in the corners of the docks, in the waterfront dives. Even Nilo treated him with respect, for no one could stand against him. (AMADO, 1988, p. 484)	Omissão
Pôs-se de pé o camarada do campo de batalha. O vento arrefecia ao tocá-lo, empalidecia o luar em suas mãos, as ondas vinham lambe-lhe os pés de capoeira , criadores do ritmo.	The comrade in battle stood up. The wind cooled as it touched him, the moonlight turned pale in his hands, the waves came to lick his feet. (AMADO, 1988, p. 486)	Omissão
. Um perigoso na capoeira, vindo da Bahia. Com fama de mau. Sua secreta impressão, a estremecer-lhe o peito, era estar o tal cozinheiro no fundo das águas do porto.	A dangerous capoeira fighter from Bahia. With a mean reputation. She was troubled by a suspicion that the fat little man was in the water at the bottom of the bay. (AMADO, 1988, p. 490)	Empréstimo
Entregava o instrumento a seu Nilo, entrava na roda da capoeira .	He handed the instrument to Nilo and entered the capoeira ring . (AMADO, 1988, p. 484-485).	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Carnaval		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Carnaval		Carnaval time
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
guisa de definição.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Uma delas há muito deixara de funcionar como sala de visitas, era a sala do presépio. Não que ficasse armado o ano inteiro. Só em dezembro ele era montado e exposto ao público, durava até as proximidades do carnaval , quando Quinquina e Florzinha o desarmavam cuidadosamente, e, em seguida, iniciavam a preparação do próximo presépio. [...]” (AMADO, 2006, p. 47).	“[...] One of them, however, had long ceased to function as a parlor; it was reserved for the Nativity scene. Not that the tableau remained standing the whole year. It was set up in December and exhibited to the public from then until around <i>carnival time in February or March</i> , when Quinquina and Florzinha would take it down and promptly start working on the next year's tableau. (AMADO, 1988, p. 64)	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológico		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Carne de sol		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Carne de sol		Beef sun-dried
Carne de sol assada		Jerked beef
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p>s.f. Comida típica baiana; feita com cortes do traseiro do boi; tem esse nome porque antigamente era exposta para desidratação com sal por cerca de 2 a 5 dias no sol; leva uma leve camada de sal e o processo de desidratação é feito em um ambiente coberto e ventilado; entre as carnes seca e de sol é a mais úmida e com menos sal.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Postas de carne seca, de sol , de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. [...]” (AMADO, 2006, p. 54)	“[...] Slabs of <i>beef</i> — jerked, <i>sun-dried</i> and salted, or smoke-cured; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. (AMADO, 1988, p. 73-74)	Transposição
“[...] – Oh! – exclamava ante o aroma a exalar-se da galinha de cabidela, da carne de sol assada , do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas. [...]” (AMADO, 2006, p. 133)	“[...] Ah!” he exclaimed, as he inhaled the aroma from the chicken stew, the <i>jerked beef</i> , the rice, the beans, and the banana compote. (AMADO, 1988, p. 181)	Erro
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Carne seca		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Carne seca		Jerked beef
Charque		
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p>s.f. Comida típica baiana; feita com cortes bovinos como alcatra e contrafilé esticados em mantas que são mergulhadas em água salobra, empilhadas e estendidas ao sol em varais até desidratar, o processo de desidratação é mais longo que a carne de charque e da carne de sol, seu teor de umidade é de aproximadamente 45% e até 15% de sal; dura em média 4 meses em temperatura ambiente.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Postas de carne seca , de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. [...]” AMADO, 2006, p. 54)	“[...] Slabs of <i>beef</i> — <i>jerked</i> , sun-dried and salted, or smoke-cured; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. (AMADO, 1988, p. 73-74)	Tradução palavra por palavra
“[...] As más línguas diziam que, na fazenda, ele só comia arroz aos domingos ou em dias feriados, tão econômico era, contentando-se com o feijão e o pedaço de carne seca , refeição dos trabalhadores. [...]” (AMADO, 2006, p.103);	“The gossips said he was so parsimonious that at the plantation he ate rice only on Sundays and holidays, contenting himself the rest of the time with beans and a piece of <i>jerked beef</i> , like the workmen. (AMADO, 1988, p. 139)	Transposição
“[...] Tendo feijão e carne seca , café e pinga, estão contentes. [...]” (AMADO, 2006, p. 114)	“[...] Give them enough beans and <i>jerked beef</i> , coffee and liquor, and they're happy. (AMADO, 1988, p. 155)	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Carne de fumeiro		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Carne de fumeiro		Beef smoke-cured
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Culinária baiana típica do Recôncavo Baiano; tradição de preparo passada de geração a geração; feita de carne suína, a qual o porco tem que ser alimentado a base de ração de milho e abatidos com 100 dias, pesando cerca de 150 quilos, após o suíno abatido, é destrinchado e salgado para a defumação sobre o braseiro a lenha.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Postas de carne seca, de sol, de fumeiro , porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. [...]” (AMADO, 2006, p. 54)	“[...] Slabs of <i>beef</i> — jerked, sun-dried and salted, or <i>smoke-cured</i> ; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. (AMADO, 1988, p. 73-74)	Modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Caruru		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Caruru		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Conhecido no candomblé como “amalá”; alimento predileto de Xangô com dia específico a ser preparado, quarta-feira; feito com quiabo, vinagre, azeite de dendê, camarão seco, amendoim sem casca, castanha de caju torrada, gengibre ralado, sal e água, cozido em panela e servido bem quente.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatías. O Doutor saltara em defesa do vatapá, do caruru, do efó. [...]” (AMADO, 2006, p. 344)</p>	<p>“[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of taro-and-shrimp stew and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480)</p>	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Coco Mexido		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Coco Mexico		Lively coco dance
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Dança de origem afro-indígena, popular no norte e nordeste brasileiro; os participante dançam formando uma fila ou ficando em roda sapateando ao som do coco.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Rodando nos braços de um cavalheiro. Dança para ela era outra coisa, um coco mexido , um samba de roda, um maxixe embolado. Ou bem uma polca puxada a harmônica. Tango argentino, valsa, foxtrote, gostava não. Ainda mais com aquele sapato mordendo seu dedo espalhado. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).	“[...]Moving around in the arms of a gendeman. A dance to her was something else: a samba ring, a fast maxixe, a <i>lively coco dance</i> such as they did in the backlands. Or even a polka to the tune of a concertina. Argentine tangos, waltzes, fox trots she didn't like. Especially when her shoes pinched. (AMADO, 1988, p. 423)	Empréstimo + adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Conto		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Conto (s)		Conto (s)
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m. Mil milréis</i>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
— Mas, de onde vem toda essa resistência? Afinal, Ilhéus não é um povoado qualquer. Um município que rende mais de mil contos .	"But where does all the resistance come from? After all, Ilheus is not just some little village. It produces more than a thousand contos in annual tax revenue." (AMADO, 1988, p. 88)	Empréstimo
Dependendo de milhões de contos de réis, da cooperação entre os poderes federal, estadual e municipal.	requiring years of preliminary study and millions of contos , plus the wholehearted co-operation of the federal, state, and local governments. (AMADO, 1988, p. 213)	Empréstimo
Não sou de mesquinhas. Quer apostar? Então aposte dinheiro de verdade. Boto dez contos como o engenheiro vem.	"I don't play penny ante. Do you want to bet? Then bet some real money. I'll bet ten contos that the engineer will come." (AMADO, 1988, p. 214)	Empréstimo
Dez contos ? Boto vinte contra seus dez e dou um ano de prazo. Ou quer mais? — a voz suave, o olho mau.	"Ten contos ? I'll put up twenty against your ten, and I'll give you a year's time. What more do you want?" His voice was soft, but the look in his eyes was mean. (AMADO, 1988, p. 214)	Empréstimo
Diziam ter-lhe o pai de Osmundo prometido cinqüenta contos de réis, uma fortuna!, se ele conseguisse botar o coronel na cadeia.	"[...]It was said that Osmundo's father had promised him fifty contos —a fortune!—if he succeeded in having the colonel put in jail." (AMADO, 1988, p. 230)	Empréstimo
Foi à sua casa na véspera, ele ainda lhe deu um conto de réis. Ribeirinho estava na roça, quando chegou encontrou a notícia. Ela levava anel de brilhante, <i>pendentif</i> de ouro, mais de vinte contos em jóias. Tonico comentara no bar:	Ribeirinho was in the country and learned of her departure only upon his return. He had given her more than twenty contos worth of jewelry, including a diamond ring and a gold locket. Tonico commented in the bar: (AMADO, 1988, p. 272)	Empréstimo

Amâncio Leal propusera outra aposta a Ribeirinho Vinte contos como os rebocadores, as dragas nunca viriam. Novamente Nacib foi chamado de testemunha.	Amancio Leal proposed another bet to Ribeirinho: twenty contos that the foratugs and dredges would never come. Again Nacib was called to serve as witness.(AMADO, 1988, p. 321)	Empréstimo
Um anel valia dinheiro, dona Arminda soubera: custara quase dois contos de réis. Que ia fazer com esse mundo de coisas?	“[...]One of the rings was worth a lot of money; Dona Arminda found out it cost nearly two contos . What was she going to do with all that stuff? (AMADO, 1988, p. 403).	Empréstimo
— Ah! seu Mundinho... Pois não. Senhorita Jerusa, quer ter a bondade de entregar a prenda ao cavalheiro? Um conto de réis, meus senhores, um conto de réis! São Sebastião será eternamente grato a seu Mundinho.	“Ah! Mr. Mundinho. Fine. Miss Jerusa, will you please deliver the tea set to the gentleman? One thousand milreis, my friends, one thousand milreis! St. Sebastian will be eternally grateful to Mr. Mundinho.” (AMADO, 1988, p. 421).	Omissão
Fazia frente ao velho Ramiro, disputava-lhe os cargos, levava-o a ataques de coração. E, ao mesmo tempo, dava um conto de réis, duas reluzentes notas de quinhentos, por meia-dúzia de xícaras de louça barata, prenda da neta do seu inimigo.	“[...] He defied old Ramiro, challenged his powers, gave him heart attacks. Yet here he was paying one thousand milreis, two crisp bills of five hundred each, for half a dozen cheap china cups put up at auction by his enemy's granddaughter. (AMADO, 1988, p. 421).	Omissão
Mesmo depois de casado, com tanta coisa dada a Gabriela, fora-lhe possível separar cada mês uns contos de réis, para a futura roça de cacau. Resolveu por fim àquela vida devassa e ruinosa.	“Even after he was married, despite his many gifts to Gabriela, he had been able to set aside a few cantos each month toward the future cacao grove” (AMADO, 1988, p. 478).	Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Copo de mingau		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Copo de mingau	Glass of porridge	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Culinária baiana; vendido bem quente nas ruas da Bahia; culturalmente tem-se o habito de tomá-lo no café da manhã ou até antes para abrir o apetite, sendo um ótimo alimento para curar ressaca; diversos sabores, o mais tradicional é feito com leite de coco ralo e grosso, açúcar, canela em pó, maizena, cravos da índia e sal.	Glossário TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Repetiam diariamente o mesmo itinerário: primeiro o copo de mingau na banca de peixe, a conversa animada, a troca de novidades, grandes gargalhadas. [...]” (AMADO, 2006, p. 17)	“[...] The group went through the same routine every day: first the <i>glass of porridge</i> , the animated conversation, the exchange of news, the loud laughter. [...] (AMADO, 1988, p. 22).	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Cuscuz		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cuscuz		Corn meal
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m</i> Culinária baiana; pode ser feito com farinha de milho, puba, carimã, arroz e tapioca; cozinhado a vapor ou prato; servido quente.		Glossário do TT: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Negras vendiam mingau e cuscuz , milho cozido e bolos de tapioca. [...]” (AMADO, 2006, p. 17)	“[...] Negro women were selling porridge, corn on the cob, tapioca cakes, and steamed rice with coconut milk. (AMADO, 1988, p. 21).	Omissão
“[...] Engolia pedaços de cuscuz , os olhos enternecidos, a guia a prendê-lo à mesa, a curiosidade a dar-lhe pressa, era hora dos enterros. [...]” (AMADO, 2006, p. 128)	“[...] With rapture in his eyes, Nacib swallowed mouthfuls of corn meal . His gluttony held him at the table while his curiosity impelled him to hurry; it was time for the funerals. (AMADO, 1988, p. 175).	Adaptação
“[...] era hora dos enterros. Divino aquele cuscuz , sublimes as talhadas de banana frita. Arrancou-se da mesa com esforço. Gabriela amarrara uma fita nos cabelos [...]” p.128	“[...] it was time for the funerals. The fried banana was sublime. By a supreme effort he tore himself from the table. Gabriela had tied her hair with a ribbon. (AMADO, 1988, p. 175).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cuzcuz de puba		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cuzcuz de puba		Manioc meal with coconut milk
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m Culinária baiana; feito com a puba e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente.		Ø.
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O coronel Ribeirinho, proprietário da fazenda Princesa da Serra, cuja riqueza não afetara sua simplicidade bonachona, quase sempre já ali se encontrava quando, às cinco da manhã, Maria de São Jorge, formosa negra especialista em mingau e cuscuz de puba , descia o morro, o tabuleiro sobre a cabeça, vestida com a saia colorida de chitão e a bata engomada e decotada a mostrar metade dos seios rijos.[...]” (AMADO, 2006, p. 17)	“[...] Colonel Ribeirinho, owner of the Mountain Princess plantation, whose wealth had not affected his good-natured simplicity, was nearly always there by five o'clock. That was the hour when Maria de Sao Jorge, a handsome Negro woman and a specialist in <i>manioc meal with coconut milk</i> , would come down the hill, her tray on her head, in brightly colored skirt and low-cut, starched white waist.” (AMADO, 1988, p. 21-22).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cuzcuz de milho		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cuscuz de milho		Manioc meal
Cuzcuz de milho		Corn meal with coconut milk
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m Culinária baiana; feito com a farinha de milho e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] A verdade é que já sentia saudade dela, de sua limpeza, do café da manhã com cuscuz de milho , batata- doce, banana-da-terra frita, beijus... [...]” (AMADO, 2006, p. 31)	“[...]The truth was that he missed her already— her breakfasts of coffee, <i>manioc meal</i> , potato, fried banana, and tapioca pudding; [...]” (AMADO, 1988, p. 41)	Erro
“[...] Pulou da cama: como perder os enterros? Saiu do banheiro já vestido, Gabriela acabava de pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite. Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da- terra frita, inhame, aipim. Ela ficara parada na porta da cozinha, interrogativa. [...]” (AMADO, 2006, p. 128)	“[...]When he came out of the bathroom, he was fully dressed. Gabriela had just placed his breakfast on the white tablecloth: steaming pots of coffee and of milk, fried bananas, yams, cassava, and <i>corn meal with coconut milk</i> . [...]” (AMADO, 1988, p. 175).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cuzcuz de mandioca		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cuzcuz de mandioca		Confections of manioc
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m culinária baiana; feito com massa da mandioca e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“ [...] O negrinho Tuísca ajudava, preocupado em saber quem lhe pagaria a conta semanal de doces do dentista, em cuja casa, todas as tardes, deixava bolo de milho e de aipim, cuscuz de mandioca também. [...]” (AMADO, 2006, p. 96)	“[...] Tuísca also helped, but the boy's mind was elsewhere: he was worried about payment of the previous week's bill for the <i>confections of</i> corn, cassava, and <i>manioc</i> that he delivered to the dentist's house every afternoon. [...]” (AMADO, 1988, p. 129).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Cuscuzeiro		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Cuscuzeiros		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m panela alta com a parte de cima larga e parte de baixo mais estreita; formato funil; parte de dentro, a parte menor é colocado a água, após se encaixa um fundo com furos removível, sobre a qual é colocada a massa, que é cozida no vapor na parte de cima.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Bilhas de barro,oringas, potes para água fresca, panelas, cuscuzeiros , e cavalos, bois, cachorros, galos, jagunços com suas repetições, homens montados, soldados de polícia e cenas de tocaia, de enterro e casamento, valendo um tostão, dois, um cruzado, obra das mãos toscas e sábias dos artesãos. Um negro quase tão alto quanto Nacib virava um copo de cachaça de um trago, cuspia grosso no chão” (AMADO, 2006, p. 56)	“[...] Household articles and statuettes sold for a tostao each, two for a crusado. Made by hands at once rough and skillful, they included water pitchers, clay jugs, pots, pans, horses, cows, dogs, roosters, oudaws with rifles, men on horseback, soldiers, policemen, and groups of figures representing ambushes, burials, and weddings. A Negro almost as tall as Nacib downed a glass of white rum in one gulp and spit big on the ground. [...]” (AMADO, 1988, p. 76).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

D d		
Dendê		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Dendê	Palm oil	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Culinária baiana; fruto do dendezeiro; principal ingrediente do azeite de dendê.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Como compará-la com a comida de Gabriela? Josué recordava: eram poemas de camarão e dendê , de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta. [...]” (AMADO, 2006, p. 345).	“[...] How could it be compared to Gabriela's cooking! Josue spoke of her "poems" of shrimp and <i>palm oil</i> , of fish and coconut milk, of meat and pepper. [...]” (AMADO, 1988, p. 426).	Modulação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Doce de Aipim		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Doces de aipim		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Culinária brasileira; feito com aipim ralado na pedra, leite de coco grosso e ralo, coco ralado na pedra, manteiga, ovos, sal e açúcar; após a mistura de todos os ingredientes e a massa é levada ao forno por cerca de 35 minutos.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]” (AMADO, 2006, p. 43)</p>	<p>“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59).</p>	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

E e		
Efó		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Efó	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Comida africana trazida para o Brasil no período colonial por africanos e incorporada, culturalmente, na culinária baiana depois do período de alforria dos escravos; comida de oferenda em ritos religiosos do candomblé. Feito com taioba, cebola, camarão seco, amendoim, castanha de caju, leite de coco grosso e ralo, azeite de dendê, azeite de oliva e sal, cozinha-se por cerca de 10 minutos.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatías. O Doutor saltara em defesa do vatapá, do caruru, do efó .[...]” (AMADO, 2006, p. 344)	“[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of taroand-shrimp stew and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

F f		
Farinha de mandioca		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Farinha de mandioca	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> Culinária brasileira; <i>orig. indígena</i> ; da família <i>manihot esculenta</i> ; produzida nas casas de farinha, onde é triturada em pilão, após passa pelo cocho, depois é prensada no tipiti para retirada da água da mandioca, depois é peneirada e torrada.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Postas de carne seca, de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. Sacos de alva farinha de mandioca .. [...]” (AMADO, 2006, p. 54)	“[...]Slabs of beef — jerked, sun-dried and salted, or smoke-cured; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. Golden bananas, yellow pumpkins, green eggplant, okra, and oranges. (AMADO, 1988, p. 73-74).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Fanfarronada		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Fanfarronada	Callouness	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Indívio que se gaba de tal feito; exagero de supervalorização de qualidades atreladas a valentia.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Costumes ferozes esses de Ilhéus... Porque toda aquela <i>fanfarronada</i> de Nacib, suas histórias terríveis da Síria, a mulher picadinha a faca, o amante capado a navalha, era tudo da boca para fora.” (AMADO, 2006, p. 111).	“For Nacib's <i>callousness</i> to cruelty was as fictitious as his fierce stories. How could anyone think that a young and beautiful woman deserved death for having deceived an old and brutal man, incapable of a caress, of a tender word? (AMADO, 1988, p. 151).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Festa de Santo Antonio (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Festa de Santo Antonio (s)	Feasts of St. Anthony	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. festa típica popular do nordeste brasileiro, com danças e comidas típicas regionais; tradicionalmente há a queima de fogueira e quadrina junina.		
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Contentavam-se com atender os pedidos de dinheiro do bispo e dos padres para obras e folguedos: o colégio das freiras no alto da Vitória, o palácio diocesano, escolas de catecismo, novenas, mês de Maria, quermesses, festas de Santo Antônio e São João . [...]” (AMADO, 2006, p. 8)	Not that the colonels played no part in the religious life of the community. Their role, as they saw it, was to provide funds, upon request of the Bishop or the local priests, for church buildings and activities. They financed the parochial school for girls, the episcopal residence, catechism classes, novenas, the month of Mary, charity bazaars, and the feasts of St. Anthony and St. John. (AMADO, 1988, p. 8).	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológico		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Festa de São João (s)		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Festa de São João (s)		Fiests of St. John
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Festa típica popular do nordeste brasileiro, com danças e comidas típicas regionais; tradicionalmente há a queima de fogueira e quadrina junina.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Contentavam-se com atender os pedidos de dinheiro do bispo e dos padres para obras e folguedos: o colégio das freiras no alto da Vitória, o palácio diocesano, escolas de catecismo, novenas, mês de Maria, quermesses, festas de Santo Antônio e São João . [...]” (AMADO, 2006, p. 8)	“[...] Not that the colonels played no part in the religious life of the community. Their role, as they saw it, was to provide funds, upon request of the Bishop or the local priests, for church buildings and activities. They financed the parochial school for girls, the episcopal residence, catechism classes, novenas, the month of Mary, charity bazaars, and the feasts of St. Anthony and St. John . (AMADO, 1988, p. 8)	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Feijão		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Feijão		beans
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária brasileira; da família do <i>phaseolus vulgaris</i> ; ingrediente principal de vários pratos típicos brasileiros, sopa, feijão carreteiro e feijoada; cozido com cebola, alho, água, linguiça, carne de charque, bacon, vinagre, cominho com pimenta e sal, servido como acompanhamento do arroz.		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] As más línguas diziam que, na fazenda, ele só comia arroz aos domingos ou em dias feriados, tão econômico era, contentando-se com o feijão e o pedaço de carne seca, refeição dos trabalhadores. [...]” (AMADO, 2006, p. 103)	“[...] Las malas lenguas decían que, en la hacienda, sólo comía arroz los domingos o los días feriados, tan ahorrativo era, y se conformaba con el feijão y el pedazo de charque, la comida de los trabajadores. [...]” (AMADO, 2007, p. 136)	Tradução palavra por palavra
“[...] As cinco da manhã já estão na roça, só largam a enxada depois do sol deitar. Tendo feijão e carne seca, café e pinga, estão contentes. Pra mim, não há trabalhador que valha esses sertanejos – afirmava como autoridade na matéria. [...]” (AMADO, 2006, p. 114)	“[...] At five o'clock in the morning they're out in the field and they don't drop their hoes until sundown. Give them enough bean sand jerked beef, coffee and liquor, and they're happy. For my money, there are no workers who can compare to them.” He spoke as an authority on the subject. [...]” (AMADO, 1988, p. 155)	Tradução palavra por palavra
“[...] Essa gente vinda do sertão, esfomeada, era capaz de qualquer mentira para conseguir trabalho. Que podia ela saber de cozinha? Assar jabá e cozinhar feijão , nada mais. [...]” (AMADO, 2006, p. 116)	“[...]These people coming from the backlands, half-starved would tell any kind of lie to get work. What dishes could such a girl know how to make? Probably nothing but jerked beef and beans . [...]” (AMADO, 1988, p. 158).	Tradução palavra por palavra
“[...] – Oh! – exclamava ante o aroma a exalar-se da galinha de cabidela, da carne de sol assada, do arroz, do feijão , do doce de banana em rodinhas. [...]” (AMADO, 2006, p. 133)	“[...]Ah!” he exclaimed, as he inhaled the aroma from the chicken stew, the jerked beef, the rice, the beans , and the banana compote. [...]”(p. 181).	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Feijoada		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Feijoada		Black beans with pork and sausage
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p>s.f. Culinária afro-brasileira; historicamente consumido pela população de nível socioeconômico menos elevado; comida dos escravos; comida preferida do santo do candomblé Ogum; feita com feijão mulatinho, lombo salgado, peixinho (carne de músculo), carne seca, linguiça defumada, linguiça paio, cebola, alho, louro, cominho, hortelã, cebolinha, vinagre e tomate, cozinhada em panela de barro por cerca de 2 horas, servida quente, acompanhada de arroz e farofa.</p>		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada , moqueca de peixe. [...]” (AMADO, 2006, p. 54)	“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe, fish stew, and black beans with pork and sausage . [...]” (AMADO, 1988, p. 74)	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Filhas de Santo		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Filhas de Santo	priestesses of the voodoo gods	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Referente ao candomblé; refere-se a um laço “familiar” provindo de uma iniciação entre o indivíduo e o seu padrinho, advindo obrigações e deveres da religião do candomblé.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Do morro desciam as outras pastoras, vinha Gabriela da casa de dona Arminda, já não eram somente pastoras, eram filhas de santo , iaôs de Iansan. [...]” (AMADO, 2006, p. 345)	“[...] Down from the hill came more girls, and Gabriela would come up from Dona Arminda's house. But they were no longer mere shepherd girls: they were priestesses of the voodoo gods . (AMADO, 1988, p. 483)	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Frigideira		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Frigideiras		Ø
Frigideira de camarão		Ø
Frigideiras de siri mole		Grabmeat paste
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. culinária baiana; preparado baiano refogado coberto por ovos, existe uma gama de sabores distintos de frigideiras; servida como prato principal, acompanhada de arroz e farofa, ou também como lanche rápido e tira-gosto; feita com batata, alho, cebola, tomate, pimentão, coentro, leite de coco grosso, farinha de trigo, ovos, azeitona sem caroço e sal, cozinhada no forno por cerca de 20 minutos e servida quente.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	DE
“[...] Gabriela arrumava enorme tabuleiro de doces. Outro, ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras . [...]” (AMADO, 2006, p.153)	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil, and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204)	Omissão
“[...] Seu permanente rabicho, porém, continuava a ser a amazonense. Com ela dançava no cabaré, juntos bebiam cerveja, comiam frigideiras . . Quando ela estava livre escrevia-lhe um recado com sua letra de escolar, ele, fechado o bar, ia vê-la. [...]”. (AMADO, 2006, p.167)	“[...] Nacib's favorite, however, continued to be the Indian. He danced with her in the cabaret and they had beer and sandwiches together. When she was free she sent him a note, in her childish handwriting, and as soon as he bar closed he went to see her.” (AMADO, 1988, p. 500)	Erro
“[...] Uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... Acarajé, abará, doces, moquecas e frigideiras de camarão , isso só mesmo Maria de São Jorge...[...]” (AMADO, 2006, p. 52)	“[...] One of them, showing her toothless gums in a grin, said she could cook a few plain dishes. The other could not even do that.[...]” (AMADO, 1988, p. 71-72)	Omissão

<p>“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]” (AMADO, 2006, p.43)</p>	<p>“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59)</p>	<p>Adaptação.</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

G g		
Galinha de Cabidela		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Galinha de cabidela	Chicken stew	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> Galinha de molho pardo ou galinha de cabidela; feita com uma galinha inteira, sangue da galinha talhado no vinagre, tomate, cebola, pimentão, alho, coentro, molho de cebolinha, pimenta do reino e sal; cozinhado em uma panela em fogo baixo; dentro as alterações do prato originário português, não se faz o arroz de cabidela como acompanhamento, que é cozido com o sangue da galinha.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] – Oh! – exclamava ante o aroma a exalar-se da galinha de cabidela , da carne de sol assada, do arroz, do feijão, do doce de banana em rodinhas. [...]” (AMADO, 2006, p. 133)	“[...] – Ah!” he exclaimed, as he inhaled the aroma from the chicken stew , the jerked beef, the rice, the beans, and the banana compote. (AMADO, 1988, p. 181)	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Gatos pingados		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Gatos pingados	Persons	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Poucas pessoas no ambiente; comparecendo ao local poucos indivíduos.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Não freqüentava, única mulher entre seis gatos pingados , as sessões dominicais do Grêmio Rui Barbosa, atravessando insolente por entre as solteironas saídas da missa das dez?” (AMADO, 2006, p. 335).	“She was the only woman in a sparse audience of six <i>persons</i> at the Sunday morning meetings of the Rui Barbosa Literary Society and, on her way there, passed insolently through the midst of the old maids coming out often o'clock Mass. (AMADO, 1988, p. 468)	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Gárrulo		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Gárrulo		Garrulous
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m.</i> Indivíduo que vive cantando.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] fazia-se o silêncio das grandes ocasiões, quando avançava no palanque ou bem a figura morena e insinuante do Capitão, vestido de impecável roupa branca, uma flor na lapela, alfinete de rubi na gravata, ar de ave de rapina devido ao nariz crescido e curvo, ou bem a silhueta magra do Doutor, pequenino e saltitante, como gárrulo pássaro inquieto, trajando sua eterna roupa negra [...]” (AMADO, 2006, p. 23).	“[...] a solemn silence would reign when there advanced upon the stage either the dark and captivating figure of the Captain, impeccably clothed in a white suit, a flower in his buttonhole, a ruby pin in his tie, his large, hooked nose giving him the air of a bird of prey, or the Doctor's thin silhouette, small and lively, like a garrulous , hopping bird, wearing those eternal black clothes, (AMADO, 1988, p. 30)	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Grapíúna		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Grapíúna (s)		Ilhean
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m.</i> Indivíduo natural das terras cacauceiras do sul da Bahia.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“E, se alguma dúvida perdurava-lhe no espírito por acaso, não era o pagamento mais elevado do registro e da certidão, o corte de fazenda para sua esposa, a galinha ou o peru para o quintal, que o punham em paz com sua consciência. Era que ele, como a maioria da população, não media pelo nascimento o verdadeiro grapiúna , e, sim, pelo seu trabalho em benefício da terra, pela sua coragem de entrar na selva e afrontar a morte, pelos pés de cacau plantados ou pelo número de portas das lojas e armazéns, pela sua contribuição ao desenvolvimento da zona.” (AMADO, 2006, p. 35).	And if, perchance, an occasional doubt assailed him, it was not the payments for the registries and birth certificates nor the things they enabled him to buy—the dress goods for his wife, the hen or turkey for his back yard—that eased his conscience. He believed, with the majority of the people, that what made a man a native was not his place of birth but his courage in entering the jungle and braving death, the cacao seedlings he planted, the shops and warehouses he opened—in short, his contribution to the development of the region (AMADO, 1988, p. 46-47)	Adaptação
“Desde então ficou ele menos escrupuloso e mais barateiro, mais grapiúna ainda, graças a Deus. Por isso, quando morreu octogenário, seu enterro transformou-se em verdadeira manifestação de homenagem a quem fora, naquelas paragens, exemplo de civismo e devoção à justiça.” (AMADO, 2006, p. 346).	“From that time on, he became even less scrupulous, less expensive, more truly native , and more beloved. When he died in his eighties, his funeral was transformed into a veritable tribute to one who had been, in those parts, an example of civic pride and devotion to justice. (AMADO, 1988, p. 47)	Adaptação
“Já lhe levei meu abraço na casa do Amâncio. E que subo para a fazenda ainda hoje, levando esses homens... Com o sol, vai ser uma safra e tanto — mostrava os homens que selecionara, agora agrupados a seu lado. — Esses sertanejos são bons no trabalho. Não é como essa gente daqui. Grapíúna não gosta de pegar no pesado, gosta é de ficar vagabundando na cidade... [...]” (AMADO, 2006, p. 114).	“Now I'm going to take these men up to the plantation.” He pointed to the men he had selected, now gathered in a group near him. “These backlanders are good workers. They're not like the people around here. Ilheans don't like heavy work; they'd rather stay in town and loaf.” (AMADO, 1988, p. 155)	Modulação

<p>“Eu tenho somente quatro anos, quase cinco. E sou tão grapiúna como o senhor. Daqui não vou mais sair...[...]</p>	<p>“I’ve been here only four years, nearly five. But I’m as much of an Ilhean as you, sir. I expect to live the rest of my life here.”</p>	<p>Modulação</p>
<p>“Pensando como homem direito, acho que o senhor é sócio, deve ter metade dos lucros como tem no restaurante. Pensando como grapiúna, podia dizer que não há papel assinado, que o senhor é homem rico, não precisa disso.”</p>	<p>“From the viewpoint of an honest man, I think you are a partner in everything that we use your investment for, and you should receive half the profits. On the other hand, I could say that we have no signed agreement, that we never talked about gambling, that you’re a rich man and don’t need the money,”</p>	<p>Omissão</p>
<p>“A exceção de Pelópidas, do Capitão e de João Fulgêncio, nenhum dos demais a conversar junto à banca de peixe, naquele dia, nascera em Ilhéus. Tinham vindo atraídos pelo cacau mas sentiam-se todos grapiúnas, ligados àquela terra para sempre.”</p>	<p>“Except for Pelopidas, the Captain, and Joao Fulgencio, none of the men engaged in conversation that morning at the fish market had been born in Ilheus. They had been drawn there by cacao, but they all considered themselves real Ilheans.”</p>	<p>Modulação</p>
<p>“Chegavam e em pouco eram ilheenses dos melhores, verdadeiros grapiúnas plantando roças, instalando lojas e armazéns, rasgando estradas, matando gente, jogando nos cabarés, bebendo nos bares, [...]”</p>	<p>“They arrived, and soon they were true Ilheans, breaking through the forest, planting cacao trees, setting up stores, opening roads, killing people, gambling in the cabarets, drinking in the bars [...]”</p>	<p>Modulação</p>
<p>“Ilhéus é uma terra de forasteiro, seu coronel. A gente mesmo o que é? Nenhum nasceu aqui. A gente daqui o que é que vale? Tirante o Doutor, homem ilustrado, os outros são uns restos, só serve pro lixo. Por assim dizer, a gente é os primeiros grapiúnas. Os filhos da gente é que são ilheenses. Quando a gente chegou nessa mata medonha, eles não podia também dizer que nós não passava de forasteiros?”</p>	<p>“Ilheus is a land of outsiders, Colonel. The old natives here are just a lot of riffraff—except the Doctor, of course, he’s a learned man. We are the real Ilheans, Colonel, and not one of us was born here. We’re all immigrants. When we first arrived here, couldn’t the natives have called us just a bunch of outsiders?”</p>	<p>Modulação</p>
<p>“No dia seguinte, depois do almoço, os marinheiros tiveram novamente folga, espalharam-se pelas ruas. Como gostavam da cachaça ilheense!, comprovavam com orgulho os grapiúnas. Vendiam cigarros estrangeiros, peças de fazenda, frascos de perfume, bugigangas douradas. Gastavam o dinheiro em cachaça, enfiavam-se nas casas de mulheres-damas, caíam bêbedos na rua.</p>	<p>“On the following afternoon the sailors were again given shore leave, and they spread through the streets. They sold foreign cigarettes, bolts of cloth, bottles of perfume, and gilt trinkets. With the proceeds they drank rum and invaded the brothels. Many of them fell drunk in the streets.”</p>	<p>Omissão</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

I i		
Inhame		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Inhame	Yams	
Inhame	Aipim	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Origem africana; planta do gênero <i>Discorea</i> ; também conhecido como, cará, caranambu, caratinga, cará de folha colorida, cará liso, cará de pele branca, inhame cará e taro; rico em vitaminas do complexo B; cozinhado em água e sal, e servido quente.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Gabriela acabava de pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite. Sobre a alva toalha, cuscuz de milho com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame , aipim. [...]” (AMADO, 2006, p. 128)	“[...] Gabriela had just placed his breakfast on the white tablecloth: steaming pots of coffee and of milk, fried bananas, yams , <i>cassava</i> , and corn meal with coconut milk.[...]” (AMADO, 1988, p. 175)	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] cuidar de seu crescimento durante três anos. Entre os pés de cacau cultivavam mandioca, milho, batata doce, inhame . (AMADO, 2006, p. 129)	“[...] take care of them for three years. Among the seedlings they planted manioc, corn, sweet potatoes, and aipim . (AMADO, 1988, p. 454)	Erro

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ecológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Domesticação

Iaôs de Iansan		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Iaôs de Iansan	priestesses of the voodoo gods	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Filha de Iansan que faz o ritual do banho no candomblé.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Riam as pastoras, Miquelina soltava sua gargalhada de louca, Dora sorria como rainha que era. Do morro desciam as outras pastoras, vinha Gabriela da casa de dona Arminda, já não eram somente pastoras, eram filhas de santo, iaôs de Iansan . [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Down from the hill came more girls, and Gabriela would come up from Dona Arminda's house. But they were no longer mere shepherd girls: they were priestesses of the voodoo gods . (AMADO, 1988, p. 483)	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

J j		
Jabá		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Jabá	Jerked beef	
DEFINIÇÃO		
<i>s.m.</i> Origem tupi, variação de "yaba" ou "jabau"; mesmo que carne seca; carne roubada pelos escravos para sobreviver nos quilombos.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Essa gente vinda do sertão, esfomeada, era capaz de qualquer mentira para conseguir trabalho. Que podia ela saber de cozinha? Assar jabá e cozinhar feijão, nada mais. [...]” (AMADO, 2006, p. 116)	“[...]These people coming from the backlands, half starved, would tell any kind of Ke to get work. What dishes could such a girl know how to make? Probably nothing but <i>jerked beef</i> and beans. (AMADO, 1988, p. 157-158)	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Jararaca		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Jararaca (s)		Pit vipers
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.f</i> Tupi <i>yara'raka</i>.serpente encontrada no Brasil, se camufla na mata é de extrema periculosidade, o veneno de sua mordida pode causar graves lesões.</p>		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“Eles queimavam a mata: corriam os animais apavorados, na frente do fogo. Porcos selvagens, caititus, pacas, veados, teiús e jacus, e um mundo de cobras: jararacas, cascavéis, surucucus. Tinham depois de roçar com cuidado, por entre as moitas escondiam-se as cabeças traçoeiras das serpentes, com o bote armado para picar. Era morte certa.. (AMADO, 2006, p. 337).</p>	<p>“Fagundes and Clemente had burned away the brush and fallen trees. Terrified animals ran before the flames: wild pigs, peccaries, pacas, deer, large lizards, guans, and a world of snakes—bushmasters, rattlesnakes, pit vipers. (AMADO, 1988, p. 455)</p>	Modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Jiló		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Jiló (s)		Green eggplant
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m. Solanácea</i>, de origem Africana trazido para o Brasil juntamente com o quiabo e outros alimentos no período da “colonização brasileira” com o tráfico de escravos. É muito consumido no Brasil desde o período colonial, firmando-se na mesa do brasileiro. A verdura quase não é consumida e conhecida fora do Brasil, tornando-o um alimento típico afro-brasileiro já que, o <i>jiló</i> ganhou tanto espaço na mesa do brasileiro, que nos últimos anos nos Estados Unidos, teve um aumento de consumo da verdura, que pode ser ocasionado pela crescente imigração de brasileiros para o país, acarretando que sendo uma espécie pouco consumida pelo mundo.</p>		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“Postas de carne seca, de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. Sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas.. [...]” (AMADO, 2006, p. 54).</p>	<p>“Slabs of beef — jerked, sun-dried and salted, or smoke-cured; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. Golden bananas, yellow pumpkins, green eggplant, okra, and oranges. (AMADO, 1988, p. 73-74)</p>	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Jogo de burro			
PORTUGUÊS		INGLÊS	
Jogo de burro		Old maid	
DEFINIÇÃO			
PORTUGUÊS		INGLÊS	
s.m. é um jogo de cartas jogado com baralho espanhol, cujo principal objetivo é conseguir quatro cartas do mesmo número.		Ø	
ABONAÇÕES			MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		INGLÊS	
“[...] De aluna a tratava, um falso ar paterno, desde um dia quando tentara, no bar quase vazio, ensinar-lhe os mistérios do gamão. Ela rira sacudindo a cabeça, além do <i>jogo de burro</i> não conseguia aprender nenhum outro		He had called her his pupil, with a falsely paternal air, ever since the day when, with the bar almost empty, he had tried to teach her backgammon. She had shaken her head and laughed; she never succeeded in learning any game but old maid . (AMADO, 1988, p. 208).	
DOMÍNIO CULTURAL			
Domínio da Cultura Material			
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO			
Domesticação			

L1		
Lata de mingau		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Latas de mingau	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> culinária baiana; recipiente de lata que armazena o mingau que é vendido bem quente nas ruas da Bahia.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Quantas vezes não a ajudara o coronel a baixar a lata de mingau , a arrumar o tabuleiro, os olhos no decote da bata. [...]” (AMADO, 2006, p. 17)	“[...] he would help Maria arrange her tray without taking his eyes from the plunging neckline that revealed a good part of her firm breasts. [...]” (AMADO, 1988, p. 22)	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Lata de mingau das baianas		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Lata de mingau das baianas	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Culinária baiana; recipiente de lata que armazena o mingau que é vendido bem quente pelas baianas do acarajé nas ruas da Bahia.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O coronel Manuel das Onças apressou o passo em direção à banca de peixe, nas imediações do porto, onde pela manhãzinha, quotidianamente, reunia-se um grupo de velhos conhecidos em torno das latas de mingau das baianas . [...]” (AMADO, 2006, p. 11)	“[...] Early every morning a group of old acquaintances met down at the fish market near the waterfront. Colonel Manuel was always the first to arrive, yet this morning he fairly ran to the meeting-place as if all the others were already there eagerly awaiting his wonderful news. [...]” (AMADO, 1988, p. 12)	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Licor de Abacaxi		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Licor de Abacaxi		Liquer pineapple
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária nordestina; bebida alcóolica doce; feito com álcool misturado com abacaxi; bebida tradicional da Festa Junina no nordeste brasileiro.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] – Anastácia, sirva um licor a seu Nacib! – ordenou Florzinha. – De que pretere? De jenipapo ou de abacaxi ? Temos também de laranja e de maracujá... [...]” (AMADO, 2006, p. 47)	““[...] "Anastacia, bring a <i>liqueur</i> for Mr. Nacib," ordered Florzinha. "What do you prefer? Genipap or <i>pineapple</i> ? We also have orange and passionflower." [...]” (AMADO, 1988, p. 64	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Licor de Jenipapo		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Licor de Jenipapo	Liquer Genipap	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Culinária nordestina; bebida alcóolica doce; feito com álcool misturado com jenipapo; bebida tradicional da Festa Junina no nordeste brasileiro.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] –Anastácia, sirva um licor a seu Nacib! – ordenou Florzinha. – De que pretere? De jenipapo ou de abacaxi? Temos também de laranja e de maracujá... [...]” (AMADO, 2006, p. 47)	““[...] "Anastacia, bring a liqueur for Mr. Nacib," ordered Florzinha. "What do you prefer? Genipap or pineapple? We also have orange and passionflower." [...]” (AMADO, 1988, p. 64	Transposição
“[...] Nacib tinha pressa, queria acertar o jantar da empresa de ônibus, os tabuleiros de doces e salgados. Sorveu o licor de jenipapo , elogiou os trabalhos do presépio: [...]” (AMADO, 2006, p. 50)	“[...] Nacib was eager to get to the point of his visit. He sipped the genipap liqueur and praised the work on the tableau: [...]” (AMADO, 1988, p. 68	Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Licor de Laranja		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Licor de Laranja		Liquer orange
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária nordestina; bebida alcóolica doce; feito com álcool misturado com laranja; bebida tradicional da Festa Junina no nordeste brasileiro.		Ø.
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] – Anastácia, sirva um licor a seu Nacib! – ordenou Florzinha. – De que prefere? De jenipapo ou de abacaxi? Temos também de laranja e de maracujá... [...]” (AMADO, 2006, p. 47)	“[...] "Anastacia, bring a liqueur for Mr. Nacib," ordered Florzinha. "What do you prefer? Genipap or pineapple? We also have orange and passionflower." [...]” (AMADO, 1988, p. 64	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Licor de Maracujá		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Licor de Maracujá	Liquer passionflower	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> culinária nordestina; bebida alcóolica doce; feito com álcool misturado com maracujá; bebida tradicional da Festa Junina no nordeste brasileiro.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] – Anastácia, sirva um licor a seu Nacib! – ordenou Florzinha. – De que pretere? De jenipapo ou de abacaxi? Temos também de laranja e de maracujá ... [...]” (AMADO, 2006, p. 47)	“[...] "Anastacia, bring a liqueur for Mr. Nacib," ordered Florzinha. "What do you prefer? Genipap or pineapple? We also have orange and passionflower ." [...]” (AMADO, 1988, p. 64)	Tradução palavra por palavra
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

M m		
Macumba		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Macumba	Voodoo ground	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s,f.</i> Termo pejorativo utilizado para se referir a prática de ritos das religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba , era sala da dança, era leito de núpcias, um barco sem rumo no morro do Unhão, velejando ao luar. Seu Nilo soltava cada noite a alegria. Trazia a dança nos pés, o canto na boca. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground , a nuptial bed, a rudderless boat sailing in the moonlight. Every night Nilo let loose his joy. He had music in his feet, songs in his mouth”.. (AMADO, 1988, p. 483)	Adaptação + + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Mãe d'água (s)		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Mãe d'água (s)		Mother of Waters
		The goddess of the sea
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Entidade do folclóri brasileiro, popularmente conhecida como Iara ou Uiara; é uma sereia com poderes de enfeitiçar os homens.		Glossário do TM: Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe d'água , Yemanjá de Estocolmo [...]” (AMADO, 2006, p. 362).	“[...] The blond Swede searched his pockets. Not a penny. But he did bring out a pretty trinket: a brooch with a golden mermaid. He placed this Nordic mother of waters , this Yemanja from Stockholm, on the counter. (AMADO, 1988, p. 505)	Tradução palavra por palavra
“[...] Os negros diziam ser bruxaria das sereias, das aflitas mães d'água , dona Janaína em fogo verde transformada. [...]” (AMADO, 2006, p. 216).	“[...] The Negroes said it was some witchery of the sirens or of tormented water spirits, or maybe even Dona Janaina, the goddess of the sea , taking the form of green fire. (AMADO, 1988, p. 296)	Modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológico		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
: Estrangeirização		

Maxixe embolado		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Maxixe embolado	Fast maxixe	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Popularmente conhecido como maxixe ou tango brasileiro, é uma dança de salão de origem afro-brasileira.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Rodando nos braços de um cavalheiro. Dança para ela era outra coisa, um coco mexido, um samba de roda, um maxixe embolado . Ou bem uma polca puxada a harmônica. Tango argentino, valsa, foxtrote, gostava não. Ainda mais com aquele sapato mordendo seu dedo espalhado. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).	“[...] Moving around in the arms of a gendeman. A dance to her was something else: a samba ring, <i>a fast maxixe</i> , a lively coco dance such as they did in the backlands. Or even a polka to the tune of a concertina. Argentine tangos, waltzes, fox trots she didn't like. Especially when her shoes pinched. (AMADO, 1988, p. 423)	Empréstimo + modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Mestre de Angola (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Mestre de Angola (s)	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Nomenclatura utilizada para a pessoa que dá o ritmo do berimbau/capoeira.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
[...]Mesmo seu Nilo com respeito o tratava, quem podia com ele? A tatuagem no peito lembrava a solidão da cadeia. De onde vinha? De morte matada. Estava de passagem e tinha pressa. No cais da Bahia por ele esperavam os jogadores de ronda, os mestres de angola , os pais de terreiro e quatro mulheres. Era só o tempo da polícia esquecer. (AMADO, 2006, p. 347).	Even Nilo treated him with respect, for no one could stand against him. On the docks in Bahia his intimate friends, including gamblers, voodoo priests, and four women, awaited his return. He planned to keep out of sight until the police forgot about him. (AMADO, 1988, p. 484)	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Mingau		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Mingau		Porridge
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Culinária baiana; vendido bem quente nas ruas da Bahia; culturalmente tem-se o hábito de comê-lo no café da manhã ou até antes para abrir o apetite, sendo um ótimo alimento para curar ressaca; diversos sabores, o mais tradicional é feito com leite de coco ralo e grosso, açúcar, canela em pó, milho, maizena, cravos da Índia e sal.</p>		∅
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“[...] Negras vendiam mingau e cusuz, milho cozido e bolos de tapioca. [...]” (AMADO, 2006, p. 17)</p>	<p>“[...] Negro women were selling <i>porridge</i>, corn on the cob, tapioca cakes, and steamed rice with coconut milk. (AMADO, 1988, p. 21)</p>	Tradução palavra por palavra
<p>“[...] O coronel Ribeirinho, proprietário da fazenda Princesa da Serra, cuja riqueza não afetara sua simplicidade bonachona, quase sempre já ali se encontrava quando, às cinco da manhã, Maria de São Jorge, formosa negra especialista em mingau e cusuz de puba, descia o morro, o tabuleiro sobre a cabeça, vestida com a saia colorida de chitão e a bata engomada e decotada a mostrar metade dos seios rijos.[...]” (AMADO, 2006, p. 17).</p>	<p>“[...] Colonel Ribeirinho, owner of the Mountain Princess plantation, whose wealth had not affected his good-natured simplicity, was nearly always there by five o'clock. That was the hour when Maria de Sao Jorge, a handsome Negro woman and a specialist in <i>manioc meal with coconut milk</i>, would come down the hill, her tray on her head, in brightly colored skirt and low-cut, starched white waist.” (AMADO, 1988, p. 21-22)</p>	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Molambos		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Molambo (s)		Covered with rags
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<i>s.m</i> Pessoa suja, mal vestida, com cabelos mal cuidados, etc.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Como vou saber? Uns molambos , uma imundice, os cabelos duros de pó. Há de ser uma bruxa, minha casa não é como a sua onde empregada até parece moça de sociedade.” (AMADO, 2006, p. 123).	“How do I know? Covered with rags , filthy, her hair stiff with dust. She's probably a witch. My house isn't like yours, where the maids look like society girls.” (AMADO, 1988, p. 168)	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Moqueca		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Moqueca	Stew of small fish and coconut milk	
Moquecas	Fish stews	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Culinária nordestina; feito com cebola, pimentão, tomate, alho, coentro, limão, azeite de dendê, pimenta de cheiro, leite de coco grosso, vinagre, alguma espécie de peixe ou fruto do mar e sal, cozido em panela de barro e servido quente	Glossário do TM: Plato típico brasileiro, y en particular de la zona de Bahía. Es un guiso o estofado de pescado o mariscos (aunque también se hace con gallina), condimentado con perejil, cilantro, limón, cebolla y, sobre todo, leche de coco, aceite de dendê y pimienta muy picante y aromática.	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... Acarajé, abará, doces, moquecas e frigideiras de camarão, isso só mesmo Maria de São Jorge... [...]” (AMADO, 2006, p. 52)	“[...]“[...] One of them, showing her toothless gums in a grin, said she could cook a few plain dishes. The other could not even do that.[...]” (AMADO, 1988, p. 71-72)	Omissão
“[...] Apesar dos artigos violentos, de sua autoria, no Diário de Ilhéus. Nesse dia, haviam ido, de passeio, ele, o poeta e Josué, almoçar num sítio de coqueiros além do Pontal, deliciosa moqueca regada a cachaça, oferecida pelo dr. Helvécio Marques, advogado e boêmio. [...]” (AMADO, 2006, p. 27)	“[...] even his scathing articles in the Ilhéus Daily, had not altered his friendly relations with the Bastoses. On that day he, the bard, and Josué had gone on a junket to a coconut plantation owned by Dr. Helvecio, a lawyer, where they ate a delicious <i>stew of small fish and coconut milk</i> . [...]” (AMADO, 1988, p. 373)	Adaptação + transposição
“[...] Suspirava ainda mas pela cozinheira inigualável, suas moquecas , os xinxins, as carnes assadas, os lombos, as cabidelas. [...]” (AMADO, 2006, p. 342)	“[...] But he sighed for the cook and her wonderful <i>fish stews</i> . [...]” (AMADO, 1988, p. 477)	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Moqueca de peixe		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Moqueca de peixe		Fish stew
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Culinária nordestina; feito com peixe da espécie namorado, cebola, pimentão, tomate, alho, coentro, limão, azeite de dendê, pimenta de cheiro, leite de coco grosso, vinagre e sal, cozido em panela de barro e servido quente.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada, moqueca de peixe . [...]” (AMADO, 2006, p. 54)	“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe, <i>fish stew</i> , and black beans with pork and sausage. [...]” (AMADO, 1988, p. 74).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Moqueca de siri		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Moqueca de siri	Crab stew	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Culinária nordestina; feito com siri, cebola, pimentão, tomate, alho, coentro, limão, azeite de dendê, pimenta de cheiro, leite de coco grosso, vinagre e sal, cozido em panela de barro e servido quente.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Coisa complicada é a vida: ainda ontem tudo marchava tão bem, ele não tinha preocupações, ganhara duas partidas de gamão seguidas contra um parceiro da força do Capitão, comera uma moqueca de siris realmente divina em casa de Maria Machado, e descobrira aquela novata, a Risoleta... [...]” (AMADO, 2006, p. 31).	“[...] Life is puzzling: only yesterday everything was going so well, he had no worries, he had won two sets of back gammon in a row from no less powerful an adversary than the Captain himself, he had eaten a glorious crab stew at Maria Machado's place, and he had discovered Risoleta. [...]” (p. 41).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticção		

Moringa		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Moringa		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. vaso de barro utilizado para armazenar ou transportar água.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Bilhas de barro, moringas , potes para água fresca, panelas, cuscuzeiros, e cavalos, bois, cachorros, galos, jagunços com suas repetições, homens montados, soldados de polícia e cenas de tocaia, de enterro e casamento, valendo um tostão, dois, um cruzado, obra das mãos toscas e sábias dos artesãos. Um negro quase tão alto quanto Nacib virava um copo de cachaça de um trago, cuspiam grosso no chão: [...]” (AMADO, 2006, p. 56)	“[...]Household articles and statuettes sold for a tostao each, two for a crusado. Made by hands at once rough and skillful, they included water pitchers, clay jugs , pots, pans, horses, cows, dogs, roosters, oudaws with rifles, men on horseback, soldiers, policemen, and groups of figures representing ambushes, burials, and weddings. A Negro almost as tall as Nacib downed a glass of white rum in one gulp and spit big on the ground. [...]” (AMADO, 1988, p. 76).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Mula de Padre (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Mula de Padre (s)	Headless mule	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Personagem folclórico brasileiro; conhecida como mula sem cabeça; a lenda conta o mito de uma mulher de que foi amaldiçoada por ter dormido com um padre sendo condenada a se transformar em mula que tem fogo no lugar na cabeça.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O silêncio de Clemente era uma resposta. As sombras cresciam, não iria tardar e a mula-de-padre , vinda do inferno, solta na mata, passaria a correr, os cascos batendo nas pedras, em lugar da cabeça um fogo saindo do pescoço cortado.[...]” (AMADO, 2006, p. 328)	“[...] Clemente's silence was his answer. The shadows grew. Soon the headless mule would come up from hell and run loose in the woods; her hoofs would strike sparks from the stones, and flames would belch from her neck. (AMADO, 1988, p. 457)	Modulação + transposição
[...]. O crepúsculo morria, a noite entrava por dentro das roças, trazendo consigo os lobisomens, as mulas-de-padre , a alma dos mortos nas tocaias antigas [...]”(AMADO, 2006, p. 328)	“[...] The twilight was dying and night was falling, bringing with it the werewolves, the souls of men murdered in ambush, and the ghost of a priest's mistress in the form of a headless mule . The shadows filled the cacao groves, and the owls opened their nocturnal eyes. (AMADO, 1988, p. 456).(AMADO, 2007, p.	Modulação + transposição

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ideológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Estrangeirização

O o		
Ogun		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Ogun	Ogun	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; interligado a Exu.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]” (AMADO, 2006, p. 346)	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala. Gabriela was Yemanja, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483)	Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Omolu		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Omolu		Omolu
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m Entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; também conhecido como Xapanã; reponsável pela varíola e outras doenças epidêmicas. Xapaña tem duas transformações, a primeira Abaluaiê e a segunda que é Omolu.		∅
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu , era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]”(AMADO, 2006, p. 346)”	“[...] Nilo was transformed into all the gods—Ogun and Xango, Oxossi and Omolu ; for Dora he was the great god Oxala. Gabriela was Yemanja, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483)	Empréstimo

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ideológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Estrangeirização

Oxalá		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Oxalá	Oxalá	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; considerado o maior de todos os orixás; orixá da criação e procriação.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]” (AMADO, 2006, p. 346)	“[...] Nilo was transformed into all the gods—Ogun and Xango, Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala . Gabriela was Yemanja, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483)	Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Oxóssi		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Oxóssi		Oxóssi
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; divindida da fauna e flora.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo was transformed into all the gods—Ogun and Xango, Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala. Gabriela was Yemanja, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo

DOMÍNIO CULTURAL
Domínio da Cultura Ideológica
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO
Estrangeirização

P p		
Pajé		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Pajé	Sachem	
	Ramiro	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Pessoa responsável pela condução dos rituais místicos.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“O Capitão falou: – Furioso, hein? Muito mais ele ainda vai ficar, o velho pajé . Pensa que é dono disso aqui...[...].” (AMADO, 2006, p. 73).	“Captain spoke: "The old sachem was furious, eh? He thinks he owns the whole town. Well, he's going to get a lot more furious than that." (AMADO, 1988, p. 102).	Adaptação
“A campanha eleitoral sofrerá brusca solução de continuidade com a morte do velho pajé , como se os oposicionistas já não tivessem a quem combater e os do governo não soubessem como agir sem seu chefe de tantos anos.” (AMADO, 2006, p. 337).	“The electoral campaign had bogged down with Ramiro's death, as if the government party had died with its leader and the opposition were left without adversaries. After a time Mundinho and his friends became active again, but without their old enthusiasm and drive. (AMADO, 1988, p. 471).	Implicação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Pau-Brasil		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Pau-Brasil		Brazilwood trees
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Árvore da família das leguminosas e subfamília cesalpinioídea, originária da mata atlântica brasileira, também conhecida como pau-de- tinta, orabutã, ibirapiranga, ibirapitanga, ibirapitá, arabutã e pau- pernambuco; muito explorada no período colonial.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“O donatário, Jorge de Figueiredo Correia, a quem o rei de Portugal dera, em sinal de amizade, essas dezenas de léguas povoadas de silvícolas e de pau-brasil, não quisera deixar pela floresta bravia os prazeres da corte lisboeta, mandara seu cunhado espanhol morrer nas mãos dos índios.” (AMADO, 2006, p. 9).</p>	<p>“[...] the king of Portugal had given the region, with its savages and brazilwood trees, to one Jorge de Figueiredo Correia. This gentleman, however, preferred the pleasures of the court at Lisbon to the hardships of the wilderness. In his stead he sent his Spanish brother-in-law, who, at his suggestion, placed the region under the protection of the donee's namesake, St. George. [...] (AMADO, 1988, p. 10).</p>	Modulação + Transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Pedaço Assado de Charque		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Assado de charque	Piece of jerked beef	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Comida típica da região sul do Brasil; feita com carnes gordurosas da parte dianteira do boi, as partes levam uma camada com muito sal de cada lado, após são levadas para descansar, por longos períodos, depois da desidratação, tem a secagem da carne de aproximadamente 10 dias, a textura final da carne é bem firme e mais dura que a carne seca e a carne de sol. O assado de charque, e feito com cebola, tomate, pimenta, cominho, manteiga e alho, levado ao forno a lenha até a charque ficar dourada.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O trabalho começava com o raiar do dia, terminava com o chegar da noite – um pedaço assado de charque com farinha, uma jaca madura, comidos às pressas na hora do sol a pino. [...]” (AMADO, 2006, p. 184).	“[...] The work began at daybreak and continued till dusk, with barely enough time out at midday for the workers to gulp down a piece of jerked beef , some manioc meal, and a ripe jack fruit..[...]” (AMADO, 1988, p. 248).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Pinga		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Pinga	Liquor	
Pingazinha	Little drop	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.f.</i> Culinária brasileira; bebida alcoólica; nome vulgar da cachaça, originária no período de colonização do Brasil, ligada a atividade açucareira, tem como principais ingredientes a cana de açúcar e água, passa pelo processo de fermentação e destilação industrial.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] As cinco da manhã já estão na roça, só largam a enxada depois do sol deitar. Tendo feijão e carne seca, café e pinga , estão contentes. Pra mim, não há trabalhador que valha esses sertanejos – afirmava como autoridade na matéria. [...]” (AMADO, 2006, p. 144).	“[...] At five o'clock in the morning they're out in the field and they don't drop their hoes until sundown. Give them enough beans and jerked beef, coffee and liquor , and they're happy. For my money, there are no workers who can compare to them." He spoke as an authority on the subject. (AMADO, 1988, p. 155).	Adaptação
“[...] Da porta do Bate-Fundo, na rua pouco iluminada, saía um rumor de conversas, de gargalhadas e gritos. Ela entrou. Uma voz chamou, ao vê-la: – Pra cá, morena, beber uma pinga . [...]” (AMADO, 2006, p. 281).	“[...] As she approached the Big Noise, on a poorly lit street, she could hear the music of a tambourine and a guitar against a background of loud talk, bursts of laughter, and screams. A drunk seized her and tried to hug her. She pushed his elbow upwards until he lost his balance and fell against a lamppost. She went in. A man called to her: "Over here, baby. How about a drink ?" (AMADO, 1988, p. 386).	Adaptação
“[...] Tomo a minha pingazinha ... – Disso Ribeirinho entendia: de bebidas. Sentiu-se em terreno familiar e iniciou uma preleção sobre os diversos tipos de cachaça. [...]” (AMADO, 2006, p. 247).	“[...]I take a little drop occasionally." Now the conversation had turned to a subject with which Ribeirinho was familiar. Feeling more at ease, he launched into a discourse on the several kinds of Brazilian rum. (AMADO, 1988, p. 336).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticção		

Pirão de Caranguejo		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Pirão de caranguejo	Manioc mush with crab meat	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Culinária nordestina; feito com caranguejo, cebola, pimentão, tomate, coentro, cebolinha, farinha de mandioca fina, sal e leite de coco grosso e ralo; cozinhado e servido quente	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Parecia adivinhar os pensamentos de Nacib, adiantava-se à suas vontades, reservava-lhe surpresas: certas comidas trabalhosas das quais ele gostava – pirão de caranguejo , vatapá, viúva de carneiro –, flores num copo ao lado de seu retrato na mesinha da sala de visitas, troco do dinheiro dado para fazer a feira, essa idéia de vir ajudar no bar.[...]” (AMADO, 2006, p. 166).	“[...] She seemed to read Nacib's thoughts, anticipate his wishes. She provided him with surprises: certain dishes of which he was especially fond, such as <i>manioc mush with crab meat</i> ; flowers in a glass beside his picture on a small table in the parlor; and change from money given her for marketing. [...]” (AMADO, 1988, p. 222).	Adaptação + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Q q		
Quibe		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Quibe	Syrian kibba	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> Origem árabe; inserido na culinária baiana devido à presença marcante dos sírios e árabes na comunidade Sul da Bahia; região do cacau; feito com patinho moído sem nervos e gorduras, trigo para quibe, água, cebola, pimenta, hortelã, vinagre, sal e azeite; servido frito., pimenta, hortelã, vinagre, sal e azeite; servido frito.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Quanto a Nacib, esse brasileiro nascido na Síria, sentia-se estrangeiro ante qualquer prato não baiano, à exceção de quibe . [...]” (AMADO, 2006, p. 345).	“[...] As for Nacib, the only non-Bahian dish with which he felt at home was <i>Syrian kibba</i> . [...]” (AMADO, 1988, p. 481).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Quiabo		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Quiabo (s)		Okra
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Hortalíça da família <i>Abelmoschus esculentus (L.) Moench</i>, . O quiabeiro é originário da África, algumas pesquisas apontam a possibilidade de sua origem ser da Etiópia. No Brasil, foi introduzido a partir do tráfico de escravos no período colonial. Por ter um alto valor alimentício, um ciclo de rápido e fácil cultivo, além de sua rentabilidade. O <i>quiabo</i>, ganhou espaço na cultura brasileira, principalmente pelas condições climáticas favoráveis para seu cultivo, se desenvolvendo em temperaturas de 18 à 35°C, tornando o Brasil atualmente um dos cinco maiores produtores mundiais dessa hortalíça. Além de ser uma grande fonte de vitamina A e C, ser utilizado nas áreas terapêuticas e medicinais, o <i>quiabo</i>, muito utilizado na culinária brasileira, principalmente em pratos típicos regionais, o <i>quiabo</i>, é um dos principais ingredientes do <i>caruru</i>, prato típico baiano, sendo um alimento dos rituais do candomblé, já que, o <i>caruru</i> é um dos alimentos prediletos de Xangô tendo como dia específico a ser preparado, a quarta-feira; feito com <i>quiabo</i>, vinagre, azeite de dendê, camarão seco, amendoim sem casca, castanha de caju torrada, gengibre ralado, sal e água, cozido em panela e servido bem quente. O <i>quiabo</i>, também é conhecido dentro do candomblé e ocasionalmente fora, como <i>quimbombô</i>, <i>abelmosco</i>, <i>gombô</i> e <i>okra</i>. Outra comida de ritual de candomblé que tem o <i>quiabo</i> como um dos seus principais ingredientes é o <i>ajébo</i>, sendo também oferecido a Xangô, contudo é necessário que tenha na comida o azeite de dendê. O</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS		INGLÊS
"Bananas cor de ouro, abóboras amarelas, verdes, <i>jilós</i> , <i>quiabos</i> , laranjas. (AMADO, 2006, p. 54).		"Golden bananas, yellow pumpkins, green eggplant, okra , and oranges. (AMADO, 1988, p. 73-74).
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

R r		
Rabo de arraia		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Rabo de arraia	Cartwheels	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> golpe utilizado na capoeira;	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Entregava o instrumento a seu Nilo, entrava na roda da capoeira. O rabo-de-arraia , Terêncio voava. As pernas no ar, passava por cima do mulato Traíra. O moço Batista caía no chão, Sete Voltas pegava o lenço com a boca. No campo de batalha ficava sozinho, seu peito tatuado. [...]” (AMADO, 2006, p. 347).	“[...]He handed the instrument to Nilo and entered the capoeira ring. With cartwheels and sudden thrusts of the feet and elbows, all in rhythm, he outpointed his opponents and remained alone and victorious on the field of battle. (AMADO, 1988, p. 484-485).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Rabo-de-Galo		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Rabo-de-galo	drink	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Bebida alcoólica; mistura de cachaça com vermute	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Mas, pouco a pouco, os fregueses foram prolongando a hora do aperitivo, medindo o tempo pela chegada de Gabriela, bebendo um último trago após sua aparição no bar. – Desce um rabo-de-galo , Bico-Fino. – Dois vermute aqui... [...]” (AMADO, 2006, p. 156).	“[...] Previously, all the customers except one or two stragglers would have gone home for lunch by that time. But now more and more of them began to linger over their drinks; they gauged the time by Gabriela's arrival and had one last drink after she came. "Bring me a <i>drink</i> , Eaglebeak." "Two vermouths here." [...]” (AMADO, 1988, p. 207).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Reisado		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Reisado	Ø	
Reisado	The Three Kings	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Festa de origem portuguesa introduziada no Brasil no período colonial. Festividades de final de ano que anuncia a chegada do Messias.	Glossário do TM: Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Nos feriados nacionais — o 7 de Setembro, o 15 de Novembro, o 13 de Maio —, nas festas do fim e do começo de ano com reisado , presépio e bumba- meu- boi, por ocasião da vinda a Ilhéus de literatos da capital do estado, a população se regalava e mais uma vez se dividia ante a oratória do Doutor e a do Capitão [...]” (AMADO, 2006, p. 22).	“[...] On every conceivable occasion—national holidays, Christmas and New Year festivities, visits of literary figures from the state capital — the Doctor and the Captain delivered speeches, and the controversy started anew. (AMADO, 1988, p. 29).	Omissão

<p>“[...] As três ajudantes estavam de acordo. Iluminou- se Gabriela, bateu as mãos de contente. Nem tivera coragem de talar com Nacib. Ia de noite, escondida, ensaiar o reisado. Todo dia era pra lhe falar, adia para o outro [...]” (AMADO, 2006, p. 295).</p>	<p>“[...] The seamstress's three helpers agreed. Gabriela's face lit up and she clapped her hands joyfully. But she didn't dare tell Nacib. She went at night, secretly, to rehearse. Every day she intended to speak to Nacib, but always put it off. (AMADO, 1988, p. 406).</p>	Omissão
<p>“[...]Por volta das onze horas, quando já o sereno se reduzira a umas poucas pessoas – há muito Glória se retirara e com ela o coronel Coriolano –, ouviu-se, vindo da rua, música de cavaquinhos e violões, de flautas e pandeiros. E vozes a cantar cantigas de reisado. Gabriela elevou a cabeça. Enganar-se não poia. Era o terno de Dora. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).</p>	<p>“[...]About eleven o'clock, when the crowd out in front had dwindled to only a few people—Gloria and Coriolano had long since left—one could hear sounds of music coming from the street: ukeleles and guitars, flutes and tambourines. And voices singing songs of The Three Kings. Gabriela raised her head. No mistake about it: it was Dora's pageant. (AMADO, 1988, p. 424).</p>	Adaptação
<p>“[...] Mulher não tem direito a voto, compadre. Ainda assim, algumas votavam. Ela tem qualquer coisa que ninguém tem. Você não viu no baile de Ano-novo? Quem arrastou todo mundo para a rua, para dançar reisado? [...]” (AMADO, 2006, p. 309).</p>	<p>“[...]The women would be against her, if they had the right to vote." "Not all of them by any means. There's something unique about Gabriela. Take what happened at the New Year's ball, for example. Who was it that drew everybody to the street and started them dancing? (AMADO, 1988, p. 428).</p>	Omissão
<p>“[...] Era o Natal dos presépios, das visitas às casas de mesa posta, das ceias após a missa do galo, do início dos folguedos populares, dos reisados, dos temos de pastorinha, dos bumbas-meu-boi, do vaqueiro e da caçapora. [...]” (AMADO, 2006, p. 48).</p>	<p>“[...] Christmas in Ilheus was very different from Christmas in the United States and certain European countries. There was no Santa Claus bringing presents for the children in a sleigh driven by reindeer. Instead, there were Nativity tableaux, visits to homes where a continual buffet was offered, suppers after midnight Mass, and traditional street dances and pageants. (AMADO, 1988, p. 65).</p>	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Sagui		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Sagui		Monkey
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. <i>Callithrix</i> é um gênero de primatas da família Callitrichidae, subfamília Callitrichinae. Atualmente, o gênero se refere apenas aos integrantes do "Grupo Jacchus" e são endêmicos do leste e centro-oeste do Brasil, ocorrendo principalmente na Mata Atlântica.		
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>0 verso de Teodoro, a rima para Ofenísia, o vestido vindo do Rio, o espartilho, o colar, mantilha de seda negra, o sagui que tu me deste, tudo isso de que serve Luiz Antônio, meu irmão?</i>	<i>Teodoro's verses, The rhymes for Ofenisia, The gown from Rio, The bodice, the necklace, The black silk mantilla, The monkey you gave me, Of what good all this, Luis Antonio, my brother? (AMADO, 1988, p. 6).</i>	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

S s		
Samba de Roda		
PORTUGUÊS		INGLÊS

Samba de Roda	Samba ring	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Dança afrobrasileira semelhante ao batuque, é ligado a religião do candomblé, o culto dos orixás, a copoeira e ao azeite de dênde.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Rodando nos braços de um cavalheiro. Dança para ela era outra coisa, um coco mexido, um samba de roda , um maxixe embolado. Ou bem uma polca puxada a harmônica. Tango argentino, valsa, foxtrote, gostava não. Ainda mais com aquele sapato mordendo seu dedo espalhado. [...]” (AMADO, 2006, p. 306).	“[...] Moving around in the arms of a gendeman. A dance to her was something else: a samba ring , a fast maxixe, a lively coco dance such as they did in the backlands. Or even a polka to the tune of a concertina. Argentine tangos, waltzes, fox trots she didn't like. Especially when her shoes pinched. (AMADO, 1988, p. 423).	Empréstimo + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Samba de umbigada (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Samba de umbigada (s)	Bellybumping Sambas	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Dança afrobrasileira realizada por escravos com roupas apertadas ou umbigos de fora no quilombos.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Danças em casas de família, sambas de umbigada nas casas pobres dos morros, da ilha das Cobras Acidade festiva e festeira, cachaçadas e brigas nos cabarés e botequins das ruas de canto [...]” (AMADO, 2006, p. 295).	“[...] Dancing parties in the rich homes and bellybumping sambas in the houses of the poor on the hills. Drunken sprees and brawls in the cabarets and street-corner saloons. (AMADO, 1988, p. 407).	Empréstimo + transposição
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológico		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Sarapatel		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Sarapatel		tripe
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
<p><i>s.m.</i> Culinária nordestina; feito com miúdos de porcos muito frescos, limão, pimentão, cebolinha verde, coentro, cebolas, tomates, toucinho defumado, pimenta de cheiro, alho, folha de louro, cominho com pimenta e sal; cozinhado e servido acompanhado de farinha e arroz, deve ser feito de véspera.</p>		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<p>“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada, moqueca de peixe. [...]” (AMADO, 2006, p. 54).</p>	<p>“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe, fish stew, and black beans with pork and sausage. [...]” (AMADO, 1988, p. 74).</p>	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Sarará		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Sarará	Mulato face	
	Freckle-faced mulatto	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Designação preconceituosa para se referir a mestiços que tem como característica principal cabelos crespos de tonalidade loito ou ruivo. É trazido no romance abordando essa mestiçagem brasileira, já que, por decorrência de nossa colonização, somos descendentes de escravos (tráfico negreiro), portugueses, indígenas, espanhóis e etc.	Ø.	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	DE
“Dona Arminda, viúva, espírita, língua viperina, mãe de Chico Moleza, rapazola empregado no bar de Nacib, era parteira afamada: inúmeros ilheenses, nos últimos vinte anos, tinham nascido em suas mãos, e as primeiras sensações do mundo a sentirem foram seu ativo cheiro de alho e sua face avermelhada de sarará .” (AMADO, 2006, p. 30).	“Dona Arminda—widow, spiritualist, viperous backbiter, and mother of Lazy Chico, a boy who worked in Nacib's bar—was a famed midwife. In the last twenty years, innumerable Ilheans had been born into her hands, and their first sensations in the world were the strong garlic smell of her breath and the blurred sight of her reddish, freckled, mulatto face .” (AMADO, 1988, p. 39).	Adaptação
“Ainda há pouco tempo, dona Arminda, Cassandra sarará , deixara-o num alarme medonho. Pela primeira vez, Gabriela sentira-se seduzida por uma proposta. Dona Arminda descrevera em detalhes, num prazer quase sádico, as vacilações da rapariga ao receber a oferta do coronel Manuel das Onças. Uma roça de cacau, de duzentas arrobas, não era pra menos, quem não vacilaria?” (AMADO, 2006, p. 231).	“Only recently, Dona Arminda, the freckle-faced mulatto Cassandra, almost scared the life out of him. Gabriela had felt tempted by a proposition for the first time. With almost sadistic pleasure, Dona Arminda described in detail the girl's vacillation on receiving the offer from Colonel Manuel of the Jaguars. A cacao grove yielding two hundred arrobas was not to be sneezed at—who wouldn't vacillate! (AMADO, 1988, p. 320).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Surucucu		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Surucucus		Bushmasters
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Serpente venenosa encontrada no Brasil principalmente nas matas do leste, pode alcançar 2m de comprimento.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Eles queimavam a mata: corriam os animais apavorados, na frente do fogo. Porcos selvagens, caititus, pacas, veados, teiús e jacus, e um mundo de cobras: jararacas, cascavéis, surucucus . Tinham depois de roçar com cuidado, por entre as moitas escondiam-se as cabeças traiçoeiras das serpentes, com o bote armado para picar.” (AMADO, 2006, p. 327).	“Fagundes and Clemente had burned away the brush and fallen trees. Terrified animals ran before the flames: wild pigs, peccaries, pacas, deer, large lizards, guans, and a world of snakes— bushmasters , rattlesnakes, pit vipers. (AMADO, 1988, p. 455).	Modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológico		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Tabareu		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Tabaréu	Rube	
	Man from the country	
	rough	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.m. 1. soldado mal exercitado ou inexperiente 2. soldado de ordenança 3. figurado homem acanhado, tímido 4. indivíduo que vive no campo ou que não tem instrução, caipira	Glossário do TM:	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
O papagaio gritava: Tabaréu! Tabaréu! Ninguém sabia de cozinheira.	The parrot screeched: " Hey, rube! Hey, rube! " Nobody knew of a cook. (AMADO, 1988, p. 74).	Adaptação
Sou um tabaréu , não tenho muitas letras, conferência me dá um sono... Só perguntei por causa da patroa e das meninas... Porque, de outro modo, não podia levar, não é? — e, para terminar com aquilo: — Quatro entradas, quanto é?	I'm just a man from the country , I haven't much learning, and most lectures put me to sleep. I only asked on account of the missus and the girls. Because if it was the wrong kind I couldn't bring them." Then, to put an end to the matter: "Four tickets. How much are they?" (AMADO, 1988, p. 333).	Adaptação + transposição
[...] como as notas de quinhentos mil-réis, em maços nos bolsos, ocultavam o jeito atabalhado dos coronéis, seu falar tabaréu .	"[...] just as the thick wads of five-hundred-milreis bills in the colonels' pockets could not conceal their awkward manners and rough speech. (AMADO, 1988, p. 422).	Adaptação
— Que quer dizer isso? — era uma garrafa de conhaque português. — Onde já se viu? — andava com o empregado para o balcão. — Servir esses tabaréus conhaque verdadeiro... — tomava de outra garrafa, o mesmo rótulo, a mesma aparência, apenas nela misturavam-se o conhaque português e o nacional, receitas do árabe para aumentar os lucros.	"What are you doing?" It was a bottle of Portuguese cognac. "Don't you know better than to serve this to these yokels ?" He walked the waiter back to the bar, where he took down another bottle. It looked just like the first one and had the same label, but it contained a mixture of Portuguese and Brazilian cognac—one of the Arab's prescriptions for increasing profits. (AMADO, 1988, p. 97).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Social		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

T t		
Tabuleiro		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Tabuleiro	tray	
Tabuleiros	trays	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Culinária nordestina; tábua em formato retangular, cerca de 1 metro de comprimento por 50cm de largura; objeto que as baianas vendem seus quitutes. No tabuleiro que é feita a comercialização de vários comidas afro-brasileiras, como por exemplo, o <i>acarajé</i> , sendo este um dos produtos mais vendidos nos tabuleiros. A comercialização do <i>acarajé</i> , no tabuleiro teve início no período colonial brasileiro, esse comércio foi e é responsável como fonte de rendas de muitas famílias.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] O coronel Ribeirinho, proprietário da fazenda Princesa da Serra, cuja riqueza não afetara sua simplicidade bonachona, quase sempre já ali se encontrava quando, às cinco da manhã, Maria de São Jorge, formosa negra especialista em mingau e cuscuz de puba, descia o morro, o tabuleiro sobre a cabeça, vestida com a saia colorida de chitão e a bata engomada e decotada a mostrar metade dos seios rijos.[...]” (AMADO, 2006, p. 17).	“[...] Colonel Ribeirinho, owner of the Mountain Princess plantation, whose wealth had not affected his good-natured simplicity, was nearly always there by five o'clock. That was the hour when Maria de Sao Jorge, a handsome Negro woman and a specialist in manioc meal with coconut milk, would come down the hill, her tray on her head, in brightly colored skirt and low-cut, starched white waist.” (AMADO, 1988, p. 21-22).	Adaptação
“[...] Quantas vezes não a ajudara o coronel a baixar a lata de mingau, a arrumar o tabuleiro , os olhos no decote da bata. [...]” (AMADO, 2006, p. 17).	“[...] he would help Maria arrange her tray without taking his eyes from the plunging neckline that revealed a good part of her firm breasts. [...]” (AMADO, 1988, p. 22).	Adaptação

<p>“[...] Nacib tinha pressa, queria acertar o jantar da empresa de ônibus, os tabuleiros de doces e salgados. Sorveu o licor de jenipapo, elogiou os trabalhos do presépio: [...]” (AMADO, 2006, p. 50).</p>	<p>“[...] Nacib was eager to get to the point of his visit. He sipped the genipap liqueur and praised the work on the tableau: [...]” (AMADO, 1988, p. 68).</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] O negrinho Tuísca, que mercava os doces feitos pelas irmãs Dos Reis, apareceu correndo, vindo da avenida, o tabuleiro equilibrado na cabeça. [...]” (AMADO, 2006, p. 90).</p>	<p>“[...] The colored boy Tuisca, who had been peddling the Dos Reis sisters' confections, came running from the avenue, his tray balanced on his head. (AMADO, 1988, p. 121).</p>	<p>Adaptação</p>
<p>“[...] De quando em vez, olhando o bar superlotado, consumidos já os doces e salgados do tabuleiro enviado pelas irmãs Dos Reis, Nacib praguejava contra a velha Filomena. [...]” (AMADO, 2006, p. 96).</p>	<p>“[...] Nacib looked at his overcrowded bar, in which the snacks and appetizers provided by the Dos Reis sisters had long since been consumed, he occasionally swore at old Filomena. (AMADO, 1988, p. 129).</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] Gabriela arrumava enorme tabuleiro de doces. Outro, ainda maior, de acarajés, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153).</p>	<p>“[...] Gabriela was loading an enormous tray with pastries, and another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil, and other tidbits. (AMADO, 1988, p. 204).</p>	<p>Omissão</p>
<p>“[...] Os tabuleiros de doces e salgados tinham chegado, os fregueses do aperitivo ficariam contentes. Só que ele, Nacib, não poderia continuar a pagar aquela fortuna às irmãs Dos Reis. [...]” (AMADO, 2006, p. 90).</p>	<p>“[...] The trays of tidbits and appetizers had been delivered, much to the pleasure of the customers at the aperitif hour. But Nacib could not continue to pay the Dos Reis sisters a fortune. (AMADO, 1988, p. 121).</p>	<p>Adaptação</p>
<p>“[...] – Meu Deus, os tabuleiros... – Arrumaram às pressas, o de doces sobre o dos salgados, tudo na cabeça de Tuísca que saiu assoviando a melodia. [...]” (AMADO, 2006, p. 154).</p>	<p>“[...] "My God, the trays!" They hurriedly arranged the two trays, placed the one with the pastries on top of the other, and put them on Tuisca's head. The boy set out, whistling a tune. (AMADO, 1988, p. 205).</p>	<p>Adaptação</p>

<p>“[...] Escolhera ele mesmo o dentista (lembrava-se de Osmundo e Sinhazinha), um velho magrela na rua do porto. Duas vezes por semana, após enviar os tabuleiros, preparado o jantar de Nacib, ia ao dentista vestida de fustão. [...]” (AMADO, 2006, p. 226).</p>	<p>“[...] He himself chose the dentist: a skinny old man with an office on a busy street. (He had not forgotten about Osmundo and Sinhazinha.) Twice a week, after sending the trays of appetizers to the bar and getting things ready for Nacib's dinner, she went to the dentist in her pique dress. (AMADO, 1988, p. 311-312).</p>	<p>Adaptação</p>
<p>[...] O negrinho Tuísca chegava com sua caixa de engraxate, trazia um recado das irmãs Dos Reis: estava tudo em ordem, Nacib podia ficar descansado. À tarde mandariam dois tabuleiros.</p>	<p>The colored boy Tuisca arrived with his shoeshine box and with a message from the Dos Reis sisters: everything was under control, Nacib was not to worry. In the afternoon, they would send over the two trays of appetizers. (AMADO, 1988, p. 99).</p>	<p>Adaptação</p>
<p>— Por falar em tabuleiro, me serve alguma coisa pra acompanhar. Um tira-gosto qualquer.</p>	<p>"Speaking of appetizers, let me have something. Anything to kill the taste in my mouth." (AMADO, 1988, p. 99).</p>	<p>Adaptação</p>
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Tarefa		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Tarefa (s)		acres
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Medida agrária para medir terras; no Brasil o tamanho da tarefa varia de um estado para outro.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Empreitada para derrubar dez tarefas de mata, tocar-lhe fogo, roçá-la, plantar quatrocentos cacauzeiros por tarefa , cuidar de seu crescimento durante três anos.” (AMADO, 2006, p. 267).	“Under their contract Clemente and Fagundes had to fell ten acres of forest land, clear it by burning, cultivate it, plant four hundred cacao seedlings per acre, and take care of them for three years. (AMADO, 1988, p. 454).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Terreiro (s)		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Terreiro	Ø	
Terreiro de santo (s)	voodoo ground	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Templo da religião afro-brasileira candomblé. Os cultos religiosos do candomblé são realizados nos terreiros, na África cada Orixá era cultuado em momentos distinto, e em cada nação os Orixás recebem nomes distintos. Nos terreiros há sempre um Orixá regente, que muitas vezes pode coincidir com o Zelador da Casa, ou seja, o que lidera a comunidade religiosa, esse que muitas vezes também tem a posse do terreno que é localizado o terreiro. Todo o terreiro que é realizados os cultos do candomblé, dispõe de uma cozinha, quartos de Santos, salão de festas/barracão e áreas livres/natureza, sendo que, a única mudança entre os terreiros é o tamanho do terreno que ele é localizado, sendo que todo o espaço do terreiro é sagrado, assim, o acesso é restrito sendo necessário solicitar uma permissão ao Zelador para adentrá-lo.	Glossário do TM:	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Um olhar derradeiro, de última vez. Saíra com os cabras, os outros estavam no terreiro esperando. [...]” (AMADO, 2006, p. 218).	“[...] One last look. He went off with his men. The others stayed behind, waiting. (AMADO, 1988, p. 298).	Omissão
“[...]Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo , candomblé e macumba, era sala da dança, era leito de núpcias, um barco sem rumo no morro do Unhão, velejando ao luar. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground , a nuptial bed, a rudderless boat sailing in the moonlight. (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação
“[...] Na Bahia, em Sergipe, em Alagoas, nas rodas de capoeira, nos terreiros de santos , nos mercados e feiras, no escondido do cais, nos bares dos portos. Mesmo seu Nilo com respeito o tratava, quem podia com ele? [...]” (AMADO, 2006, p. 391).	“[...] in Bahia, in Sergipe, in Alagoas, in the voodoo grounds , in the market places and fairs, in the corners of the docks, in the waterfront dives. Even Nilo treated him with respect, for no one could stand against him. (AMADO, 1988, p. 484).	Adaptação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Tira-gosto		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Tira-gosto		Anything to kill the taste in my mouth
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m Petisco geralmente salgado, que se come culturalmente no Brasil junto com bebidas; serve de acompanhamento de bebida alcoólica; culturalmente servidos em bares e restaurantes.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
– Por falar em tabuleiro, me serve alguma coisa pra acompanhar. Um tira-gosto qualquer. – Não tá vendo que não tem? Só de tarde. Minha cozinheira foi [...]” (AMADO, 2006, p. 128).	““Speaking of appetizers, let me have something. Anything to kill the taste in my mouth. ” (AMADO, 1988, p. 99).	Modulação
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

U u		
Umbuzeiro		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Umbuzeiro	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Árvore da família das fitolacáceas tem como futo o umbu.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“Na noite escura e assustadora, Clemente sentia a presença vizinha de Gabriela, não se animava sequer a olhar para a árvore à qual ela se encostara, um umbuzeiro . Os sons morreram na harmônica, a voz de Fagundes ressaltou no silêncio. Gabriela falou baixinho” (AMADO, 2006, p. 80).	“The night was dark and scary. Clemente could feel Gabriela's nearness. As the sounds from the concertina died down, Fagundes's voice resounded in the silence. Gabriela spoke in a whisper (AMADO, 1988, p. 110).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ecológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

V v		
Vatapá		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
Vatapá	Ø	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m</i> culinária afro brasileira; feito com pão amanhecido, água, cebola, gengibre ralado na pedra, camarão seco sem casca, amendoim cru e sem pele, castanha de caju torrada, leite de coco grosso, azeite de dendê e sal; cozinhado e servido quente com arroz e farofa.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Parecia adivinhar os pensamentos de Nacib, adiantava-se à suas vontades, reservava-lhe surpresas: certas comidas trabalhosas das quais ele gostava – pirão de caranguejo, vatapá , viúva de carneiro. [...]” (AMADO, 2006, p. 166).	“[...] She seemed to read Nacib's thoughts, anticipate his wishes. She provided him with surprises: certain dishes of which he was especially fond, such as manioc mush with crab meat; [...]” (AMADO, 1988, p. 222).	Omissão
“[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatías. O Doutor saltara em defesa do vatapá , do caruru, do efó. [...]” (AMADO, 2006, p. 344).	“[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of taro-and-shrimp stew and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480).	Adaptação
“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata, o mistério de ouro do vatapá . [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created great riches of bean paste, shrimp, and manioc meal. [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Viúva de carneiro		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Viúva de carneiro		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.f. Culinária nordestina; feita com miúdos, rins, língua, baço, coração, fígado, bucho, sangue de carneiro, cebolinha verde, coentro, cebola, alho, cominho com pimenta e sal; cozinhado e servido quente.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Parecia adivinhar os pensamentos de Nacib, adiantava-se à suas vontades, reservava-lhe surpresas: certas comidas trabalhosas das quais ele gostava – pirão de caranguejo, vatapá, viúva de carneiro . [...]” (AMADO, 2006, p. 166).	“[...] She seemed to read Nacib's thoughts, anticipate his wishes. She provided him with surprises: certain dishes of which he was especially fond, such as manioc mush with crab meat; flowers in a glass beside his picture on a small table in the parlor; and change from money given her for marketing. [...]” (AMADO, 1988, p. 222).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

X x		
Xangô		
PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	
Xangô	Xangô	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
<i>s.m.</i> Entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; divindida da justiça, força e poder; cor do orixá é vermelho e branco.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô , Oxóssi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá, dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo was transformed into all the gods—Ogun and Xango , Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala. Gabriela was Yemanja, goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

Xinxin		
PORTUGUÊS		INGLÊS
Xinxins		Ø
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS		INGLÊS
s.m. Culinária baiana; comida de Oxum; feita com amendoim torado, castanha de caju, camarão seco, gengibre ralado, folha de louro, cominho, azeite de dendê e sal.		Ø
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...] Suspirava ainda mas pela cozinheira inigualável, suas moquecas, os xinxins , as carnes assadas, os lombos, as cabidelas. [...]” (AMADO, 2006, p. 342).	“[...] But he sighed for the cook and her wonderful <i>fish stews</i> . [...]” (AMADO, 1988, p. 477).	Omissão
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Material		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Domesticação		

Y y		
Yemanjá		
PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	
Yemanjá	Yemanjá	
DEFINIÇÃO		
PORTUGUÊS	INGLÊS	
s.f. Entidade religiosa afrobrasileira; orixá da religião do candomblé; divindida que projete o mar e os animais que o habitam. Yemanjá, é um Orixá cultuada no candomblé, conhecida como mãe d'água, rainha do mar etc, sendo a entidade protetora dos pescadores. Na Bahia, no dia 2 de fevereiro, Yemanjá é homenageada em várias cidades, com uma grande oferenda; seu dia da semana é o sábado e sua cor é o azul claro, tendo como saudação o “Odo Iyá” que faz referência ao seu símbolo que é o Abebé com conchas e sereias. Em seus cultos nos terreiros, Yemanjá se comunica com as pessoas através de práticas corporais como por exemplo, performances de dança.	Ø	
ABONAÇÕES		MODALIDADE DE TRADUÇÃO
PORTUGUÊS	INGLÊS	
“[...]Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu, era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá , dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“[...] Nilo was transformed into all the gods—Ogun and Xango, Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala. Gabriela was Yemanja , goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo
DOMÍNIO CULTURAL		
Domínio da Cultura Ideológica		
ESTRATÉGIA DE TRADUÇÃO		
Estrangeirização		

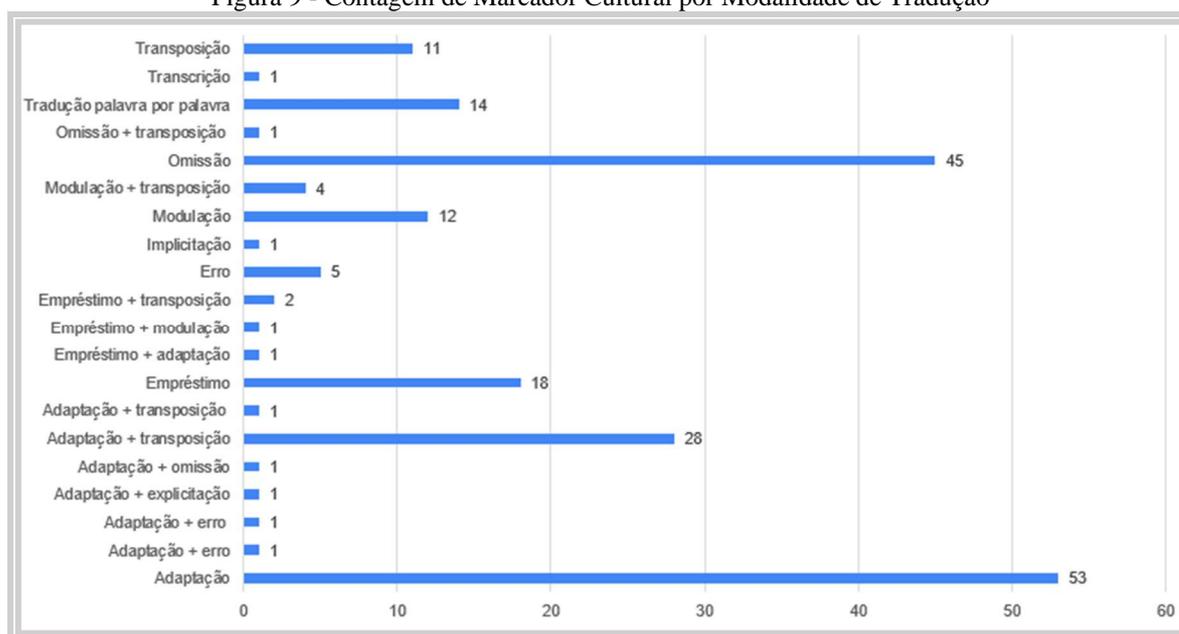
5 ANÁLISE DOS MARCADORES CULTURAIS TRADUZIDOS

A presente análise da tradução partiu da estratégia de listar, organizar e contabilizar os MCs, com base de classificação por: domínios culturais e modalidades de tradução (AUBERT, 2006); domesticação e estrangeirização (VENUTI, 1995). Foram contabilizados 104 marcadores culturais (MCs), catalogados em fichas lexicográficas (disponíveis na seção 4 *Fichas lexicográficas dos marcadores culturais* (p. 82), onde pode ser localizado o seu contexto narrativo na obra). Com os MCs contabilizados e classificados, é possível visualizá-los amplamente e localizar casos específicos de tradução e estratégias tradutórias utilizadas pelo tradutor com determinadas modalidades.

Os 104 marcadores culturais registrados por Jorge Amado em *Gabriela, cravo e canela* (2006) estão inseridos e datados em contexto da cultura do interior do nordeste brasileiro, especificamente Ilhéus, na Bahia do início do século XX, espaço geográfico onde se passa a diegese da obra. Na organização e listagem dos MCs, para analisar o pertencimento de domínios culturais de cada marcador, esta pesquisa classificou e agrupou os 104 marcadores culturais de acordo com cada modalidade de tradução, domínio da cultura e casos de domesticação e estrangeirização.

De acordo com a análise das fichas lexicográficas, analisamos que o tradutor utilizou 9 modalidades de tradução, de forma simples e híbrida no processo de traduzir os MCs para a língua inglesa. De acordo com a Figura 9 abaixo, as modalidades mais usadas foram a adaptação, com 53 ocorrências, e a omissão, com 45 ocorrências, ambas detentoras de vias de apagamento de traços culturais, e por serem usadas em grande escala, configuraram a versão da tradução com tendências de domesticação.

Figura 9 - Contagem de Marcador Cultural por Modalidade de Tradução



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As modalidades de tradução híbridas (configuradas pelo uso de mais de uma modalidade por caso traduzido) foram utilizadas pelo tradutor em momentos nos quais a modalidade simples não dava conta de traduzir a informação. Consideramos que o tradutor optou pelo uso de mais de uma Modalidade de Tradução nos seguintes casos: a) a lexia cultural nomeia algo que já existe por outro nome no léxico da língua inglesa; e b) a lexia cultural nomeia algo que não existe no léxico da língua inglesa e precisa ser detalhado para criar uma noção. Desse modo, consideramos e classificamos as modalidades híbridas mais usadas de acordo com a necessidade tradutória dos casos específicos.

Quadro 12 - Casos de Modalidade Híbrida de Tradução em Gabriela, clove and cinnamon (1988)

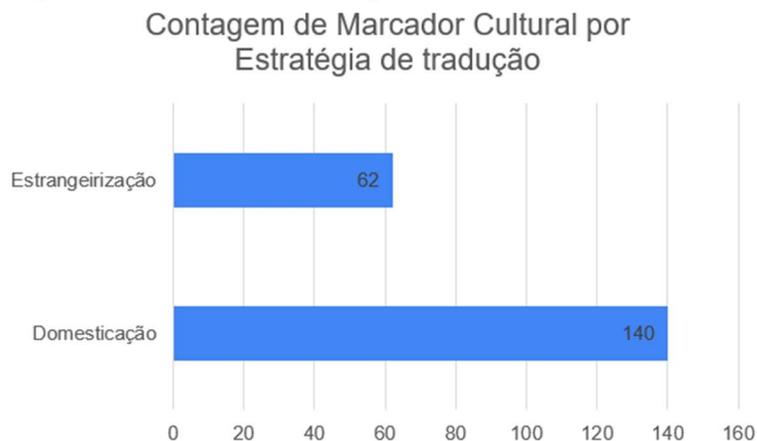
	Tradução Marcador Cultural	Modalidade Híbrida	Caso	Estratégia
1.	Cangaceiros	Adaptação + erro	Tentativa de reformular de forma errônea o termo que não existe na língua alvo, adaptando-o com margem de apagamento de cultura.	Domesticação
	<i>Gangsters</i>			
2.	Bolo de aipim	Adaptação + omissão	Tentativa de trazer o termo que pode ser entendido por outra forma na língua alvo por meio omissão de parte do significado na sua adaptação. Domesticação do termo respeitando a organização sintática da língua alvo.	Domesticação
	<i>The confections of cassava</i>			
3.	Acarajé(s)	Adaptação + transposição	Tentativa de trazer o termo que pode ser entendido por outra forma na língua alvo por	Domesticação

	<i>Bean-paste balls flavored with onion and palm oil</i>		meio do desdobramento do significado e adequação da ordem sintática.	
4.	Berimbau	Adaptação + explicitação	Tentativa de trazer o termo que pode ser entendido por outra forma na língua alvo por meio da adaptação por desdobramento do significado da língua fonte. Domesticação do termo amplificando seu significado para melhor coesão semântica.	Estrangeirização
	<i>The one-string instrument that usually accompanies capoeira</i>			
5.	Coco mexido	Empréstimo + adaptação	Tentativa de trazer o termo a partir do empréstimo de parte do seu nome próprio, com adaptação semântica do significado para a cultura da língua alvo.	Estrangeirização
	<i>Lively coco dance xxxxxxxxxxxxxx</i>			
6.	Samba de roda	Empréstimo + transposição	Tentativa de trazer o termo a partir do empréstimo de parte do seu nome próprio, com adaptação sintática do significado para a cultura da língua alvo. Estrangeirização do termo por meio do empréstimo, respeitando a organização sintática da língua alvo.	Estrangeirização
	<i>Samba ring</i>			
7.	Dendê	Modulação + transposição	Tentativa de trazer o termo que pode ser entendido por outra forma na língua alvo por meio de outra denominação e adaptação sintática.	Estrangeirização
	<i>Palm oil xxxxxxxxxxxxxx</i>			
8.	Acarajés apimentados	Omissão + transposição	Tentativa de domesticar o termo por meio da sua omissão, substituindo pela generalização e a adaptação sintática do significado para a cultura da língua alvo.	Domesticação
	<i>seasoned appetizers</i>			

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em relação a domesticação e estrangeirização, em termos quantitativos, nossa pesquisa levou-nos às seguintes evidências, apontadas na figura 10 abaixo:

Figura 10 - Contagem de Domesticação e Estrangeirização em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)



Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base na tradução de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

De acordo com os elevados casos de domesticação (140) constatados na Figura 10, comparado aos casos de estrangeirização (62), consideramos que *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) trata-se de uma tradução domesticada da obra de Jorge Amado. Em alguns casos de domesticação, notamos que a tradução tende a adaptar lexias desconhecidas na cultura da língua inglesa, como ‘Sarapatel’ para *tripe* (tripa). Em outros casos, o apagamento de traços ideológicos da religião afro-brasileira na obra, como o MC ‘Candomblé’ e seus rituais, adaptados como *voodoo* (vudu), parece ser uma alternativa problemática, em razão da visível dominação da cultura do outro sobre a expressa no original por meio de omissão de um termo cultural. Todos os casos tradutórios citados são detalhados e contextualizados na seção de análise do seu domínio cultural específico.

Na Tabela 1 é possível visualizar o agrupamento desses MCs por Domínios Culturais: Domínio da Cultura Material, Ecológica, Social e Ideológica. Com o resultado da contagem, verificamos que nessa obra o maior Domínio de Cultura dentre os MCs é da Cultura Material e o menor da Cultura Social.

Nessa etapa, em razão do tempo de pesquisa, analisamos a tradução de um recorte de Marcadores Culturais pertencentes a cada Domínio Cultural, como explicitamos à continuação, na Tabela 1.

Tabela 1 - Marcadores Culturais e seus domínios culturais em *Gabriela, cravo e canela* (2006)

Nº	Marcador Cultural	Ocorrência	Domínio Cultural
1	Abará	4	Material
2	Acarajé	7	Material
3	Aipim	1	Material
4	Aipim	1	Ecológico
5	Baraúna	1	Ecológico
6	Brenhas	1	Ecológico
7	Beiju	1	Material
8	Berimbau	1	Ideológico
9	Bilhas de barro	1	Material
10	Bolo de aipim	1	Material
11	Bolo de tapioca	1	Material
12	Bolinho de mandioca	1	Material
13	Bolinho de puba	1	Material
14	Bumba-meu-boi	6	Ideológico
15	Caapora	3	Ideológico
16	Caatinga	7	Ecológico
17	Cabra	5	Social

18	Cacique	2	Social
19	Cangaceiros	1	Social
20	Cangaço	2	Social
21	Candomblé	1	Ideológico
22	Capoeira	5	Ideológico
23	Carnaval	1	Ideológico
24	Carne do sol	2	Material
25	Carne seca	3	Material
26	Carne de fumeiro	1	Material
27	Caruru	1	Material
28	Coco mexido	1	Ideológico
29	Conto	11	Material
30	Copo de mingau	1	Material
31	Cuscuz	3	Material
32	Cuscuz de puba	1	Material
33	Cuscuz de milho	2	Material
34	Cuscuz de mandioca	1	Material
35	Cuscuzeiro	1	Material
36	Dendê	1	Material
37	Doce de aipim	1	Material
38	Efó	1	Material
39	Farinha de mandioca	1	Material
40	Fanfarronada	1	Social
41	Festa de Santo Antonio	1	Ideológico
42	Festa de São João	1	Ideológico
43	Feijão	4	Material
44	Feijoada	1	Material
45	Filhas de Santo	1	Ideológico
46	Frigideira	4	Material
47	Galinha de cabidela	1	Material
48	Gatos pingados	1	Social
49	Gárrulo	1	Social
50	Grapiúna	9	Social
51	Inhame	2	Ecológico
52	Iaôs de Iansan	1	Ideológico
53	Jabá	1	Material
54	Jararaca	1	Ecológico
55	Jiló	1	Ecológico
56	Jogo de burro	1	Material
57	Lata de mingau	1	Material
58	Lata de mingau das baianas	1	Material
59	Licor de Abacaxi	1	Material
60	Licor de Jenipapo	2	Material

61	Licor de Laranja	1	Material
62	Licor de Maracujá	1	Material
63	Macumba	1	Ideológico
64	Mãe d'água	2	Ideológico
65	Maxixe embolado	1	Ideológico
66	Mestre de Angola	1	Ideológico
67	Mingau	2	Material
68	Molambos	1	Social
69	Moqueca	3	Material
70	Moqueca de peixe	1	Material
71	Moqueca de siri	1	Material
72	Moringa	1	Material
73	Mula de Padre	2	Ideológico
74	Ogun	1	Ideológico
75	Omolu	1	Ideológico
76	Oxalá	1	Ideológico
77	Oxóssi	1	Ideológico
78	Pajé	2	Social
79	Pau-Brasil	1	Ecológico
80	Pedaço Assado de Charque	2	Material
81	Pinga	3	Material
82	Pirão de Caranguejo	1	Material
83	Quibe	1	Material
84	Quiabo	1	Ecológico
85	Rabo de arraia	1	Ideológico
86	Rabo-de-Galo	1	Material
87	Reisado	5	Ideológico
88	Sagui	1	Material
89	Samba de Roda	1	Ideológico
90	Samba de umbigada	1	Ideológico
91	Sarapatel	1	Material
92	Sarará	2	Social
93	Surucucu	1	Ecológico
94	Tabaréu	4	Social
95	Tabuleiro	9	Material
96	Tarefa	2	Ecológico
97	Terreiro	9	Ideológico
98	Tira-gosto	1	Material
99	Umbuzeiro	1	Ecológico
100	Vatapá	1	Material
101	Viúva de carneiro	1	Material
102	Xangô	1	Ideológico
103	Xinxin	1	Material

104	Yemanjá	1	Ideológico
Total MCs: 104		Ocorrências: 202	

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Reconhecemos no total 104 Marcadores Culturais em *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado, em 202 ocorrências na narrativa literária. Na Tabela 2, contabilizamos os MCs a partir do seu Domínio da Cultura. O Domínio da Cultura Material agrupa o maior número de MCs dessa obra, com 53 MCs, em 99 ocorrências. O menor grupo de MCs é do domínio da cultura Social e Ecológico, como pode ser visualizado na Tabela 2, abaixo exposta:

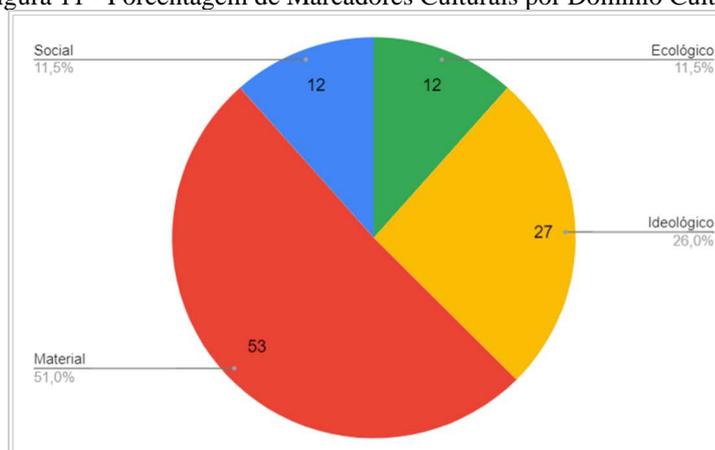
Tabela 2 - Contagem de Marcadores Culturais por Domínio Cultural

Domínio Cultural	Marcadores Culturais	Soma de Ocorrência
Ecológico	12	20
Ideológico	27	52
Material	53	99
Social	12	31
TOTAL GERAL	104	202

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Contabilizamos a porcentagem de Marcadores Culturais por Domínio Cultural em totalidade de ocorrências no romance. Na Figura 11, é possível visualizar o gráfico que representa as porcentagens dos MCs nos domínios culturais.

Figura 11 - Porcentagem de Marcadores Culturais por Domínio Cultural



Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Analisamos que, da totalidade de registro de Marcadores Culturais na obra, 51% dos MCs é composto por lexias pertencentes ao domínio da cultura material (53). Na próxima seção 4, analisamos a tradução de MCs em cada domínio da cultura, a partir de subseções,

respectivamente: social, ecológico, ideológico e material, a fim de averiguar tendências e estratégias frente a diferentes grupos lexicais.

5.1 O DOMÍNIO DA CULTURA SOCIAL: ANÁLISE DE TRADUÇÃO

Dos 104 marcadores culturais registrados e identificados, apenas 12 (11,5%) pertencem ao domínio da Cultura Social, que correspondem a “[...] vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas [...].” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121). No Quadro 13, os 12 MCs desse domínio são apresentados, junto com sua tradução para o inglês e as modalidades e estratégias usadas nesse processo de versão de uma língua à outra.

Quadro 13 - Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Social

Marcador Cultural	Gabriela, clove and cinnamon (1988 [1962])	Modalidade de tradução	Estratégia
Cabra	Trigger man; Ruffian.	Adaptação + transposição	Domesticação
Cacique	Political boss	Adaptação + transposição	Domesticação
Cangaço	band of outlaws; bandits and killers.	Adaptação + transposição	Domesticação
Cangaceiros	Gangsters	Adaptação + Erro	Domesticação
Fanfarronada	Callousness	Adaptação	Domesticação
Gatos pingados	Persons	Adaptação	Domesticação
Gárrulo	Garrulous	Tradução palavra por palavra	Estrangeirização
Grapiúna	Native; Ilhean.	Modulação	Estrangeirização
Molambos	Covered with rags	Adaptação	Domesticação
Pajé	Sachem; Ramiro.	Adaptação/implicação	Domesticação
Sará	mulatto face; freckle-faced mulatto.	Adaptação	Domesticação
Tabaréu	Rube; Man from the country; Rough; Yokels.	Adaptação	Domesticação

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De acordo com o Quadro 12, os 12 MCs do Domínio da Cultura Social são: “Cabra; Cacique; Cangaceiros; Cangaço; Fanfarronada; Gatos pingados; Gárrulo; Grapiúna; Molambos; Pajé; Sarará; Tabaréu”. O tradutor da obra em inglês (1988) viabilizou a tradução domesticada na maioria (10 de 12) dos MCs, enquanto apenas ‘Gárrulo’ e ‘Grapiúna’ (2 de 12)

foram estrangeirizados: 1) pela tradução literal ‘Garrulous’ e 2) pela modulação ‘Ilhean’ e ‘native’ para se referir ao Grapiúna, que é uma variação específica para o nativo de Ilhéus.

Nos casos de domesticação dos MCs do Domínio da Cultura Social (10), no Quadro 14, analisamos 6 que não tiveram perda do significado etnológico nesse processo, de acordo com a comparação da aproximação do significado de origem com o significado traduzido. São eles: “Cabra; Fanfarronada; Gatos pingados; Molambos; Sarará; Tabaréu”.

Quadro 14 - Domesticação de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Social sem perda etnológica

Português (2006)	Significado de origem (simplificado)	Inglês (1988)	Significado traduzido (simplificado)	Perda de coesão semântica na tradução
“Havia um cabra , bom na pontaria, meu conhecido velho, determinado para o senhor.”	Sujeito homem malfeitor	“An expert trigger man , a fellow I've known for years, was assigned to get you.”	Sujeito homem que atira	Não
“Porque toda aquela fanfarronada de Nacib, suas histórias terríveis da Síria, a mulher picadinha na faca”	Sujeito que exagera no discurso de valentia	“For Nacib's callousness to cruelty was as fictitious as his fierce stories.”	Calosidade; insensibilidade do sujeito	Não
“Não freqüentava, única mulher entre seis gatos pingados [...]”	Sujeitos	“She was the only woman in a sparse audience of six persons ”	Pessoas	Não
“Como vou saber? Uns molambos , uma imundice, os cabelos duros de pó.”	Sujeitos sujos, malcuidados	“How do I know? Covered with rags , filthy, her hair stiff with dust”	Sujeitos cobertos com trapos	Não
“Ainda há pouco tempo, dona Arminda, Cassandra sarárá , deixara-o num alarme medonho”	Designação preconceituosa de sujeitos afrobrasileiros mestiços	“Only recently, Dona Arminda, the freckle-faced mulatto Cassandra, almost scared the life out of him”.	Sujeito mulato de rosto sardento	Não
“Sou um tabaréu , não tenho muitas letras, conferência me dá um sono...”	Sujeito sem instrução; inexperiente.	“I'm just a man from the country , I haven't much learning, and most lectures put me to sleep.”	Sujeito do interior/fazenda	Não

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Consideramos que dentre os 6 MCs não houve perda de coesão semântica no processo domesticador da tradução, visto que esses MCs do Domínio da Cultura Social exerceram sintaticamente funções de pronomes substantivos de pessoas/grupos sociais, ou seja, substituíram e representaram “sujeitos sociais” na sentença da narrativa. Ex.: ‘Cabra’ = sujeito homem malfeitor. ‘Gárrulo = sujeito que está sempre cantando”. Dessa forma, com os MCs do Quadro 13, a domesticação por meio da adaptação não demonstrou ser uma opção de perda de significado etnológico. Em contrapartida, analisamos 4 que possibilitaram uma discussão de

tradução com perda do significado etnológico, são eles: “Cacique; Cangaço; Cangaceiros; Pajé”.

Os MCs ‘Cacique’ e ‘Pajé’ no léxico da língua portuguesa podem representar culturalmente os povos indígenas que fazem parte da história e desenvolvimento do Brasil, como, também, se desvinculam e exercem funções figurativas. O dicionário Michaelis (2021) registra essas duas possibilidades de significados. O significado desvinculado da cultura indígena está destacado em itálico.

Cacique ca-ci-que (*sm*): **1.** Chefe indígena em diversas tribos da Amazônia; morubixaba, muruxaua, tubixaba, tuxaua. **2. FIG, PEJ** *Indivíduo autoritário e dominador, que estabelece suas próprias regras e impõe sua vontade sobre os demais; mandachuva.* **3. FIG** *Chefe político de muita influência e poder; figurão:* “[...] nas mãos desses regulotes, de tais caciques, se transformava em potro, em polé, em instrumento de suplícios para torturar os inimigos [...]” (LB2). (MICHAELIS, 2021).

Pajé pa-jé. (*sm*): 1. 1 ETNOL Entre os povos indígenas da família tupi-guarani, indivíduo responsável pelos rituais mágicos, com atribuições de invocar e controlar os seres espirituais, além de possuir poderes de cura e de fazer profecias. **2 POR EXT** *O mandachuva.* **3 REG (AM, PA, PI), REL** *O chefe da pajelança.* **4 REG (AM, PA), ETNOL** *Indivíduo com atribuições de benzedeiro e curandeiro.* (MICHAELIS, 2021).

De acordo com a narrativa, a personagem Coronel Ramiro Bastos, quem é denominado pelos MCs ‘Cacique’ e ‘Pajé’, não tem envolvimento com a cultura indígena brasileira, visto que é apresentado como um velho fazendeiro de cacau, intendente de Ilhéus, temido líder político poderoso da região. Nas duas adaptações de sucesso da obra para a televisão como telenovela, na emissora TV Globo, essa personagem foi representada por um homem branco de feições europeias, sem remeter a um cacique chefe de aldeia indígena brasileira, como aponta a definição do Dicionário Michaelis (2021). Na figura 12, visualizamos à esquerda, o ator Paulo Gracino que atuou como Cacique/Pajé Ramiro em 1975 e à direita o ator Antonio Fagundes na adaptação de 2012.

Figura 12 - Adaptação de imagem do personagem Coronel Ramiro Bastos para a TV



Fonte: Memória Globo³⁸.

Investigamos todos os registros dos MCs ‘Pajé’ e ‘Cacique’ no romance e analisamos como foram realizadas as suas traduções e quais modalidades usadas, podendo ser conferido no Quadro 15 abaixo.

Quadro 15 - A tradução dos Marcadores Culturais ‘Cacique’ e ‘Pajé’

MC	Português (2006)	Inglês (1988)	Tradução	Modalidade
Cacique	“Para uns foi o ano do caso da barra, para outros o da luta política entre Mundinho Falcão, exportador de cacau, e o coronel Ramiro Bastos, o velho cacique local.” (AMADO, 2006, p. 11).	“To some, it was primarily the year of the controversy about the sandbar in the harbor. To others, it was the year of the political struggle between Mundinho Falcao, cacao exporter, and Colonel Ramiro Bastos, the old political boss .” (AMADO, 1988, p. 12)	Chefe político	Adaptação + transposição
	“Estava na primeira página, artigo longo, em tipo gordo. O título ocupava quatro colunas: O ESCANDALOSO ABANDONO DA barra. Descompostura em regra na intendência, em Alfredo Bastos, deputado estadual eleito pelo povo de Ilhéus para defender os sagrados interesses da região cacauieira, esquecido desses interesses, cuja eloquência franzina só se fazia ouvir para celebrar os atos do governo, parlamentar do muito bem e do apoiado!, no intendente, um compadre do coronel Ramiro, inútil mediocridade, servilismo exemplar ao cacique , ao mandachuva, culpando os políticos no poder pelo	There it was, on the front page, a long article in heavy type. The headline stretched across four columns: SCANDALOUS Neglect of the Harbor. It was a hard-hitting censure of the local government, of the Mayor ("a useless mediocrity, utterly servile to his political boss , Colonel Ramiro"), and of Alfredo Bastos ("a state assemblyman elected by the people of Ilheus to defend the sacred interests of the cacao region, but who has completely forgotten those interests and who raises his puny voice only to cry 'aye' and 'hear! hear!' in support of the Governor and his program"). (AMADO, 1988, p. 183).	Chefe político	Adaptação + transposição

³⁸ Disponível em: <url: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/gabriela-1a-versao/galeria-de-personagens/>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

	abandono da barra de Ilhéus. (AMADO, 2006, p. 133).			
Pajé	“O Capitão falou: – Furioso, hein? Muito mais ele ainda vai ficar, o velho pajé . Pensa que é dono disso aqui...”. (AMADO, 2006, p. 73).	“Captain spoke: "The old sachem was furious, eh? He thinks he owns the whole town. Well, he's going to get a lot more furious than that." (AMADO, 1988, p. 102).	Líder de tribo indígena norte-americana. (sentido figurado de origem adaptado)	Adaptação
	“A campanha eleitoral sofrerá brusca solução de continuidade com a morte do velho pajé , como se os opositoristas já não tivessem a quem combater e os do governo não soubessem como agir sem seu chefe de tantos anos.”. (AMADO, 2006, p. 337).	“The electoral campaign had bogged down with Ramiro's death, as if the government party had died with its leader and the opposition were left without adversaries. After a time Mundinho and his friends became active again, but without their old enthusiasm and drive. (AMADO, 1988, p. 471).	Implicitação de sentido figurado de origem. de líder de tribo para adaptação do nome do personagem: Ramiro	Adaptação + implicitação

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De acordo com o Quadro 15, o tradutor demonstrou conhecimento do enredo e traduziu, domesticando, os MCs no contexto de denominação social da personagem, como ‘Cacique = *political boss* (tradução: chefe político)’ e, no contexto figurativo, como líder indígena que a obra trata, para ‘Pajé = *sachem* (tradução: chefe de tribo indígena norte-americana)’. Desse modo, a domesticação constatada na tradução de ambos MCs não ocultou valores culturais de origem e conseguiu manter o valor semântico de pronome dos substantivos empregados pelo autor na narrativa.

Apesar de constatararmos uma prática da domesticação sem conflitos com a cultura de origem, registramos 2 casos de MCs do Domínio da Cultura Social que apresentaram problemáticas na domesticação por meio da adaptação: “Cangaço” e “Cangaceiros”. Suas definições se encontram no dicionário Michaelis (2021) como:

Cangaceiro can·ga·cei-ro (*sm*): Malfeitor pertencente a bandos nômades, fortemente armados, que andavam pelos sertões do Nordeste brasileiro nas três primeiras décadas do século XX; assombra-pau, bandido, bandoleiro, cabra, cabra de chifre: “[...] *os dois soldados da polícia baiana que lustravam as botas na frente do posto policial foram fuzilados pelos cangaceiros* (JA).

Os MCs referidos especificam o fenômeno cultural do cangaço, que são definidos como um movimento sertanejo violento de temidos bandos nômades armados, os cangaceiros, que atuavam sócio politicamente no nordeste brasileiro no início do século XX, que é o mesmo cenário temporal/regional em que se ambienta a diegese da obra que se passa em Ilhéus-BA.

Não é a primeira vez que esse marcador cultural é registrado em obras literárias. Menezes (2012, p. 23-24) em sua dissertação analisou o cangaço por essa perspectiva de abordagem na literatura, comentando que

[...] o cangaço foi amplamente abordado pela literatura no Nordeste, desde os cantadores de feira e poetas da literatura de cordel às formas consagradas pelo cânone, como o romance. Desde o século XVIII, com os poetas que cantavam as aventuras de Cabeleira, passando por Franklin Távora, no século XIX e chegando à ficção regionalista do século XX, são inúmeras as manifestações literárias que tiveram como temática o cangaço. Ora encarado como herói, ora como bandido, o cangaceiro está presente em romances de escritores nordestinos da década de 1930, como José Lins do Rego, e de autores da ficção contemporânea, como Francisco Dantas. Isso atesta que, passados setenta anos da extinção oficial do cangaço, o tema ainda desperta admiração e se constitui como fonte de inspiração para escritores e poetas.

Essas informações de Menezes (2012) dão conta de evidenciar que essa temática habita a literatura brasileira desde vários séculos e é parte integrante das representações culturais que diversos gêneros narrativos e líricos já desenvolveram no passado. Desse modo a inserção desse tópico na obra amadiana é já recorrente em nossa arte, com exemplos disponíveis para uma vasta pesquisa quando isso se fizer necessário, como o é no caso de uma tradução que envolve Marcadores Culturais circunscritos a esse tópico. Ao analisarmos a foto de reais cangaceiros, na Figura 13, notamos que o movimento possui características próprias, como vestimentas uniformizadas e chapéus padronizados:

Figura 13 - Cangaceiros do grupo de Lampião



Fonte: Página do OxeRecife³⁹.

³⁹ Disponível em: <<http://oxerecife.com.br/2020/07/21/lampiao-e-o-cangaco-em-discussao/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

Desse modo, a forma generalizada que foram domesticados na tradução, como qualquer grupo de “bandidos e assassinos (*bandits and killers*)” e “bando de foras da lei (*band of outlaws*)”, causa efeito de apagamento da identidade própria do fenômeno que representa parte do processo histórico e cultural do nordeste brasileiro. Vale ressaltar que o período em que a obra foi lançada (1958) é próximo do período da ascensão desse movimento na região. Meneses (2012, p. 24), com base em Pericás (2010), também dissertou a respeito do cangaço como patrimônio cultural do Nordeste, mencionando que

Vale ressaltar ainda que, além da literatura, outras formas artísticas também abordaram o cangaço, como a música e o cinema, o que afirma a importância do fenômeno para a cultura nordestina e nacional. “O fato é que o cangaço, ainda assim, conseguiu penetrar no imaginário social nacional e permaneceu presente de maneira significativa na cultura brasileira contemporânea. Foi, decerto, um dos mais importantes fenômenos sociais deste país” (PERICÁS, 2010, p. 194). Criticado por uns, admirado por outros, o cangaço incorporou-se incontestavelmente ao patrimônio cultural do Nordeste, constituindo-se o cangaceiro indubitavelmente um dos tipos característicos da região.

A citação de Pericás (2010) nos mostra que o cangaço é um dos movimentos mais memoráveis e importantes do Brasil. De acordo com o Quadro 16, podemos ver o contexto de inserção dos MCs relacionados ao movimento do cangaço na obra analisada de Jorge Amado e como foram aplicadas as estratégias de tradução.

Quadro 16 - A tradução dos Marcadores Culturais ‘Cangaço’ e ‘Cangaceiros’

MC	Português (2006 [1958])	Inglês (1988 [1962])	Tradução	Modalidade
Cangaço	“O negro Fagundes contava histórias de valentias, coisas de cangaço , andara metido com jagunços, matara gente.” (AMADO, 2006, p. 79).	“The Negro Fagundes told stories of his adventures with a band of outlaws , stories of violence, courage, and death.” (AMADO, 1988, p. 110).	Bando de foras da lei Omissão de nome próprio de um movimento cultural do nordeste brasileiro.	Adaptação
	“Eu vou ganhar, coronel, mesmo que esteja todo mundo contra, mesmo que Ilhéus vire outra vez coito de bandidos, terra de cangaço — elevava a voz trêmula, punha-se de pé...[...].” (AMADO, 2006, p. 277).	“I’m going to win it, Colonel, even if the whole world turns against me, even if Ilheus has to become again a land of bandits and killers .” He raised his tremulous voice as he stood up: “I’m going to win! (AMADO, 1988, p.	Bandidos e assassinos Omissão de nome próprio de um movimento cultural do nordeste brasileiro.	Adaptação

		287).		
Cangaceiros	“Mas enganavam-se ao pensar que amedrontariam os competentes engenheiros e técnicos mandados pelo governo para rasgar o canal da barra, devido aos esforços desse benemérito incentivador do progresso, Raimundo Mendes Falcão, e apesar da grita impatriótica dos cangaceiros apegados ao poder.” (AMADO, 2006, p. 261).	“But they were mistaken if they thought they could cow the able engineers and technicians who had been sent by the government to open a channel through the sandbar, thanks to the efforts of that worthy promoter of progress, Raimundo Falcao, efforts that were successful despite the unpatriotic opposition of the gangsters in power.” (AMADO, 1988, p. 357).	Gangsters: (organização criminosa). Omissão de nome próprio de um movimento cultural do nordeste brasileiro.	Adaptação + Erro

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Na estratégia de tradução domesticada, o nome próprio do movimento do cangaço foi substituído por uma generalização. Desse modo, analisamos que, ao domesticar nomes próprios de movimentos sociopolíticos locais, o tradutor pode impedir o leitor estrangeiro de conhecê-los propriamente, logo, apagando a existência de um fator histórico-cultural datado. No contexto em que esses MCs aparecem, é possível notar que sua domesticação explicita a configuração do MC, entretanto, a omissão do nome próprio do movimento citado pelo autor, Jorge Amado, omite também a contextualização datada do período em que a obra está se passando.

A domesticação dos ‘Cangaceiros’ e o ‘Cangaço’ foi via adaptação, em que o nome próprio foi omitido no processo de aproximação por redução etnocêntrica do estrangeiro, traduzindo-se essas lexias para ‘*Gangsters*’ (organização criminosa) e ‘*Bandits and killers*’ (bandidos e assassinos). Essa estratégia trouxe um sentido próximo ao da configuração do movimento, entretanto omitiu um nome próprio de acontecimento histórico de uma cultura de resistência das memórias do sertão nordestino. Além do mais, fica evidente pela escolha lexical dos tradutores a eleição de perpetuar, na tradução da obra de Jorge Amado, a visão hegemônica, aquela que, à época, exercia o poder e atribuída a esse movimento designações pejorativas e incriminatórias, sendo ela unilateral na história do povo nordestino.

Segundo Meneses (2012, p. 26), existe um “escudo ético” que diferencia o Marcador Cultural ‘Cangaceiro’ do bandido comum, pois

[...] o cangaceiro seria, portanto, um sujeito que sofreu uma afronta terrível, uma perda familiar irreparável ou foi condicionado por fatores vários, que fugiam de seu controle e que o levaram a abraçar a vida do crime. Há, portanto, uma espécie de “escudo ético”, terminologia criada por Frederico Pernambucano de Melo e citada por Pericás (2010, p. 39), a proteger a imagem do cangaceiro, retirando-lhe, ainda que parcialmente, a sua natureza de bandido. **Esse “escudo ético” é importante ainda para diferenciar o cangaceiro do bandido comum, como o ladrão ou o assassino, que não dispõem da simpatia do sertanejo.** (grifo nosso)

De acordo com Meneses (2012, p. 24), o cangaceiro era considerado “herói bandido” pela população: “O cangaceiro representa para o sertanejo, portanto, um modelo de herói, não somente pela coragem em enfrentar as tropas policiais, muitas vezes em ampla desvantagem numérica, mas também por não se subordinar às imposições das classes privilegiadas e do governo”. Cabe aos interesses editoriais decidir a exposição desse lado cultural do Nordeste, com base na intenção da tradução: para quem e para qual propósito. A tradução efetuada por James L. Taylor e William Grossman, em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), deixa claro desde que perspectiva eles olharam para esse fenômeno e quais as ideologias que subjazem a essa escolha.

Conferimos que nessa tradução (1988) de *Gabriela, cravo e canela*, a modalidade mais usada para traduzir os MCs de Domínio da Cultura Social foi a Adaptação. Aubert (2006, p. 66) descreve essa modalidade, mencionando que

[...] a principal característica da adaptação reside em ser uma intersecção de sentidos, mesmo denotativos, abandonando a busca da equivalência plena. Aqui não é propriamente o estilo, o modo de dizer, a idiomaticidade, a “cultura linguística”, enfim, que marca a diferenciação.

Essa tendência de usar a modalidade de tradução Adaptação especificamente com MCs do Domínio de Cultura Social mostra-se uma estratégia domesticadora, porque, em casos de Adaptação, o tradutor adaptou MCs que são pronomes substantivos culturalmente usados na Bahia de Jorge Amado para representar indivíduos sociais, a fim de manter o mesmo sentido social com o leitor de língua inglesa, fazendo uma intersecção dos sentidos. Como no caso de Adaptação feita no MC ‘Gatos pingados = persons’. A tradução estrangeirizada da idiomaticidade, por meio da literalidade e transposição ‘pinged cats’, poderia causar estranhamento para o leitor de outra cultura.

Para Venuti (1995, p. 20), a domesticação tem a função de aproximar o autor do leitor através de uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro. MCs de Domínio da Cultura Social

domesticados, analisados no Quadro 12, ‘Fanfarronada’, ‘Gatos pingados’, ‘Molambos’ e ‘Sará’ não são familiares no léxico da língua inglesa e suas adaptações tentam aproximar o leitor para o sentido mais próximo, como ‘MC Gatos pingados = persons’ (tradução: pessoas).

Se os tradutores optassem por estrangeirizar os MCs do Domínio da Cultura Social e tentar aproximar o leitor do universo do autor, por meio de literalidade ou empréstimo, poderia causar estranhamento do receptor, visto que esses MCs assumem uma função de indivíduo/grupo social com nome próprio culturalmente marcado e, ao traduzi-los, podem não fazer sentido na cultura do outro. Schleiermacher (2001, p. 37) reafirmou essa questão ao afirmar que

[...] cada pessoa é denominada pela língua que fala, ela e todo seu pensamento são um produto dela. Uma pessoa não poderia pensar com total clareza nada o que estivesse fora dos limites da língua, a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua contabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela.

Por outro lado, os MCs ‘Cangaço’ e ‘Cangaceiros’ são próprios do léxico do Nordeste brasileiro e pertencem a um acontecimento sociopolítico histórico e a estrangeirização de mantê-los no texto na modalidade de tradução Empréstimo pode causar efeito de estranhamento e desorientação para o leitor-alvo, por ser um nome desconhecido à cultura de chegada. Como exemplo, analisamos que o MC ‘Cangaço’ e suas derivações não possuem familiaridade lexical com a língua inglesa, visto que representam um movimento específico do sertão brasileiro.

Em situações de decisão tradutória – sobre o que será mantido e o que será omitido na versão da língua alvo – alguns aspectos ficam dependentes do interesse editorial da tradução: para quem a tradução está sendo feita e com que finalidade. Notamos isso materializado no fato de se ter feito a incorporação/substituição de um dos tradutores ao longo do processo da primeira versão de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988). Assim, James L. Taylor foi substituído por William Grossman, com a justificativa de que ““*disappointed with the rendering by James Taylor, Knopf had called in William Grossman to create a more polished product*”⁴⁰” (ROSTAGNO, 1997, p. 38). Não sabemos se os critérios exigidos para a nova tradução, como o apagamento de traços do sertão, com a omissão do ‘Cangaço’, foram propositais para uma

⁴⁰ Tradução nossa: “Decepcionado com a tradução de James Taylor, Knopf convocara William Grossman para criar um produto mais polido”. (ROSTAGNO, 1997, p. 38).

versão domesticada solicitada. A obra também foi lançada nos Estados Unidos para ser um *best-seller* (TOOGE, 2009) e, provavelmente, também sofreu critérios para se adequar a esse propósito. Essas ocorrências evidenciam que, nem sempre, o tradutor é o único responsável pelo produto final que chega ao público leitor.

O MC ‘Cabra’ é um exemplo de *lexia* que possui ambiguidade na língua portuguesa e sua estrangeirização poderia causar confusão de sentidos para o leitor estrangeiro, por significar um animal ou uma denominação de sujeito. Assim, pode pertencer ao Domínio da Cultura Ecológica ou Social. A domesticação de ‘Cabra = *trigger man* (homem atirador)’ mantém o valor do sentido da *lexia*, coesão semântica, e não omite um fator cultural para além da troca de nome, como ocorreu também em ‘Cacique = *political boss* (chefe político)’.

Assim, relatamos aqui que alguns Marcadores Culturais pertencentes ao Domínio da cultura social em *Gabriela, cravo e canela* (2006) demonstraram o uso da estratégia de domesticação nas suas traduções para o inglês em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), sem sofrer perda etnológica, mantendo a coesão semântica. Desses casos, em que a domesticação não violentou a cultura de origem dos MCs, todos se tratam de formas substantivas de tratamento social, como ‘Cabra’ e ‘Cacique’. Na próxima seção, analisamos os casos de tradução ocorridos no domínio da cultura ecológica.

5.2 O DOMÍNIO DA CULTURA ECOLÓGICA: ANÁLISE DE TRADUÇÃO

O Domínio da Cultura Ecológica ocupa 11,5% dos Marcadores Culturais da obra, com 12 MCs em 20 ocorrências. Nesse domínio, Jorge Amado registrou MCs que representam a natureza habitada no sertão baiano e toda a sua riqueza, dentre eles a flora local a partir da menção às árvores *baraúnas* da *Caatinga*, o *umbuzeiro*, o *cacoeiro*, o *pau-brasil*, e os frutos de terras brasileiras que acompanham o prato do sertanejo, como o *inhame*, o *jiló* e o *quiabo*. Na narrativa, algum deles são apresentados em exposição de uma feira livre local. Assim, o narrador caracteriza-os como comuns da cultura, ao citar um por um. No recorte do Quadro 17, visualizamos, em grifo nosso, como foi traduzido esse contexto na narrativa.

Quadro 17 - Contexto da obra: Domínio da cultura ecológica traduzido

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006, p. 54).	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988, p. 73)
A feira semanal era uma festa. Ruidosa e colorida. Um vasto descampado em frente ao ancoradouro, estendendo-se até às proximidades da estrada de ferro. Postas de carne seca, de sol, de fumeiro, porcos, ovelhas, veados, pacas e cotias, caça diversa. Sacos de alva farinha de mandioca. Bananas cor de ouro,	The weekly open-air market was as noisy and colorful as a festival. It took place in a vast open space facing the bay and extending almost to the railroad tracks. Slabs of beef — jerked, sun-dried and salted, or smoke-cured; slaughtered pigs, sheep, deer, agouties, and pacas. Golden bananas, yellow

abóboras amarelas, verdes jilós, quiabos, laranjas. Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada, moqueca de peixe. Camponeses comiam, o copo de cachaça ao lado. (AMADO, 2006, p. 54).	pumpkins, green eggplant, okra, and oranges. In the stalls, served in tin plates: tripe, fish stew, and black beans with pork and sausage. (AMADO, 1988, p. 73).
--	---

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

De acordo com a contextualização do Quadro 17, em relação à tradução da flora local na narrativa, na apresentação de itens da feira, como frutas e legumes, o tradutor optou pela tradução literal, quando houve equivalência de lexias das frutas nas duas línguas, como “Quiabo = okra” e “laranjas = oranges”. Nos Estados Unidos, país falante da língua inglesa, o quiabo é comumente frito à milanesa, conhecido como *fried okra*. Na Bahia, é comumente cozido para composição de iguarias que agregam um patrimônio histórico cultural, como o acarajé e o caruru, usados em rituais afro-brasileiros. A tradução literal do MC ‘Quiabo’ é importante porque, como diversos pratos culinários locais usam esse fruto, a sua divulgação na tradução marca o seu território na cultura baiana para o outro, que conhece o quiabo, mas o consome de forma diferente. Os outros frutos foram descritos com cores pelo autor, e para respeitar a organização sintática (ordem de palavras) na tradução, o tradutor utilizou-se da modalidade transposição, como em “abóboras amarelas = *yellow pumpkins*”, “verdes jilós = *green eggplant*”.

Em relação à fauna local, Jorge Amado representou espécies de serpentes comuns do país, como as venenosas jararacas e sururucus, que possuem habitat natural na Amazônia e na Mata Atlântica, além do sertão. Deu espaço para o bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga, citando, em 7 ocorrências de descrição, como as das suas noites “povoadas de cobras e de medo” (AMADO, 2006, p. 79). No Quadro 18, é possível ver como esses MCs foram traduzidos à tessitura em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

Quadro 18 - Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Ecológica

Marcador Cultural	Tradução (1988)	Modalidade	Estratégia
Aipim	Aipim	Empréstimo	Estrangeirização
Baraúna	Ø	Omissão	Ø
Brenhas	Forests	Adaptação	Domesticação
Caatinga	Dry scrubland	Adaptação + transposição	Domesticação
Inhame	Aipim	Erro	Ø
Jararaca	Pit vipers	Modulação	Domesticação
Jiló	Green eggplant	Transposição	Estrangeirização
Pau-Brasil	Brazilwood trees	Modulação + transposição	Domesticação
Quiabo	Okra	Tradução palavra por palavra	Estrangeirização

Surucucu	Bushmasters	Modulação	Domesticação
Tarefa	Acres	Adaptação	Domesticação
Umbuzeiro	Ø	Omissão	Ø
Sagui	Monkey	Adaptação	Domesticação

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

As espécies de serpentes da fauna sertaneja são denominadas por marcadores culturais de origem enológica tupi, que é uma das diversas línguas pertencentes aos povos originários do Brasil. Jararaca do tupi *yara'raka* e Surucucu do tupi *suruku'ku* (que pica muito). Essas espécies também fazem parte da cultura dos leitores de língua inglesa, entretanto com outras denominações. Com esse exemplo tradutório, vemos que a estrangeirização na nomenclatura de animais que possuem nomes culturalmente marcados, mas pertencem às duas culturas, pode causar confusão ao leitor receptor, por não ter conhecimento da denominação local (tupi) e não reconhecer que se trata de nome de serpente. Desse modo, o tradutor optou pela domesticação, através da modulação, substituindo os nomes das serpentes pelo seu gênero científico e descritivo. Assim, de acordo com o Quadro 18, as traduções ficaram: “Surucucu = “*bushmasters*” (modulação pelo gênero científico da surucucu)” e Jararaca = *pit vipers*” (modulação por tipo de serpente da jararaca).

Verificamos que a tradução, via ‘modulação’, de espécies de animais com denominações locais, mantém a coesão semântica no processo de transferir a mensagem do autor para o leitor estrangeiro, como aconteceu no caso de tradução dos MCs referentes a serpentes, em que suas designações coexistem em ambos os léxicos das línguas. Entretanto, há casos de domesticação de tradução de espécies que podem omitir casos especiais da fauna local, como no caso da espécie *Callithrix* de gênero primata representada pelo MC ‘Sagui’ na obra, que é um animal endêmico do Brasil e interage com a rotina do brasileiro em regiões urbanizadas próximas da Mata Atlântica.

Figura 14 - O Marcador Cultural 'Sagui'



Fonte: Revista ISTOÉ Dinheiro⁴¹.

No inglês, o MC referente ao nome do animal foi traduzido via adaptação para *monkey* (tradução: macaco). Apesar do marcador cultural 'Sagui' também ser da família primata de macacos, ele possui uma convivência com o brasileiro de forma mais próxima, por conviver no mesmo habitat nativo, o que não acontece com todos os outros macacos no país. No aspecto tradutório, o leitor estrangeiro recebe a informação da espécie de forma generalizada, omitindo a especialidade brasileira da fauna em questão. Do outro lado, o tradutor pode recorrer a adaptações para substituir lexias que não existem na cultura do outro, como no caso dessa espécie brasileira de macaco. Assim, assegura-se o valor semântico domesticado, mas perde-se o fator cultural local.

Com as árvores brasileiras citadas na obra, que representam a flora local, apresentamos e analisamos, no Quadro 19, a tradução desses MCs em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988):

Quadro 19 - A tradução de MCs pertencentes à flora brasileira

Árvore (MC)	<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	Modalidade de tradução
Baraúnas	– Aqui só tem mesmo areia. E baraúna . – Tolo. Falo do meio do mar, nas profundas. (AMADO, 2006, p. 198).	"There's nothin' but sand under the water around here." "Silly. I'm talkin' about the open sea, way down deep. (AMADO, 1988, p. 355).	Omissão

⁴¹ AFP, 03 de fev. 2021, 20h22. ISTOÉ Dinheiro. Sustentabilidade, 2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/saguis-ouvem-conversas-alheias-e-evitam-individuos-antissociais-diz-estudo/>>. Acesso em 10 out. 2021.

Pau-Brasil	“[...] quem o rei de Portugal dera, em sinal de amizade, essas dezenas de léguas povoadas de silvícolas e de pau-brasil , não quisera deixar pela floresta bravia os prazeres da corte lisboeta [...]” (AMADO, 2006 [1958], p. 9).	“[...] the king of Portugal had given the region, with its savages and brazilwood trees , to one Jorge de Figueiredo Correia. This gentleman, however, preferred the pleasures of the court at Lisbon to the hardships of the wilderness [...]” (AMADO, 1988, p. 10).	Modulação
Umbuzeiro	“Clemente sentia a presença vizinha de Gabriela, não se animava sequer a olhar para a árvore à qual ela se encostara, um umbuzeiro . Os sons morreram na harmônica, a voz de Fagundes ressaltou no silêncio. Gabriela falou baixinho.” (AMADO, 2006, p. 80).	“Clemente could feel Gabriela's nearness. As the sounds from the concertina died down, Fagundes's voice resounded in the silence. Gabriela spoke in a whisper.” (AMADO, 1988, p. 110).	Omissão

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

O tradutor escolheu omitir duas lexias, representantes de tipo de árvores, que não coexistem no léxico da língua inglesa. São elas ‘Baraunás’ e ‘Umbuzeiro’, que são árvores próprias da Caatinga brasileira, a última sendo frutífera do Umbu, muito comum no preparo de bebidas no Nordeste do país. Uma das possibilidades que fez o tradutor omitir os MCs dessas árvores pode ser o fator que ambas, desconhecidas na cultura do inglês, apresentam-se como ambientação da narrativa e não tem ligação direta com as personagens. Entretanto, a modalidade de tradução Transposição resolveria a omissão da árvore de uma das frutas típicas do baiano: o umbu do ‘Umbuzeiro’, como podemos ver no exemplo do Quadro 20:

Quadro 20 - Transposição na tradução de MCs de árvores locais

Português (MC)	Inglês	Sentido semântico
Umbuzeiro	Umbu tree	Árvore de umbu

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Sabemos que a omissão na tradução pode interferir na cultura do outro, por meio do apagamento de informações culturais. Aqui simulamos uma situação em que o MC omitido conseguisse ser mantido no texto com coesão semântica para o leitor estrangeiro. Para esse caso, traduzindo ‘Umbuzeiro’ por Transposição, o MC da árvore frutífera pode ser transferido para a outra língua com um acréscimo de referência “Árvore (*tree*)” para respeitar o formato de organização da língua inglesa, assim garantindo a compreensão do leitor estrangeiro a nível de sentido semântico. Nesse caso, *Umbu tree* se refere à “árvore de Umbu” que, no Brasil, é nomeada com a derivação sufixal (sufixação) do fruto: o ‘Umbuzeiro’. Dessa forma, leitores ingleses poderiam ter acesso ao conhecimento da fruta comum da Bahia de *Gabriela, cravo e canela* (1988).

O MC ‘Pau-Brasil’ representa uma árvore do Brasil muito conhecida no mundo, principalmente pela sua intensa exploração por Portugal no Período Pré-Colonial (meados de 1530), devido a sua resina de madeira servir para produzir corantes utilizados para tingir tecidos na Europa. Silva (2021)⁴² explica sobre o contexto histórico dessa árvore:

[...] a árvore ganhou importância para os portugueses por conta da sua madeira, que poderia ser utilizada na **construção de inúmeros objetos** (como móveis e caixas), mas, principalmente, porque a resina da madeira era utilizada para produzir corante utilizado para **tingir tecidos**. [...]

[...] Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a árvore foi enxergada como mercadoria potencial para ser revendida na Europa e, assim, sua exploração foi logo iniciada. A primeira pessoa que recebeu o direito de explorar o pau-brasil, segundo as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloísa Starling, foi **Fernão de Loronha**, em 1501. [...]

[...] Essa atividade, porém, aconteceu em proporção tão intensa que foi responsável pela **quase extinção do pau-brasil**, já que milhões de árvores foram derrubadas. A extração da madeira seguiu sendo realizada até meados do século XIX, e a recuperação da quantidade de árvores na natureza somente aconteceu na segunda metade do século XX. [...].

Nesse aspecto, o MC ‘Pau-Brasil’, apesar de ser nome próprio, já possui uma lexia equivalente na língua inglesa e o tradutor a usou via modulação *brazilwood trees* para traduzi-lo. Na *Encyclopedia Britannica*⁴³, esse MC é reconhecido por essa tradução escolhida pelo tradutor, como podemos ver no registro:

brazilwood, dense, compact dyewood from any of various tropical trees whose extracts yield bright crimson and deep purple colours. Brazilwood is also used in cabinetwork. In ancient and medieval times, the brazilwood imported to Europe from the Middle East was *Caesalpinia braziliensis* and other species of *Caesalpinia*. *Caesalpinia echinate* (called pau-brasil in Portuguese) is indigenous to the Brazilian coast and played a role in the naming of that country⁴⁴.

⁴² SILVA, Daniel Neves. “Pau-brasil”. Brasil Escola, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/pau-brasil.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

⁴³ Britannica, The Editors of Encyclopaedia. “brazilwood”. *Encyclopedia Britannica*, 22. maio 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/brazilwood>>. Acesso em: 15 Nov. 2021.

⁴⁴ Tradução nossa: **pau-brasil**, denso e compacto de qualquer uma das várias árvores tropicais cujos extratos produzem cores carmesim brilhante e púrpura profunda. O pau-brasil também é usado em marcenaria. Nos tempos antigos e medievais, o pau-brasil importado para a Europa do Oriente Médio era *Caesalpinia braziliensis* e outras espécies de *Caesalpinia*. *Caesalpinia echinate* (chamado pau-brasil em português) é indígena da costa brasileira e desempenhou um papel na nomeação desse país. (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2021).

O MC ‘Caatinga’ representa um bioma exclusivamente do Brasil, assim a maior parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em outro lugar do mundo além do Nordeste brasileiro, ocupando uma área de cerca 734.478km². As características de vegetação com poucas folhas, períodos de seca e clima semiárido constroem a ambientação do sertão que Jorge Amado descreveu durante a obra. Gabriela, a protagonista, retirante pobre da seca que veio do sertão, propriamente região da Caatinga, para tentar a vida de cozinheira em Ilhéus. Para além, o sertão é ambiente diversas vezes na narrativa, como pode ser visto no Quadro 21.

Quadro 21 - Contexto da obra: MC ‘Caatinga’

“Á poeira dos caminhos da *caatinga* a cobrira tão por completo que era impossível distinguir seus traços. Nos cabelos já não penetrava o pedaço de pente, tanto pó se acumulara.” (AMADO, 2006, p. 77).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Quando referido sobre a caatinga, sempre foi exposto o MC ‘Caatinga’ seguido de uma descrição característica do bioma. Os casos de ocorrência são visualizados no Quadro 22:

Quadro 22 - Ocorrência do Marcador Cultural ‘Caatinga’ em *Gabriela, cravo e canela* (2006)

(AMADO, 2006, p. 76).	(AMADO, 2006, p. 79).
“A paisagem mudara, a inóspita <i>caatinga</i> cedera lugar a terras férteis, verdes pastos, densos bosques a atravessar, rios e regatos, a chuva caindo farta. Haviam pernoitado nas vizinhanças de um alambique, plantações de cana balançando ao vento.” (AMADO, 2006, p. 76).	“Nas noites da <i>caatinga</i> , povoadas de cobras e de medo, Clemente tomava da harmônica e os sons enchiam a solidão. O negro Fagundes contava histórias de valentias, coisas de cangaço, andara metido com jagunços, matara gente[...]” (AMADO, 2006, p. 79).
(AMADO, 2006, p. 113).	(AMADO, 2006, p.120).
“Tinham conseguido vencer os caminhos, a <i>caatinga</i> , a fome e as cobras, as moléstias endêmicas, o cansaço.” (AMADO, 2006, p. 113).	“Olhou em torno, como a procurá-la: a selva cercado o rio, árvores e uni intrincado de cipós, gritos amedrontadores e pios agourentos de corujas, uma exuberância de verde fazendo-se negro, não era como a <i>caatinga cinzenta</i> e nua. Um remeiro estendeu o dedo mostrando um lugar na mata [...]” (AMADO, 2006, p.120).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Analisamos que o maior bioma exclusivo brasileiro recebeu uma tradução domesticada do seu MC ‘Caatinga’ na obra, sendo traduzido por *dry scrubland*, ou na supressão *dry scrub*.

Quadro 23 - Tradução do Marcador Cultural ‘Caatinga’ em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)

(AMADO, 1988, p. 106).	(AMADO, 1988, p. 110).
“The inhospitable <i>dry scrubland</i> gave way to fertile valleys, green meadows, dense woods, brooks, and rivers. They spent a night near a small distillery, with fields of sugar cane waving in the wind.” (AMADO, 1988, p. 106).	“At night the <i>scrubland</i> was thick with snakes and fear. Clemente filled the solitude with the sound of his concertina. The Negro Fagundes told stories of his adventures with a band of outlaws, stories of violence, courage, and death.” (AMADO, 1988, p. 110).

(AMADO, 1988, p. 154).	(AMADO, 1988, p. 163).
“They had won out against the <i>dry scrub</i> , the endless roads, hunger, snakes, disease, and fatigue. (AMADO, 1988, p. 154).	“He saw only jungle hemming in the river, the tangled trees and lianas, the exuberant verdure turning black, so different from the bare, <i>gray scrub</i> of the backlands. He heard the fearsome cries of animals and the ominous hooting of owls. An oarsman pointed his finger to a place in the woods.” (AMADO, 1988, p. 163).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Em tradução literal, podemos considerar que o termo se aproxima à ‘terra seca’. A *Encyclopedia Britannica*⁴⁵ (2009), enciclopédia inglesa, define o significado desse termo como:

scrubland, also called **shrubland**, **heathland**, or **chaparral**, diverse assortment of vegetation types sharing the common physical characteristic of dominance by shrubs. A shrub is defined as a woody plant not exceeding 5 metres (16.4 feet) in height if it has a single main stem, or 8 metres if it is multistemmed. The world’s main areas of scrubland occur in regions that have a Mediterranean climate—i.e., warm temperate, with mild, wet winters and long, dry summers. These areas include southern Australia, the Mediterranean region, California, Chile, and South Africa. Other scrublands are found in the semiarid tropics and in the Arctic, but smaller areas also occur in many other places. Australia, primarily because of its dry, variable climates, probably has the greatest expanse and range of scrublands⁴⁶.

A partir da definição de *scrubland*, que se assemelha às características da Caatinga em alguns aspectos, como plantas baixas, temperatura quente e seca, notamos que o tradutor domesticou a tradução do bioma brasileiro na obra a partir da generalização com um tipo de vegetação próxima de uma conhecida na cultura da língua inglesa. Pesquisamos a ocorrência da lexia *scrubland*, relacionado a Caatinga, para averiguar a proximidade com o bioma. De exemplo, encontramos uma pesquisa farmacêutica a respeito de cosméticos oriundos da Caatinga que a referencia como “*scrubland*”. No recorte, é possível ver essa ocorrência na

⁴⁵ SMITH, Jeremy M.B. "scrubland". *Encyclopedia Britannica*, 15 Set. 2009. Disponível em: <https://www.britannica.com/science/scrubland>. Acesso em: 02 nov. 2021.

⁴⁶ Tradução nossa: matagal, também chamado de arbustivo, chameca ou chaparral, variedade diversificada de tipos de vegetação que compartilham a característica física comum de dominância por arbustos. Um arbusto é definido como uma planta lenhosa que não excede 5 metros (16,4 pés) de altura se tiver um único caule principal, ou 8 metros se for multicaule. As principais áreas de região arbustiva do mundo ocorrem em regiões com clima mediterrâneo, ou seja, temperado quente, com invernos suaves e úmidos e verões longos e secos. Essas áreas incluem o sul da Austrália, a região do Mediterrâneo, Califórnia, Chile e África do Sul. Outros arbustivos são encontrados nos trópicos semiáridos e no Ártico, mas áreas menores também ocorrem em muitos outros lugares. A Austrália, principalmente por causa de seus climas secos e variáveis, provavelmente tem a maior extensão e variedade de matagais. (ENCYCLOPEDIA BRITANNICA, 2009).

Revista Pesquisa FAPESP⁴⁷, por Vasconcelos (2016, n.p.) como “*Typical of the Caatinga scrublands of northeastern Brazil, the umbu, or Brazilian plum, is known for its rich nutritional properties. It is high in vitamin C and juicy, and the mature fruit in particular contains a number of volatile components.*”⁴⁸ (grifo nosso).

Entretanto, omitir um bioma próprio de uma região em uma tradução é, também, omitir toda a especialidade dentro dele. Domesticar a caatinga por *scrublands* é se desfazer do umbuzeiro, da baraúna, da maniçoba, da jiboia, do sapu-cururu, préa e outras espécies que são naturais desse bioma. A modalidade de tradução híbrida por empréstimo + adaptação, como foi usado no recorte da Revista Pesquisa FAPESP (2016), *Caatinga scrubland*, evita a redução etnológica e mantém a coesão semântica para o leitor de língua estrangeira. Essa estratégia foi usada pelo tradutor em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) nos MCs do Domínio da Cultura Ideológica que representam danças típicas:

Quadro 24 - Tradução de Marcadores Culturais por Empréstimo + adaptação

Português	Inglês
Coco mexido	<i>Lively coco dance</i>
Maxixe embolado	<i>Fast maxixe</i>
Samba de roda	<i>Samba ring</i>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Para Venuti (1995, p. 20) a estrangeirização é uma estratégia que procura conter a violência etnocêntrica que a tradução pode impor a determinadas culturas. Relatamos que os MCs do domínio da cultura ecológica, especialmente sobre o espaço geográfico, como ‘Caatinga’, foram apagados na prática de domesticação na tradução e, assim, omitiram-se do conhecimento geográfico para o leitor estrangeiro. Os 3 MCs, do Quadro 24, que representam danças locais, levaram o nome próprio em suas traduções por meio do Empréstimo + adaptação, praticando assim a estrangeirização e reduzindo a violência etnocêntrica dessas lexias. Na próxima seção, analisamos os outros casos de tradução do Domínio da Cultura Ideológica.

⁴⁷ VASCONCELOS, Yuri. Revista Pesquisa. FAPESP. Fev. 2016. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/en/the-cosmetic-from-the-caatinga-scrubland/>. Acesso em: 02 nov. 2021.

⁴⁸ Tradução nossa: Típico da Caatinga arbustiva do Nordeste do Brasil, o umbu, ou ameixa brasileira, é conhecido por suas ricas propriedades nutricionais. É rico em vitamina C e suculento, e a fruta madura em particular contém vários componentes voláteis.

5.3 O DOMÍNIO DA CULTURA IDEOLÓGICA: ANÁLISE DE TRADUÇÃO

O autor Jorge Amado, em vida, foi um homem que lutou contra a intolerância religiosa e, como Deputado Federal de São Paulo, responsabilizou-se pela incrementação da ementa constitucional (o inciso 6º do artigo 5º) que garante a liberdade de culto e crença no Brasil. Assim, as obras do autor referenciam de forma explícita a cultura afroreligiosa da Bahia, a qual o próprio autor fez parte como seguidor do Candomblé, em que se tornou um ogã de Oxóssi. Em *Gabriela, cravo e canela*, é possível ver essa influência do candomblé, por meio dos marcadores culturais do Domínio da Cultura Ideológica, em diversas passagens da narrativa, no Quadro 25 exemplificamos com um recorte em que entidades religiosas são citadas, com registro de MCs:

Quadro 25 - Contexto da obra: Referências do Candomblé em *Gabriela, cravo e canela* (2006)

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (AMADO, 2006, grifo nosso)	
Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu , era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá , dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. (AMADO, 2006, p. 346).	Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba , era sala da dança, era leito de núpcias, um barco sem rumo no morro do Unhão, velejando ao luar. Seu Nilo soltava cada noite a alegria. Trazia a dança nos pés, o canto na boca. [...]” ((AMADO, 2006, p. 346).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No total, 27 MCs foram reconhecidos como pertencentes ao Domínio da Cultura Ideológica. Nesse domínio, estão reservados MCs que “designam crenças sistemas mitológicos, e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades.” (MARTINS; CAMARGO, 2008, p. 121). No Quadro 26 analisamos a tradução dos MCs que pertencem ao Domínio da Cultura Ideológica e grifamos, no campo **Marcador Cultural**, aqueles que pertencem à afro-religiosidade presente na Bahia para recorte de análise.

Quadro 26 - Tradução de Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Ideológica

Marcador Cultural	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	Modalidade de tradução	Estratégia
Berimbau	“[...] Sete Voltas played the one-string instrument that usually accompanies capoeira and sang [...]” (AMADO, 1988, p. 484-485).	Adaptação + Explicitação	Domesticção
Bumba-meu-boi	“[...] The ox pageant had already started moving. (AMADO, 1998, p 426).	Adaptação	Domesticção

Caapora	Ø	Omissão	Domesticação
Candomblé	“[...] Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação + erro	Domesticação
Capoeira	“[...] A dangerous capoeira fighter from Bahia.” (AMADO, 1988, p. (AMADO, 1988, p.490).	Empréstimo	Estrangeirização
Carnaval	“[...] It was set up in December and exhibited to the public from then until around carnival time in February or March [...]” (AMADO, 1988, p. 64).	Transposição	Estrangeirização
Coco mexido	“[...] a samba ring, a fast maxixe, a lively coco dance... [...]” (AMADO, 1988, p. 423)	Empréstimo + adaptação	Estrangeirização
Festa de Santo Antonio	“[...] and the feasts of St. Anthony and St. John.” (AMADO, 1988, p. 8).	Tradução palavra por palavra	Domesticação
Festa de São João	“[...] and the feasts of St. Anthony and St. John .” (AMADO, 1988, p. 8).	Tradução palavra por palavra	Domesticação
Filhas de Santo	“[...] they were priestesses of the voodoo gods .” (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação	Domesticação
Iaôs de Iansan	“[...] they were priestesses of the voodoo gods .” (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação	Domesticação
Macumba	“[...] Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground... (AMADO, 1988, p. 483).	Adaptação + transposição	Domesticação
Mãe d'água	“[...] He placed this Nordic mother of waters... [...]” (AMADO, 1988, p. 505).	Tradução palavra por palavra	Estrangeirização
Maxixe embolado	“[...] a samba ring, a fast maxixe... [...]”(AMADO, 1988, p. 423)	Empréstimo + modulação	Estrangeirização
Mestre de Angola	Ø	Omissão	Domesticação
Mula de Padre	“[...] Soon the headless mule would come up from hell... [...]” (AMADO, 1988, p. 457).	Modulação + transposição	Estrangeirização
Ogun	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omulu [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização
Omolu	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omolu [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização
Oxalá	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omulu; for Dora he was the great god Oxala . [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização
Oxóssi	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omulu [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização
Rabo de arraia	“[...] With cartwheels and sudden thrusts of the feet and elbows [...]” (AMADO, 1988, p. 484-485).	Adaptação	Domesticação
Reisado	Ø	Omissão	Domesticação
Samba de Roda	“[...] A dance to her was something else: a samba ring , a fast maxixe, a lively coco dance... [...]” (AMADO, 1988, p. 423)	Empréstimo + transposição	Estrangeirização

Samba de umbigada	“[...] Dancing parties in the rich homes and bellybumping sambas in the houses of the poor on the hills... [...]” (AMADO, 1988, p. 407).	Empréstimo + transposição	Estrangeirização
Terreiro	“[...] in Bahia, in Sergipe, in Alagoas, in the voodoo grounds ... [...]” (AMADO, 1988, p. 484).	Adaptação	Domesticação
Xangô	“[...] Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango , Oxossi and Omulu... [...]” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização
Yemanjá	“[...] Gabriela was Yemanja , goddess of the sea.” (AMADO, 1988, p. 483).	Empréstimo	Estrangeirização

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

A cultura da Bahia tem como referência traços de nações africanas e, dentre eles, o Candomblé é uma religião que influencia a cultura baiana desde a sua gastronomia, até as suas festas. De acordo com Bastide (1961, p. 17),

[...] os candomblés pertencem a “nações” diversas e perpetuam, portanto, tradições diferentes: Angola, Congo, Gêge (isto é, Ewe), Nagô (térmo com que os franceses designavam todos os negros de fala yoruba, da Costa dos Escravos), Quê to (ou Ketu), Ijêxa (ou Ijesha). É possível distinguir estas “nações” umas das outras pela maneira de tocar o tambor (seja com a mão, seja com varetas), pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual. Todavia, a influência dos Yoruba domina sem contestação o conjunto das seitas africanas, impondo seus deuses, a estrutura de suas cerimônias e sua metafísica [...].

Jorge Amado descreve o candomblé e suas características por meio de citações de divindades e pela culinária afro-brasileira que é incorporada em rituais e preparada pela cozinheira e protagonista da obra, a Gabriela do sertão baiano. Os MCs do Domínio da Cultura Ideológica que representam a cultura afro-brasileira são: ‘Berimbau’, ‘Candomblé’, ‘Capoeira’, ‘Filhas de Santo’, ‘Iaôs de Iansan’, ‘Macumba’, ‘Mãe d’água’, ‘Mestre de Angola’, ‘Ogun’, ‘Omolu’, ‘Oxalá’, ‘Oxóssi’, ‘Terreiro’ e ‘Yemanjá’.

Os MCs que representam divindades afro-religiosas são ‘Ogun’ ‘Omolu’ ‘Oxalá’ ‘Oxossi’ ‘Yemanjá’. Segundo Borges (2008, p. 21),

[...] são através das oferendas, dos ritos e dos cânticos que os homens demonstram e reforçam sua fé nos Orixás e se auto-identificam. Os Orixás, divindades do candomblé ligados às forças da natureza e a aspectos da vida humana, assim como os homens, têm seus gostos e preferências. Muito mais que relacionada a um sistema nutricional, a comida é também chamada de Axé do Orixá, indispensável para a conservação da vida.

Todos foram os Orixás foram citados 1 vez cada, atribuindo suas identidades, eu um único contexto. Exceto o MC ‘Yemanjá’ que foi usado também no sentido figurativo para descrever a personagem Gabriela, como pode ser visualizado no Quadro 27.

Quadro 27 - O Marcador Cultural ‘Yemanjá’ em Gabriela, cravo e canela (2006)

No balcão colocou a nórdica mãe d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da igreja. **Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela.** Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. (AMADO, 2006, p. 362).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Se o tradutor optasse pela omissão de MC de divindades afro-religiosas na domesticação da sua tradução, ele precisaria modificar toda descrição da personagem que insere o sentido figurado da mãe das águas, Yemanjá. A partir dessa observação, tornou-se interessante investigar nesse estudo como esses MCs, de nomes próprios, foram traduzidos para o inglês, como também para uma língua mais próxima do português, o espanhol, a partir da análise de *Gabriela, clavo y canela* no nosso grupo de pesquisa. No Quadro 28 é possível visualizar a tradução do contexto em que todas as divindades aparecem reunidas.

Quadro 28 - Contexto de obra: Marcadores Culturais de divindades afroreligiosas na tradução para o inglês e espanhol

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006)	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	<i>Gabriela, clavo y canela</i> (2007)
Seu Nilo se transformava, era todos os santos, era Ogun e Xangô, Oxóssi e Omolu , era Oxalá para Dora. Chamava Gabriela de Yemanjá , dela nasciam as águas, o rio Cachoeira e o mar de Ilhéus, as fontes nas pedras. Nos raios da lua, a casa velejava no ar, subia pelo morro, partia na festa. As canções eram o vento, as danças eram os remos, Dora a figura de proa. Comandante, seu Nilo ordenava marujos. (AMADO, 2006, p. 346).	Nilo was transformed into all the gods — Ogun and Xango, Oxossi and Omulu ; for Dora he was the great god Oxala . Gabriela was Yemanja , goddess of the sea. The house sailed away in the moonlight, over the hill. The songs were the wind, the dances the oars, Dora the figurehead on the prow, Nilo the captain directing the crew. (AMADO, 1988, p. 483).	Nilo se transformaba, era todos los santos, era Ogun y Xangô, Oxossi y Omolu , era Oxalá para Dora. Llamaba Yemanjá a Gabriela, de ella nacían las aguas, el río Cachoeira y el mar de Ilhéus, las vertientes en las piedras. A los rayos de la luna, la casa navegaba en el aire, subía por el cerro, partía a la fiesta. Las canciones eran el viento, los bailes eran los remos, Dora el mascarón de proa. Comandante, don Nilo daba órdenes a los marineros. (AMADO, 2007, p. 427).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Verificamos que os tradutores mantiveram os nomes próprios na tradução em inglês e espanhol, a partir do Empréstimo. Entretanto, na versão em espanhol, o tradutor grifou os MCs em itálico, sinalizando, graficamente, a estrangeiridade. A função do Empréstimo é totalmente

estrangeirizadora, visto que leva referências etnológicas para o outro a partir das lexias próprias do texto de origem.

A partir do estudo de tradução de Almeida e Delvizio (2016) envolvendo outras obras de Jorge Amado traduzidas para o inglês, vimos que esses mesmos MCs, representantes de divindades africanas, também foram traduzidas por Empréstimo nas obras *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1966) (*Dona Flor and Her Two Husbands* (1969)); *Tocaia Grande* (1984) (*Show Down* (1989)); e *Tereza Batista, Cansada de Guerra* (1972) (*Tereza Batista Home from the Wars* (1975)). Os MCs relacionados ao Candomblé e seus rituais, como ‘Candomblé’, ‘Macumba’, ‘Terreiro’, ‘filhas de santo’, ‘iaôs de Iansan’ foram domesticados como pertencentes à religião do vudu (*voodoo*):

Quadro 29 - A tradução domesticada de Marcadores Culturais de rituais do candomblé como vudu

Gabriela, cravo e canela (2006)	Gabriela, clove and cinnamon (1988)
“Seu Nilo apitava, a sala sumia, era terreiro de santo, candomblé e macumba , era sala da dança, era leito de núpcias [...]” (AMADO, 2006, p. 346).	“Nilo blew his whistle and the room became a voodoo ground , a nuptial bed [...]” (AMADO, 1988, p. 483)
“[...] um rei mago chegava, um deus de terreiro , um cavaleiro de santos para seus cavados montar.” (AMADO, 2006, p. 347).	“[...] A magic king, a voodoo god , a holy horseman come to mount his steeds.” (AMADO, 1988, p. 482).
“Na Bahia, em Sergipe, em Alagoas, nas rodas de capoeira, nos terreiros de santos [...]” (AMADO, 2006, p. 391).	“in Bahia, in Sergipe, in Alagoas, in the voodoo grounds [...]” (AMADO, 1988, p. 484).
“Do morro desciam as outras pastoras, vinha Gabriela da casa de dona Arminda, já não eram somente pastoras, eram filhas de santo, iaôs de Iansan .” (AMADO, 2006, p. 345)	“Down from the hill came more girls, and Gabriela would come up from Dona Arminda’s house. But they were no longer mere shepherd girls: they were priestesses of the voodoo gods .” (AMADO, 1988, p. 483).

Fonte: elaborado pelo autor.

O vudu é uma religião de origem africana presente nos Estados Unidos, adaptada para a lexia americanizada *voodoo*, é muito popular em Nova Orleans. Nesse território americano, existe uma feiticeira de vudu que é ícone cultural até os dias de hoje para a cidade. Considerada “rainha do vudu”, Marie Laveau, nascida em 1794, protagoniza a cena dessa religião nos Estados Unidos em adaptações como nas HQs da Marvel dos meados de 1970 e na série de gênero terror “American Horror Story: Coven”, em 2013, transmitido pela emissora FX. Nesse contexto, o vudu é, possivelmente, uma das referências de religião de origem africana para americanos. O termo Vudu é definido por Silva (1994, p. 140) como “nome pelo qual são conhecidas as religiões de origem africana no Haiti. Popularmente designa feitiço, trabalho, magia feita para se obter o mal de alguém.”

De acordo com o estudo de Silva (1994, p. 13), podemos constatar que práticas religiosas do candomblé sofrem esteriotipações associadas à “magia negra”, pois

[...] os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de culto aos espíritos (portanto, distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa sociedade), têm sido associados a certos estereótipos como “magia negra” (por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc.

Sendo assim, a domesticação dos MCs do ritual do Candomblé para o Vudu pode ter conotação estereotipada e distorcida ao traduzi-los como magias negras para a cultura do leitor estrangeiro. De acordo com os estudos de tradução de Almeida e Delvizio (2016), analisamos que, em outras obras de Jorge Amado para o inglês, essa adaptação para *voodoo* dos MCs referentes ao ritual de candomblé também aconteceu, em *Dona Flor e seus Dois Maridos* (1966) (*Dona Flor and Her Two Husbands* (1969)); *Tocaia Grande* (1984) (*Show Down* (1989)); e *Tereza Batista, Cansada de Guerra* (1972) (*Tereza Batista Home from the Wars* (1975)). Sobre esse caso, Almeida e Delvizio (2016, p. 635) consideram que

[...] o uso do termo voodoo para se referir ao candomblé e a omissão do termo ebó, por exemplo, causam uma perda na tradução e, de certa forma, acabam empobrecendo-a, pois não permitem que o leitor da língua inglesa conheça aspectos culturais específicos que são peculiares da obra de Jorge Amado. A omissão e a adaptação de termos culturalmente marcados da cultura baiana, como os do candomblé, podem ter relação ao que Hall (2002, p. 49) chama de “sujeito fragmentado” ou então a criação de uma cultura homogênea ao “apagar” as diferenças existentes entre as línguas e generalizar uma ideia única para vários termos diferentes.

No caso de *Gabriela, cravo e canela* (2006), consideramos problemática a adaptação da religião, visto que o vudu nos Estados Unidos já possui sua identidade cultural americana e transpor essa realidade para a Bahia, onde predomina a identidade do candomblé, apaga, etnologicamente, o espaço do outro e cria uma realidade distorcida, em que o vudu é vivenciado na obra pelas personagens. Desse modo, o domínio da cultura ideológica se demonstrou um campo sensível para estratégias de tradução domesticadoras, expondo o apagamento etnológico religioso ao adaptar as religiões citadas no romance. A seguir, analisamos a tradução do domínio da cultura material.

5.4 O DOMÍNIO DA CULTURA MATERIAL: ANÁLISE DE TRADUÇÃO EM INGLÊS E ESPANHOL

A maior parte dos MCs presentes em *Gabriela, cravo e canela* (2006) pertence ao Domínio da Cultura Material, dominando 51% do total. Com isso, considera-se que Jorge Amado registrou 53 marcadores que descrevem materiais da cultura da Bahia, que são físicos e feitos pelo homem. Dentre eles, 50 foram reconhecidos como pertencentes do léxico cultural gastronômico, como pode ser conferido na Tabela 3. O autor entrou na cozinha baiana e descreveu pratos específicos que representam a culinária local, de bolos à licores.

Tabela 3 - Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Material do léxico da gastronomia

Nº	Marcador Cultural do Domínio da Cultura Material	Ocorrência
1.	Abará (s)	4
2.	Acarajé	7
3.	Aipim	1
4.	Beiju	1
5.	Bilhas de barro	1
6.	Bolinhos de mandioca	1
7.	Bolinhos de puba	1
8.	Bolo de Aipim	1
9.	Bolo de Tapioca	1
10.	Carne de fumeiro	1
11.	Carne de sol	2
12.	Carne seca	3
13.	Caruru	1
14.	Copo de mingau	1
15.	Cuscuzeiros	1
16.	Cuzcuz	3
17.	Cuzcuz de mandioca	1
18.	Cuzcuz de puba	1
19.	Cuscuz de milho	2
20.	Dendê	1
21.	Doce de Aipim	1
22.	Efó	1
23.	Farinha de Mandioca	1
24.	Feijão	4
25.	Feijoada	1
26.	Frigideiras	4
27.	Galinha de Cabidela	1
28.	Inhame	1
29.	Jabá	1
30.	Lata de mingau	1
31.	Lata de mingau das baianas	1
32.	Licor de Abacaxi	1
33.	Licor de Jenipapo	2
34.	Licor de Laranja	1
35.	Licor de Maracujá	1
36.	Mingau	2
37.	Moqueca	3
38.	Moqueca de peixe	1
39.	Moqueca de Siri	1

40.	Moringa	1
41.	Assado de Charque	2
42.	Pinga	3
43.	Pirão de Caranguejo	1
44.	Rabo-de-Galo	1
45.	Sarapatel	1
46.	Tabuleiro	9
47.	Tira-gosto	1
48.	Vatapá	1
49.	Viúva de carneiro	1
50.	Xinxin	1

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Os Marcadores Culturais que representam a culinária, pertencentes ao léxico gastronômico, são mapeados com a história e geografia do local de origem. No Brasil, por exemplo, a culinária é mapeada por influências de povos que habitaram e habitam o país, como a cultura afro-brasileira no *acarajé* da Bahia. No local que se ambienta espacialmente a narrativa da obra analisada, em Ilhéus, no estado da Bahia, Jorge Amado registrou, com detalhes, a comida baiana, se considerar o número (50) de marcadores culturais do léxico da gastronomia e a narrativa da diegese influenciada pela protagonista Gabriela, que é uma cozinheira. No Quadro 30, esse fato pode ser confrontado com um recorte de uma cena da narrativa, em que grifamos as partes que evidenciam a influência gastronômica da protagonista.

Quadro 30 - Contexto da obra: Gabriela cozinheira

<i>Gabriela, cravo e canela</i> (2006, p. 342).	<i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988, p. 477).
Os fregueses, porém, não consumiam tanta bebida como antes, não gastavam tanto como no tempo de Gabriela. A cozinheira mandada vir de Sergipe, passagem paga por ele, era um blefe dos maiores. Não ia além do trivial, tempero tentador . Nacib ouvia dona Arminda, quase incremente, apenas levemente orgulhoso dessa fidelidade tardia de Gabriela. Encolhia os ombros, entrava em casa. Estava curado, conseguira esquecê-la, não a cozinheira, a mulher. Quando se recordava das noites passadas com ela, era com a mesma saudade mansa com que relembrava a sabedoria de Risoleta, as pernas altas de Regina, uma de antes, os beijos roubados à prima Munira numas férias em Itabuna. Sem dor profunda no peito, sem ódio, sem amor. Suspirava ainda mas pela cozinheira inigualável, suas moquecas, os xinxins, as carnes assadas, os lombos, as cabidelas.	She had made up her mind, however, that he wouldn't cook for anybody but Nacib, in spite of the tempting offers that poured in on her from every direction— offers of jobs as cook or as mistress. Nacib would listen to Dona Arminda almost indifferently, for he was only slightly flattered by Gabriela's belated fidelity. Then he would shrug his shoulders and enter his house. He was cured: he had succeeded in forgetting her—the woman, not the cook. When he recalled the nights spent with her, it was with the same languorous feeling with which he remembered Risoleta's skill, and the long legs of Regina, the one before her, and the kisses stolen from his cousin Munira during holiday in Itabuna. Without an ache in his heart, without hate, without love. But he sighed for the cook and her wonderful fish stews.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base em *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Na diegese da obra, de acordo com o recorte no Quadro 30, em grifo nosso, a personagem protagonista Gabriela é referenciada como “a cozinheira”, com ênfase na sua função. A descrição de Jorge Amado com a protagonista a envolve em cenários de citações de

diversos pratos culinários preparados por ela. Nesse aspecto, tornou-se interessante analisar como os marcadores culturais da gastronomia foram traduzidos, a fim de discutir as estratégias de tradução usadas. Na Ficha Lexicográfica (seção 4) é possível acessar o contexto narrativo de cada marcador cultural pertencente ao léxico gastronômico baiano.

De acordo com Braune (2007, p. 82), a Gastronomia é, “antes de tudo, cultura, expressão e arte de um povo. Nutre-se das tradições culinárias de todas as camadas sociais. É um grande caldeirão cultural onde se tem representados os elementos mais simples como a mandioca até os mais sofisticados como a lagosta.”

Por conta do tempo de pesquisa, analisamos um recorte da tradução para o inglês de MCs que representam pratos típicos afro-brasileiros em *Gabriela, cravo e canela*, a fim de obter reflexões sobre a cultura representada na tradução por meio da gastronomia traduzida. Esses MCs podem ser conferidos na Tabela 4, junto com seus quantitativos de ocorrência.

Tabela 4 - Ocorrência de Marcadores Culturais do léxico da gastronomia afro-brasileira

N	Marcador Cultural	Ocorrência
1.	Abará (s)	4
2.	Acarajé	7
3.	Caruru	1
4.	Cuscuz	3
	Cuscuz de mandioca	1
	Cuscuz de puba	1
	Cuscuz de milho	2
5.	Dendê	1
6.	Efó	1
7.	Feijoada	1
8.	Vatapá	1
9.	Xinxim	1

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Assim, foram analisados 9 marcadores culturais, sendo eles, ‘abará’, ‘acarajé’, ‘dendê’, ‘caruru’, ‘cuscuz’, ‘efô’, ‘feijoada’, ‘vatapá’ e ‘xinxim’. Nunes Neto (2014, p. 1) discorreu acerca da relação histórica de algumas dessas lexias com a representação das baianas, confirmando a sua importância para a identidade da Bahia, apontando que,

[...] a partir dos anos 50 do século XX, através das posturas municipais, as mulheres negras que mercadejavam como quituteiras em seus tabuleiros na cartografia urbana passaram a ser alcunhadas como baianas, termo que em larga medida identificavam-nas, mas não apenas. As baianas, negras quituteiras que sobreviviam da comercialização de iguarias da então já denominada culinária baiana ou afro-baiana (acarajé, abará, vatapá, efós, aberéns, cocadas, dentre outros itens) no contexto histórico em questão, foram

convertidas por conta do seu trabalho criativo e criador em espécie de ícone que mais facilmente identificava a Bahia – aqui entendida como Salvador e regiões do Recôncavo – nos quatro cantos do mundo. Mulheres negras, baianas, em sua maioria, eram boa parte das vezes iniciadas como filhas-de-santo em algum candomblé ou encontravam-se em processo de iniciação.

De acordo com os estudos já realizados no grupo de pesquisa de Marcadores Culturais (UEFS), duas dissertações já analisaram a definição cultural desses MCs pertencentes à gastronomia afro-brasileira. Desse modo, utilizamo-nos das análises de Bento (2021) e Silva (2021) para discorrer sobre como foram traduzidos. No Quadro 31 é possível visualizar a definição cultural de cada MC e a estratégia de tradução feita pelo tradutor de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

Quadro 31 - Pratos típicos baiano mencionados na obra *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado, e suas relações históricas, culturais e religiosas e a estratégia de tradução empregada em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)

Marcador Cultural afro-brasileiro	Origem histórico-social, segundo estudo de Bento (2021)	Vínculo cultural-religiosos dos cultos de matizes africanas, segundo os estudos de Bento (2021)	Estratégia de tradução empregada em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988).
Abará (s)	A palavra ‘abará’ é oriunda da língua Iorubá, idioma falado em várias regiões na Nigéria e de outros países africanos. O ‘abará’ é um prato típico de origem africana bastante difundida na culinária baiana e a sua forma de preparo dependerá da sua função. (BENTO, 2021, p. 160).	O ‘abará’ é uma comida de santo e oferecida aos Orixás Iansã, Obá e Ibeji. No entanto, essa iguaria é dedicada, especialmente, ao Orixá Obá. O ritual oferecido a Obá é preparado à beira mar. Neste ritual é utilizado elementos como toalha ou pano, velas, fitas e linhas vermelhas ou magenta, pembas vermelhas, frutas, licor e flores do campo, jasmim e rosas vermelhas. O ‘abará’ dos rituais são enroladas na palha de banana (BENTO, 2021, p. 161).	Omissão
Acarajé	Pode-se afirmar que ‘acarajé’ é uma comida votiva, de origem africana, que está relacionada ao povo de santo e aos rituais do candomblé. É popularmente conhecido em toda a Bahia como a comida preferida de Iansã ³² . Os rituais para Iansã são realizados geralmente às quartas-feiras, suas cores preferidas são marrom, vermelho e rosa. (BENTO, 2021, p. 168).	é um alimento sagrado para o candomblé. Além de ser a comida predileta de Iansã, também é utilizada nos rituais de Xangô e de outros Orixás. A depender do Orixá, o ‘acarajé’ pode ter algumas alterações no seu preparo e na constituição do ritual. No caso de Oxalá, que é o orixá principal desse alimento, é utilizado o azeite de oliva para substituir o famoso azeite de dendê, caso a oferenda tenha o dendê, ela é recusada, sendo assim, deve-se respeitar os gostos e preferências dos Orixás. (BENTO, 2021, p. 168-169).	Domesticação

Caruru	A origem do 'caruru' está associada às práticas alimentares dos povos originários do Brasil. Esse alimento era preparado com uma planta chamada caruru e no recôncavo baiano foi adotado pelos escravos africanos. Eles substituíram a planta caruru pelo quiabo e acrescentaram o azeite de dendê e o camarão seco. Sendo assim, o 'caruru' passou a fazer parte da gastronomia afro-baiana e se tornou uma comida de santo. (BENTO, 2021, p. 180).	Nos rituais do candomblé, o 'caruru' é uma forma de homenagem e de agradecimento aos orixás Ibeji que são os orixás crianças ou outro santo de devoção, como a exemplo de São Cosme e Damião, Santa Bárbara e São Lázaro. (BENTO, 2021, p. 181).	Omissão
Cuscuz	O 'cuscuz' foi trazido ao Brasil pelos portugueses no início da colonização, no século XV, e era feito de forma artesanal, produzido em pequenos moinhos ou no pilão. Nessa época, o 'cuscuz' era alimento consumido pelas famílias pobres, bandeirantes e, principalmente, os escravos. [...] Esse alimento ainda é vendido em barracas e não falta nos tabuleiros das baianas. (BENTO, 2021, p. 186).	O 'Cuscuz' é uma oferenda destinada ao orixá Oxalá [...] Outros Orixás que também têm o cuscuz como uma das suas comidas preferidas são os Ibéjis e Iemanjá. O 'cuscuz' de Iemanjá é conhecido como 'cuscuz de maré cheia' e leva ingredientes como, cebola picada, pimentão vermelho, ervilhas frescas, azeitonas pretas sardinha grande, caldo de peixe ou camarão, farinha de milho farinha de mandioca, azeite de dendê, leite de coco, camarões limpos sem cascas, ovos cozidos. (BENTO, 2021, p. 186-187).	Domesticação
Dendê	O 'dendê' é um fruto da árvore tropical <i>Elaeis guineensis</i> , que é uma palmeira originária da Costa Ocidental da África (Golfo da Guiné), trazido ao Brasil por volta do século XVI, período que aconteceu o tráfico de escravos entre a África e o Brasil. [...] O 'dendê' foi um dos ingredientes utilizados pelos africanos em diversos pratos, principalmente nas comidas de santo e que com o tempo foi incorporada à culinária baiana. (BENTO, 2021, p. 176).	Na religião do Candomblé, o 'dendê' é adorado por alguns orixás como Xangô, Ogum, Oxalá, Exú e é considerado muito mais do que um simples condimento. [...] O 'dendê' é utilizado em alimentos, como acarajé, vatapá, acaçá, farofa, pirão, moqueca, bem como em diversas cerimônias solenes de consagrações e representa um elemento que acalma, pois é considerado um elemento apaziguador de Exu. (BENTO, 2021, p. 177).	Estrangeirização
Efó	O 'efó' é um prato que faz parte da herança africana utilizado nas práticas religiosas pertencentes ao Candomblé. [...] Esse alimento foi incorporado, com o tempo, à culinária baiana, fazendo parte dos itens vendidos no tabuleiro das baianas: (BENTO, 2021, p. 188).	É uma oferenda feita a Nanã que é o orixá mais velho, a rainha Mãe. Nanã está associado à idade, ela representa a sabedoria, sendo considerada a matriarca de todos os Orixás. Há várias comidas que podem ser oferecidas no ritual a Nanã, como, anderé, peixe, e o famoso efó. (BENTO, 2021, p. 188).	Omissão
Feijoada	A 'feijoada' é um prato inventados pelos povos europeus que foi se reinventado nas senzalas e se transformou em uma das comidas que fazem parte da culinária	No candomblé, a feijoada é uma oferenda de Ogum, o orixá que abre as portas e prepara os caminhos. É uma tradição comer feijoada no dia 23 de abril, dia de São Jorge – para	Domesticação

	brasileira, principalmente baiana. A ‘feijoada’ brasileira tem como composição a mistura de feijão preto com diversos tipos de carnes, inclusive partes dos animais que são descartados como orelhas, rabos, pés de porco. (BENTO, 2021, p. 191).	crístãos católicos – e dia de Ogum ou Oxóssi – para as religiões de matriz africana. [...] Além de ser uma referência da culinária afro-brasileira, a feijoada tem, também, um sentido místico e religioso como oferenda de orixá. (BENTO, 2021, p. 192)	
Vatapá	O ‘vatapá é uma comida típica de origem africana trazida para o Brasil pelos africanos Iorubás que foram escravizados por volta do século XVI. (BENTO, 2021, p. 199).	O ‘vatapá’ é uma comida votiva utilizada nos rituais do candomblé dedicada ao orixá Ogum e muito presente em festividades do povo de santo. (BENTO, 2021, p. 200).	Omissão
Xinxim	A ‘galinha de xinxim’ é um alimento de origem africana, criado pelas escravas nas senzalas do Brasil. Posteriormente, foi incorporado à culinária baiana, tornando-se um prato típico muito apreciado. Existem vários tipos de ‘xinxim’. O mais conhecido é o ‘xinxim de galinha’, mas existem outros difundidos no Nordeste brasileiro como o ‘xinxim de bofe’, por exemplo. (BENTO, 2021, p. 193).	O ‘xinxim’ é uma comida de santo muito importante para os adeptos do candomblé, utilizado como oferenda a Oxum ⁵³ . Esse orixá tem um apreço especial pelo xinxim. O ‘xinxim’ preparado com carne fresca, dedicado a Oxum também é conhecido como ‘Erã peterê’ ou ‘moqueca de carne’. (BENTO, 2021, p. 194).	Omissão

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base nos estudos de Bento (2021).

Os estudos de Bento (2021) e Silva (2021), dissertações que analisaram esses MCs em outras traduções a outras línguas, evidenciam a dimensão histórica, cultural e religiosa dessas lexias na obra romanesca regional de Jorge Amado. O autor, em muitos de seus romances, dá prioridade às lexias da culinária para inserir em sua tessitura ficcional o universo singular da vida cotidiana de suas personagens, inspiradas nas vivências ou do próprio autor ou em pessoas próximas a ele, como podemos constatar nas entrevistas concedidas pelo autor a jornalistas⁴⁹.

De acordo com as definições dos MCs listados, vemos que cada gastronomia afro-brasileira representada na obra possui valor cultural ideológico com afro-religiosidade, especialmente com o candomblé e suas divindades. Verificamos que o tradutor de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]) recorreu à domesticação dessa culinária – traço cultural presente na obra –, na contagem de 8 casos domesticados no registro de 9 MCs de comidas afro-brasileiras. Nesse caso, parte do conhecimento da cultura gastronômica da Bahia, apresentada na obra, é vedada para o leitor estrangeiro, a partir das adaptações e omissões na tradução dos MCs representantes. Nesse caso, cabe uma postura que Venuti (1995, p. 111)

⁴⁹ RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Tradução Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1991.

advoga a que as traduções sejam escritas, lidas e avaliadas com maior respeito em relação a diferenças linguísticas e culturais, assim, construindo uma tradução ética para combater o etnocentrismo.

A seguir, apresentamos a menção aos nove pratos típicos, presentes na tessitura do romance por meio de MCs, e como foram traduzidos para a língua inglesa, juntamente com suas definições dicionarizadas, que conta com descrições precisas de lexias do português brasileiro. Depois, procedemos a uma comparação desses MCs na análise da tradução para o espanhol, estudo feito por Silva (2021), também integrante do nosso grupo de pesquisa de Marcadores Culturais. A pesquisadora também trabalhou com a mesma obra de Jorge Amado, porém em tradução à língua espanhola. Com essa análise conjunta, foi-nos possível observar as estratégias de tradução empregadas às mesmas lexias em uma língua lexicalmente próxima e outra distante da língua do texto de origem, respectivamente espanhol e inglês.

Quadro 32 - Pratos típicos baiano mencionados na obra *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado e sua tradução para o inglês e espanhol

N	Marcador Cultural	Modalidade de Tradução em <i>Gabriela, clove and cinnamon</i> (1988)	Modalidade de Tradução em <i>Gabriela, clavo y canela</i> (2007)
1.	Abará (s)	Omissão	Empréstimo
2.	Acarajé	Adaptação + transposição	Empréstimo
3.	Caruru	Omissão	Empréstimo
4.	Cuscuz	Omissão	Empréstimo
	Cuscuz de mandioca	Adaptação	Empréstimo
	Cuscuz de puba	Adaptação	Empréstimo
	Cuscuz de milho	Adaptação	Empréstimo + tradução palavra por palavra
5.	Dendê	Modulação + transposição	Empréstimo
6.	Efó	Omissão	Empréstimo
7.	Feijoada	Adaptação + transposição	Empréstimo
8.	Vatapá	Omissão	Empréstimo
9.	Xinxim	Omissão	Empréstimo

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base na pesquisa feita por Silva (2021), com foco na tradução de *Gabriela, cravo e canela* (1958) para o espanhol.

Notamos que, na tradução da obra à língua espanhola, o tradutor serviu-se do Empréstimo para traduzir todos os Marcadores Culturais da culinária afro-brasileira, na configuração de estrangeirização, enquanto a tradução em língua inglesa recorreu a adaptações e omissões em todos os casos, configurando-se essa em uma versão domesticada. Silva (2021) considera que

[...] algumas práticas culturais foram fundamentais para que o povo negro mantivesse suas identidades. As negras assumiram atividades na casa dos brancos e assim introduziram os hábitos alimentares de sua cultura, levando à

mesa dos senhores, a herança gastronômica que trouxeram da África. Além disso, ressignificaram essas práticas, introduzindo alimentos tipicamente brasileiros e hábitos dos povos originários.

Em relação às traduções feitas entre as línguas neolatinas, Aubert (1998, p. 100) aponta que

[...] nos estudos tradutológicos, como no estudo dos fenômenos da linguagem em geral, as línguas neolatinas detêm uma vantagem intrínseca em relação às germânicas, posto que naquelas o objetivo “lingüístico” e seu substantivo derivado “Linguística” qualifica e abstrai não apenas linguagem como também língua.

Esse fato fica evidenciado se olharmos para as ocorrências de omissão e domesticação presentes na obra de Jorge Amado (2006) traduzida ao inglês. Os MCs da gastronomia afro-brasileira que foram omitidos na tradução para o inglês são: ‘Abará’, ‘Caruru’, ‘Cuscuz’, ‘Efó’, ‘Vatapá’, ‘Xinxim’. Os adaptados, por sua vez, são: ‘Acarajé’ e ‘Feijoada’. Desse modo, a domesticação da herança cultural gastronômica no texto traduzido ao inglês impossibilita a integridade da identidade desses povos para outros povos. De acordo com o site Salvador da Bahia (2018, on-line, n.p.), o MC ‘Abará’, omitido em língua inglesa, aparece em diversas obras do autor:

Para você que ama a obra de Jorge Amado, come-se abará em: O País do Carnaval; Jubiabá; Gabriela, Cravo e Canela; A Morte e a Morte de Quincas Berro d’Água; Os Pastores da Noite; Dona Flor e Seus Dois Maridos; Tenda dos Milagres; Tereza Batista, Cansada de Guerra; e O Sumiço da Santa.

O motivo da omissão da cultura gastronômica na obra traduzida ao inglês é desconhecido. Entretanto, Aubert (1998, p. 125) sugere que “a qualidade da tradução somente está sugerida indiretamente, pela maior ou menor incidência das categorias *omissão* e *erro* [...]”. Ao buscar no dicionário o significado lexicológico de alguns desses MCs omitidos/domesticados, encontramos as seguintes explicações:

Quadro 33 - Definição de ‘Abará’, ‘Acarajé’, ‘Caruru’ e ‘Vatapá’ no Dicionário MICHAELIS (2021)

Abará: “REG (BA), *Cul* Bolinho de massa de feijão fradinho, camarão seco e cebola, temperado com azeite de dendê e pimenta; enrolado em folha de bananeira, é cozido em banho-maria.” (MICHAELIS, 2021).

Acarajé: “REG (BA), *Cul* Massa de feijão-fradinho moído, temperada com sal e cebola ralada e frita em forma de bolinho no azeite de dendê. É servido com molho de pimenta-malagueta, camarões secos, tomate e pimentão; acará. Prato da culinária afro-brasileira.” (MICHAELIS, 2021).

<p>Caruru: “<i>Cul</i> Iguaria de origem africana, preparada com quiabo, camarão seco e peixe, acrescidos de cebola, pimenta-malagueta, amendoim etc., regada com azeite de dendê. Expressões: Caruru de São Cosme, REG (BA), Cul, REL: variedade de comidas afro-brasileiras, preparada com azeite de dendê, pipoca, pedaços de rapadura e de cana; deve ser servida inicialmente a sete crianças, para que as outras pessoas possam comer, como parte do ritual de agradecimento por graça alcançada.” (MICHAELIS, 2021).</p>	<p>Vatapá: “REG (BA), Cul Iguaria de origem africana que consiste em um creme consistente, feito com pão amanhecido ou farinha de trigo, azeite de dendê e leite de coco, ao qual se acrescentam camarão defumado moído, além de peixe fresco, bacalhau ou camarão fresco. Adicionam-se, também, castanha-de-caju e amendoim, torrados e moídos, cebola batida, sal, gengibre e pimenta, a qual pode vir à parte, sendo servido, geralmente, com arroz branco. Em lugar do pão ou da farinha de trigo, pode, ainda, ser usada farinha de mandioca, farinha de milho ou fruta-pão.” (MICHAELIS, 2021).</p>
---	--

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base no dicionário Michaelis (2021).

Salientamos, aqui, a vasta descrição dessas iguarias, nas quais cada ingrediente e modo de preparo possuem a sua precisão de detalhes no dicionário, como o *caruru*, que é definido junto com um ritual de preparo e intenção religiosa. E o *acarajé* e o *vatapá*, que salientam as influências africanas.

Ao analisarmos as estratégias de tradução dessas lexias em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) – que representam pratos da culinária baiana que se vinculam à cultura híbrida e mestiça brasileira – a partir das abordagens de Venuti (1995), com a estrangeirização e domesticação, podemos definir o impacto delas na obra traduzida. Vale ressaltar que os pratos típicos aos quais o romance faz menção não são “puramente” baianos, de modo que as lexias que os representam estão interligadas a uma história de permanência e resistência de miscigenação de povos, de hibridação cultural, de sincretismo religioso, como as iguarias afro-brasileiras que entrelaçaram a relação árdua escravista do Brasil com a África no período colonial.

Num sistema cultural que integra a língua, Mingas (2000, p. 59) considera o nível lexical como o mais sujeito a interferências, pois, segundo o autor,

[...] o nível lexical é, sem sombra de dúvidas, o mais rico em fenômenos de interferência, se tivermos em linha de conta que ele constitui a parte menos rígida de uma língua. Os seus elementos são, por conseguinte, os mais vulneráveis ao fenômeno de interferência, numa situação de contacto de línguas.

Os MCs afro-brasileiros do léxico da gastronomia baiana que sofreram omissão na tradução para o inglês de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), feita por William L. Grossman e James L. Taylor, fazem parte de um contexto maior de resistência desde a importação da cultura africana no Brasil no período colonial escravocrata. Cascudo (1983, p. 866), em *História*

da Alimentação no Brasil, sinaliza para as recriações das comidas africanas na Bahia, apontando que

[...] ter-se-ia verificado, na cidade de Salvador, uma concentração negra mais homogênea, mais íntima e possibilitadora da defesa das velhas comidas africanas que em outras paragens. Seria ao redor dos candomblés, do culto jeje-nagô, que a cozinha pôde manter os elementos primários de sua sobrevivência.

De acordo com Cascudo (1977 p. 42), os hábitos alimentares dos africanos

[...] sofreram deformações na Bahia devido a necessidade de utilizar os produtos da terra, no seu preparo, e o empenho em conquistar o paladar do branco. Assim deve ter sido com a variedade grande das comidas de milho, arroz e feijão que provém, podemos dizer, de uma mesma linha tronco.

Gabriela, cravo e canela (1958), em sua tradução para o francês, também sofreu um número elevado de omissões de marcadores culturais, de acordo com o estudo de Gaspar (2013) da versão *Gabriela, fille du Brésil* (1959), com tradução de Violante do Canto e Maurice Roche. A pesquisadora, em sua análise, considerou que

[...] se, à primeira vista, *Gabriela, fille du Brésil* poderia ser julgada uma tradução inadequada, em razão da extensão das omissões, a análise das TVL permitiu intuir quais foram os critérios dos tradutores: deixar de fora detalhes das descrições e sutilezas da história, mas mencionar fatos e personagens essenciais para o entendimento da trama. (GASPAR, 2013, p. 261).

As omissões na tradução de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) tiveram efeito similar aos das omissões da tradução francesa. Os MCs omitidos na tradução em inglês enriquecem a ambientação cultural do enredo, mas não são fatos essenciais para o entendimento da diegese. Entretanto, em *Gabriela, fille du Brésil* (1959) os tradutores serviram-se de notas de rodapé para expandir o entendimento de alguns marcadores, enquanto na tradução em inglês o tradutor não disponibilizou esse auxílio de notas à compreensão, assim o leitor não possui acesso ao significante cultural das lexias na própria tradução. Essa seria uma alternativa válida à tradução para não precisar omiti-los.

Santos (2013) analisou a culinária da África presente na Bahia e constatou, através dos estudos do sociólogo francês Roger Bastide, que não se pode dissociar a cozinha africana da sua relação estrita com a religião, pesando, ainda mais, a decisão da omissão cultural dessas

lexias em ato tradutório. Conforme o sociólogo, “se a cozinha africana pôde manter-se fielmente na Bahia, contra a cozinha portuguesa ou indígena, com base na mandioca, foi porque se encontrou ligada ao culto dos deuses e que os deuses não gostam de mudar de hábitos.” (BASTIDE, 1960, p. 464 apud SANTOS, 2013, p. 19).

Em relação à importância da representatividade africana no Brasil, Santos (2013, p. 18) analisou uma fala do sociólogo francês, que publicou o artigo “A Cozinha dos Deuses” (BASTIDE, 1950). Segundo Santos (2013, p. 18), Bastide,

[...] ao estudar as transformações das comidas readaptadas no Brasil, o que ele chamou de “sincretismo culinário”, defendeu uma ideia que nos remete à importância da permanência e representatividade de lexias afro-brasileiras, especialmente em um estado (Bahia) no qual se concentra a maior população negra fora do território africano: “o mais importante para os africanos não eram os ingredientes utilizados na preparação das comidas, mas os nomes dados a elas, o que faziam com que os negros se lembrassem da África”.

A lexia afro-brasileira “acarajé”, que representa a iguaria registrada como patrimônio cultural da Bahia, foi traduzida para *bean-paste balls flavored with onion and palm oil* [Nossa tradução: bolas de pasta de feijão temperados com cebola e óleo de palma] (AMADO, (1988).

Quadro 34 - Duas ocorrências da tradução do Marcador Cultural ‘Acarajé’ em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)

MC ‘Acarajé’	Gabriela, clove and cinnamon (1988)	Estratégia
“[...] – Por que você não faz para vender no bar? – perguntara um dia, mastigando um acarajé da velha Filomena, preparado para o prazer exclusivo do árabe amante da boa mesa. [...]” (AMADO, 2006, p. 43).	“[...] One day, in Nacib’s house, he was munching a bean-paste ball made by Filomena. “Why don’t you sell some of this stuff in the bar?” he said. [...]” (AMADO, 1988, p. 59).	Adaptação + transposição
“[...] Outro, ainda maior, de acarajés , abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153).	“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil , and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204).	Adaptação + transposição

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, com base na obra *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006).

Essa é uma estratégia de tradução que mostra que a lexia sofreu domesticação, na configuração de adaptação, explicitação e amplificação. Esse processo consiste na substituição do elemento linguístico-cultural do texto da língua de partida por elementos comuns no espaço de recepção do texto da língua alvo, embora não se encontrem registros de consumo de bolinhos de pasta de feijão em culturas de países falantes da língua inglesa. Santos (2013), em seu estudo direcionado ao próprio acarajé, salientou alguns pontos que nos remete a pensar na necessidade

de estrangeirizar essa lexia em uma tradução, pelo fato dela representar um legado cultural. Conforme expressa o autor,

[...] os processos de valorização do acarajé, que resultaram na declaração do ofício das baianas como bem cultural de natureza imaterial, [...] demonstram um reconhecimento do legado cultural deixado pelas escravas africanas no processo de formação do povo brasileiro. Não é à toa que hoje o acarajé se apresenta como um símbolo cultural que pode ser apreciado e degustado nas ruas e esquinas da cidade de Salvador. (SANTOS, 2013, p. 36).

Essa observação do pesquisador remete-nos a pensar no processo de domesticação da lexia como “desperdício” do seu símbolo cultural, como foi abordado por Santos (2013). Na tradução da obra *Gabriela, cravo e canela* (2006), de Jorge Amado, à língua inglesa os procedimentos de tradução adotados para essa lexia – culturalmente marcada e fortemente relacionada à história e à religiosidade baiana – contribuíram para o apagamento de sua relevância histórico, cultural e identitária, transformando-a em uma simples menção a uma culinária, quanto muito, exótica pelos seus ingredientes.

Segundo Venuti (2019, p. 166), uma ética tradutória não se restringe apenas a uma noção de fidelidade, mas, também, a valores éticos implícitos em questões profissionais, institucionais e sociais. Sendo assim, a tradução irá exercer um poder na construção de representações de culturas estrangeiras. O tradutor poderá ser visto como agente ético de mudança social que poderá influenciar na formação de um leitor domesticado, o que nos faz refletir se a omissão de traços culturais e linguísticos da obra em sua língua de partida, dando lugar a características da cultura alvo, via domesticação, fará o leitor estrangeiro ter noção que “bolinhos de pasta de feijão” é o patrimônio histórico-cultural *acarajé* da Bahia. Vemos, nesse contexto, também, como a tradução pode ser uma via de manutenção da colonialidade, de imposição dos valores dominantes e economicamente superiores. Uma tradução domesticada equivale, metaforicamente, ao próprio processo de colonização: explora tudo o que é visto como “valioso e exótico” no território do outro, apossa-se disso para o seu bem e descarta tudo aquilo que é “apenas peculiar” ao universo do conquistado. Um processo depredatório que mutila, apaga e deforma o universo dos sujeitos aculturados por um sistema de poder.

Sousa e Branco (2015, p. 74-75) também ponderam sobre uma visão sobre a domesticação em meio da tradução da cultura brasileira, ao comentarem que elas consideram

[...] que a domesticação é necessária na tradução, pois há situações e contextos que são ininteligíveis para outras culturas e precisam da reflexão do tradutor sobre como comunicar determinada situação para o contexto do texto traduzido. Porém, é importante prezar para que não se perca a identidade da cultura fonte, no caso estudado, da cultura brasileira. Há uma ética que precisa ser respeitada para que a tradução e o contexto retratado na obra não se percam nas mudanças que o tradutor precisa fazer. (SOUSA; BRANCO, 2015, p. 74-75).

Em contrapartida à aceitação da domesticação dessas lexias afro-brasileiras, que representam uma cultura de resistência, Tavares (2009) provoca uma reflexão sobre essa questão com o tema do debate que foi feito, em 1988, no “I Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa”. Nesse contexto,

[...] o I Encontro de Escritores de Países de Língua Portuguesa reuniu alguns dos mais destacados intelectuais, ficcionistas, poetas e críticos que trafegam nesta ampla área de África, América Europa, onde se fala a nobre língua lusitana. Durante quatro dias de intenso trabalho, esses intelectuais estiveram discutindo temas da maior relevância, em um processo que aprofundou o estudo do negro através da ótica sempre reveladora da literatura. [...]. Foi procurando dar ao encontro esse sentido existencial pleno que a Secretaria da Cultura associou-se ao Instituto de Letras da UFBA, que junto com o CEAO e o representante da Casa de Jorge Amado, Academia de Letras da Bahia e Instituto de Letras da UCSAL, desenvolveu e discutiu um temário que teve, ao final, a aprovação de todos, pela sua abrangência e flexibilidade, permitindo a abordagem vertical de questões fundamentais no universo cultural negro. (TAVARES, 2009, p. 128-129).

Na sessão do evento titulada “O Racional e o Mágico no Universo Literário Negro”. Tavares (2009, p. 129), comenta que

[...] essa sessão debateu algo básico na constituição dos preconceitos culturais europeus que formam o preconceito geral sobre o povo negro ao atribuir a visão do mundo africano em grau de inferioridade (rever original) por não se encaixar no racionalismo tecnicista da Europa. A própria terminologia esteve em questão, vez que não possuímos, nas línguas ocidentais, termos que expressem com exatidão certos conceitos negros.

Nesse aspecto, na obra *Nossos colonizadores africanos: presença e tradição negra na Bahia* (TAVARES, 2009), o prefácio, escrito por Muniz Sofré, traz-nos outra reflexão que nos aproxima, também, dessa discussão da negação dessa domesticação da cultura afro-brasileira: “Negro equivale a Brasil, o Brasil precisa ser devolvido a si mesmo [...] E, como “político”,

toma partido, participa em textos que aproximam as palavras saber e sabor.” (SOFRÉ in TAVARES, 2009, p. 13).

A partir da domesticação do MC ‘Acarajé’, patrimônio histórico-cultural, refletimos: em qual país, falante de língua inglesa, come-se “bolinho de pasta de feijão”? A estratégia domesticadora do tradutor em explicitar a descrição de um MC na própria linha de narrativa pode manter a integridade cultural da lexia se recorrer a recursos paratextuais, como notas de rodapé ou glossários, que contemplem a classificação do espaço cultural da origem do MC em tradução.

Leach (1983), segundo Alvarenga (2017, p. 95-96), trata sobre a importância de classificações em relação à hábitos culturais voltados à alimentação, para melhor compreensão da universalidade do mundo. Nesse contexto, Alvarenga (2017, p. 95-96), menciona essas classificações, comentando que

[...] Leach (1983), ao tratar sobre categorias animais e sua relação com a linguística, os hábitos alimentares e tabu na sociedade inglesa, sinaliza a importância das 96 classificações e discriminações linguísticas para o ordenamento e a própria compreensão do mundo por parte das pessoas. Os valores simbólicos e sociais atribuídos aos alimentos, e aquilo que é considerado comestível, variam entre os grupos humanos, o que sempre pareceu existir, apresentando assim, caráter de universalidade, são as distinções humanas entre substâncias comestíveis e consideradas não-comestíveis.

A partir da reflexão de Leach (1983) paralela a análise do MC ‘Feijoada’ e sua domesticação omissora, percebemos a dimensão cultural, de compreensão de mundo, que uma lexia pertencente ao léxico gastronômico pode representar. O estudo de Santos (2013) sobre o prato típico acarajé trouxe uma discussão que nos acrescenta uma proveitosa análise dessa lexia e suas possíveis origens (no plural, porque são várias) e nos faz compreender, com exemplo, a amplitude representativa de uma lexia enquanto marcador cultural. Sobre essa lexia, originada da África Ocidental, sua origem mais difundida, atualmente, segundo o pesquisador, é que a iguaria era, inicialmente, chamada de *acará* (“bola de fogo”) *para ajeum* (verbo “comer” em iorubá): “Entre os iorubás, o acarajé, conforme o tamanho, recebia nomenclaturas diversas. Os acarajés pequenos, entre os egbás eram denominados: *acarakekere*; já os maiores, típicos dos *ilexás* (*ijexá*), eram conhecidos como o *acarájexá*” (BORGES, 2008, p. 10 apud SANTOS, 2013, p. 36).

Também existem outras versões da sua origem, que sofre variações, como o autor apresenta em sua análise. Entre as possibilidades, Santos (2013) apresenta a versão da pesquisadora Yeda Pessoa de Castro (2001), apontando que

[...] já para Yeda Pessoa de Castro (2001), acará pode ter duas definições diferentes. A primeira hipótese é de que seja um termo de origem banto que pode variar entre substantivo e verbo, significando fogo, carvão, incendiar. Sua segunda hipótese considera acará um substantivo masculino que, nas religiões afro-brasileiras, quer dizer mecha de algodão embebida em azeite de dendê que é incendiada no rito de confirmação dos devotos de Iansã. (SANTOS, 2013, p. 37).

Santos (2013) também cita um mito africano da divindade Iansã, que justifica a criação dessa lexia. Desse modo, verificamos que a origem da lexia acarajé ainda não possui uma definição exata para aos pesquisadores, mas a sua origem africana é uma certeza. O auxílio de notas ou glossário ainda seria uma melhor alternativa, pois descartaria a necessidade de domesticar a lexia – processo que omite seus valores etnológicos – e conduziria o leitor ao conhecimento do espaço dessa cultura.

Consideramos que a tentativa de domesticar – em outras palavras, normalizar para o leitor estrangeiro – uma lexia que representa um patrimônio construído com resistência, aproxima-se mais de uma adaptação à visão europeia, da classe dominante, atribuída ao espaço de uma cultura do dominado, muito próxima daquilo que foi a colonização territorial que, hodiernamente, estende-se ao território do imaginário, do cultural, do identitário. Podemos ver o exemplo do espaço da cultura dominante invadindo o dominado no seguinte caso de domesticação do MC ‘Feijoada’, que, de acordo com outros estudos do grupo, “além de ser uma referência da culinária afro-brasileira, a feijoada tem, também, um sentido místico e religioso como oferenda de orixá”. (BENTO, 2021, p. 192).

Quadro 35 - A tradução do Marcador Cultural ‘Feijoada’ em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988)

Marcador Cultural	Tradução
“[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, feijoada , moqueca de peixe. [...]” (AMADO, 2006, p. 54).	“[...] In the stalls, served in tin plates: tripe, fish stew, and black beans with pork and sausage . [...]” (AMADO, 1988, p. 74).

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

No seguimento apresentado no Quadro 35, o MC ‘Feijoada’, em sua tradução para o inglês, sofreu amplificação na modalidade de adaptação, a partir da configuração domesticada da sua composição de ingredientes para nomear a lexia, como *black beans with pork and*

sausage (tradução nossa: feijões pretos com porco e salsicha). De acordo com o estudo de Silva (2021, p. 251) em nosso grupo de pesquisa com esse MC, “o mais tradicional e popularmente conhecido para o preparo da ‘feijoada’, é o feijão preto”. Assim, sabemos que os tradutores recorreram de palavras chaves, quanto ao seu preparo, para representa-la em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

Apesar disso, o nome próprio *feijoada* demarca mais a cultura do MC do que apenas “feijões pretos com porco e salsicha” (tradução nossa), pois, ainda de acordo com Silva (2021, p. 251), “a ‘feijoada’ é considerada um dos pratos mais típico e representativo do Brasil, que teve origem no período colonial. Para o candomblé é uma comida de oferenda ao orixá Ogum.” Dessa forma, apresentar o nome próprio da lexia cultural na tradução, ao invés de generalizá-la, demonstra ser um viés de preservação etnológica, a partir da sua demarcação de existência. Em sua pesquisa, Silva (2021) discorre das possíveis origens desse marcador cultural, salientando que

Não se tem comprovação que foram os africanos que criaram a ‘feijoada’, porém é a teoria mais aceita pela população. Os negros escravizados, que viviam nas senzalas, tinham uma alimentação distinta da casa grande. Eles se alimentam com os restos de carne de seus donos, juntamente com o ‘feijão’ que já era seu alimento, e como acompanhamento a ‘farinha de mandioca’. pois a feijoada é um prato afrodescendente que carrega traços que definem sua origem. (SILVA, 2021, p. 251).

A domesticação ocorrida no MC ‘Feijoada’ nos faz questionar o apagamento do espaço cultural demarcado na literatura em razão da compreensão do leitor estrangeiro. Sousa Junior (2011, p. 80) concebeu o conceito de espaço nesse aspecto da manifestação de uma vivência cultural, expressando:

Sobre o conceito de espaço é digno de nota acrescentar que é ele quem nos permite representar, por exemplo, o mundo de outra maneira. O lugar diz respeito ao local onde estamos, falamos, construímos a nossa identidade, sendo assim um conceito também político. O impacto representado pela escravidão aos mais diversos povos africanos ainda está para ser avaliado, sem falar nos danos causados ao patrimônio material e imaterial negro-africano, ao ferir conceitos básicos ligados à identidade, como a terra.

O espaço representado pela lexia ‘feijoada’, com seu nome próprio na tradução, demarca um mundo e uma identidade, sendo assim parte de um “conceito político”, segundo observou Sousa Junior (2011). Nesse aspecto, estrangeirizar ‘feijoada’, mantendo seus traços de

estrangeiro no texto de recepção, como o nome próprio da lexia, é demarcar a existência da sua especificidade cultural.

Qualquer domesticação do tradutor vai gerar um impacto na interpretação do leitor estrangeiro e na cultura do mundo do autor. Para exemplificar essa afirmação, refletimos a respeito da situação pessoal de domesticação tratada por Eco (2011), em que a tradução domesticada de um filme para favorecer a coesão do estrangeiro funcionou de forma contrária:

Entre os casos mais risíveis de domesticação, citei a versão italiana do filme *Going my way* [O bom pastor], de 1944 [...]. Os distribuidores pensaram provavelmente que, ignorantes como eram de coisas americanas, os espectadores italianos não entenderiam os nomes estrangeiros e designaram para cada protagonista um nome italiano. E *father O'Malley* transformou-se em Padre Bonelli e assim por diante. Lembro que, aos 14 anos, espantou-me o fato de que na América todos tivessem nomes italianos. Mas espantava-me também que um padre secular (que na Itália seria chamado de Don) fosse chamado de Padre, como um frade. Portanto, se Bonelli domesticava, Padre estrangeirizava. (ECO, 2011, p.196-197).

O caso de domesticação citado por Eco (2011) mostra que essa estratégia, mesmo com intenção de familiarizar o texto para o leitor estrangeiro, tornando fluído, pode causar alguns ruídos na leitura de recepção, pois os traços culturais substituídos do texto de origem pelos traços da cultura do leitor receptor podem não fluir, ou fazer sentido, com o contexto geral da obra. Desse modo, relatamos que as estratégias de tradução são caminhos que, independentemente da intenção, irão causar efeitos para a representação da cultura de origem e para a cultura receptora. Na próxima seção, apresentaremos um glossário que inventaria marcadores culturais como 'Acarajé' e 'Feijoada' – pertencentes do grupo lexical da gastronomia afro-brasileira – e que, servindo de auxílio para leitores e tradutores, pode evitar os ruídos pertinentes às diversidades culturais.

6. O GLOSSÁRIO DE *GABRIELA, CLOVE AND CINNAMON*: UMA POSSÍVEL VIA À INTELIGIBILIDADE DOS MARCADORES CULTURAIS DA GASTRONOMIA AFRO-BAIANA TRADUZIDOS

Essa seção propõe-se a apresentar um glossário bilíngue da obra *Gabriela cravo e canela* (2006) e sua tradução para o inglês em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988), a partir do acervo de Marcadores Culturais analisados em nossa pesquisa. Dentre eles, selecionamos Marcadores Culturais pertencentes do grupo de domínio de cultura mais registrado na obra, o material, com recorte especial no léxico gastronômico afro-brasileiro. Após o levantamento das análises tradutórias com as lexias relacionadas a gastronomia afro-baiana, na qual sofreu consideráveis casos de omissão e domesticação aqui constatadas, houve a necessidade de construir esse glossário, visto que não se tem auxílios de compreensão do sentido cultural dessas lexias nas edições da obra em língua inglesa.

A composição desse glossário é destinada à consulta de pesquisadores em léxico e tradução, leitores e interessados na obra de Jorge Amado em língua inglesa. Também servirá de auxílio como glossário bilíngue para a tradução *Gabriela, clove and cinnamon* (1962, 1963, 1974, 1983, 1984, 1988a, 1988b, 2006) que não possui auxílio de significados dos Marcadores Culturais. O glossário está disponível nesta dissertação no formato impresso e *online* no site <https://dicionariodemarcadoresculturais.wordpress.com>.

O modelo do glossário é baseado a partir dos glossários já construídos em nosso grupo de pesquisa de Marcadores Culturais (UEFS) para obras amadianas, por Silva (2021) e Bento (2021). Nesse seguimento, Silva (2021) cortejou os Marcadores Culturais do mesmo romance desta pesquisa, *Gabriela, cravo e canela* (2006), em sua tradução para o espanhol, catalogados em estrutura de verbetes e organizados semasiologicamente pelo *FieldWorks Language Explorer (FLEx)*, que nos serviram de referência. As definições em português para cada lexia são baseadas nos registros de verbetes dessas pesquisas mencionadas do nosso grupo, enquanto as em língua inglesa, quando possível de serem incluídas, foram extraídas de dicionários estrangeiros e sites de turismo da Bahia como o Salvador da Bahia⁵⁰ (2018, *on-line*).

A seguir, apresenta-se o *glossário* em formato impresso, com os Marcadores Culturais do Domínio da Cultura Material do léxico da gastronomia afro-baiana que tiveram seus traços etnológicos domesticados na tradução de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988).

⁵⁰ Disponível em: <https://www.salvordabahia.com/en/categorias/gastronomy/>. Acesso em 15 dez. 2021.

A a



Abará

S.m. Comida baiana de origem africana, oriunda da língua Iorubá. Trata-se de um bolinho de massa de feijão-fradinho descascado e moído, com camarões secos, cebola e azeite de dendê, enrolada em folha de bananeira e cozida no vapor. Faz parte da comida ritualística do candomblé, criada pelo orixá Oxum que é a deusa dos rios e das fontes. No candomblé, esse alimento é oferecido aos orixás Iansã, Ibeji e especialmente ao orixá Obá, uma das três principais esposas do orixá Xangô, e que possui muita força. Nas casas de candomblé as meninas aprendem a arte de preparar o abará e outras iguarias para serem ofertadas de acordo com a preferência de cada orixá. Nos rituais esse alimento é enrolado na palha de banana. O ‘abará’ também faz parte das comidas típicas baianas que não pode faltar no tabuleiro das baianas.

“[...] A outra nem isso... Acarajé, **abará**, doces, moquecas e frigideiras de camarão, isso só mesmo Maria de São Jorge...[...].” (AMADO, 2006, p. 52)

“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os acarajés, os **abará**s, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 2006, p. 43)

Abará

The abará is the acarajé’s “cousin”, made in almost the same way. The big difference is that the abará is cooked, while the acarajé is fried. The abará is a ground black-eyed bean dumpling, cooked in a water bath, wrapped in a banana leaf. This is a typical dish of African cuisine and Bahian cuisine, prepared with the same precepts of African-based religions. Its origin has the mark left by former enslaved people, from when it was served in rituals and religious festivals, or sold by women who set up their trays in the streets of the Historic Center. The customs are practically the same until today. Today, almost all the baiana’s trays around the city serve the delicacy. (SALVADOR DA BAHIA, 2018, n.p.).

“[...] The other could not even do that. Nacib made inquires here and there and descended the hill on the other side.” (AMADO, 1988, p. 71-72).

“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and bean-paste balls flavored with onion and palm oil. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio.” (AMADO, 1988, p. 58-59).

“[...] Outro, ainda maior, de acarajés, **abarás**, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153)

“[...] another, larger still, with codfish balls, bean-paste balls flavored with onion and palm oil, and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204).

“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, **abarás de prata** o mistério de ouro do vatapá. A festa começava. [...]” (AMADO, 2006, p. 346).

“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created **great riches of bean paste, shrimp, and manioc meal**. The festive rites were about to begin. [...]” (AMADO, 1988, p. 483).

Acarajé



S.m. Comida típica baiana e de origem africana, a palavra ‘acarajé’ é originária da língua Iorubá, que apresenta variações como akará ou akra. Trata-se de um bolinho feito com massa de feijão-fradinho frita no azeite de dendê, recheado ou acompanhado de camarões secos, vatapá e molho de pimenta. O acarajé é uma comida de santo utilizada nos rituais do candomblé oferecida aos orixás Iansã e Xangô, e que sofre algumas alterações no seu preparo e na constituição do seu ritual de acordo com as preferências dos orixás, uns preferem com vatapá e caruru e outros sem esses alimentos. Tornou símbolo da culinária baiana e sofreu algumas adaptações na sua forma de preparo ao se tornar um dos quitutes mais tradicionais da comida baiana. É tombado como patrimônio cultural do Brasil e não pode faltar no tabuleiro das baianas.

Acarajé

(bean-paste balls)

Fried bean dumpling prepared in an artisanal way, in which the beans are ground, seasoned and later fried in the boiling palm oil. Then comes the art and energy of the Baiana, who loads it with a dose of joy and ancestry and makes it become the beloved and famous acarajé. As a filling, the acarajé can have pepper, vatapá, caruru, dried shrimp and salad. Besides being food and sustenance for several families, it has an important symbolic character. It’s original from the Bight of Benin in West Africa (where it’s called acará), and was brought to Brazil with the arrival of enslaved people from that region. In the beginning, all the people who produced and sold acarajé were initiated in candomblé, in a practice restricted to women, usually Daughters of Saint (Filhas de Santo) dedicated to the cult of Xangô and Oiá (Iansã). In order to fulfill their “obligations” to the orixás during the colonial period,

the free black women or earning black women prepared the delicacies and took to the streets at night to sell them, starting this tradition. To this day, the great majority of Baianas go to the street only from 5pm on. (SALVADOR DA BAHIA, 2018, n.p.).

1. “[...] – Por que você não faz para vender no bar? – perguntara um dia, mastigando um **acarajé** da velha Filomena, preparado para o prazer exclusivo do árabe amante da boa mesa. [...]” (AMADO, 2006, p. 43)

2. “[...] One day, in Nacib’s house, he was munching a **bean-paste ball** made by Filomena. “Why don’t you sell some of this stuff in the bar?” he said.[...]” (AMADO, 1988, p. 59).

“[...] Um detalhe aparentemente sem importância: os **acarajés**, os abarás, os bolinhos de mandioca e puba, as frigideiras de siri mole, de camarão e bacalhau, os doces de aipim, de milho. Tinha sido idéia de João Fulgêncio: [...]”(AMADO, 2006, p. 43)

“[...] As an apparently unimportant addition, he served appetizers and tidbits at the apéritif hours. They included such delicacies as crabmeat paste, shrimp paste, manioc balls, cornsticks, and **bean-paste balls flavored with onion and palm oil**. This added attraction grew out of a casual remark by João Fulgêncio. [...]” (AMADO, 1988, p. 58-59).

“[...] Uma delas, rindo com a boca sem dentes, declarou saber fazer o trivial. A outra nem isso... **Acarajé**, abará, doces, moquecas e frigideiras de camarão, isso só mesmo Maria de São Jorge... [...]” (AMADO, 2006, p. 52)

“[...] One of them, showing her toothless gums in a grin, said she could cook a few plain dishes. The other could not even do that. Nacib made inquiries here and there and descended the hill on the other side.[...]” (AMADO, 1988, p. 71-72).

“[...] Outro, ainda maior, de **acarajés**, abarás, bolinhos de bacalhau, frigideiras. [...]” (AMADO, 2006, p. 153)

“[...] another, larger still, with codfish balls, **bean-paste balls flavored with onion and palm oil**, and other tidbits. [...]” (AMADO, 1988, p. 204).

“[...] Seus **acarajés**, as fritadas envoltas em folhas de bananeira, os bolinhos de carne, picantes, eram cantados em prosa e verso [...]” (AMADO, 2006, p. 155)

“[...] Her **bean-paste balls** were celebrated in prose and verse [...]” (AMADO, 1988, p. 206).

“[...] Vinham para o aperitivo, o pôquer de dados, os **acarajés apimentados**, os bolinhos salgados de bacalhau a abrir o

“[...] to drink an apéritif or two, to roll poker dice, and, above all, to munch the exquisitely **seasoned**

apetite. [...]” (AMADO, 2006, p. 155)

“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: **acarajés de cobre**, abarás de prata, o mistério de ouro do vatapá. [...]” (AMADO, 2006, p. 346)

appetizers. [...]” (AMADO, 1988, p. 207).

“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created great riches of **bean paste**, shrimp, and manioc meal. The festive rites were about to begin. [...]” (AMADO, 1988, p. 483).

C c



Caruru

S.m. Prato de origem africana. Retirado originalmente de uma planta chamada caruru substituída tempos depois pelo quiabo. Trata-se de um prato preparado com quiabos, e camarões secos, peixe, azeite de dendê, pimenta e amendoim. Na Bahia é oferecido para homenagear diversos santos. Na religião católica é utilizado nas festas de São Cosme e Damião, Santa Bárbara e São Lazaro. Na religião do candomblé é uma oferenda utilizada com o intuito de homenagear e agradecer aos orixás Ibeji, que são os orixás das crianças, e Naná mãe dos orixás, como uma forma de agradecimento pela saúde, especialmente das crianças. Muitas pessoas oferecem como obrigação religiosa ou como pagamento de promessas.

Caruru

Caruru (Brazilian Portuguese: [karu'ru]) is a Brazilian food made from okra, onion, shrimp, palm oil and toasted nuts (peanuts and/or cashews). It is a typical condiment in the northeastern state of Bahia, where it is commonly eaten with acarajé, an Afro-Brazilian street food made from mashed black-eyed peas formed into a ball and then deep-fried in palm oil. The caruru is offered at the celebrations of St. Cosmas and Damian Day on September 27. It permeates all socioeconomic classes and has no religious boundaries. St. Cosmas and Damian are Catholic saints syncretized with the Ibejis twins of Candomblé, to whom caruru is offered. Thus was born the September tradition of offering the “complete caruru”, a banquet in which, besides the caruru, several other dishes are served, including: acarajé, abará, chicken xinxim, mulukun, vatapá, milk beans, ahauçá rice, white corn, oguedê, olive oil farofa,

popcorn and sugar cane in pieces.

1. “[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatias. O Doutor saltara em defesa do vatapá, do **caruru**, do efô. [...]” (AMADO, 2006, p. 344)

2. “[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of taro-and-shrimp stew and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480).

Cuscuz



S.m. Alimento de origem africana, preparado com sêmola de cereais, feito com massa de milho pilada, temperado com água e sal, pode ser acrescido com leite de coco. Além de ser um prato adaptado pela culinária nordestina, feito com floco ou fubá de milho, cozido no vapor, também considerado como comida de santo que está presente nos rituais do candomblé nas oferendas dedicadas aos orixás Oxalá, Ibeji e Iemanjá.

Cuscuz

An Arab dish originating in the Maghreb consisting of a preparation of cereal semolina, mainly wheat. In Brazil, it can be made with flour or sprinkles, corn, rice or cassava. Salted and lightly moistened, the dough is marinated to incorporate the seasoning. Hence, it is cooked by steam infusion. It can be boosted with other ingredients, as is the custom of southeastern Brazil, or just accompanied by milk, eggs, butter or beef, as is the preference in the northeast. The couscous prepared in the couscous can be made from corn and marmalade. In the Northern Region, couscous can be sweet and consumed with coconut milk, commonly at breakfast, accompanied by tapioca, a popular delicacy throughout Brazil⁵¹

1. “[...] Negras vendiam mingau e **cuscuz**, milho cozido e bolos de tapioca. [...]” (AMADO, 2006, p. 17)

2. “[...] Negro women were selling porridge, corn on the cob, tapioca cakes, and steamed rice with coconut milk. (AMADO, 1988, p. 21).

⁵¹ EDUCALINGO. Cuscuz [online]. Disponível em: <<https://educalingo.com/en/dic-pt/cuscuz>>. Jan. 2022.

“[...] Engolia pedaços de **cuscu**, os olhos enternecidos, a guia a prendê-lo à mesa, a curiosidade a dar-lhe pressa, era hora dos enterros. [...]” (AMADO, 2006, p. 128)

“[...] With rapture in his eyes, Nacib swallowed mouthfuls of **corn meal**. His gluttony held him at the table while his curiosity impelled him to hurry; it was time for the funerals. (AMADO, 1988, p. 175).

“[...] era hora dos enterros. Divino aquele **cuscu**, sublimes as talhadas de banana frita. Arrancouse da mesa com esforço. Gabriela amarrara uma fita nos cabelos [...]” (AMADO, 2006, p.128).

“[...] it was time for the funerals. The fried banana was sublime. By a supreme effort he tore himself from the table. Gabriela had tied her hair with a ribbon. (AMADO, 1988, p. 175).

Cuscuz de mandioca



S.m culinária baiana; feito com massa da mandioca e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente.

Cuscuz de mandioca

Bahian cuisine; made with cassava dough and salt; steamed in a couscous pan or plate; served hot.

1. “[...] O negrinho Tuísca ajudava, preocupado em saber quem lhe pagaria a conta semanal de doces do dentista, em cuja casa, todas as tardes, deixava bolo de milho e de aipim, **cuscu de mandioca** também. [...]” (AMADO, 2006, p. 96)

2. “[...] Tuísca also helped, but the boy's mind was elsewhere: he was worried about payment of the previous week's bill for the **confections of** corn, cassava, and **manioc** that he delivered to the dentist's house every afternoon. [...]” (AMADO, 1988, p. 129)

Cuscuz de puba



S.m. Culinária baiana; feito com a puba e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente. A textura da puba parece com a da tapioca.

Cuscuz de puba

Bahian cuisine; made with puba and salt; steamed in a couscous pan or plate; served hot. The puba resembles the texture of tapioca.

1. “[...] O coronel Ribeirinho, proprietário da fazenda Princesa da Serra, cuja riqueza não afetara

2. “[...] Colonel Ribeirinho, owner of the Mountain Princess plantation, whose wealth had not

sua simplicidade bonachona, quase sempre já ali se encontrava quando, às cinco da manhã, Maria de São Jorge, formosa negra especialista em mingau e cuscuz de puba, descia o morro, o tabuleiro sobre a cabeça, vestida com a saia colorida de chitão e a bata engomada e decotada a mostrar metade dos seios rijos.[...]" (AMADO, 2006, p. 17)

affected his good-natured simplicity, was nearly always there by five o'clock. That was the hour when Maria de Sao Jorge, a handsome Negro woman and a specialist in manioc meal with coconut milk, would come down the hill, her tray on her head, in brightly colored skirt and low-cut, starched white waist." (AMADO, 1988, p. 21-22).

Cuscuz de milho



S.m. Culinária baiana; feito com a farinha de milho e sal; cozinhado a vapor na cuscuzeira ou prato; servido quente. Geralmente é amarelo e sua textura lembra farofa.

1. “[...] A verdade é que já sentia saudade dela, de sua limpeza, do café da manhã com **cuscuz de milho**, batata-doce, banana-da-terra frita, beijus... [...]” (AMADO, 2006, p. 31)

“[...] Pulou da cama: como perder os enterros? Saiu do banheiro já vestido, Gabriela acabava de pôr na mesa os bules fumegantes de café e leite. Sobre a alva toalha, **cuscuz de milho** com leite de coco, banana-da-terra frita, inhame, aipim. Ela ficara parada na porta da cozinha, interrogativa. [...]” (AMADO, 2006, p. 128)

Cuscuz de milho

Bahian cuisine; made with corn flour and salt; steamed in a couscous pan or plate; served hot. It is usually yellow and its texture resembles farofa.

2. “[...]The truth was that he missed her already— her breakfasts of coffee, **manioc meal**, potato, fried banana, and tapioca pudding; [...]” p. 41

“[...]When he came out of the bathroom, he was fully dressed. Gabriela had just placed his breakfast on the white tablecloth: steaming pots of coffee and of milk, fried bananas, yams, cassava, and **corn meal with coconut milk**. [...]” p. 175

D d

Dendê



S.m. Culinária baiana; fruto do dendezeiro; principal ingrediente do azeite de dendê. O azeite de dendê é utilizado por grande parte da culinária afro-baiana, como no preparo de acarajés, abarás, moquecas etc.

1. “[...] Como compará-la com a comida de Gabriela? Josué recordava: eram poemas de camarão e **dendê**, de peixes e leite de coco, de carnes e pimenta. [...]” (AMADO, 2006, p. 345)

Dendê

Bahian cuisine; oil palm fruit; main ingredient of palm oil. Palm oil is used in a large part of Afro-Bahian cuisine, such as in the preparation of acarajés, abarás, moquecas, etc.

2. “[...] How could it be compared to Gabriela's cooking! Josue spoke of her "poems" of shrimp and **palm oil**, of fish and coconut milk, of meat and pepper. [...]” (AMADO, 1988, p. 426)

E e



Efó

S.m. Prato típico da culinária baiana de origem africana, com consistência pastosa, feito à base de taioba e verduras, camarão seco, peixe e azeite de dendê. No candomblé, é uma das comidas oferecidas a Nanã, a orixá mais velha do panteão africano. Antigamente conhecido como ‘caruru de folhas’ foi incorporado na culinária baiana e sofreu diversas adaptações, como a inserção de novos ingredientes. É servido geralmente com arroz, farofa e torrada.

1. “[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatías. O Doutor saltara em defesa do vatapá, do caruru, do **efó**.[...]” (AMADO, 2006, p. 344)

Efó

Typical dish of Bahian cuisine of African origin, with a pasty consistency, made with taro and vegetables, dried shrimp, fish and palm oil. In Candomblé religion, it is one of the foods offered to Nanã, the oldest orixá in the African pantheon. Formerly known as 'caruru of leaves', it was incorporated into Bahian cuisine and underwent several adaptations, such as the insertion of new ingredients. It is usually served with rice, farofa and toast.

2. “[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of taroand-shrimp stew and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480)

F f

Feijoada



S.f Alimento inventado pelos europeus, mas de influência africana, pois foi reiventado nas senzalas pelos escravos trazidos ao Brasil. Considerado comida votiva, está presente nos rituais religiosos do candomblé, é uma oferenda dedicada a Ogun, orixá que abre caminhos. Após diversas adaptações, esse prato típico, foi incorporado a culinária brasileira acrescentando características específicas, tornando-se um patrimônio cultural da culinária brasileira, preparado com feijão preto, linguiças e vários tipos de carnes vermelhas.

1. “[...] Nas barracas serviam, em pratos de flandres, sarapatel, **feijoada**, moqueca de peixe. [...]” (AMADO, 2006, p. 54)

Feijoada

(Black beans with pork and sausage)

A thick stew that is made of black beans and preferably fatty meat (as sausage) with vegetables and that is popular in Brazil and some other South American countries.⁵² Considered votive food, it is present in the religious rituals of Candomblé, it is an offering dedicated to Ogun, orixá who opens paths. After several adaptations, this typical dish was incorporated into Brazilian cuisine with the addition of specific characteristics, becoming a cultural heritage of Brazilian cuisine.

2. “[...] In the stalls, served in tin plates: tripe, fish stew, and **black beans with pork and sausage**. [...]” (AMADO, 1988, p. 74)

⁵² “Feijoada.” Merriam-Webster.com Dictionary, Merriam-Webster. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/feijoada>. Acesso em 1 Fev. 2022

V v

Vatapá



S.m. Alimento de origem africana trazida ao Brasil pelos escravos por volta do século XVI. Trata-se de uma mistura com camarão seco, peixe ou galinha, leite de coco, azeite de dendê, castanha-de-caju e outros condimentos, numa massa pastosa à base de pão amolecido ou de farinha de mandioca, milho ou trigo. É servido em festas religiosas da tradição católica, principalmente na semana santa e do candomblé como oferenda ao orixá Ogum. Com o passar do tempo foi incorporado a culinária baiana e passou a ser um dos pratos típicos utilizado como acompanhamento e característico da bahia.

1. “[...] Parecia adivinhar os pensamentos de Nacib, adiantava-se à suas vontades, reservava-lhe surpresas: certas comidas trabalhosas das quais ele gostava – pirão de caranguejo, **vatapá**, viúva de carneiro. [...]” (AMADO, 2006, p. 166)

“[...] Criticou comidas baianas, indignas, segundo ele, de estômagos delicados. Criando logo profundas antipatías. O Doutor saltara em defesa do **vatapá**, do caruru, do efó. [...]” (AMADO, 2006, p. 344)

“[...] Na pobre cozinha, Gabriela fabricava riqueza: acarajés de cobre, abarás de prata, o mistério de ouro do **vatapá**. [...]” (AMADO, 2006, p. 346)

Vatapá

It is a typical dish of the northeastern cuisine and very traditional in the state of Bahia, where palm oil is an ingredient and the dish is frequently served with caruru. It is also popular in Amazonas, in Amapá and Pará, where the recipe suffers variations such as the absence of peanuts and other common ingredients in the traditional version. Vatapá shows the influence of African cuisine brought by the Africans enslaved in slave ships starting in the 16th century. With the ingredients found in this new land and the need to supplement their food diet, they developed other dishes, which became typical of Brazilian cuisine.

2. “[...] She seemed to read Nacib's thoughts, anticipate his wishes. She provided him with surprises: certain dishes of which he was especially fond, such as manioc mush with crab meat; [...]” (AMADO, 1988, p. 222).

“[...] He characterized Bahian cooking as repulsive to a cultivated stomach, thereby at once creating profound ill will. The Doctor leaped to the defense of **taro-and-shrimp stew** and other local dishes. (AMADO, 1988, p. 480)

“[...] In the poor little kitchen, Gabriela created great riches of bean paste, shrimp, and manioc meal. [...]” (AMADO, 1988, p. 483)

X x



Xinxim

S.m. Alimento de origem africana, utilizado no ritual religioso do candomblé como oferenda ao orixá Oxum, deusa das águas doces. Trata-se de um prato feito com caldo de carne, camarão seco, amendoim e castanha de caju. Prato também conhecido como ‘moqueca de peixe’ ou ‘Erã peterê’. Com o passar do tempo tornou-se prato típico da culinária baiana.

1. “[...] Suspirava ainda mas pela cozinheira inigualável, suas moquecas, os **xinxins**, as carnes assadas, os lombos, as cabidelas. [...]” (AMADO, 2006, p. 342)

Xinxim

Food of African origin, used in the religious ritual of Candomblé as an offering to the orixá Oxum, goddess of fresh water. It is a dish made with beef broth, dried shrimp, peanuts and cashews. Dish also known as 'fish moqueca' or 'Erã peterê'. Over time, it became a typical dish of Bahian cuisine.

2. “[...] But he sighed for the cook and her wonderful **fish stews**. [...]” p. 477

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance *Gabriela, cravo e canela* (AMADO, 2006 [1958]) possui um registro de lexis culturalmente marcadas, denominadas Marcadores Culturais, que representam aspectos da vivência de Ilhéus-BA no período da exploração do cacau, no início do século XX, a partir de um acervo vocabular, empregado por do Jorge Amado, rico em detalhes culturais, na perspectiva histórica, linguística, geográfica, ideológica e social. O autor imerge o leitor no mundo da protagonista sertaneja Gabriela, que procura uma oportunidade de trabalho como cozinheira na cidade de Ilhéus. Esse intento desdobra-se em uma narrativa que relata o romance da protagonista com o seu amor, Nacib. Elementos afro-brasileiros, como a culinária e a religião, são apresentados durante o desenrolar das ações de toda a obra. Assim, desde seu período de lançamento, em 1958, *Gabriela, cravo e canela* ganhou notoriedade internacional e se tornou um dos livros mais traduzidos, de acordo com a “Fundação Casa de Jorge Amado”.

A presente pesquisa teve como objetivo identificar e analisar os Marcadores Culturais presentes na tessitura do romance e como eles foram traduzidos para a versão em língua inglesa, por William L. Grossman e James L. Taylor, em *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]). Para esse tipo de análise tradutória, foi necessário um embasamento acerca do léxico e suas áreas de pesquisa (lexicologia e lexicografia), da linguística de *corpus*, da ferramenta computacional para identificação do léxico culturalmente marcado *WordSmith Tools 7.0*, dos domínios culturais, das modalidades tradutórias, das estratégias de tradução e da ficha lexicográfica.

Durante o processo de análise dessa tradução, esta pesquisa nos permitiu visualizar como uma obra literária brasileira é traduzida para outra língua e quais os processos que a editora enfrenta diante do cenário de lançamento da tradução no país, bem como o papel do tradutor diante disso. Assim, respondendo aos nossos questionamentos iniciais, o estudo sobre *Gabriela, clove and cinnamon* (1988 [1962]) e sua tradução mostrou-nos que a postura do tradutor e os interesses político-sociais são fatores influenciadores para a tradução, visto que, nessa obra, o editor não se satisfaz com a versão do primeiro tradutor, requerendo que outro especialista moldasse a obra a seus interesses. As vias de tradução do texto de origem influenciaram para a revelação e o ocultamento de determinados MCs registrados pelo Jorge Amado.

Os 104 Marcadores Culturais identificados em 202 ocorrências foram classificados a partir do Domínio da Cultura Material, das Modalidades e as Estratégias de tradução aplicadas.

No total da obra, a Domesticação foi a estratégia de tradução normalizada, com 69,31% de ocorrências em MCs que não possuem equivalência lexical com o inglês, ou que são específicos de origem afro-brasileira. Como em ‘Terreiro’ (*voodoo ground*) e ‘Sarapatel’ (*tripe*). A estrangeirização, com 30,69% de ocorrências, se demonstrou em casos de lexias que possuíam equivalentes na língua inglesa, como frutas ‘Quiabo’ e ‘Jiló’, ou que possuíam equivalência parcial a partir do Empréstimo como nome de danças ‘Samba de roda’ (Samba ring), ‘Coco mexido’ (Lively coco dance), ‘Maxixe embolado’ (Fast maxixe).

De acordo com os elevados casos de domesticação constatados nessa análise, avaliamos que *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) pode ser considerada como uma tradução domesticada da obra de Jorge Amado. Nos casos domesticados revisados, a tradução tende a adaptar lexias desconhecidas na cultura da língua inglesa, como também a exercer o ocultamento de traços ideológicos da religião afro-brasileira na obra, demonstrando uma alternativa problemática que gera o apagamento da identidade cultural de origem. Conforme comentamos, essa configuração domesticada da tradução equivale a um processo de “colonização”, ou seja, de imposição dos valores, crenças e sistemas de uma cultura sobre a outra, produzindo a invisibilidade, o apagamento e a exclusão do universo dos sujeitos aculturados, dominados pelas estratégias empregadas ao longo do processo de “posse” do “território” do outro. Assim, no aspecto literário, a estratégia domesticadora resultou no ocultamento da cultura.

A estrangeirização dos MCs se demonstrou como uma via de revelação de traços culturais do texto de origem. A estratégia mantém a coesão semântica quando as lexias traduzidas têm o conhecimento do leitor estrangeiro. Quando o caso é o contrário, e o tradutor estrangeiriza lexias desconhecidas pelo leitor receptivo, pode causar confusão de sentidos ao leitor que se depara com o diferente. Como vimos, Eco (2011, p. 190) exemplificou, em forma de questão, duas opções que restam ao tradutor diante dessa situação e aqui nos apoiamos: “uma tradução deve levar o leitor a compreender o universo linguístico e cultural do texto de origem ou deve transformar o texto original para torná-lo aceitável ao leitor da língua ou da cultura de destino?” Esse pertinente questionamento também nos levou a elucidar, como fizemos neste texto, as implicações que uma e outra dessas escolhas representam tanto para a cultura de origem como para aquela de chegada.

Consideramos que as notas de rodapé, os glossários e os elementos gráficos de referência podem assegurar o valor semântico da lexia estrangeirizada no corpo do texto. Venuti (1995, p. 20) designa a estrangeirização como uma estratégia que procura conter a violência

etnocêntrica que a tradução pode impor a determinadas culturas. Para nós, entre a revelação e o ocultamento na tradução cultural, essa estratégia se apoia na revelação dos MCs.

Esta pesquisa identificou que o Domínio com mais ocorrências de MCs no romance *Gabriela, cravo e canela* (2006) foi o da Cultura Material e aquele com menos, foi o da Cultura Ecológica. Assim, visualizamos que o léxico culinário, do Domínio da Cultura Material é o mais presente no romance, conseqüentemente porque a protagonista Gabriela é uma cozinheira e essa caracterização influencia a narrativa em relação aos registros sobre os MCs da gastronomia baiana.

De acordo com a análise das fichas lexicográficas, analisamos que o tradutor utilizou 9 modalidades de tradução, de forma simples e híbrida. As modalidades simples mais usadas foram a adaptação, com 53 ocorrências, e a omissão, com 45 ocorrências, configurando-se uma tradução domesticada. As modalidades de tradução híbridas (configuradas pelo uso de mais de uma modalidade por caso traduzido) foram utilizadas pelo tradutor em momentos nos quais a modalidade simples não dava conta de traduzir a informação, como visto nos seguintes casos: a) a lexia cultural nomeia algo que já existe por outro nome no léxico da língua inglesa; e b) a lexia cultural nomeia algo que não existe no léxico da língua inglesa e precisa ser detalhado para criar uma noção.

Empreendemos, também uma breve comparação de alguns aspectos relevantes de *Gabriela, clove and cinnamon* (1988) com outra tradução do mesmo romance à língua espanhola, cuja análise foi realizada por Silva (2021) em nosso grupo de pesquisa Marcadores Culturais (UEFS). Nessa proposta comparativa, evidenciamos que, na análise da versão em espanhol *Gabriela, clavo y canela* (2007), detectou-se que ela possui um elevado percentual (58,6%) de casos de Empréstimo, configurando-se em uma tradução estrangeirizadora. Enquanto que, na versão em inglês, somente se recorreu a 8,91% de Empréstimos no total de MCs, com a estrangeirização do termo ‘conto’ da moeda local. Esse fato pode ser justificado, de certa maneira, pela diferença da cultura das línguas, em razão do espanhol ser mais próximo do português, ambas são línguas neolatinas. Isso implica em uma menor chance de desconhecimento dos termos empregados na língua de origem aos leitores da língua de chegada. Essa hipótese confirma alguns dos pressupostos de Aubert (1998) que apontamos neste estudo, de que a tradução entre as línguas neolatinas possui certas “vantagens” em relação às germânicas.

Essas considerações de Aubert (1998), assim como a análise e os resultados obtidos nesta pesquisa, abrem possibilidade de contribuição para outros estudos acerca da tradução para

o inglês das obras de Jorge Amado, de forma qualitativa e quantitativa, além dos dados obtidos aqui complementarem parte de uma futura análise de Marcadores Culturais de outras obras. Também se observa que esta presente pesquisa sobre a tradução ao inglês do romance *Gabriela, cravo e canela* (2006 [1958]), somado a outros estudos realizados com outras obras de Jorge Amado na tradução para a língua inglesa possibilitaria entender melhor qual a tendência de traduzir termos culturalmente marcados para o inglês e buscar possíveis soluções para problemas que ocorrem no âmbito tradutório a partir de análises quantificadas.

O grande desafio encarado pelos tradutores, muitas vezes, é optar por uma postura ética que possa “reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro.” (BERMAN, 2007, p. 68). Numa análise mais profunda dessa questão, foi proporcionada uma quantificação e qualificação de dados que serviram para salientar possíveis caminhos encontrados pelo tradutor diante do ato tradutório dos termos culturalmente marcados, demonstrando o lado ético da estrangeirização e sua revelação, e a domesticação e seu ocultamento, além de promover a visão da autenticidade das culturas a partir do seu léxico.

Por fim, o estudo aqui apresentado cumpriu o seu objetivo, mostrando que os registros da cultura do povo da Bahia, precisamente do contexto afro-brasileiro, a partir da literatura Amadiana, apresentaram problemáticas pertinentes de representatividade para os falantes de língua inglesa, de acordo com o mediador dessas culturas, que é o tradutor. Assim, com as discussões apresentadas, esta pesquisa pode servir de apoio para outros questionamentos que também envolvam o universo do léxico e da tradução.

REFERÊNCIAS

- AIXELÁ, J. F. Culture-Specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, Róman and VIDAL, M. Carmen-África (edited by). *Translation, Power, Subversion. Topics In Translation: 8*. Multilingual Matters LTD. Clevedon: 1996. p. 52-78.
- ALMEIDA, L.; DELVIZIO, I. A. A tradução de termos culturalmente marcados em algumas obras de Jorge Amado para a língua inglesa. *ESTUDOS LINGUÍSTICOS* (SÃO PAULO. 1978), v. 45, p. 625-637, 2016.
- AMADO, J. *Gabriela, clavo y canela: crónica de una ciudad del interior*. Tradução de Rosa Corgatelli e Cristina Barros. Nova Iorque: Vintage Español, 2008.
- AMADO, J. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*; romance. 94. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. (Obras ilustradas de Jorge Amado, v. 14).
- AMADO, J. *Gabriela, clove and cinnamon*. Tradução de William L. Grossman e James L. Taylor. New York: Crest book, 1962.
- AMADO, J. *Gabriela, clove and cinnamon*. Tradução de William L. Grossman e James L. Taylor. Ilustrações de Cathleen Toelke. Nova Iorque: Avon Books, 1988. 506p.
- ANTUNES, Keven. *Estudo dos marcadores culturais em Gabriela, cravo e canela na tradução para o inglês*. 2019. 98f. Monografia (Graduação em Letras com Língua Inglesa). Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana-BA, 2019.
- AUBERT, F. H. *A tradução do intraduzível*. São Paulo: FFLCH/USP, 1981.
- AUBERT, F. H. Traduzindo as Diferenças extra-linguísticas – procedimentos e condicionantes. *Tradterm*, v. 9, p. 151-172, 2003.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *Tradterm*. v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998.
- AUBERT, F. H. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. *Revista de estudos orientais*, São Paulo, n. 5, p. 23-36, 2006.
- ALVARENGA, Marcos Junior Santos de. “Cozinha também é lugar de magia”: alimentação, aprendizado e a cozinha de um terreiro de Candomblé. 2017. 160 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. *Vocabulário de Eulálio Motta*. Salvador. 2017. 360 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2017.

BARREIROS, Patrício Nunes. *Estudo de Marcadores Culturais em obras literárias brasileiras traduzidas para a Língua Espanhola: banco de dados e construção de um dicionário online bilíngue*. 2017. Disponível em: <<https://neihd.wordpress.com/estudo-de-marcadores-culturais>>. Acesso em: 24 out. 2018

BARROS, Jose de assunção. *A História cultural e a contribuição de Roger Chartier*. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 09, nº 01, 2005.

BENTO, Aline. K. S. O. *Os marcadores culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em dona flor e seus dois maridos*. 2021. 215 f. Dissertação (mestrado em estudos linguísticos) – Programa de pós-graduação em estudos linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2021.

BEBER SARDINHA, Antonio Paulo. Linguística de Corpus: Histórico e Problemática. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 16, p. 323-67, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

BEBER SARDINHA, Antonio Paulo. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BEBER SARDINHA, Antonio Paulo. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tool*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

BENTO, Aline K. S. O. *Os Marcadores Culturais da gastronomia afro-baiana na tradução para o espanhol em Dona flor e seus dois maridos*. 2021. 215f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2021. Este estudo está disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Lr1EYH_rzbgRnlt3NcMwZNoS9Uf_SZO6/view. Acessado em: 01 fev. 2022.

BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET-UFSC, 2007.

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BIDERMAN, M. T. C. Glossário. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3683>. Acesso em: 28 jun. 2021.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.

BRAUNE, Renata. *O que é gastronomia*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "brazilwood". *Encyclopedia Britannica*, 22. maio 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/brazilwood>>. Acesso em: 10 de

novembro de 2021.

CAMARGO, D. C. *Pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto: Laboratório Editorial, 2007. (Coleção Brochuras, v. 1).

CASCUDO, L. C. *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Alimentação no Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Editora Itatiaia/ Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação . *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 2 jan. 2022.

CORRÊA, R. H. M. A. A tradução dos marcadores culturais extra-linguísticos: Jorge Amado traduzido. Londrina. *TradTerm*, n. 9, p. 93-137, 2003.

CORREIA, Adilson da Silva. Gabriela na malha da tradução domesticadora dos anos 60. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 7, 2003, Rio de Janeiro. CADERNOS DO CNLF, Série VII, n. 9 - Língua e Linguagem nos Textos Literários. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno09-11.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

CORREIA, Adilson da Silva. *Lendo e Interpretando Gabriela Cravo e Canela ao Modo do Tio Sam*. Minicurso. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGÜÍSTICOS, 7, 2003, Rio de Janeiro. CADERNOS DO CNLF, Série VII, n. 3. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/>. Acesso em: 13 maio 2021.

COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine (Org.). *Literatura e tradução*. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7 letras, 2011.

COULTHARD, Malcolm. A tradução e seus problemas. Tradução de Walter Carlos Costa e Carmen Rosa Caldas-Coulthard. In: COULTHARD, Malcolm; CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa (Orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: UFSC, 1991, p. 1-15.

DAYRELL, C. O uso de corpora para o estudo da tradução: objetivos e pressupostos. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, p. 87-102, 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25346/25346.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 09 jun. 2020.

DEANE-COX, Sharon. *Retranslation, Translation, Literature and Reinterpretation*. London, New York: Bloomsbury, 2014. p. 207.

DELVIZIO, I.; ALMEIDA, L. Análise comparativa entre as traduções de termos gastronômicos em Gabriela, Cravo e Canela e Dona Flor e seus dois maridos. *Tradterm*, p.

179-192, 29 dez. 2015.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em:
<<http://www.jorgeamado.org.br>>. Acesso em: 24 out. 2020.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Los poderes de la filología*. Dinámicas de una práctica académica del texto. Traducción de Aldo Mazzucchelli. México: Universidad Iberoamericana. 2007.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, V, A. N. (Orgs.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books> >. Acesso em: 03 out. 2020.

MCKENZIE, D. F. *Bibliografía y sociología de los textos*. Tradução Fernando Bouza. Madrid: Akal, 2005.

MCKENZIE, D. F. *Bibliography Sociology of Texts: panizzi lectures*, (1988), Londres, The British Library, 1986..

MARTÍNEZ, L. M. Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español. Tese (Doutorado) - Universitat Autònoma de Barcelona. Bellaterra, 2001. Disponível em: <https://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/5263/lmm1de1.pdf?sequence=1>. Acesso em 12 nov. 2021

MARTINS, E. F.; CAMARGO, D. C. A tradução de marcadores culturais em Sargento Getúlio à luz da linguística de corpus. *Revista Horizontes de Lingüística Aplicada*, p. 118-132. 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Orientações atuais da Lingüística Histórica brasileira. *DELTA*, São Paulo, n. 15, p. 147-166, 1999.

MENESES, Antonio Alan Dantas de. O cangaço em “Fogo morto” e em “Os Desvalidos”. 2012. 87 f. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2012.

MICHAELIS. *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MINGAS, A. A. *Interferência do kimbundu no português falado em Luanda*. Lisboa: Campo das Letras, 2000.

NASCIMENTO, Geovanio S. *O sertão traduzido*: Estudo dos marcadores culturais do

domínio ecológico em Os Sertões, de Euclides da Cunha. 2018. 263 f. Dissertação (mestrado em estudos linguísticos) – Programa de pós-graduação em estudos linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2018.

NIDA, E. *Linguistics and Ethnology in Translation-Problems*. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00437956.1945.11659254>. Acesso em: 24 out. 2019.

NUNES NETO, Francisco Antonio. *A invenção de uma tradição: a Festa do Senhor do Bonfim em jornais baianos*. Tese (Doutorado) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

PEDREIRA, Lícia Maria Borba. Gabriela e os filhos de Calvino: uma leitura da versão de Gabriela cravo e canela em língua inglesa. Dissertação de Mestrado em Letras. Salvador: UFBA, 2001.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Tradução de Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1991.

REICHMANN, T.; ZAVAGLIA, A. *A tradução juramentada de documentos escolares (português, francês, alemão)*. Tradução em Revista (Online), v. 17, p. 45-56, 2014.

REY-DEBOVE, J. *Léxico e dicionário*. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, São Paulo, 28 (supl.): 45-69, 1984.

RODRIGUES, S. V. Os limiars da crítica da tradução na pós-modernidade. In: CARVALHAL, T. F. (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limiars críticos do comparatismo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

RONAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

ROSTAGNO, Irene. *Searching for recognition: the promotion of Latin American literature in the United States* Westport, Conn: Greenwood Press, 1997.

SACRAMENTO, Arivaldo; SANTOS, L. J. A Filologia como ética de leitura. *Revista da Abralin*, v. 16, p. 129-168. 2017.

SANTOS, V. J. R. - *O sincretismo na culinária afro-baiana: o acarajé das filhas de iansã e das filhas de Jesus*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Salvador, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/12689/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20OK_Vagner%20Rocha.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Língua, Cultura, Léxico. In: AUTOR. *Linguagem, Sociedade e Discurso*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65 -84.

SILVA, José Pereira da. A crítica textual no trabalho do tradutor e do editor de textos. 2007, Rio de Janeiro. APRESENTAÇÃO DE TRABALHO/COMUNICAÇÃO. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/snctet/anais/01.htm>. Acesso em 28/02/21.

SILVA, Daniel Neves. “Pau-brasil”. *Brasil Escola*, 2021. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/pau-brasil.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

SILVA, Dayane de C. F. C. *Marcadores culturais na tradução de Gabriela, cravo e canela para a língua espanhola*. 2021. 261 f. Dissertação (mestrado em estudos linguísticos) – Programa de pós-graduação em estudos linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, 2021.

SILVA, José Pereira da. A crítica textual no trabalho do tradutor e do editor de textos. 2007, Rio de Janeiro. APRESENTAÇÃO DE TRABALHO/COMUNICAÇÃO. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/snctet/anais/01.htm>. Acesso em 28/02/21.

SILVA, T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* Petrópolis. RJ: Vozes, 2000.

SILVA, V. Candomblé e Umbanda. Caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SOARES, Edna Maria Viana. *Crítica textual moderna e a Sociologia dos textos: a materialidade dos textos e o locus para se pensar a instância colaborativa na produção textual*. *Manuscrita - Ateliê revista de crítica genética*. n.º. 32. 2017.

SOUSA JÚNIOR, Vilson Caetano de. *Na palma da minha mão: temas afro-brasileiros e questões contemporâneas*. Salvador: EDUFBA, 2011.

SOUSA, Sheyla Mayra Araujo; BRANCO, Sinara de Oliveira. Representação cultural na tradução para o inglês da obra de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*. *Belas Infêis*, v. 4, n. 3, p. 69-81, 2015.

TAVARES, Ildásio. *Nossos colonizadores africanos: presença e tradição negra na Bahia*. [prefácio de Muniz Sodré]. 2.ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

TOOGE, Marly D'Amaro Blasques. *Traduzindo o Brasil: o país mestiço de Jorge Amado*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-22032010-140319/pt-br.php>. Acesso em: 2021-06-28.

VALIDÓRIO, Valéria Cristiane. *Investigando o uso de marcadores culturais presentes em quatro obras amadeanas, traduzidas para o inglês*. 2008. 306 f. Tese (doutorado) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018.

VENUTI, Lawrence. *Rethinking translation: discourse, subjectivity, ideology*. Londres, Nova York: Routledge, 1992.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A history of translation*. London/NY: Routledge, 1995.

VILAS BOAS, Sérgio. Olhares modernos sobre um romântico. In: *Jornal de Poesia* de 10 de agosto de 2001. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/svboas1.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

VILELA, Mario. Definição nos dicionários de português. Porto, Asa, 1983. In: ANDRADE, M. M. *Conceito /Definição em Dicionários da Língua Geral e em Dicionários da Linguagem de Especialidade*. Disponível em: www.filologia.org.br/anais/...civ10_21-32.html. 12 JUL 2021.

VINAY, J.-P.; DARBELNET, J. *Stylistique compare du Français et de l'Anglais*. Paris: Didier, 1958. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/93563021/La-Stylistique-comparee-du-francais-et>. Acesso em: 28 mai. 2018.

WIDMAN, Julieta; ZAVAGLIA, Adriana. Domesticação e estrangeirização em duas traduções para o inglês de A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 37, n. ja/abr. 2017, p. 90-118, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2017v37n1p90/33357>. Acesso em: 14 ago. 2021

XATARA, Claudia Maria; RIOS, Tatiana Helena Carvalho. O Conceito de Equivalência em Lexicografia Bilíngue e Teoria da Tradução. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, Brasil. v. 1, n. 23, 2009.